

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

JAQUELINE PATRICIA SILVEIRA

**LINHAS BORRADAS NO COTIDIANO DE MULHERES RURAIS: O TRABALHO
PRODUTIVO, REPRODUTIVO E DE CUIDADO EM CONTEXTOS DE
AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES**

Porto Alegre

2022

JAQUELINE PATRICIA SILVEIRA

**LINHAS BORRADAS NO COTIDIANO DE MULHERES RURAIS: O TRABALHO
PRODUTIVO, REPRODUTIVO E DE CUIDADO EM CONTEXTOS DE
AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Profa. Dra. Fabiana Thomé da Cruz

Coorientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia Maciazeki Gomes

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Silveira, Jaqueline Patricia
Linhas borradas no cotidiano de mulheres rurais: o
trabalho produtivo, reprodutivo e de cuidado em
contextos de agroindústrias familiares / Jaqueline
Patricia Silveira. -- 2022.
218 f.
Orientador: Fabiana Thomé da Cruz.

Coorientador: Rita de Cássia Maciazeki Gomes.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas,
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural,
Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Trabalho. 2. Mulheres rurais. 3. Agroindústrias
familiares. I. Cruz, Fabiana Thomé da, orient. II.
Gomes, Rita de Cássia Maciazeki, coorient. III.
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JAQUELINE PATRICIA SILVEIRA

**LINHAS BORRADAS NO COTIDIANO DE MULHERES RURAIS: O TRABALHO
PRODUTIVO, REPRODUTIVO E DE CUIDADO EM CONTEXTOS DE
AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, 25 de fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dra. Fabiana Thomé da Cruz – Orientadora

UFRGS/UFG

Prof.^a Dra. Rita de Cássia Maciazeki Gomes - Coorientadora

FURG

Prof.^a Dra. Flávia Charão Marques

UFRGS

Prof.^a Dra. Dinalva Donizete Ribeiro

UFG

Prof.^a Dra. Valdete Boni

UFFS

*Para Preta Mariazinha de Aruanda,
Irmã Ingrid e Preto Barnabé.*

AGRADECIMENTOS

O caminho para chegar à finalização do doutorado, que culmina nesta tese, só foi possível graças as contribuições que recebi de muitas pessoas, visíveis e invisíveis. Muitas(os) são as(os) que merecem agradecimento!

Início, assim, agradecendo ao local que me acolheu do início ao fim desta jornada, o Ceunsa/Templo da Mãe Jurema. Sou muito grata a todos os guias, médiuns e pessoas que fazem a casa existir. Por meio desse espaço de luz, caridade e amor, agradeço a todas as forças superiores que me amparam, energizam, curam e protegem. Sem tanta ajuda espiritual certamente eu não teria chego a esse momento: a escrita dos agradecimentos!

A minha orientadora, professora Fabiana Thomé da Cruz, por aceitar me orientar e por me acolher, ensinar e estimular sempre. Sou muito agradecida por todas as discussões propostas e oportunizadas ao longo do doutorado. Agradeço, também, pela tua existência e pela bonita relação de amizade que construímos.

A minha coorientadora, professora Rita de Cássia Maciazeki Gomes, por aceitar o convite para essa empreitada, pela partilha, orientações de caminhos a percorrer, leituras a fazer e generosidade em compreender meu processo.

As professoras da banca de defesa da tese, Dinalva Donizete Ribeiro, Valdete Boni e Flávia Charão, agradeço a leitura, apreciação e contribuições. As professoras do exame de qualificação do projeto de tese, Karolyna Herrera, Flávia Charão e Marta Julia Marques Lopes, pelas contribuições para o aperfeiçoamento do projeto.

Ao professor Leonardo Xavier da Silva, por todo apoio em distintos momentos do doutorado. Em seu nome, agradeço aos demais professores do PGDR com os quais aprendi, trabalhei e troquei boas ideias.

Aos professores, alunos e técnicos envolvidos na quarta edição do Plageder, agradeço imensamente pela oportunidade de trabalho e aprendizado. O Plageder, em muitos momentos, significou minha estada no doutorado, oportunizou contato com diferentes pessoas, disciplinas e lugares, sendo, também, importante para a viabilização da pesquisa de campo.

Aos técnicos do PGDR/CISADE/SEAD com os quais pude, em alguma medida, conviver nesse tempo de PGDR, em especial Macarena Donoso, Danielle Finamor, Tânia Cruz, Fernando Fontana, bem como às(aos) funcionárias(os) que passaram pela recepção, Dioneia, Marlene, Tiago e seu Gilberto (*in memoriam*).

À CAPES pela bolsa que foi fundamental para a realização do doutorado.

A professora Gabriela Coelho-de-Souza e a Danielle Finamor pela oportunidade de atuação junto ao Projeto SAN/EAN, ao PANEXUS e ao Podcast “Que tal um mate?”. Agradeço, também, as amigas que encontrei nesses espaços: Natany Schreiber, Judit Herrera Ortuño, Silvana Granja, Gabriela Martel.

Aos colegas da turma de 2017, pelas trocas e apoio mútuo: Andressa Ramos Teixeira, Lucas Oliveira do Amorim, Etho Medeiros, Queite Marrone, Anderson Sartorelli, Tamires Bieger, Adriana Sangalli.

A todas as mulheres interlocutoras da pesquisa e suas famílias, por me acolherem em suas casas, compartilhando histórias, cotidiano, comida e afeto. Agradeço também pelas caronas para ir de um lugar ao outro e pelos presentes. Sou muito grata por tê-las encontrado e as levo sempre no coração!

Ao Maurício Haerberle Jaeger, meus agradecimentos, por todo o acolhimento, cuidado e trocas. Assim como o Ceunsa, foi suporte em boa parte dos anos de doutorado.

À minha mãe, Rosane Peter, e ao meu pai, Arlindo Silveira, às minhas avós, às minhas madrinhas e padrinhos, às tias e tios, primas e primos, afilhada e afilhado, agradeço por estarem presentes da forma que puderam e souberam fazer. Agradeço pela compreensão das minhas ausências e pela ajuda e apoio, mesmo não entendendo muito bem o que é um doutorado. A filha da auxiliar de cozinha e do faz tudo agora é Doutora!

À Lua, meu amor, minha bonequinha, minha companheira. Serzinho que me trouxe a pertença e a alegria diária. Agradeço por lembrar-me, nos momentos mais nebulosos, que estava viva, trazendo-me de volta ao momento presente e, à sua maneira, me mostrar que é importante tomar sol e sentir o vento. Aproveito para agradecer aos queridos que cuidaram da Lua durante minhas viagens acadêmicas: Maria Lima, Nani, Felipe Maia, Carol Silveira, Luana Hanauer, Toni Louzada, Sammer Maravilha, Tamires Bieger, Vinicius Jean Barth, Andressa Ramos Teixeira e Kátia.

As(aos) amigas(os) Zilda Joaquina Cohen Gama dos Santos, João dos Santos, Adriana Brandão, Mariele Boscardin, Letícia Chechi, Andressa Ramos Teixeira, Fernanda Furini, Lucas Oliveira do Amorim, Vinicius Jean Barth, Camila Schreiner, Loyvana Peruchi, Carolina Silveira, Anelise Schinaider, Alessandra Schinaider, Tamara Raisal Bubanz Silva, Nathalia Valderrama, Carlos Ayala, Etho Medeiros, Queite Marrone, agradeço de coração.

Ao Cícero Karoly agradeço por todo cuidado, carinho, compreensão, apoio, estímulo. Agradeço pela presença nos momentos desafiadores, por ser suporte, por ser o “olheiro” do meu trabalho diário. Sou muito grata por todos os momentos, as caminhadas, os passeios, as partilhas de comida e de amor.

A Ana Maria Karoly, ao Eduardo Ferreira e ao Gilson Machado, obrigada pelo apoio, carinho e acolhida.

A Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre pela oportunidade de colaboração, aprendizado e retorno à minha formação inicial. Ainda que a área da Administração tenha estado presente na minha trajetória na pós-graduação, a interdisciplinaridade traz consigo uma série de barreiras, então sou muito grata pela possibilidade de atuação na Pró-Reitoria de Gestão com Pessoas e, em nome da Aline Brancher, agradeço todas(os) as(os) demais colegas.

Finalizo agradecendo àquelas e àqueles que pensam em políticas públicas para a educação e para os pobres do Brasil. Só pude chegar até aqui porque tive acesso ao PROUNI na graduação e à Universidade pública e gratuita no mestrado e no doutorado. Desejo que o futuro do país seja melhor e que as pessoas possam voltar a ter esperança.

RESUMO

Partindo de problemáticas de pesquisa que envolvem mulheres rurais, trabalho e agroindústrias familiares, essa pesquisa tem como objetivo geral analisar os sentidos do trabalho realizado por mulheres em propriedades rurais dedicadas ao processamento de alimentos em agroindústrias familiares. Os objetivos específicos procuram (Re)Conhecer histórias de vida e de trabalho de mulheres rurais inseridas em agroindústrias familiares; Identificar a participação de mulheres nas atividades que compõem os trabalhos produtivo, reprodutivo e de cuidado em propriedades rurais dedicadas ao processamento de alimentos; e Conhecer e analisar os sentidos atribuídos pelas mulheres ao seu trabalho em agroindústrias familiares. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo nos municípios de Gramado e Três Cachoeiras, no Rio Grande do Sul, abrangendo treze mulheres rurais e oito agroindústrias familiares. A metodologia empregada na pesquisa é qualitativa e de inspiração etnográfica, envolvendo o uso de técnicas como observação, entrevista em profundidade e diário de campo, além do olhar atento e da escuta ativa. Durante a etapa de campo, foi realizado também o registro de imagens acerca do cotidiano de trabalho das mulheres interlocutoras da pesquisa, as quais compõem o conjunto de dados gerados que, em boa medida, estão apresentados ao longo da presente tese. Ao (re)conhecer as histórias de vida e de trabalho das mulheres, foi possível compreender que o trabalho, tanto produtivo, quanto reprodutivo e de cuidado, está presente no cotidiano delas desde a mais tenra idade. Essa inserção desde cedo no trabalho reflete no modo como o concebem na fase adulta. As rotinas laborais descritas na tese evidenciam o ir e vir das mulheres entre as atividades que compõem os trabalhos produtivo, reprodutivo e de cuidado. Nesse sentido, destaca-se que o processamento de alimentos nas agroindústrias familiares favorece os deslocamentos das mulheres, visto que, na maior parte dos casos, a agroindústria situa-se próximo à residência, facilitando a conciliação de distintas atividades em diferentes espaços. Isso tem gerado sobrecarga de trabalho para as mulheres, bem como, não raro, reflete negativamente na saúde delas. Na perspectiva da produção de sentidos do trabalho, as mulheres rurais interlocutoras da pesquisa apontam para uma relação de sopesamento entre maior esforço, maior satisfação. Assim, o trabalho é entendido como paradoxo, pois ao mesmo tempo em que gera cansaço físico e mental, sobrecarga e dores, também contribui produzindo nelas sentimentos positivos, relacionados à maior visibilidade e valorização do seu trabalho a partir de sua atuação nas agroindústrias. Por fim, ressalta-se que o trabalho das mulheres rurais interlocutoras da pesquisa, sobretudo aquele relativo às agroindústrias familiares, evoca, por um lado, sobrecarga física e mental,

mas também produz, por outro lado, movimentos nos modos de se ver, relacionar-se e de trabalhar.

Palavras-chave: Trabalho. Mulheres rurais. Agroindústrias familiares.

ABSTRACT

Starting from research issues that involve rural women, work and family-farm agroindustry, this research has the general objective of analyzing the meanings of the work performed by women on rural properties dedicated to food processing in family agro-industries. The specific objectives seek to know (acknowledge) the life and work histories of rural women working in family-farm agroindustry; Identify the participation of women in the activities that make up the productive, reproductive and care work on rural properties dedicated to food processing; and learn and analyze the meanings attributed by women about their work in family-farm agroindustry. Therefore, a field research was carried out in the cities of Gramado and Três Cachoeiras, in Rio Grande do Sul, covering thirteen rural women and eight family-farm agroindustry. The methodology used in the research is qualitative and ethnographically inspired, involving the use of techniques such as observation, in-depth interview and field diary, in addition to an attentive look and active listening. During the field stage, pictures were taken about the daily work of the women interviewed in the research, which make up the set of generated data that, to a large extent, are presented throughout this thesis. By learning about the life and work histories of women, it was possible to understand that work, both productive, reproductive and care, is present in their daily lives from an early age. This early insertion in work reflects how they conceive it in adulthood. The work routines described in the thesis show the comings and goings of women between the activities that make up the productive, reproductive and care work. In this sense, it is noteworthy that food processing in family-farm agroindustry favors the women's commute, since, in most cases, the agroindustry is located close to the residence, smoothing the conciliation of different activities in different spaces. This situation has generated work overload on those women, not rarely, reflecting negatively on their health. From the perspective of uncovering the meaning of their work, the rural women interviewed in the research point to a balance between greater effort and greater satisfaction. Thus, work is understood as a paradox, because at the same time that it generates physical and mental fatigue, overload and pain, it also contributes to producing positive feelings in them, related to greater visibility and appreciation of their work from their performance in the agroindustries. Finally, it should be noted that the work of rural women interviewed in the research, especially that related to family-farm agroindustry, evokes, on the one hand, physical and mental overload, but also produces, on the other hand, shifts in the way of perceiving oneself, relating to others and working.

Keywords: Work. Rural women. Family-farm agroindustry.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização dos municípios onde a pesquisa foi realizada.....	32
Figura 2 - O ônibus da feira.....	43
Figura 3 - Pesquisa de campo.....	44
Figura 4 - Expressões de fé I.....	62
Figura 5 - Expressões de fé II.....	63
Figura 6 - O trabalho na comunidade.....	64
Figura 7 - A caminho da ordenha.....	88
Figura 8 - Etapas do processamento dos queijos I.....	89
Figura 9 - O trabalho doméstico e a conciliação de atividades I.....	90
Figura 10 - Etapas do processamento dos queijos II.....	91
Figura 11 - O trabalho doméstico e a conciliação de atividades II.....	93
Figura 12 - Etapas do processamento dos queijos III.....	95
Figura 13 - A ordenha da noite.....	97
Figura 14 - Vacas aguardando pela ordenha, todos os dias, nos mesmos horários.....	98
Figura 15 - Preparando a alimentação dos animais.....	100
Figura 16 - O trabalho de ordenha.....	101
Figura 17 - “Sempre tem algum servicinho”.....	102
Figura 18 - Etapa da colheita de figo.....	106
Figura 19 - Na condução da Kombi.....	107
Figura 20 - O recolhimento das frutas.....	108
Figura 21 - O trabalho doméstico e a conciliação de atividades III.....	110
Figura 22 - Maça e morango desidratados pela agroindústria de Olívia, Cecília e Joana.....	110
Figura 23 - "Fazer feira" I.....	111
Figura 24 - "Fazer feira" II.....	112
Figura 25 - Festa da Colônia.....	113
Figura 26 - Estruturas contíguas.....	115
Figura 27 - Etapas do processamento do doce de pêsego em calda.....	116
Figura 28 - Produção de vinho colonial para o autoconsumo.....	117
Figura 29 - Pêsego em calda.....	118
Figura 30 - A centralidade do trabalho ilustrada.....	120
Figura 31 - A caminho da colheita.....	122
Figura 32 - O trabalho na colheita de uvas I.....	123

Figura 33 - O trabalho na colheita de uvas II	124
Figura 34 - Etapas do processamento de suco I.....	125
Figura 35 - O trabalho na colheita de uvas II	126
Figura 36 - O trabalho doméstico e a conciliação de atividades IV	127
Figura 37 - O trabalho na colheita de uvas III.....	127
Figura 38 - O trabalho na colheita de uvas IV.....	128
Figura 39 - O trabalho doméstico e a conciliação de atividades V	129
Figura 40 - Etapas do processamento de suco II	130
Figura 41 - Etapas do processamento de vinagre I.....	131
Figura 42 - Encerramento do trabalho produtivo do dia	132
Figura 43 - Descanso?!	133
Figura 44 - Etapa da produção de chimia de figo I	136
Figura 45 - Etapa da produção de chimia de figo II	136
Figura 46 - Etapas da produção de chimia de figo III	137
Figura 47 - Etapas da produção de chimia de figo IV	138
Figura 48 - Etapas da produção de chimia de figo V	138
Figura 49 - Etapa da produção de chimia de figo VI	139
Figura 50 - Etapas da produção de geléia de morango.....	140
Figura 51 - O ponto da chimia.....	142
Figura 52 - Os biscoitinhos.....	144
Figura 53 - Etapas da produção de sal temperado	148
Figura 54 - Etapa do processamento dos pães I.....	150
Figura 55 - Etapas do processamento dos pães II.....	152
Figura 56 - Etapa do processamento de farinha de mandioca	153
Figura 57 - “Enquanto vai lavando a gente já vai lá pra agroindústria”	155
Figura 58 - O trabalho de cuidado e a conciliação de atividades	155
Figura 59 - Etapas do processamento de passas de banana I.....	158
Figura 60 - Etapas do processamento de passas de banana II	159
Figura 61 - Café da tarde: descanso?!	161
Figura 62 - "A roupa tá lá na máquina, vou lá estender"	162
Figura 63 - Espaço para descanso no verão!	164
Figura 64 - "Fazer feira" III.....	165
Figura 65 - Fluxo da responsabilização pelo trabalho.....	173
Figura 66 - Máquina utilizada para separar a ráquis do grão de uva.....	179

Figura 67 - Lá no morro, ali no morro, aqui no morro	180
Figura 68 - Remédios da Farmacinha que Aurora e Irene participam.....	191
Figura 69 - Expressões de saúde no mural da Farmacinha.....	192

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - As mulheres participantes da pesquisa.....	36
Quadro 2 - Vínculos entre as participantes da pesquisa	37
Quadro 3 - As fases da análise temática	46
Quadro 4 - Atividades domésticas realizadas na infância e adolescência.....	67
Quadro 5 - Atividades produtivas realizadas na infância e adolescência.....	69
Quadro 6 - Características das agroindústrias familiares	83
Quadro 7 - Principais atividades reprodutivas e de cuidado executadas, por turno e pela(o) principal responsável por sua realização	168
Quadro 8 - Principais atividades produtivas executadas, por turno e pela(o) principal responsável por sua realização	174

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
1.1	JUSTIFICATIVA E MOTIVAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DO ESTUDO.....	24
1.2	ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DA TESE	28
2	CAMINHOS DA PESQUISA: A HISTÓRIA NÃO SIMPLEMENTE CONTADA, MAS SIM TRABALHADA	29
2.1	A PESQUISA DE CAMPO: LOCAIS DE ESTUDO, PARTICIPANTES E TÉCNICAS PARA GERAR DADOS	30
2.1.1	Caracterização dos locais de pesquisa	31
2.1.2	As mulheres interlocutoras da pesquisa	34
2.1.3	A geração de dados em campo	38
2.2	SOBRE A ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS	46
3	HISTÓRIAS DE VIDA E DE TRABALHO DE MULHERES RURAIS EM CONTEXTOS DE AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES	49
3.1	ESCOLARIDADE, CASAMENTO, MATERNIDADE, ORIGEM E FÉ: ASPECTOS DA VIDA DAS PROTAGONISTAS DO ESTUDO.....	51
3.1.1	Para além da escolaridade	51
3.1.2	Casamento e maternidade	54
3.1.3	Pontos em comum: origem e religião.....	61
3.2	“DESDE QUE EU LEMBRO SEMPRE TIVE QUE TRABALHAR!”: A INSERÇÃO DAS MULHERES NO TRABALHO	64
3.3	AS AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES NA HISTÓRIA DE VIDA DAS MULHERES INTERLOCUTORAS DA PESQUISA.....	71
3.3.1	Agroindústrias familiares: conceitos e características.....	71
3.3.2	As agroindústrias em que as mulheres atuam: histórico, características e a aproximação com o trabalho no tempo presente.....	74
4	IR E VIR ENTRE TRABALHO PRODUTIVO, REPRODUTIVO E DE CUIDADO	85
4.1	AS ROTINAS DE TRABALHO	86
4.1.1	“Não é só fazer o queijo!”: a rotina laboral de Adelaide	87
4.1.2	“A gente faz”: o trabalho coletivo de Olívia, Cecília e Joana.....	99
4.1.3	“Sempre trabalhando, direto, desde que levanto”: a interminável lida de Lídia..	114
4.1.4	“É que na roça nunca acaba o serviço né?!”: a rotina de Amélia e Sofia	121

4.1.5	“Eu sou mais a cabeça chefe”: a rotina laboral de Madalena.....	134
4.1.6	“São bem pequenininhos os biscoitinhos”: Clarice e a delicadeza nas mãos.....	143
4.1.7	“Aqui é tudo bem próximo”: O ir e vir de Matilde e Lurdes.....	146
4.1.8	“É tudo junto”: a conciliação de atividades na rotina de Aurora e Irene.....	154
4.2	CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO PRODUTIVO, REPRODUTIVO E DE CUIDADO REALIZADO PELAS MULHERES	167
5	REFLEXOS DO PROCESSO DE AGROINDUSTRIALIZAÇÃO NA VIDA DAS MULHERES RURAIS.....	176
5.1	A PERCEPÇÃO DAS MUDANÇAS NO TRABALHO A PARTIR DA INSERÇÃO NAS AGROINDÚSTRIAS	177
5.2	EFEITOS DA SOBRECARGA LABORAL NA SAÚDE DAS MULHERES.....	186
5.3	“EU ME SINTO TÃO GRANDE ASSIM, TÃO MULHER”: REALIZAÇÃO PELO TRABALHO DESENVOLVIDO NAS AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES	193
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	196
	REFERÊNCIAS	200
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO.....	215
	APÊNDICE B – TÓPICO GUIA PARA ENTREVISTAS.....	216

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa configura-se em uma tese realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS), cujo tema relaciona-se ao trabalho produtivo, reprodutivo e de cuidado no cotidiano de mulheres rurais envolvidas em agroindústrias familiares.

Do mesmo modo que o meio urbano, o meio rural brasileiro é marcado por processos sociais e culturais que conferem atribuições distintas aos homens e às mulheres, caracterizando a divisão sexual do trabalho. Estudos de Brumer (2004; 2009) e Paulilo (2004) evidenciam que, nessa divisão, o homem é geralmente responsável pelo trabalho que requer maior força física, enquanto às mulheres, de maneira geral, cabe as tarefas domésticas e agrícolas, supostamente de caráter mais leve. Assim, segundo as autoras, entre as principais atividades desempenhadas pelas mulheres estão praticamente todas as tarefas domésticas, de cuidado da casa e dos filhos, o trato dos animais de pequeno porte, como galinhas, suínos e outros, a ordenha das vacas e o cuidado da horta, pomar e jardim. Melo e Di Sabbato (2009), a partir de dados da PNAD/IBGE, revelam que as principais atividades executadas pelas mulheres na agricultura familiar brasileira são a criação de aves e pequenos animais (80,6%), a horticultura e a floricultura (49,7%) e a silvicultura (36,6%); já os homens se envolvem de forma mais significativa nas atividades de pecuária (82,9%) e lavoura (72,5%).

Segundo Silvestro *et al.* (2001), na agricultura contemporânea não há separação entre negócio e família, e além disso, o local de residência, em muitos casos, se confunde com o local de trabalho. Por isso que, conforme Paulilo (2004), é difícil separar o trabalho produtivo do trabalho reprodutivo, haja vista que não há separação entre unidade familiar e de produção. O trabalho realizado pelas agricultoras na horta e no quintal das propriedades rurais mistura-se com o trabalho doméstico, uma vez que muitos alimentos que a própria família consome e que as mulheres preparam, vem da horta doméstica, cuidada pelas mulheres, por exemplo. Desse modo, conforme Melo e Di Sabbato (2009), torna-se difícil distinguir o trabalho produtivo do reprodutivo, o que acarreta em subestimação do tempo de trabalho destinado pelas mulheres à atividade agrícola.

Um dos resultados dessa forma de divisão do trabalho é a invisibilidade do trabalho feminino e a figura das mulheres em posição subordinada, uma vez que seu trabalho na agricultura é, muitas vezes, secundário e caracterizado como ajuda, mesmo que elas trabalhem tanto quanto os homens ou desempenhem as mesmas funções que eles (BRUMER, 2004; MELO; DI SABBATO, 2009). De acordo com Brumer (2004), esse papel subordinado é

evidenciado pela invisibilidade do trabalho das mulheres na esfera produtiva, pois este acontece no interior das propriedades, ficando a cargo dos homens os contatos com o exterior, como bancos, cooperativas, sindicatos, etc., pelo fato de que as mulheres não detêm o conhecimento tecnológico para gerenciar a propriedade rural e por elas não administrarem os recursos obtidos com a venda da produção agrícola. Para Melo e Di Sabbato (2009), a invisibilidade do trabalho feminino no rural pode ser explicada pelo regime de trabalho familiar e pela aproximação entre produção e consumo nas propriedades familiares, bem como pela presença de relações patriarcais na definição das contribuições das mulheres.

A mobilização e luta das próprias agricultoras nos movimentos sociais de mulheres iniciada, no Brasil, na década de 1980, contribuiu para redefinir algumas práticas sociais das mulheres rurais. Essas mobilizações possibilitaram o reconhecimento das mulheres enquanto trabalhadoras rurais, por meio da conquista de direitos trabalhistas, como a aposentadoria rural por idade e o salário maternidade, além da sua inclusão como beneficiárias do Programa de Reforma Agrária (MACIAZEKI-GOMES, *et al.*, 2016; DEERE, 2004). A partir disto, as mulheres rurais passaram a ser reconhecidas como agricultoras, produtoras rurais, e não mais como “do lar”, como era característico em documentos oficiais anteriores a Constituição Federal de 1988, que prevê a inclusão desses direitos. Mais recentemente, a partir do ano de 2000, as mulheres passaram a compor o público beneficiário do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) e da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER). Essas mudanças não apenas redirecionam a importância das mulheres no meio rural e questionam o seu “papel” considerado até então coadjuvante nas atividades agropecuárias como também trazem maior visibilidade ao seu trabalho.

Desta forma, a atuação das mulheres na agricultura foi se modificando ao longo do tempo e, ainda que parcialmente, elas vêm conquistando seu espaço. Atualmente, não é possível atribuir a elas a função apenas complementar às atividades masculinas, embora em muitos contextos ainda seja assim. É preciso considerar que as relações de gênero são marcadas por relações sociais de poder, geralmente desiguais, de modo que, ainda que haja avanços em vários aspectos, há um longo caminho a percorrer no que se refere aos conflitos das relações de gênero e trabalho e ao lugar das mulheres na agricultura. Por isso, é fundamental que se promovam diálogos e estudos que possam trazer mais elementos para pensar as relações de gênero e trabalho no rural.

Nesse sentido, Paulilo (2004) aponta que os movimentos sociais de mulheres agricultoras que surgiram no Brasil revelaram o caráter de protagonistas das mulheres,

questionando a visão de vítimas que se tinha sobre elas. No entendimento de Carneiro (2001), a diversificação do uso da terra provido pelo processo de complexificação do mercado de produtos agrícolas e por maior valorização dos recursos naturais tem criado novos espaços de trabalho para as mulheres, como é o caso do turismo rural, do artesanato e da agroindustrialização familiar. Para a mesma autora, essas novas perspectivas de trabalho no meio rural contribuem para a construção de uma identidade feminina não mais amparada na associação entre mulher e esposa de agricultor. Faria (2009) afirma que, embora algumas situações e relações desiguais de gênero no meio rural ainda não tenham sido superadas completamente, a crescente conscientização que há em relação às mudanças necessárias é válida e não se esgota.

Esse entendimento está relacionado ao fato de que, sobretudo a partir da atuação dos movimentos sociais de mulheres rurais e do fortalecimento do movimento feminista em nível nacional, o trabalho e a situação das agricultoras passa a ser visibilizado e problematizado em vários contextos, sejam políticos, acadêmicos, religiosos, entre outros. Na medida em que a condição das mulheres no campo passa a compor pautas de discussão, as pessoas começam a debater sobre questões que antes, quando vistas, eram consideradas naturais e/ou inquestionáveis – e muitas vezes ainda são. Como consequência, passa-se a refletir e a propor mudanças com relação ao lugar que as mulheres ocupam na agricultura.

Neste contexto das dinâmicas sociais no campo do trabalho, as mulheres tem sido protagonistas em diversos espaços, inclusive fora do ambiente das propriedades rurais, como é o caso, por exemplo, das mulheres dirigentes sindicais e daquelas que se inserem na política. Além disso, tem se verificado a atuação das agricultoras na produção de base agroecológica, nas atividades que envolvem o turismo rural, no resgate de conhecimentos tradicionais, na preservação da biodiversidade, bem como no processamento de alimentos para comercialização.

Nessa perspectiva, Agne e Waquil (2015) apontam que atualmente a participação das mulheres na agricultura é complexa, não podendo ser entendida simplesmente como fonte de trabalho complementar ao dos homens e tampouco reduzida às funções de cuidar dos filhos e do marido. Niederle e Wesz Junior (2009) e Agne e Waquil (2015) afirmam que um dos elementos que oportunizam a valorização do trabalho feminino na propriedade rural diz respeito à participação das mulheres no processamento de alimentos em agroindústrias

familiares¹. Segundo Guivant (2003), as mulheres agricultoras têm lugar de destaque nas agroindústrias familiares, pois a estratégia de agregação de valor aos alimentos geralmente surge da transformação de atividades antes desenvolvidas na cozinha das famílias. Como consequência disso, as mulheres podem conquistar espaço e reconhecimento, bem como novas oportunidades de qualificação (participação em cursos e capacitações, por exemplo) e ampliação da participação em outros espaços (fora do ambiente doméstico) que podem potencializar outros modos de se ver.

Dentro do processo de agregação de valor realizado nas agroindústrias familiares, Mior (2005) enfatiza o importante papel dessas organizações em um contexto mais amplo de reconfiguração de recursos rurais ao revalorizar a mão de obra das mulheres agricultoras e seu conhecimento dos métodos de processamento de alimentos, reformatar as redes sociais e as relações com o urbano por meio de estratégias de comercialização baseadas nas relações sociais de proximidade, amizade e outros laços sociais, contribuir para a revalorização do produto colonial, natural e/ou artesanal, ressignificar o “brique”, isto é, a aptidão do agricultor para o comércio (brique), que antes era vista como um aspecto negativo para o bom desempenho da profissão de agricultor e passa a ser apreciada, e, sobretudo ao revalorizar um produto que antes era conservado para o autoconsumo transformando-o em um produto comercial que gera renda para a família.

Ao destacar esses pontos, percebe-se que na reconfiguração dos recursos rurais as mulheres são vistas como potenciais no processamento de alimentos, pois pela tradição de beneficiar e processar alimentos para o autoconsumo e pela sua presença constante dentro das cozinhas, são elas que conhecem as receitas e dominam o modo de fazer. Nesse sentido, o surgimento de agroindústrias familiares, não raro pelo estímulo de políticas públicas, como o PRONAF Agroindústria², de abrangência nacional, e vários programas em nível estadual, como, por exemplo, o Programa Estadual de Agroindústria Familiar (PEAF-RS)³, no Rio

¹ Há na literatura uma diversidade de nomenclaturas para designar as agroindústrias familiares, como “agroindústria rural de pequeno porte”, “agroindústria rural”, “indústria artesanal ou colonial”. Há autores que apontam para uma falsa homogeneidade por trás do termo (GUIMARÃES; SILVEIRA, 2007, por exemplo). Nesta tese, utilizo o termo “agroindústria familiar”, situando-o no conceito cunhado por Mior (2005).

² Em 1998, o PRONAF incorporou uma linha de crédito para investimento em agregação de renda à atividade rural, denominado PRONAF-Agregar, que mais tarde, em 2003, foi renomeado para PRONAF Agroindústria (WESZ JUNIOR, 2010).

³ Programa criado pelo Decreto Estadual nº 49.341, de 5 de julho de 2012, para desenvolver uma série de medidas para facilitar a implantação e a formalização de agroindústrias familiares no Rio Grande do Sul. O PEAF-RS integra a Política Estadual de Agroindústria Familiar, criada pela Lei Estadual nº 13.921, de 17 de

Grande do Sul, que auxiliam no financiamento desses empreendimentos e na formalização das agroindústrias, possibilitando o acesso a uma série de benefícios, pode estar modificando o trabalho exercido pelas mulheres no interior das propriedades rurais, tornando-as, por muitas vezes, centrais em toda a cadeia produtiva das famílias, que envolve desde a produção de matérias primas, o processamento dos alimentos, a gestão das unidades até a construção dos mercados e canais de comercialização.

Nas agroindústrias em que realizei a pesquisa durante o mestrado (SILVEIRA, 2017), situadas no município de Frederico Westphalen-RS, pude observar a presença ativa das mulheres em dez das onze unidades visitadas. Elas trabalhavam na produção das matérias primas (figo, morangos, uvas, frangos, pepinos, etc.) e no processamento dos alimentos, como geleias, conservas, sucos, embutidos, mel, pães, bolachas e massas. Contudo, em relação à comercialização, algumas mulheres se envolviam, outras participavam de forma esporádica.

Nesse contexto, torna-se importante considerar que, frequentemente, quando as mulheres passam a assumir as funções relacionadas à agroindústria, elas as fazem de modo a somar às atividades que já desempenhavam em seu cotidiano, como o cuidado dos filhos, do marido, da casa, da horta e outros. Assim, agregam-se tarefas e responsabilidades para as mulheres, enquanto os homens, na maioria das vezes, continuam realizando as mesmas atividades ou, ainda, aquelas atividades de maior visibilidade, como a gestão e a comercialização, sem entrar para a divisão das tarefas domésticas e de cuidado, que se somam ao trabalho exigido para o processamento nas agroindústrias.

Dessa forma, conforme alertam Barbosa e Lopes (2015), é preciso observar que, muitas vezes, o trabalho reprodutivo se mistura com os “novos” espaços produtivos, como é o caso do processamento de alimentos, porém sem os devidos recursos e garantias sociais. Ao encontro disso, Boni (2005), em estudo realizado com mulheres em agroindústrias familiares do oeste de Santa Catarina, evidenciou que o trabalho produtivo realizado na agroindústria facilita a conciliação com o trabalho não produtivo, geralmente porque a agroindústria situa-se muito próximo a residência da família, diferentemente da lavoura que, comumente, é mais distante e não permite o rápido deslocamento das mulheres. Outro ponto interessante identificado por Boni (2005) é que aqueles alimentos que eram feitos para o consumo da família e assim considerados reprodutivos, ao serem processados e comercializados pela

agroindústria familiar, gerando renda, se tornam produtivos, porém, as mulheres, sujeitos da produção, permanecem no campo reprodutivo.

Assim, se faz necessário ponderar sobre o trabalho das mulheres nas agroindústrias familiares, pois além da possível sobrecarga de trabalho e do conflito entre questões produtivas e reprodutivas, há também a pessoalidade das relações, visto que o trabalho se dá no interior da família e que o aspecto pessoal pode afetar o profissional e vice versa. Ainda nesse sentido, outra questão importante a considerar é em que medida esses novos espaços de trabalho, como é o caso das agroindústrias familiares, se constituem em espaços de emancipação para as mulheres rurais.

Além disso, é conveniente destacar que, mesmo diante de maior reconhecimento do trabalho feminino no meio rural, o papel central de gestão e de tomada de decisão nas propriedades ainda é, em sua maioria, atribuição exclusiva dos homens, cabendo às mulheres alguma autonomia em atividades produtivas que não são fundamentais para a geração de renda ou que não envolvem gerenciar o dinheiro nas propriedades rurais (SPANVELLO; MATTE; BOSCARDIN, 2016). Dessa forma, ainda persiste a desigualdade nas relações de gênero no meio rural. Esse desequilíbrio, comum à sociedade como um todo, se percebe na medida em que o trabalho de homens e de mulheres continua sendo demarcado conforme o gênero, de modo que os homens são, via de regra, atrelados a funções mais reconhecidas e valorizadas na sociedade, as quais geralmente envolvem recursos econômicos e lhes conferem status de “chefe da família”, em detrimento das mulheres que, geralmente, têm atribuições mais voltadas ao ambiente doméstico, as quais, em geral, não são remuneradas. Essa condição faz com que as oportunidades para homens e mulheres sejam distintas, restringindo, com frequência, as possibilidades de escolha das mulheres.

Nesse sentido, a igualdade e/ou o equilíbrio entre os gêneros passa também pela questão da autonomia. No âmbito das agroindústrias familiares, torna-se interessante compreender as distintas atividades laborais realizadas pelas mulheres, tanto em relação ao processamento dos alimentos, como também em relação à organização das atividades e as funções de cada familiar envolvido, com vistas a conhecer o grau de protagonismo das mulheres. Além disso, há que se considerar que o trabalho na agroindústria pode influenciar a autonomia sobre outros aspectos da vida, como realizar atividades de lazer, passear, participar de eventos, conhecer pessoas, autocuidar-se, entre outros.

Em vista disso, considero interessante compreender como se dá a divisão sexual do trabalho em propriedades rurais dedicadas a agroindustrialização de alimentos, visto que esse espaço difere do urbano, onde as mulheres, geralmente, têm mais chances de acessar o

mercado de trabalho “fora de casa”, em um espaço que não é seu lugar de moradia, mas sim uma empresa, indústria, etc. Nas propriedades rurais, essa realidade é distinta. O espaço “fora de casa” é o quintal, o pátio, a horta, a lavoura, o pomar, ou seja, continua sendo a casa, continua sendo o local onde vivem. Dessa maneira, as possibilidades de participação das mulheres rurais na esfera pública são distintas e, certamente, ainda mais restritas. As mulheres agricultoras, geralmente, saem de suas propriedades com pouca frequência. A empresa que emprega as agricultoras é a própria propriedade rural e os colegas de trabalho são os próprios familiares⁴. Dessa forma, as relações de trabalho e de afeto se entrelaçam e se processam nesse ambiente em que é difícil separar esfera pública e espaço privado, produtivo e reprodutivo e de cuidado, negócio e família. Nesse contexto, o trabalho das mulheres pode ser ainda mais subestimado e invisibilizado. Porém, uma questão a se pensar é que as mulheres também têm poder nas relações afetivo-familiares e de trabalho, pois, entendendo o gênero como construção social (SCOTT, 1995), as mulheres também podem contribuir para as mudanças e permanências em relação aos lugares que ocupam nas relações de trabalho.

Ademais, além de analisar o trabalho realizado pelas mulheres em diferentes espaços, parece fundamental saber como essas mulheres se sentem, que sentidos atribuem ao seu trabalho nas diferentes funções que desempenham e como analisam suas vidas antes e depois da inserção nas agroindústrias. Estes aspectos devem ser considerados, pois é necessário ponderar sobre a história e o repertório de cada mulher, tendo em vista que avanços e retrocessos ou estagnações podem ter conotações diferentes conforme a situação e a condição de cada agricultora.

Frente a essas questões que envolvem as mulheres, o trabalho e as agroindústrias familiares, surgem algumas perguntas: Como se dá a divisão do trabalho produtivo, reprodutivo e de cuidado em propriedades rurais dedicadas ao processamento de alimentos em agroindústrias familiares? Quais as implicações do trabalho de mulheres em agroindústrias familiares? Que sentidos essas mulheres atribuem ao seu trabalho?

Com o intuito de responder estas perguntas, realizou-se uma pesquisa de cunho qualitativo em dois municípios no Rio Grande do Sul, abrangendo treze mulheres inseridas em oito agroindústrias familiares. O **objetivo geral** da pesquisa é analisar os sentidos do trabalho de mulheres rurais, a partir da sua atuação em propriedades rurais dedicadas ao processamento de alimentos em agroindústrias familiares. Já os **objetivos específicos** são:

⁴ Existem modelos de agricultura em que essa relação pode ser diferente, mas minha referência nesta tese é sempre a agricultura de base familiar.

- a) (re)conhecer histórias de vida e de trabalho de mulheres rurais inseridas em agroindústrias familiares;
- b) identificar a participação de mulheres nas atividades que compõem os trabalhos produtivo, reprodutivo e de cuidado em propriedades rurais dedicadas ao processamento de alimentos;
- c) conhecer e analisar os sentidos atribuídos pelas mulheres ao seu trabalho em agroindústrias familiares.

1.1 JUSTIFICATIVA E MOTIVAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DO ESTUDO

Sabe-se que os papéis de gênero só começaram a ser questionados muito recentemente, em meados do século XX e, embora já haja avanços em vários aspectos, há ainda um longo caminho a percorrer no que se refere aos conflitos das relações de gênero e ao lugar das mulheres na agricultura.

As diferenças atribuídas às mulheres e aos homens existem, em maior ou menor grau, na maioria das sociedades e referem-se, sobretudo, aos aspectos econômicos, como acesso e controle de recursos, às atividades e funções desempenhadas, ao tempo dedicado ao trabalho, à escolaridade, ao acesso a serviços de saúde e às oportunidades de ocupar espaços de tomada de decisão ou mesmo de tomar a decisão sobre suas vidas. Considerando isso, o IBGE desenvolveu estudos e pesquisas de gênero no Brasil, tomando por base parâmetros utilizados pela Comissão de Estatística das Nações Unidas para apresentar estatísticas de gênero (IBGE, 2014; 2018a).

Um indicador importante das pesquisas do IBGE (2018a) refere-se ao número médio de horas semanais dedicadas aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos (trabalho reprodutivo e de cuidado), o qual revela que, no Brasil, em 2016, as mulheres dedicavam aos trabalhos reprodutivo e de cuidado cerca de 73% a mais de horas do que os homens, visto que, enquanto elas dedicam em média 18,1 horas semanais, os homens empregam 10,5 horas semanais a essas atividades. Quando esses dados são analisados considerando a cor ou raça e a região de residência, observa-se que o indicador pouco varia para os homens, enquanto que para as mulheres pretas ou pardas os dados apontam que elas são as que mais dispõem horas semanais para o cuidado das pessoas e tarefas domésticas (18,6 horas contra 17,7 horas das mulheres brancas). Esse indicador é importante, pois revela que há uma tendência de que mesmo em diferentes classes sociais ou raças, esse trabalho, não remunerado, é realizado, sobretudo, pelas mulheres.

Além disso, pelo fato de aplicar parte considerável do seu tempo em trabalho reprodutivo e de cuidado, as mulheres têm menor inserção no mercado de trabalho. A taxa de atividade⁵ das mulheres com 16 anos de idade ou mais no mercado de trabalho, em 2010, era de 54,6%, enquanto a dos homens era 75,7% (IBGE, 2014). No meio rural, a diferença da taxa de atividade entre homens e mulheres é ainda maior, 45,5% para mulheres e 72,2% para homens (26,7 pontos percentuais de diferença) (IBGE, 2014). Igualmente, ao considerar a proporção de ocupados em trabalho por tempo parcial, de até 30 horas, em 2016, nota-se que as mulheres apresentam um percentual de 28,2%, ao passo que os homens alcançam 14,1%, resultados esses que, muito provavelmente, são reflexos da carga horária dedicada às atividades domésticas e de cuidado (IBGE, 2018a).

Apesar do desequilíbrio entre as ocupações e atividades de homens e de mulheres, o nível de escolaridade das mulheres é superior ao dos homens. Conforme os dados da PNAD Contínua de 2016, a maior diferença encontra-se no ensino superior completo, sobretudo entre as pessoas de 25 a 44 anos de idade, em que o percentual de mulheres que concluiu a graduação foi de 21,5%, enquanto o dos homens alcançou 15,6% (IBGE, 2018a). Porém, mesmo com nível de instrução superior ao dos homens, as mulheres ainda ocupam cargos incompatíveis com a sua qualificação, além de que, em relação à remuneração, seguem recebendo $\frac{3}{4}$ do que os homens recebem (IBGE, 2018a).

Ainda com relação a rendimentos, os dados do Censo Demográfico 2010 indicaram que 30,4% das mulheres de 16 anos ou mais de idade não tinham qualquer tipo de rendimento (para homens esse percentual era 19,4%) e que a maior proporção de mulheres nesta condição está na Região Norte (37,7%), e a menor, na Região Sul (24,6%) (IBGE, 2014). Considerando a situação de domicílio, 34,1% das mulheres que viviam no meio rural e possuíam 16 anos ou mais não apresentavam qualquer rendimento. Na região sul, onde está pesquisa será realizada, a diferença entre os percentuais de homens e mulheres rurais, com 16 anos ou mais, que não possuíam nenhuma renda era de 12,2 pontos percentuais (IBGE, 2014). Isso significa dizer que há muito mais mulheres rurais sem acesso a qualquer recurso econômico do que homens.

Além dos indicadores referentes à educação, trabalho e renda, cabe destacar aqui a participação de mulheres em cargos de gestão e liderança, seja na esfera pública ou privada. Os dados evidenciam que, no Brasil, os homens ocupavam 60,9% dos cargos gerenciais e as mulheres 39,1%, em 2016 (IBGE, 2018a). Dessa forma, mesmo com níveis de formação

⁵ A taxa de atividade é a razão entre a população economicamente ativa e a população em idade ativa e permite a mensuração do dinamismo do mercado de trabalho (IBGE, 2014).

elevados, as mulheres seguem recebendo salários menores, dedicando maior tempo aos trabalhos reprodutivos e de cuidado, além de ocuparem menos espaços de decisão e administração. Somado às diferenças de sexo, os dados do IBGE indicam a influência negativa que características como a cor ou raça, o local de residência, entre outros, têm sob esses indicadores, evidenciando as desigualdades. Assim, parece fundamental compreender as condições sociais que permitem que os contrastes e desequilíbrios entre mulheres e homens mantenham-se, ou não.

Por isso, é fundamental que se promovam diálogos e estudos que possam trazer mais elementos para pensar as relações de gênero no rural. Desenvolver um estudo mais aprofundado sobre esse tema significa fomentar o debate em torno de uma questão “mal resolvida” no âmbito rural, uma vez que as relações fundamentadas no patriarcalismo são marcantes. Acredita-se que, quanto mais esse conceito social (gênero) for explorado e debatido, maiores serão as probabilidades de encontrar meios de reduzir as possíveis desigualdades entre homens e mulheres, pois se não se discute sobre o tema, corre-se o risco de assumir que os problemas a ele vinculados foram superados. Além disso, as pesquisas com dados empíricos, sensíveis às questões de gênero, podem se concretizar em importantes instrumentos complementares para reflexão, revisão e elaboração de políticas públicas.

No âmbito acadêmico, há dificuldade em encontrar estudos que discutam sobre mulheres e agroindústrias familiares. Sabe-se da dissertação de mestrado de Valdete Boni, defendida em 2005, que estudou o trabalho das mulheres em agroindústrias familiares em uma região do estado de Santa Catarina (BONI, 2005) e, também, da dissertação de Renata B. Kempf, defendida em 2017, que discute o caso de uma associação de sete mulheres que formam uma agroindústria familiar no Paraná (KEMPF, 2017). Sendo assim, existe a carência de estudos recentes e de maior fôlego que abordem o trabalho das mulheres inseridas em agroindústrias familiares. As pesquisas realizadas sobre gênero e/ou mulheres na agricultura familiar enfatizam, por exemplo, o Pronaf Mulher como uma estratégia de empoderamento (OSORIO HERNÁNDEZ, 2009), as dinâmicas de sucessão (SILVESTRO *et al.*, 2001; SPANEVELLO, 2008; BRUMER, 2004), as plantas/práticas medicinais (BUBANZ-SILVA, 2018; ORTUÑO, 2016), a divisão do trabalho (BARBOSA, 2013), entre outros. Já os trabalhos sobre as agroindústrias familiares ressaltam o Pronaf Agroindústria (WESZ JUNIOR, 2009; RAUPP, 2005), aspectos de regulamentação e qualidade dos alimentos (PREZOTTO, 2002; CRUZ, 2012; SGARBI, 2006), as inovações e novidades (GAZOLLA, 2012; MATEI, 2015), os mercados (WAQUIL *et al.*, 2014; AGNE, 2010; WILKINSON, 2008), as redes de desenvolvimento rural (MIOR, 2005), etc. Assim, em termos de estudos,

parece haver uma lacuna a ser preenchida acerca da situação das mulheres rurais inseridas em agroindústrias familiares.

Além disso, ao desenvolver a pesquisa de campo do mestrado (SILVEIRA, 2017), encontrei muitas mulheres conduzindo agroindústrias familiares, envolvendo-se não somente na produção e processamento dos alimentos, mas também na gestão, tomada de decisão e comercialização. Na época, isso chamou minha atenção, mas como acontece em muitas outras pesquisas sobre agroindustrialização familiar, o objetivo não era estudar trabalho e gênero, então essa questão ficou destacada apenas em um ou dois parágrafos do trabalho. No entanto, o interesse no tema manteve-se no intuito de desenvolver estudos futuros, como o que se realiza na presente tese de doutorado.

Outro elemento que justifica meu interesse nesse tema vai ao encontro da relação existente entre mulheres e casa, mulheres e cozinha, mulheres e produção de alimentos. Essa vinculação, fruto do senso comum e da forma como a sociedade tem se organizado ao longo do tempo, tem efeitos diretos sobre a forma como as mulheres são vistas e sobre o que lhes é cobrado: um trabalho que não é entendido e valorizado como tal, que está na esfera da reprodução e do cuidado e, portanto, não incorre em remuneração na grande maioria dos casos. Cresci ouvindo minha mãe e outras mulheres da família dizendo “serviço de mulher é assim, nunca acaba, termina numa ponta e já pode recomeçar na outra”, “serviço de mulher não se enxerga, lido, lido e parece que não fiz nada”. Essas frases, muito relacionadas às tarefas de limpeza e organização da casa e do pátio, por um lado, abordam o processo como natural, “é assim, não se questiona, só se faz”, e por outro lado, revelam um trabalho que é invisibilizado, não só pelos outros como, por vezes, pelas próprias mulheres. Além disso, minhas origens são rurais, vivi até os nove anos de idade em uma pequena propriedade rural no interior do Rio Grande do Sul. Minha mãe trabalhava na roça tanto quanto meu pai, mas em minha certidão de nascimento, de 1991, a profissão do meu pai é “agricultor”, enquanto a de minha mãe é “do lar”.

Nesse contexto, a não valorização e a não valoração do trabalho desenvolvido pelas mulheres pode, não raro, gerar sentimentos negativos sobre si, desencadeando outros processos de ordem psicológica que afetam a qualidade de vida de quem os sofre e, até mesmo, da família como um todo. Algo que tenho percebido, em diversos contextos, é que, em muitos casos, as mulheres percebem a valorização do que fazem e, por consequência, o seu valor e a sua capacidade, quando recebem elogios aos alimentos que produzem. O alimento, ou a comida, nesses casos, confere visibilidade às mulheres, ao seu saber e ao seu

trabalho. Desse modo, me parece fundamental dialogar e estudar essas questões que, reiteradamente, condicionam a forma como as mulheres percebem o trabalho e a vida.

1.2 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DA TESE

Nessa seção apresento, brevemente, a estrutura da presente tese. Esta encontra-se organizada a partir de seis capítulos, considerando a introdução. No segundo capítulo, intitulado “Caminhos da pesquisa: a história não simplesmente contada, mas sim trabalhada”, escrevo sobre as escolhas metodológicas que guiaram a realização desse estudo. Além disso, apresento os locais de estudo e as técnicas empregadas para geração de dados em campo. Brevemente, são abordadas as principais características das mulheres rurais interlocutoras da pesquisa, bem como das agroindústrias familiares.

No Capítulo 3, por sua vez, busco (re)conhecer as histórias de vida e de trabalho das mulheres rurais interlocutoras da pesquisa. Para tanto, abordo as suas principais características, o trabalho na infância e na adolescência, chegando ao período mais recente, em que atuam em agroindústrias familiares. No Capítulo 4, descrevo as rotinas de trabalho, de modo a possibilitar ao(a) leitor(a) conhecer e apreender o ir e vir das mulheres entre as diversas atividades que compõem os trabalhos produtivo, reprodutivo e de cuidado. Também procuro tecer, ao final do capítulo, algumas considerações acerca das principais atividades realizadas pelas mulheres, estabelecendo diálogo com referências sobre o tema.

Este Capítulo é composto também por parte importante das fotografias realizadas em campo e, por isso, é um capítulo mais longo em comparação aos demais. Mais do que ilustrar o trabalho desempenhado pelas mulheres, espero que as imagens contribuam para a apreensão do contexto e das condições em que as atividades laborais são realizadas. O Capítulo 5, por sua vez, tem como objetivo analisar os sentidos do trabalho atribuído pelas mulheres interlocutoras da pesquisa. Destaco, nesse capítulo, sobretudo, as atividades realizadas na agroindústria familiar, procurando traçar um paralelo com o trabalho realizado no período anterior à sua inserção nas agroindústrias. Por fim, tem-se as considerações finais e as referências.

2 CAMINHOS DA PESQUISA: A HISTÓRIA NÃO SIMPLEMENTE CONTADA, MAS SIM TRABALHADA

Esse capítulo busca apresentar o caminho que tracei para alcançar os objetivos deste estudo, bem como responder às perguntas de pesquisa. Na literatura existe ampla diversidade de métodos de investigação e técnicas de pesquisa que poderiam ser empregados para atender aos propósitos aqui estabelecidos. A escolha de um método particular tem implicações não somente sobre a pesquisa, mas, também, sobre quem investiga, pois direciona certas formas de pensamento e de condução da pesquisa. Necessariamente, ao eleger determinado meio de conduzir a investigação, estou excluindo outras opções, que poderiam ser tão pertinentes quanto os caminhos que opto por utilizar para a abordagem do problema em questão.

Ciente de que os caminhos metodológicos eleitos para desenvolver este estudo têm consequências, é preciso salientar também que as escolhas metodológicas não são neutras. Elas dizem muito de mim e da minha formação acadêmica. Minhas experiências na Graduação em Administração me conduziram ao uso de técnicas quantitativas. Já na iniciação científica e no mestrado em Desenvolvimento Rural, pude ter contato com metodologias qualitativas, de modo que meus trabalhos combinavam técnicas qualitativas e quantitativas. O doutorado, em boa medida materializado nesta tese, trouxe o desafio de trabalhar somente com abordagens qualitativas.

Para analisar o trabalho de mulheres em agroindústrias familiares, a opção pela metodologia qualitativa foi feita tendo em vista a preocupação em compreender aspectos da realidade social e de dinâmicas que, em princípio, não podem ser quantificáveis (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002). A pesquisa qualitativa se ocupa, em grande medida, do “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 21-22). Além disso, esse tipo de pesquisa possibilita o contato direto com o fenômeno pesquisado (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2008), permitindo, assim, que eu pudesse adentrar na realidade estudada, por meio da realização de pesquisa de campo.

Quando utilizo o termo “realidade”, parto do pressuposto de que

[...] o mundo social não é um dado natural, sem problemas: ele é ativamente construído por pessoas em suas vidas cotidianas, mas não sobre as condições que elas mesmas estabeleceram. Assume-se que estas construções constituem a realidade essencial das pessoas, seu mundo vivencial. (GASKELL, 2002, p. 65).

A realidade das mulheres rurais ganha sentido nos processos de interação, sejam aqueles decorrentes do trabalho nas agroindústrias familiares, sejam os construídos por meio das relações que se estabelecem com a família, com a natureza e com a sociedade de modo geral. Para apreender essa realidade, é necessária a compreensão das experiências e ações dessas mulheres. Minayo (2012, p. 623) aponta que a compreensão envolve a “capacidade de colocar-se no lugar do outro”, considerando as singularidades do indivíduo e o contexto social e cultural em que estão inseridos. Ainda nesse aspecto, Minayo (2012) esclarece que toda compreensão é parcial e inacabada, pois as pessoas pesquisadas têm entendimento incompleto de suas vidas e os pesquisadores, por sua vez, também tem suas limitações no que compreendem e interpretam.

Assim, ciente de limitações como as pontuadas, busquei realizar a pesquisa de campo com o olhar atento para a realidade do trabalho cotidiano de mulheres rurais, procurando evidenciar as atividades que elas realizam nos diferentes espaços, com ênfase para o trabalho realizado na – e em função da – agroindústria familiar, mas não restringindo a análise somente a ela, uma vez que a realidade de trabalho das mulheres estudadas contempla também a casa, o pátio, a roça, a comunidade, etc. Na sequência, apresento a forma como se deu a pesquisa de campo, destacando os locais onde ela foi realizada, as participantes da pesquisa e as técnicas utilizadas para gerar os dados empíricos, e, por fim, as ferramentas empregadas para análise dos dados.

2.1 A PESQUISA DE CAMPO: LOCAIS DE ESTUDO, PARTICIPANTES E TÉCNICAS PARA GERAR DADOS

Um dos meus grandes desafios ao longo do doutorado girou em torno da pesquisa de campo. Perguntas como “onde fazer? como? com quem? quando? e por quê?” me angustiaram por muito tempo. Além dessas inquietações, considero que os desafios da pesquisa de campo se agravaram diante do contexto de crescente escassez de investimentos financeiros em educação e o modo artesanal como fazemos pesquisa no Brasil, sobretudo em Ciências Humanas e Sociais, em que, geralmente, a(o) pesquisadora é a(o) única(o) responsável por executar todas as etapas da sua pesquisa.

Embora os principais *insights* para minhas perguntas de pesquisa surgiram durante a pesquisa de campo que realizei no mestrado, em 2016, no município de Frederico Westphalen-RS, continuar pesquisando naquela região estava fora de perspectiva, tendo em

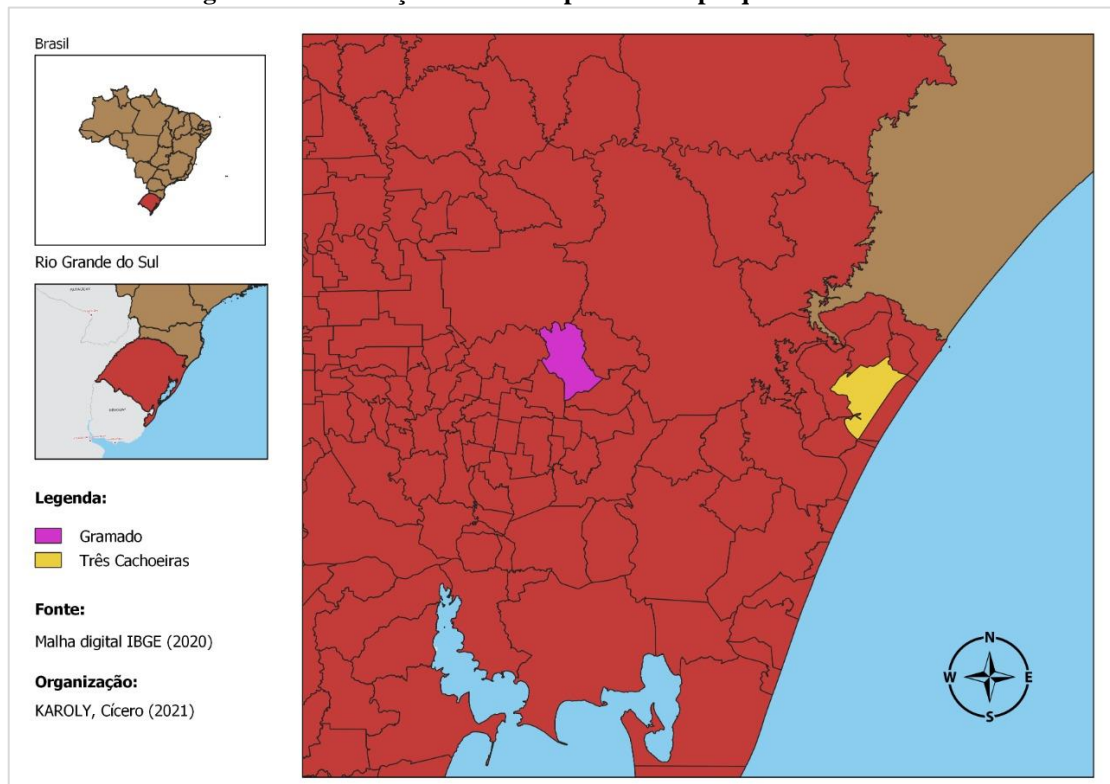
vista as dificuldades que enfrentei para fazê-la no mestrado e, também, os anseios em investigar outras realidades. Assim, na busca por um local de pesquisa, acabei encontrando, inicialmente, possibilidades a partir da minha atuação como tutora no Curso de Bacharelado em Desenvolvimento Rural (Plageder), da UFRGS, de modo que, por meio dos contatos possibilitados pelo curso, foi possível encontrar mulheres envolvidas no trabalho em agroindústrias familiares no município de Gramado-RS e também ampliar as reflexões acerca do problema e objetivos da pesquisa. Desse modo, inicialmente, a pesquisa de campo seria realizada somente em Gramado, mas a partir da minha proximidade com uma feira de agricultoras e agricultores familiares do município de Porto Alegre, surgiu a oportunidade de conhecer o trabalho de mulheres inseridas em agroindústrias familiares no município de Três Cachoeiras-RS. Como havia o interesse dessas mulheres em me receber, considerei importante ampliar o campo para esse município também. Em decorrência, a pesquisa de campo efetivou-se nestes dois municípios do Rio Grande do Sul: Gramado e Três Cachoeiras. Na sequência, caracterizo brevemente os municípios onde a pesquisa de campo ocorreu.

2.1.1 Caracterização dos locais de pesquisa

A pesquisa de campo ocorreu no meio rural dos municípios de Gramado e Três Cachoeiras, situados, respectivamente, na Serra e no Litoral Norte do estado do Rio Grande do Sul, como mostra a Figura 1.

A colonização do município de Gramado se deu por imigrantes portugueses, em 1875, e nos anos seguintes pelos descendentes de imigrantes alemães e italianos que se estabeleceram na região (IBGE, 2021). O território pertencia ao município de Taquara do Mundo Novo (atual Taquara), sendo criado, em 1904, o seu 5º Distrito, com sede na localidade de Linha Nova (DAROS, 2021; IBGE, 2021). Mais tarde, em 1913, devido às notícias de que uma ferrovia iria passar pelo local, a sede distrital foi transferida para onde efetivamente é o centro da cidade, recebendo o nome de Gramado. A emancipação do município ocorreu em 1954 por meio da Lei Estadual nº 2.522, de 15 de dezembro de 1954 (RIO GRANDE DO SUL, 1954).

Figura 1 - Localização dos municípios onde a pesquisa foi realizada



Fonte: Elaborado por Cícero Karoly (2021) com base em IBGE (2020)

Conforme o Censo Demográfico de 2010, o município de Gramado conta com população de 32.273 habitantes⁶, sendo que 3.260 pessoas residem no meio rural, correspondendo a 1.560 mulheres e 1.700 homens (IBGE, 2010). O município é um dos principais destinos turísticos do país, sendo conhecido pelas suas belezas naturais e também pelos eventos que realiza anualmente, como, por exemplo, o Natal Luz, o Festival de Cinema e a Festa da Colônia (DAROS, 2021).

Com relação ao rural, segundo os dados do Censo Agropecuário de 2017, o município de Gramado conta com 516 estabelecimentos agropecuários produzindo expressiva diversidade de alimentos, com destaque para as frutas (uva, figo, laranja e pêsego, principalmente), a lavoura temporária (milho, batata-inglesa, abóbora, mandioca, cana-de-açúcar, cebola, feijão, etc.) e a pecuária (bovinos de leite, aves, suínos e ovinos, entre outros) (IBGE, 2017). Além disso, há extração vegetal de pinhão e de madeira, bem como atividades de silvicultura (áreas de eucalipto, pinus e outros, produção de carvão vegetal, lenha e madeira em tora) (IBGE, 2018b).

⁶ A estimativa de população, realizada pelo IBGE, aponta que o município de Gramado teria 36.555 habitantes em 1º de julho de 2020 (IBGE, 2020). Porém, opto em utilizar os dados do Censo Demográfico de 2010 por apresentar dados mais detalhados e não apenas a população total estimada.

Já a região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, onde situa-se o município de Três Cachoeiras, teve seu território ocupado apenas pelos indígenas da tribo Carijós até o ano de 1605, quando missionários jesuítas vieram do Rio de Janeiro para a região, com o intuito de catequizá-los e “protegê-los” da ação dos bandeirantes paulistas (SCHÜTZ, 2009; TRÊS CACHOEIRAS, 2021). Mais tarde, em 1820, instalam-se famílias de imigrantes portugueses no município e, em 1826, de alemães e depois, algumas famílias de italianos vindos do município de Caxias do Sul/RS (SCHÜTZ, 2009; TRÊS CACHOEIRAS, 2021). Somente em 1907, Três Cachoeiras passou a ter aspecto de povoado, vindo a ser, em 1956, distrito do município de Torres/RS (TRÊS CACHOEIRAS, 2021). Em 29 de abril de 1988, por meio da Lei Estadual n° 8.578, o município foi emancipado (RIO GRANDE DO SUL, 1988).

Assim como Gramado, Três Cachoeiras também preserva algumas das suas primeiras construções, que atualmente fazem parte dos atrativos turísticos do município. Como exemplo, tem-se o Moinho de Pedra e a casa do Filó, uma das primeiras escolas construídas na região, na localidade de Morro Azul. Além disso, nessa localidade há a reprodução da primeira capela, construída em 1894, por imigrantes alemães e italianos.

Três Cachoeiras tem população total de 10.217 pessoas⁷, sendo 2.716 residentes do meio rural, 1.315 mulheres e 1.401 homens (IBGE, 2010). Conforme o Censo Agropecuário de 2017, o município possui 681 estabelecimentos agropecuários, destacando-se a expressiva produção de banana, a pecuária e a criação de animais (bovinos, galinhas, equinos, entre outros), a produção de lavouras temporárias (mandioca, milho, feijão, cana forrageira, cana-de-açúcar, etc.) e ainda a pequena produção no ramo da horticultura (alface, batata-doce, pepino, tomate, etc.) (IBGE, 2017).

Boa parte da produção de ambos os municípios é destinada ao processamento de alimentos em agroindústrias familiares, tanto individuais quanto associativas. Essas agroindústrias produzem uma série de alimentos, como doces em calda, geléias, polpas de frutas, embutidos, massas e biscoitos, queijos, passas de frutas, sucos, farinhas, etc.. Essa diversidade produtiva é característica das agroindústrias familiares (PELEGRINI; GAZOLLA, 2008) e também da agricultura familiar dos municípios, uma vez que o relevo acidentado e as pequenas áreas produtivas dificultam a produção de monoculturas.

⁷ A estimativa de população, realizada pelo IBGE, aponta que o município de Três Cachoeiras teria 11.115 habitantes em 1º de julho de 2020 (IBGE, 2020). Porém, opto em utilizar os dados do Censo Demográfico de 2010 por apresentar dados mais detalhados e não apenas a população total estimada.

Feita essa breve caracterização dos locais de pesquisa, apresento, na próxima subseção, como se deu a definição das mulheres participantes da pesquisa e a inserção no campo.

2.1.2 As mulheres interlocutoras da pesquisa

A partir dos contatos iniciais com algumas mulheres do município de Gramado, o campo foi se desenhando, de modo que, considerando que a pesquisa qualitativa não se ampara em critérios numéricos para a definição da amostra, pois “preocupa-se menos com generalizações e mais com o aprofundamento, a abrangência e a diversidade no processo de compreensão” (MINAYO, 2010, p. 196), fiz uso de amostra não probabilística para a definição das mulheres e agroindústrias familiares que fizeram parte desta pesquisa. Desse modo, para iniciar o campo, parti das mulheres com as quais já tinha contato por meio do Plageder, como já mencionado, visto que são vinculadas ao curso e, também, a agroindústrias familiares. Ao longo do processo, elas mesmas foram indicando outras mulheres que poderiam fazer parte da pesquisa. Essa técnica de amostragem é chamada de “bola de neve”, consistindo em uma forma de amostra não probabilística que emprega cadeias de referência, em que se solicita às pessoas com as quais já se tem algum contato, denominadas “sementes”, que indiquem outras pessoas e, assim, sucessivamente até que não haja novos nomes a serem indicados ou que estes não apresentem novas informações para análise (VINUTO, 2014).

Para auxiliar nessa etapa da pesquisa, lancei mão de alguns critérios: as mulheres indicadas deveriam estar inseridas em pelo menos uma etapa do trabalho que envolve a dinâmica de uma agroindústria familiar; a residência bem como a agroindústria deveriam localizar-se no meio rural; contemplar a diversidade na composição familiar, de modo que no quadro geral de amostragem houvessem diferentes perfis familiares e, contemplar a diversidade produtiva, isto é, abranger agroindústrias com distintos alimentos processados. Assim, nesta pesquisa, procurei analisar o trabalho de mulheres inseridas em agroindústrias familiares produtoras de alimentos diversos, pois entendo que estudar um segmento em específico poderia enviesar os resultados. Essa escolha considera que há processos de produção em que as mulheres se envolvem mais, como geralmente é o caso dos panificados, enquanto em outros os homens se envolvem majoritariamente, como nas agroindústrias que trabalham com carnes. Essa diversidade produtiva pode ser observada no Quadro 1.

Além da diversidade no que se refere aos alimentos processados, considerei importante, também, a heterogeneidade nas configurações familiares, de modo a abranger

mulheres solteiras, casadas, com filhos de diferentes idades, sem filhos, com idosos na família, bem como mulheres jovens e de mais idade. Entendo que diferentes composições familiares podem assegurar maior riqueza de análises. Além disso, o trabalho pode ter conotações distintas para mulheres que pertencem a diferentes conformações familiares. Essa composição familiar pode ser observada no Quadro 1.

Desse modo, considerando os interesses de estudo e disponibilidade das mulheres em me receber, participaram da pesquisa de campo 13 mulheres, sendo nove em Gramado e quatro em Três Cachoeiras, as quais apresento, brevemente, no Quadro 1. A pesquisa de campo iniciou no mês de outubro de 2019 e teve que ser interrompida antes do previsto, devido ao contexto de pandemia de COVID-19 que, a partir de março de 2020, restringiu as possibilidades de contato físico e social. Dessa forma, a etapa de campo foi bastante prejudicada, sobretudo no município de Três Cachoeiras, tendo, inclusive, uma entrevista que acabou não fazendo parte da tese, pois na ocasião de sua realização não pode ser concluída, ficando para finalizar numa próxima visita, a qual, em decorrência do longo período de medidas de isolamento social por consequência da pandemia, não pode ser concretizada. Além disso, a minha intenção de revisitar todas as mulheres, para estreitar os laços e aprimorar a geração de dados, pode ser realizada somente com algumas, também devido à pandemia. Por essa razão, existe desequilíbrio no número de entrevistadas em cada município.

As mulheres participantes da pesquisa são identificadas no Quadro 1, bem como ao longo da tese, com nomes fictícios. Essa opção de não utilizar seus nomes reais tem por objetivo preservar a identidade das participantes da pesquisa. Além disso, as fotos que evidenciam o rosto das mulheres foram editadas, de modo a dificultar a sua identificação. Embora não tenha havido nenhuma restrição explícita quanto à divulgação dos seus nomes e fotos, eu assumi essa opção de omissão e as mulheres pesquisadas têm ciência disso. Ainda que isto não garanta o anonimato total, me parece ser a opção mais adequada para preservá-las.

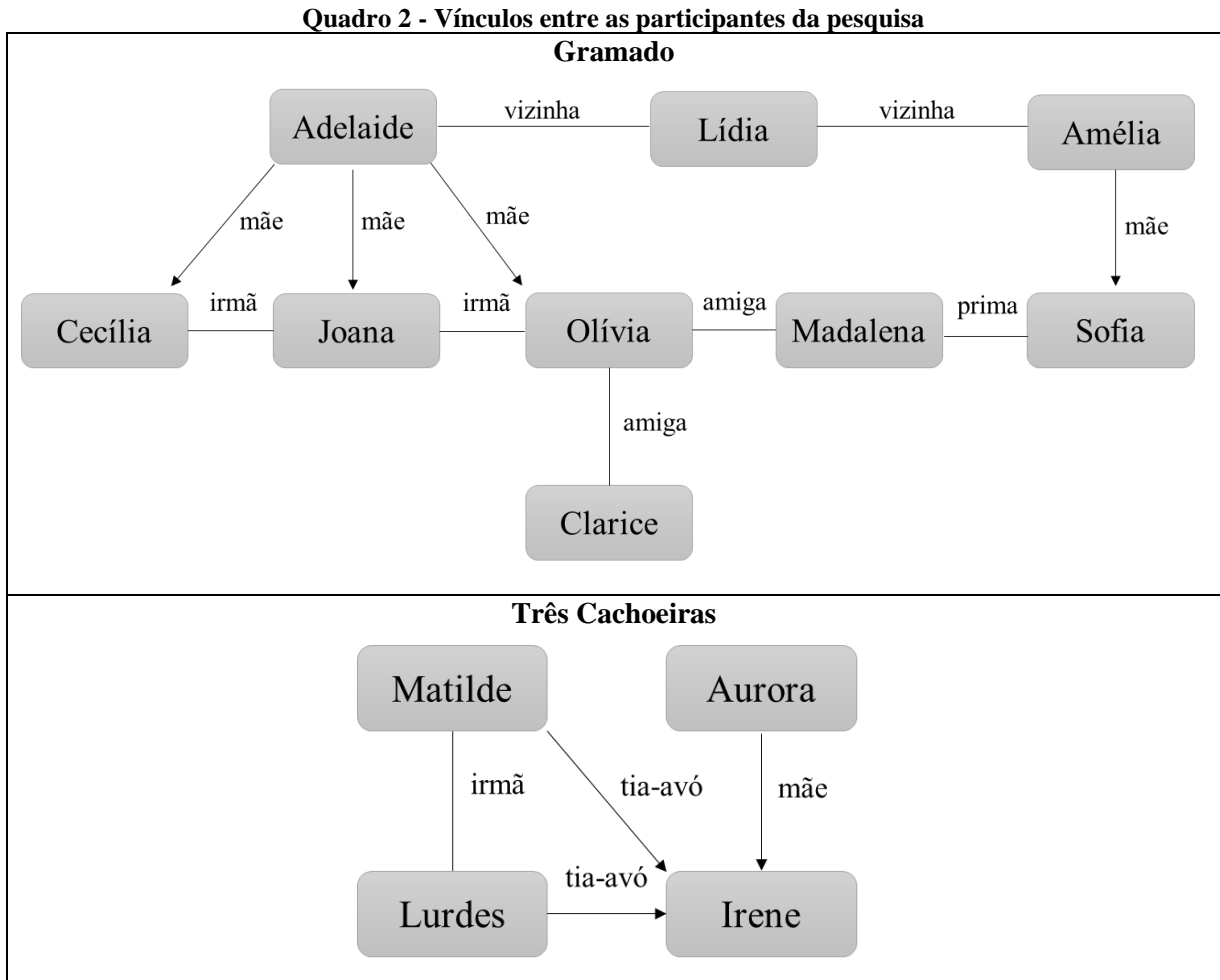
Quadro 1 - As mulheres participantes da pesquisa

Característica	Idade	Estado civil	Tem filhos(as)	Com quem reside	Alimento processado na agroindústria
Participante					
Adelaide	61	Casada	Quatro filhas, todas adultas	Com o marido e uma filha. Na mesma propriedade residem as outras três filhas, com seus maridos, uma neta e o sogro já idoso	Queijos
Cecília	25	Solteira, em união estável	Sem filhos	Com o namorado, na mesma propriedade em que residem seus pais, irmãs e avô idoso	Passas de frutas
Joana	22	Solteira	Sem filhos	Com os pais	Passas de frutas
Olívia	27	Solteira, em união estável	Sem filhos	Com o namorado, na mesma propriedade em que residem seus pais, irmãs e avô idoso	Passas de frutas
Lídia	66	Casada	Um casal de filhos adultos, ambos moram na cidade	Com o marido	Doces em calda
Amélia	48	Casada	Três filhos já adultos	Com o marido e os três filhos	Vinagres
Sofia	28	Solteira	Sem filhos	Com os pais e irmãos	Vinagres
Madalena	33	Casada	Sem filhos	Com o marido. Na mesma propriedade residem os sogros	Geleias e doces em calda
Clarice	45	Casada	Duas filhas, uma adolescente e outra já adulta que reside e estuda em outro município	Com o marido e a filha adolescente	Biscoitos e massas
Matilde	58	Casada	Um filho adulto	Com o marido e o filho. Na mesma propriedade reside a irmã, com o marido e os filhos	Farinha, sal temperado, pães, etc.
Lurdes	56	Casada	Três filhos, sendo um casal de adolescentes e uma adulta que reside em outro município	Com o marido e os filhos adolescentes. Na mesma propriedade reside a irmã, com o marido e filho	Farinha, sal temperado, pães, etc.
Aurora	53	Casada	Duas filhas adultas	Com o marido. Na mesma propriedade reside uma filha com o marido e os filhos, seus sogros já idosos e sua cunhada com o marido. A outra filha, também casada, mora próximo	Geleia, doce em calda, passas de frutas, etc.
Irene	31	Casada	Um casal de filhos crianças	Com o marido e os filhos. Na mesma propriedade residem seus pais, avós idosos e tios	Geleia, doce em calda, passas de frutas, etc.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Outro elemento que considere nessa etapa da pesquisa refere-se aos vínculos entre as mulheres participantes da pesquisa, seja de parentesco ou amizade e vizinhança, pois

interessava observar também a divisão e/ou compartilhamento de atividades que ocorrem entre elas, tanto no âmbito do trabalho doméstico e de cuidado quanto produtivo. O Quadro 2 apresenta esses vínculos.



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Considerando o exposto, ainda que tenha sido a intenção contemplar diferentes perfis de mulheres e configurações familiares, ressalta-se que essa seleção apresenta limitações, as quais são inerentes a qualquer pesquisa desse caráter, em que não se tem o intuito de abranger a totalidade da população.

Após apresentar a maneira como foram selecionadas as mulheres participantes da pesquisa, bem como as características que vão ao encontro dos critérios de seleção, na próxima subseção procuro explicitar as técnicas de geração dos dados e, também, como se deu a inserção em campo.

2.1.3 A geração de dados em campo

A pesquisa de campo ocorreu entre os meses de outubro de 2019 e fevereiro de 2020. Nesse período, realizei treze entrevistas em profundidade, além da observação participante e de registros fotográficos. Cabe destacar que, em certa medida, essa etapa da pesquisa foi comprometida pela pandemia de Covid-19, pois em virtude das restrições de contato físico e social, a pesquisa de campo foi encerrada sem que eu pudesse visitar algumas mulheres, bem como encontrar outras, sobretudo no município de Três Cachoeiras. Toda a geração de dados foi realizada mediante Termo de Consentimento Informado, Livre e Esclarecido (APÊNDICE A), mas, mais do que cumprir uma das muitas partes burocráticas da ética em pesquisa, procurei construir, ao longo do processo, relações horizontais com as interlocutoras da pesquisa e manter uma postura ética enquanto pesquisadora, que se reflete nas relações estabelecidas e no cuidado com a escrita e o uso dos dados.

Para gerar os dados em campo foram empregadas as técnicas de entrevista em profundidade e história de vida focal. Segundo Spindola e Santos (2003, p. 121), o método da história de vida “possibilita o estudo sobre a vida das pessoas, penetrar em sua trajetória histórica e compreender a dinâmica das relações que estabelece ao longo de sua existência.”. A autora aponta ainda a importância do estabelecimento de uma relação de confiança entre pesquisador(a) e investigado(a), de modo que este(a) possa se sentir confortável e tenha interesse em relatar sua experiência. Minayo (2010) destaca que a história de vida pode ser completa, abrangendo toda a experiência vivida, ou tópica, que foca em uma etapa ou setor da experiência. Em estudos na área da enfermagem, por exemplo, a história de vida tem sido utilizada enfocando em um evento ou época da vida, valendo-se da nomenclatura “História de Vida Focal” (BELLATO, *et al.*, 2008). No caso desta pesquisa, utilizo a História de Vida Focal pois, mais do que conhecer toda a experiência vivida pelas mulheres pesquisadas, interessa aprofundar a experiência em torno do trabalho e do histórico laboral, considerando, sobretudo, passado e presente.

As entrevistas em profundidade foram orientadas por um tópico guia que, conforme Gaskell (2002), mais do que trazer perguntas específicas, deve constituir-se de um roteiro a ser seguido durante a conversação. Esse tópico guia (APÊNDICE B) compreende temas referentes à história de vida e de trabalho das mulheres (História de Vida Focal), a experiência no trabalho na agroindústria, a divisão de tarefas, o cotidiano e os sentidos e efeitos do trabalho desenvolvido, sendo flexível a ajustes no decorrer do processo de pesquisa. Sobretudo com relação ao trabalho, interessava compreender “elas por elas mesmas” e a

forma como se veem e se sentem em relação ao trabalho e aos resultados deste. Assim, organizei esse roteiro de modo que houvesse quatro perguntas disparadoras, as quais eram amplas e davam espaço para a entrevistada falar livremente. Em alguns casos, essa técnica funcionou, pois a entrevistada era bastante comunicativa e espontânea. Já em outros casos, a resposta ficava muito restrita, sendo necessário que eu explorasse mais, tanto com comentários quanto com outras perguntas que abrangessem o tema da pergunta disparadora.

As entrevistas foram gravadas e realizadas no momento que ficava mais conveniente para as mulheres, geralmente à tarde, após o almoço ou à noite, de forma concomitante à observação participante do trabalho e do cotidiano das mulheres em suas propriedades rurais. A observação participante permite que a(o) pesquisadora realize a coleta de dados por meio da sua participação na vida cotidiana do grupo ou da organização em que ela(e) estuda (BECKER, 1994). Desse modo, permaneci nas propriedades pelo período de algumas horas, ou de dois a três dias, dependendo de cada caso.

Durante essa observação procurei registrar o máximo de situações que interessavam aos objetivos do estudo. Para anotar as observações utilizei o diário de campo, que tem o intuito de registrar elementos que as outras técnicas não capturam, se concretizando não apenas no registro descritivo, mas também reflexivo, interpretativo e interrogativo. Procurava fazer as anotações, em caderno físico, ao final do dia, antes de dormir, pois era um dos poucos momentos em que eu ficava sozinha e tinha maior espaço para pensar no que havia visto e vivenciado ao longo do dia. Porém, muitas vezes tive dificuldade em fazê-lo.

Geralmente, eu chegava ao final do dia bastante cansada, física e mentalmente, pois era uma rotina muito diferente da minha, com muitas atividades, muitas idas e vindas entre casa e agroindústria, casa e pátio, casa e galpão, muita escuta, muitas conversas e sempre havia alguém junto comigo, sejam as mulheres ou algum outro familiar. Então, quando chegava a hora de escrever no diário, ou eu estava cansada e com muito sono, ou eu estava cansada e com tantos pensamentos acelerados sobre o que vivenciei no dia que não conseguia dormir, mas, também, não conseguia escrever. Outras vezes, quando a casa em que estava acomodada era feita de madeira e o quarto em que estava era ao lado do quarto de outros familiares, eu sabia que se deixasse a luz acesa para escrever no diário, a claridade ia passar para os outros cômodos e poderia atrapalhar. Nesses casos, procurei escrever no aplicativo de notas do celular ao invés do caderno. Teve um caso, também, em que eu compartilhei o quarto com uma das mulheres, então fiz algumas anotações no celular e outras, posteriormente, durante a viagem de retorno a Porto Alegre.

Em dado momento, pensei em acordar mais cedo para fazer esses registros de campo, mas as famílias já acordavam bem cedo e, além disso, eu sempre tive a preocupação de não atrapalhar a rotina familiar nem causar tanta estranheza, embora soubesse que a minha presença por si só já era algo que mexia com a dinâmica familiar. Para as mulheres e suas famílias, em um primeiro momento, eu era alguém da cidade, com hábitos, experiências e conhecimentos muito distintos dos seus. Sentia que, por vezes, eu era vista como professora, seja em função da atuação como tutora no Plageder, seja pelo fato de estar fazendo uma pesquisa e representando uma universidade.

Assim como eu perguntava sobre suas vidas e adentrava na intimidade das mulheres e suas famílias, também eu era questionada sobre a minha, tanto de forma explícita quanto implícita. Procurei ser transparente sobre a minha vida, agindo e reagindo com franqueza, de modo que, ao passo que as trocas e o convívio iam se dando, parte dessa visão inicial sobre mim ia se desfazendo, pois as famílias iam descobrindo minhas origens rurais, meu paladar semelhante ao delas e outros aspectos que faziam com que elas passassem a me enxergar como alguém menos distante das suas realidades e tão humana quanto elas. Nesse sentido, conforme aponta Caldeira (1981), a relação entre pesquisador(a) e pesquisado(a) não é neutra, podendo sofrer variadas interferências e, além disso, assim como o(a) entrevistador(a) faz perguntas durante uma pesquisa, também é interpelado(a) a responder, esclarecer, tirar dúvidas. Para a autora, estabelece-se, assim, uma relação de troca, em que ambos aprendem.

A maioria das mulheres me recebeu em suas casas, onde eu passava algumas horas (cerca de 4 ou 5 horas) ou alguns dias (entre 2 e 3 dias) e, nesse caso, eu pernoitava em suas residências. Pernoitar ou não na casa das mulheres participantes da pesquisa envolvia a disponibilidade delas em me receber e, também, o nível de afinidade existente e/ou gerado. Algumas mulheres eu visitei mais de uma vez, como é o caso de Adelaide, Cecília, Olívia, Joana, Sofia, Amélia e Madalena. Esses encontros em momentos distintos foram interessantes para estreitar vínculos e qualificar a geração de dados, visto que a rotina de trabalho das mulheres sofre algumas alterações conforme a época do ano, pois é influenciada pela colheita, pelo clima e também pelos eventos que ocorrem no município.

Apenas Clarice preferiu não me receber em sua casa, sugerindo que o nosso encontro ocorresse num domingo à tarde, na casa de sua mãe, onde ela e a família passariam o dia. Aliás, no primeiro contato que tive com Clarice, ela recusou em participar da pesquisa, argumentando que por conta de sua mãe estar com problemas de saúde, ela estava com a rotina de trabalho muito intensa, não havendo espaço para me receber naquele momento. Depois de algum tempo, Olívia, sem que eu pedisse, comentou com o esposo e,

posteriormente, com a filha de Clarice, que eu havia ido na casa da família dela e de outras pessoas conhecidas, questionando porque na casa deles não seria possível a minha visita. Assim, Olívia acabou agendando esse encontro e me comunicando depois. Devo confessar que no dia combinado eu estava bastante apreensiva, pensando que talvez Clarice estivesse me recebendo contra a sua vontade, por pressão do marido, da filha ou da própria Olívia. Acredito que além da falta de tempo, Clarice tinha receios sobre como seria esse contato comigo, por isso a recusa inicial e, também, a certa indiferença com que me tratou nos momentos iniciais da minha chegada na casa de sua mãe, onde, como já mencionado, foi realizado o encontro. No entanto, ao final da entrevista, que foi realizada sob a sombra de uma árvore, com distância dos familiares, Clarice me disse que havia gostado da nossa conversa, me convidou para ir a sua casa em outro momento e, ao se despedir, me abraçou com bastante força, revelando muita afetuosidade.

Nessa perspectiva, Caldeira (1981, p. 340) afirma que a entrevista é “uma ocasião excepcional que, ao colocar um distanciamento do cotidiano vivido, permite ordenar um pouco pedaços de experiências que foram sendo acumulados com o correr do tempo, sob a forma de fragmentos dispersos, que ficaram sem conexões nem explicações.”, podendo se transformar em uma conversa íntima e densa e, portanto, terminar em tom de gratidão, nostalgia, tristeza, alívio, etc. Nesse sentido, assim como Clarice, outras mulheres entrevistadas também expressaram, ao final da entrevista, que gostaram do momento. Madalena afirmou que não tinha sido uma entrevista, mas sim uma conversa. Olívia disse que pareceu uma sessão de terapia. Lurdes agradeceu e questionou se havia respondido a contento. Cecília, Sofia, Amélia, Rose, Madalena derrubaram lágrimas durante a entrevista. Adelaide deu boas gargalhadas para canalizar a emoção que claramente estava estampada em seu rosto, assim como Olívia e Matilde que choraram por dentro, mas por fora se mantinham firmes. Lídia, a seu modo, desabafou. Eu também me emocionei em vários momentos. E, sem naquele momento conhecer o texto de Caldeira (1981), fiz o que ela recomenda: que não sejam negadas as emoções do(a) pesquisador(a), porque estão sempre presentes e, também, porque podem ser importantes fontes de informação.

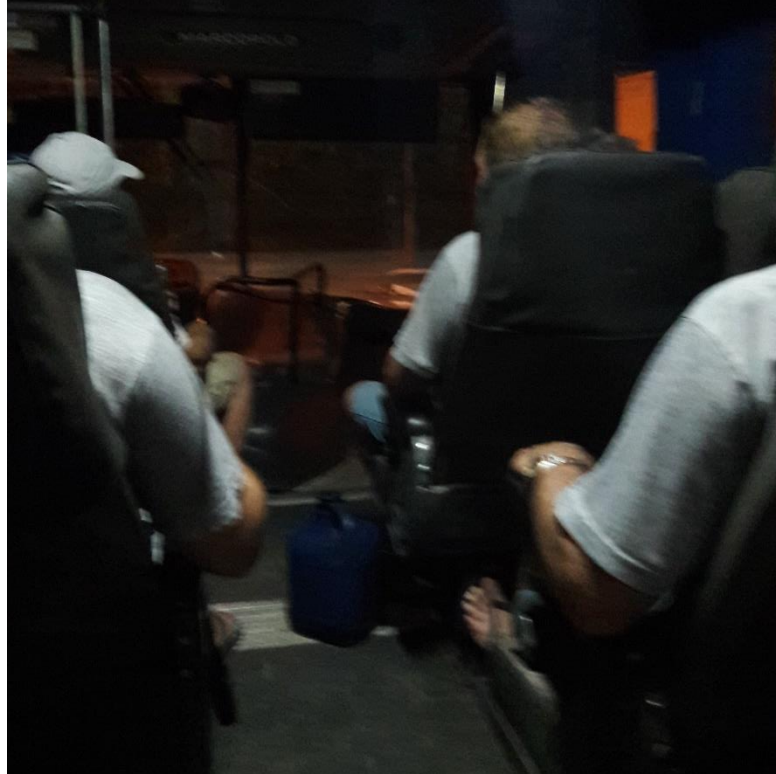
Nessa etapa da geração de dados em campo, Olívia foi uma interlocutora importante no município de Gramado, pois além de indicar outras mulheres que poderiam fazer parte da pesquisa, também intermediou o contato inicial e me ajudou com os deslocamentos entre um local e outro. Sofia também me ajudou com deslocamentos em Gramado. Em todas as visitas ao município, eu partia de ônibus de Porto Alegre e ao chegar na rodoviária de Gramado, eu pegava outro ônibus para o meio rural e/ou contava com caronas, pois esse ônibus não

passava em todas as localidades. Dessa maneira, por vezes, aconteciam desencontros. Descrevo um desses contratempos que me parece demonstrar o quanto fazer pesquisa de campo é desafiador... Certa feita, indo para a casa de Amélia e Sofia, houve desencontro entre o local da comunidade onde eu deveria esperar Sofia e o local onde eu efetivamente a esperei. Com isso, o tempo foi passando, não havia sinal de telefone e, com receio de que anoitecesse, resolvi seguir a pé até a casa delas. Confesso que senti medo, pois nesse trecho que percorri, as propriedades rurais eram distantes umas das outras, havia bastante mata e as estradas eram íngremes e, como é característico do meio rural, há pouca circulação de pessoas. Em dado momento, ao passar por uma residência, os cachorros começaram a latir e vieram em minha direção. Eu, que por receio já estava munida de uma pedra e um galho, procurei seguir caminhando como se nada estivesse acontecendo. Por sorte ou coisa parecida, os cães nada fizeram além de me cheirar e, assim, consegui chegar bem ao meu destino final.

Já no município de Três Cachoeiras, foi Irene e sua família que me auxiliaram nos deslocamentos e contatos. Para ir até lá, peguei carona com seus familiares e, para voltar, consegui uma carona com os agricultores que vem fazer feiras em Porto Alegre. Esse momento foi bastante rico, pois pude acompanhar os bastidores do “fazer feira” em Porto Alegre e, também, porque estudando o trabalho de mulheres, naquele espaço do ônibus que transportava os agricultores feirantes e os produtos da feira, eu era a única mulher (Figura 2). Isso me levou a refletir sobre os espaços de trabalho ocupados pelas mulheres nesse processo e também sobre as razões da ausência delas nesse momento. Algumas dessas reflexões retomarei no Capítulo 4.

Ainda com relação à dinâmica de geração de dados em campo, além de observar o cotidiano das mulheres e seu trabalho nos diferentes espaços, seja em casa, no pátio ou na agroindústria, também participei de algumas atividades junto com elas. De modo geral, elas eram resistentes em me deixar contribuir no trabalho, tratando-me como visita, sobretudo no município de Gramado, em que receber pesquisadores em casa era incomum. Mas, aos poucos, com alguma insistência, me permitiram colaborar. Desse modo, pude colher uvas, descascar bananas, organizar as bananas nas bandejas que iam ao forno, carregar caixas de pêssego, limpar morangos (Figura 3), descascar figos, lavar louças, auxiliar na organização da cozinha, acompanhar a realização de entregas de produtos, auxiliar na organização de produtos para a feira e, também, na comercialização na feira, ajudar no cuidado de crianças, entre outros. Acompanhei algumas delas também em momentos de compras no supermercado e na farmácia.

Figura 2 - O ônibus da feira



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Essa participação mais ativa no trabalho que as mulheres desempenham fez com que eu experienciasse no corpo a intensidade da rotina delas. São muitas atividades em pé, carregando peso, sentindo ora o calor de fornos e fogões, ora o frio da câmara fria. Ao mesmo tempo em que sentia cansaço físico, também sentia satisfação em poder vivenciar esses momentos com elas, reconhecendo a importância da pesquisa de campo para a compreensão ampla do trabalho realizado pelas mulheres participantes da pesquisa.

Figura 3 - Pesquisa de campo

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

À medida que a pesquisa de campo foi se desenrolando, senti a necessidade de captar imagens do cotidiano vivenciado. Esta necessidade se deve, por um lado, ao meu apreço pessoal por imagens, sobretudo fotografias, e, por outro lado, ao potencial narrativo das imagens fotográficas (ACHUTTI, 2004; GODOLPHIM, 1995). As fotografias têm um potencial de comunicação que, por vezes, se têm dificuldades de alcançar somente com o texto escrito, pois permitem as(aos) leitoras(es) visualizar o campo pesquisado, possibilitando melhor compreensão de elementos do contexto, da ação, das vestimentas e outros (SALVAGNI, 2016). As primeiras imagens foram feitas com um smartphone (SAMSUNG Galaxy J7) e as demais com uma câmera semiprofissional (NIKON Coolpix P520).

A princípio, fotografei, despretensiosamente, momentos e lugares que me chamavam a atenção, como o jardim, o manejo dos animais e a horta. Depois, procurei direcionar os registros fotográficos para o trabalho realizado pelas mulheres nos distintos espaços que atuam, com ênfase para o trabalho envolvido no processamento de alimentos da agroindústria. Meu interesse maior estava na execução das atividades e nas diferentes etapas do processamento de alimentos. Desse modo, parte das fotografias tem foco no gestual das mulheres durante o seu trabalho. Cabe mencionar que os registros foram realizados conforme

as atividades que estavam sendo desempenhadas no momento em que estive em campo, desse modo, há etapas do trabalho que não foram contempladas.

Sempre perguntava se podia captar imagens e explicava que o intuito era registrar o trabalho das mulheres, visto que é o foco principal do estudo, e que podiam continuar realizando suas atividades normalmente, como se não estivessem sendo fotografadas. De modo geral, a câmera foi bem recebida tanto pelas mulheres quanto por suas famílias. Ainda assim, há poucos registros do trabalho realizado dentro de suas casas. Isto se deve a duas razões principais: por um lado, houve certa rejeição da câmera no ambiente doméstico, pois elas acreditavam ser insignificante tirar fotos do cotidiano de trabalho na cozinha, por exemplo, e, por outro lado, eu não me sentia muito confortável em ligar a câmera, por entender que poderia invadir a privacidade das mulheres e suas famílias. Já no ambiente da agroindústria e nas atividades entendidas como produtivas, essa recusa ou desconforto não ocorreu.

As fotografias foram interessantes para estreitar vínculos com as mulheres, pois configuram-se em algo mais palpável para elas. Após retornar do campo, eu selecionava algumas fotos e enviava para elas por WhatsApp (isso foi possível para aquelas que tinham o aplicativo). Essa dinâmica de devolver as fotos foi muito gratificante, sobretudo quando as vejo usando as fotos nas suas redes sociais pessoais, das agroindústrias ou ainda em postagens de outras organizações da agricultura familiar das quais fazem parte.

Por fim, é importante destacar que, mesmo procurando capturar os acontecimentos na sua espontaneidade, era notório que havia algum tipo de organização para o momento, seja parando os movimentos do corpo na hora do clique ou arrumando algum item do espaço que supostamente estava fora do lugar. Esta consideração estende-se a toda esta etapa de geração de dados, pois é preciso ter claro que as mulheres não contaram a sua história, mas sim trabalharam essa história. Como afirma Caldeira (1981, p. 345), “o depoimento não existia pronto para ser dito; ele é construído a medida em que vai sendo dito”. As mulheres participantes da pesquisa não apresentaram a vida delas na sua total espontaneidade, pois refletem sobre suas vidas. Desse modo, o que farei é uma reflexão de segunda ordem, vinculada a conceitos e por meio de técnicas de análise de dados, as quais descrevo na próxima seção.

2.2 SOBRE A ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS

Para analisar os dados gerados por meio da pesquisa de campo, emprego a análise temática proposta por Braun e Clarke (2006), a qual “é um método de análise qualitativa de dados para identificar, analisar, interpretar e relatar padrões (temas) a partir de dados qualitativos.” (SOUZA, 2019, p. 52). Embora o texto de Braun e Clarke (2006) enfoque o uso desse método para as pesquisas na área da psicologia, não se exclui a utilização em outras áreas do conhecimento, dada a sua flexibilidade e colaboração para uma análise interpretativa dos dados. As autoras descrevem seis fases para a realização da análise temática (Quadro 3), mas alertam que, embora existam essas fases, a análise não é um processo linear, mas sim recursivo, com movimentos de vai e vem ao longo das fases, conforme a necessidade.

Quadro 3 - As fases da análise temática

Fase 1: familiarizando-se com os dados
Fase 2: geração de códigos iniciais
Fase 3: pesquisa de temas
Fase 4: revisão de temas
Fase 5: definição e nomenclatura de temas
Fase 6: produção do relatório

Fonte: Adaptado de Braun e Clarke (2006).

Entre a primeira e a segunda ida a campo, procurei transcrever as entrevistas que já havia realizado. Esta estratégia ajudou muito a melhorar a minha desenvoltura na condução das entrevistas que ainda estavam por realizar, aprimorando, assim, a geração de dados. A duração das entrevistas que realizei variou entre 36 minutos e 2h15, dependendo do perfil de cada entrevistada. Desse modo, a transcrição de todas as entrevistas foi um processo árduo e demorado, mas importante porque conforme ia acontecendo, ia me fazendo reviver o momento da entrevista, com todas as suas nuances, propiciando *insights* e reflexões que não seriam possíveis se por ventura eu terceirizasse essa etapa da pesquisa para outrem.

Nesse sentido, ao passo que fui transcrevendo as entrevistas, fui também me familiarizando com os dados (*fase 1*) e, após concluir essa etapa, busquei auxílio do *software NVivo* para dar sequência à análise e geração de códigos iniciais. Cabe mencionar que o processo autodidata de aprender a utilizar o *software* demandou algum tempo, mas facilitou a codificação. Para tanto, realizei a leitura de todo o material transcrito, codificando os trechos que interessavam e se destacavam nas entrevistas (*fase 2*). Foram gerados mais de cem

códigos que, posteriormente, foram agrupados em grandes temas (*fase 3*). Para fazer isso, busquei identificar padrões repetidos e códigos que contém informações que se complementam mutuamente.

Ao longo da identificação, revisão e definição de nomes dos temas (*fases 3, 4 e 5*), procurei atentar para os objetivos da tese, o que facilitou a organização geral dos temas e construção dos capítulos de resultados da pesquisa (*fase 6*). Essas fases da análise temática ocorreram de maneira bastante recursiva, conforme Braun e Clarke (2006) alertaram. O agrupamento de temas também foi realizado utilizando o *NVivo*, por meio da união dos nós (códigos) em conjuntos (temas).

Além disso, durante a análise, procurei realizar a compreensão mais semântica dos dados gerados em campo, de modo a buscar o sentido atribuído às mensagens verbais ou simbólicas (BARDIN, 2002). Franco (2005, p. 15) esclarece que nesse tipo de compreensão, “o sentido implica a atribuição de um significado pessoal e objetivado, que se concretiza na prática social e que se manifesta a partir das representações sociais, cognitivas, valorativas e emocionais, necessariamente contextualizadas”. Assim como o gênero, o sentido que as mulheres atribuem ao seu trabalho também é uma construção social, pois é por meio das relações sociais que as pessoas constroem os seus repertórios para compreender, lidar e explicar as situações a sua volta e a sua vida (SPINK; MEDRADO, 2013). Dessa forma, esse tipo de análise permite considerar o contexto que gera determinada situação.

As fotografias também compuseram a análise, portanto, houve um processo de escolha das fotos que compõem a tese. Esta escolha não é neutra, nem simplesmente ilustrativa, propiciando recursos para pensar e compreender o trabalho das mulheres interlocutoras da pesquisa. Como afirma Godolphim (1995, p. 169) “a imagem não meramente ilustra o texto, nem o texto apenas explica a imagem, ambos se complementam, concorrem para propiciar uma reflexão sobre os temas em questão”. Assim, as fotos apresentam-se costuradas ao longo da tese, assim como as falas das interlocutoras. Aquelas fotos em que o rosto das pessoas fotografadas aparecia muito claramente foram editadas de modo a dificultar uma possível identificação.

Cumprе ressaltar que as imagens apresentadas na tese são fruto do enquadramento amador de uma pesquisadora em campo, com uma câmera na mão e um objetivo mais ou menos claro em mente, mas sem conhecimentos técnicos de fotografia e captação de imagens. Além disso, trabalhei sempre na perspectiva de um ensaio visual, tanto na captação quanto na análise. Ensaio são uma primeira tentativa de alguma coisa, são para treinar e experienciar.

Nesse sentido, justifica-se que a parte visual da tese não tem obrigação com a excelência, mas sim a intenção de ensaiar, de se propor ensaiar.

Convém mencionar que após todo o tempo e esforço dedicado em usar o *NVivo*, trabalhar os códigos, categorias e temas para análise dos dados gerados em campo, a licença da UFRGS com o *software* expirou⁸, de modo que, inicialmente, foi possível concluir a escrita de apenas um dos capítulos de resultados da tese utilizando o *NVivo*. Na ocasião, ocorrida em junho de 2021, a UFRGS informou que havia encaminhado novo processo de compra do *software*, porém não dispunha de recursos para efetivar a contratação naquele momento. Desse modo, sem conseguir acessar os arquivos e utilizar o *NVivo*, foi necessário pensar e buscar outras estratégias para prosseguir com o trabalho. Passados dois meses, o processo de contratação do *software* foi concluído, sendo disponibilizada a nova versão do *NVivo* com a licença renovada, de modo que pude utilizá-lo novamente. Porém, esta situação além de demandar tempo, gerou em mim um sentimento de muita frustração, refletindo negativamente tanto no andamento da escrita da tese, quanto no uso do *software* de forma mais aprofundada.

Cabe ressaltar também que todas as etapas da construção dessa tese apresentaram seus desafios, mas a análise e tratamento dos dados foi a fase mais difícil. Além do problema com a licença do *NVivo*, esta etapa foi realizada em contexto de pandemia de COVID-19, o que refletiu não só na impossibilidade de continuar a pesquisa de campo, mas em isolamento social e impossibilidade de acesso à estrutura da Universidade (bibliotecas, restaurante universitário, laboratório de informática).

Por fim, dadas as circunstâncias, entendo que esse arranjo metodológico foi adequado para pensar a complexidade e a interdisciplinaridade do tema, possibilitando destacar nuances e subjetividades do cotidiano de trabalho das mulheres que compõem o estudo. O próximo Capítulo apresenta a história de vida e de trabalho das mulheres interlocutoras da pesquisa, possibilitando (re)conhecê-las.

⁸ Convém mencionar que, ao planejar o uso do *NVivo*, foi realizada consulta ao setor responsável pelo *software* na UFRGS. O processo de renovação das licenças do *NVivo* na UFRGS sempre ocorreu de modo célere, sem comprometer o uso do programa, porém, os tempos que nos tocam viver são de escassez de investimentos em educação e de ataques constantes às Ciências Humanas, principal público do *software*.

3 HISTÓRIAS DE VIDA E DE TRABALHO DE MULHERES RURAIS EM CONTEXTOS DE AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES

Este capítulo tem o objetivo de apresentar as histórias de vida e de trabalho das mulheres rurais interlocutoras da pesquisa. As treze mulheres protagonistas do estudo, embora singulares em suas existências, compartilham de características comuns, as quais são detalhadas e apresentadas de maneira conjunta neste capítulo. Nesse sentido, é importante fazer algumas considerações iniciais. A primeira delas é que ao descrever a história das mulheres estou, também, descrevendo um pouco da minha própria história, da minha mãe, das minhas avós e de outras mulheres da minha família. Por um lado, essas experiências que compartilho com as interlocutoras da pesquisa possibilitam a compreensão das suas histórias de forma bastante empática, favorecendo a criação de laços. Por outro lado, é necessário “transformar o familiar em exótico”, como aponta DaMatta (1978, p. 4). Essa transformação é como “um movimento drástico onde, paradoxalmente, não se sai do lugar” (DAMATTA, 1978, p. 5), concretizando-se, assim, em uma tarefa desafiadora e difícil de cumprir em sua totalidade, pois a realidade, ainda que exótica, é sempre filtrada por aquele que a observa (VELHO, 1981).

A segunda consideração é que esta tese adota a perspectiva analítica da construção social do gênero. Para tanto, ampara-se no conceito de gênero cunhado por Joan Scott (1995, p. 86), em que ela afirma que “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.”. Com base nisso, tomo o campo do trabalho como estrutura social para discutir gênero. Essa escolha justifica-se com base nos seguintes aspectos: as relações de trabalho são permeadas por relações de poder; o trabalho é uma forma de organização social; o trabalho permite mostrar como se instituem as hierarquias e desigualdades na vida prática; o trabalho confere identidade e possibilita reconhecimento e o trabalho é uma fonte inesgotável de discussão. Além disso, penso que a partir da divisão sexual do trabalho é possível compreender as relações de gênero – que são relações de poder, conforme Scott (1995) – e conhecer como essas relações têm se estruturado no meio rural, mais especificamente em propriedades rurais que se dedicam ao processamento de alimentos.

A terceira e última consideração refere-se ao fato de que os dados apresentados no capítulo têm como pano de fundo o trabalho, então a história das mulheres é contada a partir dessa perspectiva temática. Entende-se, nessa pesquisa, o trabalho a partir de um conceito ampliado, ancorado na Divisão Sexual do Trabalho, que inclui tanto as atividades realizadas

na esfera profissional quanto na esfera doméstica e/ou de cuidado, quer seja formal ou informal, remunerado ou não remunerado (HIRATA, 2010; KERGOAT, 2019). Buscando esclarecer sobre esses conceitos, recorro a alguns autores e autoras que, em boa medida, dialogam com o rural. Nesse sentido, Staduto (2015) afirma que o trabalho produtivo refere-se ao trabalho remunerado e ao espaço público, já o trabalho reprodutivo está vinculado às atividades que, comumente, não são remuneradas, aos afazeres domésticos, ao espaço privado. O trabalho de cuidado ou de *care*, por sua vez, é definido por Kergoat (2016, p. 17) “como uma relação de serviço, apoio e assistência, remunerada ou não, que implica um sentido de responsabilidade em relação à vida e ao bem-estar de outrem.”.

Para Paulilo (2004), o conceito de trabalho produtivo foi criado para situações em que ocorre a obtenção de mais-valia. A autora afirma ainda, com base em seus estudos no universo do trabalho familiar rural, que a divisão entre trabalho reprodutivo e trabalho produtivo se dá da seguinte forma: é produtivo e pesado se feito pelo homem, é reprodutivo e leve se é atribuição das mulheres (PAULILO, 1987; 2004). Assim, trabalho pesado e trabalho leve são considerados por Paulilo (1987) como categorias que variam de acordo com o gênero do trabalhador e as condições de exploração agrícola, de modo que o trabalho leve pode ser moroso, exigir tempo e esforço, mas, ainda assim, é leve se realizado por mulheres.

Já o conceito de cuidado, assim como os conceitos de trabalho e gênero, é multidimensional e transversal, sendo difícil traduzi-lo por ser polissêmico (HIRATA, 2014). Segundo Herrera (2016, p. 218), o trabalho de cuidado diz respeito ao “componente do trabalho reprodutivo que não equivale ao trabalho doméstico, mas que usualmente é realizado em conjunto com as atividades domésticas.”. Esses conceitos estarão presentes ao longo do capítulo (e da tese) a partir dos dados gerados na pesquisa de campo.

Nesse sentido, o capítulo encontra-se dividido em três seções. A primeira delas apresenta as características mais gerais das mulheres, como idade, escolaridade, casamento, maternidade, entre outros aspectos, de modo que seja possível começar a conhecer e reconhecer a história de vida delas. Na segunda seção, procuro abordar a inserção das mulheres no trabalho, buscando identificar em que momento das suas vidas se deu essa inserção, quais eram as atividades realizadas e como foi esse processo. Na seção que encerra o capítulo, busco aproximar a trajetória das mulheres do tempo presente, ao tratar do trabalho nas agroindústrias familiares.

3.1 ESCOLARIDADE, CASAMENTO, MATERNIDADE, ORIGEM E FÉ: ASPECTOS DA VIDA DAS PROTAGONISTAS DO ESTUDO

O campo empírico que analisei é formado por mulheres que, embora singulares em suas experiências, têm em comum o fato de serem agricultoras e integrarem agroindústrias familiares, onde processam alimentos que são destinados à comercialização. Algumas características básicas das mulheres foram apresentadas no Capítulo 2, porém, de forma breve e com objetivo de explicar a metodologia utilizada. Desse modo, nas próximas seções procuro explorar e relacionar as principais características das mulheres, com o intuito de que, por meio dessa construção, seja possível um sobrevoo por aspectos comuns e singulares na composição da história de vida delas.

3.1.1 Para além da escolaridade

Dentre as treze mulheres interlocutoras desta pesquisa, duas são idosas (66 e 61 anos de idade), sete são adultas (entre 31 e 58 anos) e quatro são jovens (entre 22 e 28 anos), segundo os grupos de idade do IBGE (2018c). A idade das mulheres que investiguei tem relação direta com o nível de escolaridade. As mulheres de menos idade têm maior escolaridade, sendo que uma delas é pós-graduada (mestrado), quatro estão cursando graduação e duas tem ensino médio completo. Já as mulheres de mais idade têm menores níveis de escolaridade, dado que cinco delas tem o ensino fundamental incompleto e uma o ensino médio incompleto.

Com base nos dados empíricos, entende-se que isso se deve às condições de acesso à educação, pois as escolas das comunidades rurais onde as mulheres viviam só ofereciam ensino até certo ponto, geralmente os anos iniciais do ensino fundamental, sendo necessário, para dar continuidade aos estudos, o deslocamento até a cidade, o que era dificultado pela inexistência de transporte escolar gratuito. Isso é evidenciado na fala de Lurdes: “estudei só até a sexta série, era longe, era de ônibus e naquele tempo tinha que pagar, né” e também na afirmação de Lídia: “eu fiz até o último ano de escola aqui, que não tinha mais no meu tempo, tinha até a sétima série assim, depois não tinha mais aqui no tempo que eu estudava, já os meus filhos puderam ir pra Gramado, e eu não tinha aquela época”.

Algumas mulheres tentaram dar sequência aos estudos mais tarde, por meio do programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA)⁹, como é o caso de Clarice, que pode terminar a educação básica. Ao explicar sobre sua vida, ela revela as dificuldades que teve com relação ao acesso à educação quando criança/adolescente:

Só tinha até a quarta série ali [na escola], da primeira até a quarta, daí depois eu fiz na cidade assim, supletivo, até o ensino médio assim, aí é isso de estudo, porque na época tinha assim alguma coisa, acho que uma kombi, que levava eu acho quem quisesse estudar na cidade né, só que tinha que pagar né o valor [do transporte] e daí não tinha muito como pagar né. (ENTREVISTA COM CLARICE, 2020)

Também pelo EJA, Adelaide, na época com 55 anos, retomou os estudos para concluir o ensino fundamental, mas acabou desistindo, justificando que estava muito cansada. Já as mulheres mais jovens, que passaram pelo processo de mudança de escola rural para a escola urbana para poder dar continuidade aos estudos e cursar o ensino médio, relatam outros desafios. Madalena comenta que “na nossa época não tinha ensino médio [na escola da comunidade], ia estudar no centro e tinha que comprar [lanche] né, se tu queria, e se tu levava, tipo, ah, se tu levava uma bolachinha uma coisa, mas ã, aqueles colegas daí te gozavam né”. Cecília também relata sobre as diferenças da escola da comunidade rural para a escola da cidade, afirmando que: “o momento que a gente foi estudar no ensino médio, que aqui não tinha, daí pra mim era horrível, naquele colégio assim, totalmente fechado assim, era... enfim, aquela liberdade que a gente tinha aqui foi assim meio estranho ir naquele lugar” e complementa dizendo que ela e as irmãs sofriam *bullying* dos colegas no ensino médio “até com pessoas que nos conheciam assim sabe e tinham um preconceito que a gente era agricultor assim”.

Esse “ser agricultor(a)” que Cecília comenta está relacionada a uma identidade “colona” (MENASCHE, 2010), que se expressa na alimentação, na cultura, no jeito de falar, no modo de viver. Essa identidade pode, não raro, ser associada a uma imagem estereotipada, relacionando-a, por exemplo, ao personagem Jeca Tatu da obra literária de Monteiro Lobato (HENN, 2010). O personagem de Lobato é um agricultor preguiçoso, pobre e sujo que, por conta de sua ignorância e atraso, não sabia aproveitar as terras que possuía, representando

⁹ A EJA é a modalidade do Ministério da Educação (MEC) que possibilita o retorno ao ambiente escolar, possibilitando que pessoas que, por algum motivo, não concluíram a educação básica no ensino regular, possam fazê-la em um período de tempo menor do que seria na educação regular. O nome Ensino Supletivo foi atribuído a essa modalidade de ensino, sendo substituído por Educação de Jovens e Adultos (EJA) pelo MEC (SILVA, 2020), se popularizando a partir dos anos 2000.

também um empecilho ao progresso (HENN, 2010; FROSSARD, 2003). A fama do personagem Jeca Tatu contribuiu para a formação de uma narrativa negativa em torno da agricultura nos moldes da agricultura familiar, originando um estigma¹⁰ em ser agricultor(a), pois “essas marcas e atributos, representados pelo personagem da literatura, vão criando nas pessoas uma imagem deteriorada para si mesmas” (HENN, 2010, p. 114).

Os dados gerados na pesquisa de campo evidenciam que esses estigmas repercutiram na educação formal das mulheres pesquisadas, pois como revelou Cecília depois que desliguei o gravador: “eles [os colegas] chamavam a gente de fedido”. Ouvir e relembrar isso é dolorido. Eu, Jaqueline, me identifico muito com esses relatos das mulheres sobre a época da escola, pois vivi coisas semelhantes. Quando criança, minha família saiu do meio rural para morar na cidade e, por isso, eu tive que mudar de escola, saindo da escola localizada no meio rural para a escola da cidade. Foi muito difícil a adaptação. Lembro de chorar todos os dias querendo voltar para a escola antiga, onde os colegas falavam como eu – com relação ao uso do “R”¹¹ – e isso não era motivo de piadas, assim como meu caderno de “capa mole” também não era razão para comentários depreciativos.

O modo de vida no meio rural é diferente daquele vivido na cidade e, sobretudo na adolescência, que por si só costuma ser uma etapa complexa, pode virar motivo para chacotas por parte dos colegas, como relatado por Joana: “na escola o que era piada pros meus colegas é que eu dirigia trator né, isso era piada pra eles né, eu dirigir trator, nossa!” – afirmação que vai de encontro ao que Brumer (2004) evidenciou em suas pesquisas, em que aponta, dentre outras coisas, que quem aprende a lidar com as máquinas e equipamentos são os homens. Cabe ressaltar que esse estranhamento, por sua vez, era recíproco, pois para as mulheres causava estranheza o ambiente da escola na cidade, pelo fato de ser mais restrito e fechado, sem tanta natureza como é comum nos espaços rurais, bem como os colegas que eram outros, com outros costumes e grupos de amizade já consolidados nas escolas, dificultando a inserção delas.

Desse modo, os desafios e as dificuldades relacionados à educação formal marcam a história dessas mulheres de distintas formas. Para Madalena, isso refletiu na continuidade dos estudos: “por isso que talvez a gente não teve tanto, acho que tem que partir, que nem tu teve

¹⁰ Segundo Goffman (2008, p. 13) o estigma é “[...] um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo”, isto é, uma marca estabelecida pela sociedade, com elementos que inferiorizam, que imputam imperfeições e traços diferenciais (RUIZ, GERHARDT, 2016).

¹¹ Regiões com a predominância de descendentes de imigrantes alemães tendem a utilizar a variante fonológica r-tepe /r/, ou r-fraco (PEREIRA; FRITSCH, 2019).

vontade sabe, por conta própria, mas acho que a gente terminou o ensino médio e não tinha ânimo sabe pra continuar, correr atrás”. Nesse sentido, é relevante a reflexão que Menasche (2010, p. 211-212) faz a partir de suas pesquisas com jovens no interior do Rio Grande do Sul:

[...] jovens rurais e urbanos frequentam as mesmas escolas e trabalham nas mesmas fábricas, vestem-se do mesmo modo, escutam as mesmas músicas e frequentam os mesmos bailes. Mas isso não significa que se tenham tornado iguais. Em seus sistemas classificatórios parecem permanecer percebendo-se e sendo percebidos como distintamente valorados [...].

Além disso, as mulheres comentam sobre os altos custos dos cursos nas Universidades próximas, que são todas privadas, como afirma Sofia: “depois eu não tive mais oportunidade de estudar, não por não querer né, mas porque tem um custo grande, a gente sabe que tem isso”. Nesse sentido, para algumas delas, ressalta-se a importância da Universidade Aberta do Brasil (UAB) que, por ampliar o acesso ao ensino superior gratuito no interior dos estados, possibilitou o ingresso no curso de graduação e, no caso de algumas das interlocutoras desta pesquisa, mais especificamente, no Plageder.

3.1.2 Casamento e maternidade

Outros aspectos a considerar nessa seção que procura trazer as características gerais das mulheres estudadas, referem-se ao estado civil, a maternidade e a situação de moradia, pois são atributos importantes para pensar o trabalho, o qual será abordado de maneira mais específica nas próximas seções e capítulos. Nesse sentido, dentre as treze mulheres, nove são casadas e quatro são solteiras, porém duas destas vivem com seus namorados, em união estável¹². Dentre as mulheres casadas, apenas Amélia e Lídia se casaram antes de completar 20 anos de idade, com 18 e 16 anos, respectivamente, as demais casaram com idade entre 20 e 30 anos. Dessa maneira, o tempo de casadas dessas mulheres varia entre 10 e 51 anos.

Um ponto interessante é que seis delas casaram e foram morar na propriedade da família dos seus maridos, fato que pode estar relacionado aos padrões de sucessão e transmissão de patrimônio por meio de herança na agricultura familiar. De modo geral, um

¹² Conforme o Código Civil, a união estável não altera o estado civil, por isso essas duas mulheres estão incluídas como solteiras.

filho homem é o sucessor¹³, dando continuidade ao trabalho dos pais na propriedade rural e, não raro, o arranjo¹⁴ de transmissão de herança indica ainda que este herdeiro será o responsável pelo cuidado dos pais na velhice (SPANEVERELLO, 2008; STROPASSOLAS, 2004; PAULILO, 2004). Quando isso ocorre, recai sobre as mulheres (noras) a maior parte do trabalho de cuidado dos sogros idosos (MACIAZEKI-GOMES, *et al.*, 2019; HERRERA, 2019).

Contudo, no momento em que a pesquisa de campo foi realizada, a situação de cuidado¹⁵ de sogros idosos só era presente no caso de Adelaide e de Aurora. Em ambos os casos, os sogros não têm grandes problemas de saúde, mantendo alguma autonomia e atuando ainda em algumas atividades na propriedade.

Ainda com relação à moradia depois do casamento, as demais mulheres casadas têm dinâmicas diferentes. No caso de Irene, ocorreu o inverso ao relatado anteriormente, pois o seu marido é que saiu de sua casa para morar na propriedade rural da família dela. Clarice e o marido foram morar em outro estado após casados, mas ela já não morava mais na casa de seus pais na época. Já Lídia casou e seguiu morando na casa dos seus pais, com o marido, até comprarem a propriedade rural onde vivem até hoje. No caso das duas mulheres em união estável, também ocorre o mesmo que com Irene, ou seja, os companheiros vieram morar na propriedade da família das mulheres. Isso chama a atenção, pois é o contrário do que comumente acontece em contextos rurais.

Com relação à maternidade, dentre as nove mulheres que são casadas, oito são mães. As demais mulheres não têm filhos. Todas as mulheres que são mães relataram, cada uma a sua maneira, que após a chegada dos filhos elas se sentiram mais felizes, mas, por outro lado, revelam que a maternidade trouxe uma carga maior de responsabilidade e de trabalho. Clarice, que é mãe de duas meninas jovens, afirma que a maternidade trouxe: “[...] alegria né e responsabilidade também né”. Ela comenta ainda que foi importante ter a mãe perto quando a

¹³ Entretanto, o Código Civil atual determina uma sistemática mais rígida ao tratar de sucessões. São duas as espécies de herdeiros (art. 1.786): legítimos, definidos por lei, são os descendentes, ascendentes, cônjuge ou companheiro e parentes colaterais até o quarto grau (art. 1.829); testamentários, aqueles que adquirem essa condição exclusivamente pela última vontade do testador. Não havendo testamento, o patrimônio é dividido em partes iguais entre os herdeiros legítimos. Já no segundo caso, a existência de herdeiros necessários (descendentes, ascendentes ou cônjuge, art. 1.845) limita a disposição testamentária em 50% do patrimônio do falecido (art. 1.789), uma vez que a outra metade é reservada, obrigatoriamente, para esses herdeiros que do montante receberão quinhões semelhantes entre si. Importante, aos testamentários não é garantido quinhão mínimo, sendo ele adstrito apenas pelo animus do testador. Por fim, herdeiro legítimo poderá também ser herdeiro testamentário. (BRASIL, 2002)

¹⁴ Fala-se em arranjo, pois as famílias com sucessores costumam se organizar, cada uma a sua maneira, de modo a permitir que haja reprodução da atividade (SPANEVERELLO, 2008).

¹⁵ O trabalho de cuidado será abordado no Capítulo 4.

filha mais velha nasceu, pois recebia sua ajuda nos cuidados da bebê e da casa.

Clarice chama a atenção para a importância da rede de apoio social¹⁶. Esta pode ser entendida como o sistema de pessoas, sejam familiares, amigos, vizinhos, profissionais da saúde, ou outros, que dão apoio ao indivíduo diante de situações de estresse da vida, como o nascimento de um filho (RAPOPORT; PICCININI, 2006). Esse apoio pode ser de natureza material, emocional ou informacional e, comumente, no puerpério é realizado pelo pai da criança e pelos avós, sobretudo as mulheres (RAPOPORT; PICCININI, 2006; PRATES, SCHMALFUSS; LIPINSKI, 2015).

Nessa direção, Irene, que é mãe de duas crianças, sendo que à época da pesquisa de campo uma ainda era bebê (7 meses), afirma: “eu tenho mãe, tenho vó, tenho a madrinha do meu filho né, que é tudo aqui junto, tem a minha irmã, é uma rede de apoio muito grande né, mas a responsabilidade com eles, grande parte é nossa né, principalmente da mãe”. Ela avalia que a rotina muda bastante com a chegada dos filhos, exigindo maior disciplina com as atividades e horários, pois alterações nessa dinâmica influenciam também na vida dos filhos, sobretudo da bebê. Segundo Rapoport e Piccinini (2006, p. 89), nos primeiros meses de vida dos filhos, “o dia da mãe passa a ser ditado pelas necessidades do bebê”, sobretudo de amamentação, de modo que a mulher perde seu próprio ritmo diário. Nessas circunstâncias é fundamental contar com a rede de apoio, ainda que, como ressaltado por Irene, a maior responsabilidade recaia sobre a mãe.

Adelaide, que é mãe de quatro mulheres, sendo três delas também participantes dessa pesquisa (Joana, Cecília e Olívia), afirma que após a chegada das filhas, houve mudanças: “Ah mudou, mais serviço (risos)! É, mas não, foi! A gente não é que nem hoje... Eu criei elas tudo na roça e não tinha dificuldade, a gente se virava e foi levando como dava e graças a Deus eu nunca tive problema com doença com nenhuma”. Já Lurdes, que é mãe de um menino adolescente e de duas meninas, uma jovem e outra adolescente, ao ser questionada sobre os sentimentos em relação à chegada dos filhos, comenta animada:

Ai, tudo de bom, eu acho (risos), a gente ficou só nós um ano e meio acho, a primeira filha nasceu, nós era casado. Ah, chega um tempo assim que acho que tem que ter a família né, aí fica tão perdido, tem que ter os filhos, aí a família fica sem sentido eu acho só o casal muito tempo, daí foi criando, veio a ela, depois veio a outra filha, o filho quando eu vi tava grávida (risos) e foi bom viu, a gente não esperava ele, mas quando eu vi tava grávida, aconteceu, mas agradeço, porque se não fosse assim de repente não tinha ele. (ENTREVISTA COM LURDES, 2020)

¹⁶ A discussão sobre rede de apoio tem relação com o trabalho de cuidado, que será abordado no Capítulo 4.

Matilde tem um filho jovem e conta que foi uma batalha muito grande para tê-lo, pois ela tem um problema de saúde que dificulta a gestação, o que a levou a sofrer quatro abortos. Depois da chegada do filho, Matilde comenta que a vida mudou: “Nossa, a gente vai assumindo os compromissos né, porque antes de ter filho tudo é bonito, tudo é, não é que depois não é bonito, depois é mais bonito, mas é que daí é os compromissos a mais que a gente vai amadurecendo né”. Assim como sua irmã (Lurdes), ela também discorre sobre o fato de ser casada e não ter filhos: “acho que é um vazio, eu me lembro, eu tinha quatro anos né, sem ter filho, é, quatro anos casada sem ter filho”.

Os depoimentos de Lurdes e Matilde com relação ao casamento e a maternidade vão ao encontro do estudo de Trindade e Enumo (2002), que evidenciam que, para muitas mulheres, ter um filho aparece como condição para a felicidade, para a manutenção do casamento ou ainda para a legitimação do casamento. Nesse sentido, os depoimentos sinalizam ainda para a maternidade como parte de um ciclo “natural”, possivelmente vinculado aos preceitos da “natureza feminina” em que o destino das mulheres é o de esposa e mãe (COLLING, 2004) e a identidade feminina é marcada pela maternidade, biologicamente fundamentada (WOODWARD, 2000; SCAVONE, 2001). Por outro lado, esses depoimentos assinalam também para o desejo da maternidade influenciado pelo meio social (BADINTER, 1985).

Além disso, com relação a sua vida antes do nascimento do filho, Matilde destaca que “tu vai perdendo os assuntos com as amigas, porque as amigas dizem ‘ah, porque o meu filho fez isso, hoje não sei o que o meu filho’ e eu não tinha isso pra conversar sabe, daí tu fica assim né, mas acho que Deus faz as coisas na hora certa né!”. Desta forma, a não-maternidade refletia também nas relações de amizade de Matilde e, considerando que em contextos rurais os espaços de sociabilidade para as mulheres são reduzidos e circunscritos a residência, igreja e as redes de vizinhança (WEDIG *et al.* 2020), a não-maternidade pode vir a tornar esses espaços ainda mais escassos.

Nesse sentido, Madalena, casada há dez anos e sem filhos, quando questionada sobre o assunto afirma que:

A gente pretende [ter filhos] acho que mais porque a gente vê assim a necessidade que é né, a necessidade, tipo, a gente vê “ah todo mundo tem, é uma coisa da sociedade”, mas não uma coisa assim que “ai eu quero ter filho”, acho que a gente se dá tão bem assim, a gente, ele, o meu marido, não fica cobrando sabe, ele vê assim que não é o momento eu acho, não é a hora né, eu acho que vai chegar talvez o momento de... porque a gente é tão corrido, sabe?! A gente se acerta muito bem assim e a gente vê que não é o momento de ter ainda, filhos. (ENTREVISTA COM MADALENA, 2020)

A pressão social que Madalena explica sentir por não ter filhos manifesta-se pela cobrança da sociedade (e não do marido), que concebe a “maternidade como necessidade”, como algo compulsório na vida das mulheres. Nesse sentido, Badinter (1985, p. 16) destaca que “os valores de uma sociedade são por vezes tão imperiosos que têm um peso incalculável sobre os nossos desejos.”, de modo que muitas mulheres podem vir a se tornar mães por conta de um determinismo social e, não necessariamente, de um desejo seu. A “maternidade como necessidade” pode levar muitas mulheres a um processo de culpabilização, seja porque não querem ser mães ou porque, ainda que queiram, têm dúvidas e medos com relação a ter filhos (CÉSAR; LOURES; ANDRADE, 2019).

Ao encontro disso, Olívia, que está em uma união estável há bastante tempo e não tem filhos, também revela que gostaria de ter, mas se questiona sobre o melhor momento para isso e sobre o que mudaria na sua rotina, que atualmente é muito dinâmica em função do trabalho. Ela conta:

Eu quero, mas eu não sei até que ponto ter filhos vai ser satisfatório pra mim, sabe?! Porque eu gosto de tá na rua, eu fico me imaginando assim ó, como é eu vou ter um filho, que eu tenho que ficar lá, cuidando, dentro de casa, protegendo e tal, eu sei que ali meu sentimento vai mudar, tudo vai mudar né e tal, mas como é que eu vou ficar trancada dentro de casa cuidando? (risos) Não consigo, não consigo! (risos). (ENTREVISTA COM OLÍVIA, 2019)

O depoimento de Olívia parece revelar um ideal de mãe, fruto da construção social da imagem de que a mãe “tem” que cuidar e proteger os filhos e, para isso, é condicionada ao restrito e privado espaço da casa. Barbosa e Rocha-Coutinho (2007, p. 166) afirmam que “o caráter de construção social de que se reveste a condição feminina não é facilmente identificado, porque vem sendo há longo tempo legitimado por discursos científicos, filosóficos, políticos e religiosos”, de modo que a mãe perfeita é uma exigência do nosso contexto cultural que presume um amor incondicional aos filhos e que, além disso, “suplanta as possibilidades de exercer os papéis materno e laboral de maneira exequível” (TRAVASSOS-RODRIGUEZ; FÉRES-CARNEIRO, 2013, p. 118).

Assim como Madalena, Olívia também sente a cobrança da sociedade em relação à “maternidade como necessidade”: “E daí tipo assim, tem muita pressão ‘tu tem que ter filho, tu tem que ter filho, blábláblá’, e não, agora não quero ter filho!”. Nesse sentido, Barbosa e Rocha-Coutinho (2007) em estudo realizado com mulheres que não quiseram ter filhos e mulheres que adiaram a maternidade para depois dos 35 anos, apontam que, ao mesmo tempo

em que há um crescente estímulo para que as mulheres estudem e invistam em uma carreira profissional, permanece a expectativa de que um dia elas sejam mães. As autoras afirmam também que, na atualidade, algumas mulheres estão rompendo com esse discurso social que exige filhos após o casamento, de modo que conseguem impor sua decisão sobre não ter filhos ou adiar a maternidade.

Essa pressão social que existe sobre as mulheres para que elas sejam mães, se expressa na fala de uma das interlocutoras, Matilde, quando ela diz o seguinte: “Eu sempre digo, a mãe que diz e o pai que diz que não quer um filho, não sabe o que estão perdendo. Essa semana eu ouvi isso não sei de quem, daí eu disse assim: ‘vocês não sabem o que estão perdendo, é muito bom ter filho!’. Nossa, se eu não tivesse um, eu não era realizada na vida [...]”. Assim, em muitos contextos, a não-maternidade é incompreendida e negada, pois diz de uma identidade que não se é, mas que tem condições de ser (mães) (WOODWARD, 2000). Por isso que, conforme afirmam Barbosa e Rocha-Coutinho (2007), o desejo de ter ou não filhos inspira sentimentos contraditórios nas mulheres e não pode ser analisado sem considerar fatores sociais e psicológicos.

Desse modo, assim como a idade tem relação com o nível de escolaridade, os dados gerados em campo revelam que ela também tem certa relação com a maternidade, pois mesmo estando em relacionamentos estáveis há bastante tempo, as mulheres mais jovens não têm filhos e demonstram pensar muito sobre o assunto, se questionando sobre seus desejos em torno da maternidade e as pressões da sociedade e, mesmo no caso de Irene, que é uma jovem mãe, essas reflexões sobre a maternidade também estão mais presentes do que nas mulheres de mais idade, em que a maternidade parece ser considerada compulsória.

Com relação a situação das mulheres no quesito moradia, cabe destacar que algumas compartilham espaços pelo fato de serem da mesma família e residirem na mesma propriedade rural, refletindo em distintas dinâmicas de residência, as quais procuro descrever na sequência. Aurora e Irene, que são mãe e filha, vivem na mesma propriedade rural, mas cada uma na sua casa e com sua família, isto é, Aurora com o marido e Irene com o marido e dois filhos pequenos. Além deles, reside na propriedade os sogros de Aurora (avós de Irene), já idosos, e uma cunhada e o marido (tios de Irene). Algo semelhante acontece com Matilde, que mora com o marido e o filho, na mesma propriedade em que reside sua irmã Lurdes, que, por sua vez, mora com o marido e os dois filhos mais novos. Já no caso de Adelaide, que compartilha a casa com o marido e a filha mais nova, Joana, a propriedade rural é também residência das filhas Olívia e seu companheiro, Cecília e seu namorado, além da filha mais velha, seu marido e filha, e do sogro, já idoso.

No caso de Madalena, que vive com o marido, a propriedade rural é também residência dos sogros, mas cada um mora na sua casa. Já as demais mulheres, não compartilham o espaço da propriedade rural com outros familiares. Desse modo, Amélia reside com o marido e os três filhos do casal, todos já adultos, sendo um rapaz e duas mulheres. Uma delas é Sofia, também participante da pesquisa. Clarice também vive com o marido e uma das filhas em uma propriedade onde apenas eles moram. E Lídia vive somente com o marido na propriedade, pois os dois filhos do casal, já adultos, residem na cidade.

A moradia compartilhada com os familiares na mesma propriedade é algo presente no contexto da agricultura familiar, sobretudo no caso de famílias numerosas. Porém, muitas vezes isso pode comprometer a reprodução social e econômica das famílias, dada a capacidade produtiva e o tamanho das propriedades rurais, que pode não ser suficiente para assentar todos na condição de agricultores (SPANVELLO, 2008). Apesar das entrevistadas, os dados parecem indicar que a presença da agroindústria familiar como principal fonte de renda pode levar a um maior número de famílias residindo em uma mesma propriedade, sobretudo no caso de agroindústrias que não dependem da existência de grandes áreas de terra para viabilizar a produção da matéria-prima necessária ao processamento dos alimentos. Além disso, há que se considerar que alguns familiares das mulheres entrevistadas não se dedicam ao trabalho na agricultura, apenas residem no meio rural (na propriedade), participando, esporadicamente, de algumas atividades na propriedade.

Essas dinâmicas de moradia compartilhada podem suscitar outras questões, haja vista as diferenças entre gerações, a coexistência de relações afetivas e de trabalho em um mesmo espaço, bem como a propriedade/titularidade dos bens. Assim, podem surgir problemáticas como aquelas identificadas por Maciazeki-Gomes *et al.* (2019), quais sejam, os conflitos advindos dos desafios da convivência intergeracional, que refletem em diferentes costumes, formas de criar os filhos, de organizar a casa e gerir os recursos financeiros, entre outros. Nesse sentido, as mulheres entrevistadas relatam que, de modo geral, a convivência é harmônica entre os familiares, pois cada um tem sua casa. Pelo que observei e pelos dados gerados em campo, existem alguns desafios relacionados ao trabalho em família na agroindústria, como o desencontro de ideias sobre a organização do espaço físico ou sobre quem realizará determinada tarefa.

Para encerrar essa parte do Capítulo 3, em que se propôs explorar as principais características das participantes da pesquisa, a próxima subseção apresenta aspectos relacionados a cor, origem étnica e religião.

3.1.3 Pontos em comum: origem e religião

As mulheres interlocutoras da pesquisa possuem em comum a raça ou cor, a origem étnica e a religião¹⁷. Todas as mulheres entrevistadas se declaram brancas, com origens étnicas que variam entre italiana e alemã e pertencentes a religião católica. A ascendência italiana e alemã pode ser observada nos costumes, na alimentação, na fala, na arquitetura das casas, etc. Nas famílias com origem italiana se falava alto; as mesas eram sempre extremamente fartas de comida, com massa, queijo, salame, geleias; era costume fazer uma breve oração antes de almoçar, agradecendo a Deus pelo alimento; as casas de madeira, muito bem cuidadas; o chimarrão sempre passando de mão em mão; os parreirais de uva e o vinho também eram característicos nas famílias. Nesse sentido, cheguei ouvir de Olívia que “aqui quem não tem um parreiral não é colono”. A denominação “colono”¹⁸ também foi algo que observei mais nas famílias de origem étnica italiana.

Já nas famílias de origem alemã observei o tom de voz mais baixo; os olhos azuis ou verdes; a ausência do chimarrão, do queijo, do salame; um espírito de cooperação marcante entre as pessoas; a presença de pausa/intervalo no trabalho para lanchar; a cerveja como bebida frequente, sendo inclusive produzida por uma família, para o autoconsumo; as casas, geralmente, enfeitadas com guardanapos, cortinas e toalhas de crochê; entre outros.

Com relação à religiosidade, como foi mencionado, todas as mulheres se identificam católicas, bastante devotas e a maioria delas é envolvida nas atividades da comunidade, as quais, geralmente, abrangem atividades de recreação nos finais de semana, como festas religiosas, bailes e jogos, estando diretamente vinculadas à igreja da comunidade (Figura 4). Cecília, por exemplo, conta que ela e o namorado trabalham no clube (conhecido como “sociedade”) da comunidade, sendo responsáveis por preparar e comercializar alimentos e bebidas nos finais de semana. Já Matilde, que recentemente encerrou um período de gestão na comissão da comunidade, conta orgulhosa: “eu sou ministra da eucaristia, daí na missa, eu, somos de três né, eu sou uma delas, daí sempre a gente tá envolvida né, tem compromisso”.

¹⁷ Como apontado no Capítulo 2, sobre as técnicas de pesquisa, estes marcadores não foram utilizados como critérios de escolha das participantes do estudo.

¹⁸ “No sul do Brasil, reconhecem-se e são reconhecidos como “colonos” os agricultores descendentes de imigrantes europeus – excetuados os portugueses – que vivem e trabalham na terra em unidade de produção familiar.” (MENASCHE, 2010, p. 208).

Figura 4 - Expressões de fé I

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Irene, por exemplo, com 15 anos começou a participar da Pastoral da Juventude Rural e do Grupo de Jovens da comunidade, que a propiciaram muitos cursos de formação, sobretudo numa perspectiva política e social, mas também agroecológica. Irene afirma que esse envolvimento foi fundamental para visualizar no meio rural outras possibilidades: “aí eu comecei a ver uma outra forma de enxergar o campo né, como uma forma também de vida e escolher pra morar aqui”. Nessa perspectiva, Madalena que faz parte do conselho da comunidade, sendo responsável pelo caixa/financeiro, afirma que “a gente sempre foi católico, e depois que a gente, eu comecei a ajudar mais na igreja, tudo parece que foi... não sei se por causa de Deus, mas tudo foi ajudando mais sabe?!”.

Além de se expressar no envolvimento na igreja da comunidade, o componente da fé é muito presente nas falas das mulheres, sobretudo em forma de agradecimentos, e também nas suas casas, que têm imagens de santos em quadros e estantes, bem como, em alguns casos, capelinhas no jardim e/ou na entrada da agroindústria (Figura 5).

Figura 5 - Expressões de fé II

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Nesse sentido, é interessante observar que essa participação social nas atividades da comunidade e da igreja reverbera na vida das mulheres, sendo importante forma de socialização e contato com outras pessoas, mas também se concretizando em um espaço de trabalho adicional para elas, como ilustrado na Figura 6, em que Madalena está comercializando cucas e bolos em uma festa da sua comunidade, da qual teve a oportunidade de participar.

O estudo de Herrera (2019) sobre o trabalho de cuidado das mulheres rurais no oeste de Santa Catarina também identificou forte presença da igreja católica, apontada por ela “como um espaço de doutrinação religiosa e, também, de lazer” para as mulheres (HERRERA, 2019, p. 124). A autora indica que, ao mesmo tempo, a igreja católica atua reforçando estereótipos de gênero e estabelecendo condutas morais das relações familiares, bem como, representando uma das poucas opções de integração social.

Figura 6 - O trabalho na comunidade



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Diante do exposto, mais do que explicar exaustivamente sobre cor, religiosidade ou origem étnica, o intuito foi apresentar essas características, pois são importantes não só enquanto marcadores sociais de diferença, mas também como fontes de opressão e desigualdade. Há que se incluir ainda a classe social, porém o roteiro de entrevista não contemplou esse ponto. Contudo, a partir da minha observação, é possível compreender que nenhuma das entrevistadas pertence às classes mais baixas e tampouco à classe alta.

Na próxima seção, é abordada a inserção das mulheres no trabalho, o que, como evidenciam os dados de campo, iniciou desde a mais tenra idade.

3.2 “DESDE QUE EU LEMBRO SEMPRE TIVE QUE TRABALHAR!”: A INSERÇÃO DAS MULHERES NO TRABALHO

Nessa seção, procuro descrever como o trabalho se insere na vida das mulheres desde a mais tenra idade. Para tanto, evidenciam-se as atividades realizadas pelas mulheres, quando crianças e adolescentes, nos distintos espaços rurais, localizando o trabalho produtivo, reprodutivo e de cuidado, bem como o trabalho fora da propriedade rural. Inicialmente, é importante ressaltar que, embora sejam diferentes, as interlocutoras da pesquisa compartilham

de contextos de vida semelhantes, sobretudo os que se referem aos modos de vida no campo, pois, com exceção de apenas uma interlocutora, todas nasceram e cresceram no meio rural.

Ao lembrar da infância na roça, Joana relata, em tom nostálgico: “ia na roça junto sempre, eu lembro que a gente tinha um pelego de ovelha que a mãe levava e botava nós [ela e as irmãs] em cima do pelego e deixava nós lá num cantinho na sombra e nós ficava, nós três”. Levar as crianças junto para a roça desde pequenas é uma prática bastante comum nos contextos de agricultura familiar, sobretudo quando não há alguém que possa ser responsável pelo cuidado das crianças em casa, seja um familiar ou irmã/irmão mais velho. Geralmente, os bebês ficam enrolados em um pano ou dentro de um cesto, debaixo de uma sombra próxima à roça, para estarem sob vigilância ou mesmo para amamentação, conforme identificado por Herrera (2019).

Nesse sentido, crescer na roça significa crescer em meio ao trabalho, tendo em vista a dificuldade de separar os espaços de trabalho produtivo dos espaços de cuidado. No meio rural, sobretudo em contexto de agricultura familiar, a propriedade é local de trabalho, de moradia e também um espaço de vida (WANDERLEY, 2009). Desse modo, desde muito pequenas as mulheres acompanharam o trabalho dos pais e/ou irmãos(ãs) mais velhos(as) na agricultura e, logo que possível, foram assumindo algumas tarefas. A maioria das mulheres explica que na infância e na adolescência, além de frequentar a escola e fazer os “temas de casa” recomendados pelos professores, tinha que realizar algumas atividades em casa e/ou na propriedade, como afirma Olívia no trecho de entrevista a seguir:

A gente sempre tinha algo a fazer durante o dia, a gente tinha disponibilidade de quando criança, de brincar, de estudar e tudo mais, mas no final do dia ou durante o dia a gente tinha alguma tarefa pra fazer, não deixava de ser um trabalho né! [...] tirar silagem era nossa obrigação [dela e das irmãs], tinha que tirar! Lavar a louça, passar roupa, as vezes passava a tarde inteira passando roupa, isso era terrível! Limpar a casa era com a gente. E, tipo assim, a mãe era muito metódica assim: “hoje tu vai lavar a louça e no final do dia quando chegar da roça tem que ter o fogo aceso já com o leite fervido pra gente tomar café!”. Então eram tarefas assim que a gente fazia né. Claro que com o passar do tempo assim foi mudando né, a gente foi crescendo, foi virando adulto e já não era mais assim né, cada um se dividia as tarefas né, mas essas atividades assim, principalmente as de casa era, quando a gente ficou maiorzinha ali por uns 6, 7 anos era a gente que fazia. (ENTREVISTA COM OLÍVIA, 2019)

A maioria delas não soube dizer a idade exata que tinha quando começou a assumir alguma atividade em casa. Matilde conta: “eu me lembro que eu era bem pequena assim e a mãe saía, eu adorava quando a mãe saía, pra quando a mãe saísse a gente limpar a casa, pra quando a mãe chegar tá tudo limpinho, nem sei que idade, mas de certo 10 anos, sei lá!”.

Irene relembra que a partir dos 12 anos de idade a limpeza da casa era responsabilidade exclusivamente sua. Já Cecília diz que com a idade da sobrinha, que tem cinco anos, lembra que já colaborava em casa: “a gente sempre ajudava em casa, né, a mãe... sempre tinha um serviço, desde criança, a mãe sempre mandava nós fazer alguma coisa né!” e sinaliza: “Mas assim de ajudar...”, indicando que se caracterizava em uma “ajuda no serviço” que outro familiar era o responsável.

O depoimento de Aurora, que também conta que “ajudava no serviço”, explica como a ajuda funcionava:

Sempre tinha galinha, a mãe que matava as galinhas né, e eu ajudava, sempre ajudava ela a limpar as galinhas e fazia as galinhas. Ah, eu lembro assim ó, porque a mãe dava aula, daí então eu já comecei a cozinhar, cozinhar arroz, com 8 anos de idade. A gente tinha fogão a lenha né, daí então ela já deixava o fogo aceso e já dizia né o que que tinha que fazer e a hora de colocar, então eu cuidava do feijão que ela já tinha colocado e mais perto do meio dia então eu colocava o arroz e daí fazia o almoço. (ENTREVISTA COM AURORA, 2020)

Essa dimensão dos “afazeres domésticos como ajuda” foi mencionada por várias mulheres, ao lembrarem da sua infância e adolescência. Elas não consideram que era um trabalho, mas sim uma contribuição que davam às incumbências das suas mães. Esse é outro aspecto interessante: a ajuda era para as mães e sempre eram elas que indicavam o que havia de ser feito, sinalizando que o trabalho reprodutivo era responsabilidade das mulheres nas suas famílias de origem.

Geralmente, os estudos apontam que o trabalho feminino na agricultura é invisibilizado, pois caracteriza-se como ajuda, de modo que coloca as mulheres em uma posição subordinada (BRUMER, 2004; MELO; DI SABBATO, 2009). Porém, estes estudos fazem referência ao trabalho produtivo realizado pelas mulheres ser caracterizado como ajuda, diferentemente do que emerge da pesquisa de campo com relação ao trabalho reprodutivo na infância e adolescência. Conceber o trabalho reprodutivo como ajuda, os “afazeres domésticos como ajuda”, indica o pouco reconhecimento desse trabalho que as entrevistadas lembram de realizar desde a mais tenra idade, algo que pode refletir ao longo de suas vidas.

O fato é que é considerado “ajuda” o trabalho realizado por alguém que não tem as condições de realizar/assumir o trabalho por completo. Isto é, alguém que não atinge boa produtividade no realizar da tarefa. Assim, não há diferença, tampouco contradição no fato de o trabalho das mulheres na agricultura ser considerado “ajuda” e o das meninas crianças também o ser quando se trata do trabalho doméstico: em ambos os casos as mulheres e as

crianças são consideradas incapazes de obter bons rendimentos, seja na agricultura ou na casa.

O Quadro 4 apresenta as atividades domésticas realizadas pelas entrevistadas no período da infância e da adolescência.

Quadro 4 - Atividades domésticas realizadas na infância e adolescência

Atividades relacionadas à limpeza:	Atividades relacionadas à alimentação:
Lavar a louça	Fazer fogo no fogão a lenha
Varrer a casa	Fazer pão
Tirar os lixos	Tocar a máquina para fazer massa caseira
Arrumar a cama	Fazer comida
Limpar a casa	Preparar o café da manhã
Lavar roupas e calçados	Depenar galinhas
Passar roupas	

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Além dessas atividades domésticas, algumas mulheres também eram responsáveis pelo cuidado dos irmãos, como é o caso de Lídia, que afirma: “eu sempre fui da colônia, sempre na roça, cuidava dos meus irmãos quando era mais pequena”. Nesse sentido, Adelaide, que vem de uma família de oito irmãos, explica como funcionava o trabalho de cuidado: “ah é que as [irmãs] mais velhas cuidavam sempre os mais novos, então a última [irmã caçula] já eu ajudei cuidar né, porque daí os outros já tinham casado, já tinha uns casados, tinha uns que saía trabalhar fora, daí eu ajudei a cuidar só uma (risos)!”. A fala de Adelaide também aponta que eram sempre as filhas mulheres que faziam esse trabalho de cuidado.

Na dimensão do cuidado também se incluem a alimentação dos animais, sobretudo aqueles destinados ao autoconsumo e/ou animais de estimação, como cachorros e gatos. A alimentação de animais também foi verificada como atividade de cuidado em outros estudos com mulheres rurais, como em Maciazeki-Gomes *et al.* (2021) e em Herrera (2019), que os classifica como “cuidados necessários”, isto é, cuidado que uma pessoa (ou animal, nesse caso) não pode oferecer a si própria, necessitando de alguém que o faça (TRONTO, 2007).

Quando pequenas, as mulheres interlocutoras da pesquisa também realizavam atividades na roça, entendidas como produtivas. Ainda que elas não saibam definir exatamente com que idade foram assumindo essas outras tarefas, é comum entre as mulheres o fato de que, conforme iam crescendo, as atividades produtivas iam sendo somadas às tarefas domésticas. Sofia exemplifica isso em seu depoimento:

Quando a gente começou a ficar maior a gente sempre foi de ajudar, sempre foi junto pra roça, ajudava, aí tinha plantação das macieiras, pessegueiro, a gente ajudava, então eu tenho muita lembrança disso. Ajudava na colheita, cortar pasto, tratar os bichos, que a gente sempre teve bicho, isso aí, sempre gostei muito disso. Vender, ia junto com o pai vender, sempre, desde pequeninha, o pai sempre levava junto e a gente gostava. (ENTREVISTA COM SOFIA, 2019)

Ainda que algumas mulheres afirmem que esse trabalho produtivo não era algo imposto, fica claro nas entrevistas que era um compromisso que tinham com aquelas atividades. A título de exemplo, Madalena conta que a família trabalhava com fumo e que ela e o irmão participavam em determinadas etapas da produção: “a gente voltava da escola e sabia que tinha que ir lá [no galpão do fumo]”. Nesse sentido, as atividades produtivas realizadas pelas mulheres eram bastante diversas, variando de acordo com as características de cada propriedade rural e conforme aquilo que a família produzia. O Quadro 5 apresenta as atividades produtivas mencionadas pelas mulheres.

O estudo de Maciazeki-Gomes *et al.* (2021) com mulheres trabalhadoras rurais no noroeste do Rio Grande do Sul também evidencia a inserção das mulheres em atividades laborais desde a infância, destacando o plantio de alimentos e o cuidado de animais de pequeno porte. Paulilo (1987) também aponta a participação de crianças nos trabalhos “leves” em torno da cultura do fumo. Nessa perspectiva, Stropasolas (2002, p. 176) afirma que:

Na agricultura familiar, as crianças aprendem a conviver com a realidade do trabalho desde muito pequenas, associando trabalho e manifestações lúdicas. São estimuladas a incorporar uma ética em que o trabalho tem um valor relevante como base da subsistência, como meio privilegiado de ganhar a vida e de honrar seus compromissos.

Nesse contexto, pensando em todas as atividades que as mulheres faziam quando eram crianças e adolescentes, surgiram reflexões interessantes ao longo das entrevistas. Madalena afirma: “eu me lembro que a gente era pequeno, mas a gente tinha que aprender desde cedo a se virar e ajudar”. Para Cecília, assumir pequenas atividades quando criança é importante para ter disciplina ao longo da vida, como ela comenta:

Então foi assim que a gente foi aprendendo também né, fazer esses servicinhos que eles [os pais] nos [delegavam], né. [...] vejo hoje que foi um – e teria que ser ainda – , um jeito que as crianças, que a gente aprendeu a ter regras na vida né, de saber a hora que a gente tem que... a hora que a gente precisa trabalhar. (ENTREVISTA COM CECÍLIA, 2019)

Quadro 5 - Atividades produtivas realizadas na infância e adolescência

Atividades no pomar, horta e outros:	Atividades com/para animais:
Fazer raleio de pêssegos	Tirar silagem
Ensacar fruta (no pé)	Soltar as vacas na pastagem
Classificar pêssegos	Contribuir na ordenha das vacas
Juntar pêssegos que caem do pé	Colocar alimento no cocho das vacas para o momento da ordenha
Auxiliar na limpeza da horta comercial	Cortar pasto
Atividades na colheita:	Limpar o chiqueiro dos porcos
Colher frutas (uva, pêssego, maçã, figo)	Outras atividades:
Auxiliar na colheita de fumo	Roçar
Auxiliar na colheita de cana-de-açúcar	Lavrar a terra com arado de boi
Atividades pós-colheita:	Cortar lenha
Fazer a limpeza da cana-de-açúcar	Cortar grama
Arrumar molhos de verduras e temperos para a comercialização	Dirigir trator e/ou carreta agrícola
Amarrar o fumo depois de classificado	
Auxiliar na comercialização	

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Discurso semelhante se repete nas falas de outras mulheres, que afirmam que assumir tarefas desde pequenas as ensinou, fazendo com que compreendessem a importância do trabalho, a partir do compromisso com determinada atividade. Nesse sentido, os dados revelam que elas desenvolveram também, desde cedo, a capacidade de tomar a iniciativa frente às atividades que precisam ser feitas, não necessitando que outra pessoa as diga o que fazer. Ao mesmo tempo, foi se cristalizando nelas, desde a infância, a noção de “dever” com determinadas tarefas, sobretudo o trabalho reprodutivo e de cuidado.

Nessa perspectiva, Adelaide, assim como outras mulheres, afirma: “Desde que eu lembro sempre tive que trabalhar!” e aponta que a sua infância e adolescência não foi fácil: “Eu, bah, me judiei muito. O pai tinha uma terra acidentada, onde nós morava né, e era tudo na base do lombo do cavalo e no boi, e na carreta né.”. Outras mulheres também comentam sobre as dificuldades que passaram em sua infância, sobretudo as de mais idade, que revelam desafios relacionados ao tipo de produção à qual a família se dedicava, como no caso da cana-de-açúcar e do fumo, as condições de relevo que exigiam muito esforço físico e dificultavam o trabalho e, também, a situação financeira desfavorável. Apesar disso, Stropasolas (2002,

p. 181) evidencia que, com relação ao trabalho na roça quando crianças e adolescentes, “quanto mais [as mulheres] se distanciam deste tempo, mais as representações adquirem um ar de sacrifício e penosidade”.

Com o passar dos anos, algumas mulheres foram trabalhar e residir fora da propriedade rural de seus pais, como é o caso de Adelaide, Clarice e Olívia. Adelaide saiu de casa com 19 anos para ser empregada de uma família no meio rural, residindo no local, de modo que, meio período do dia ela cuidava das crianças, limpava a casa e fazia comida para a família e os demais funcionários e, no outro período, ela trabalhava no aviário da propriedade, recolhendo ovos. Ela conta: “eu fiquei acho que 4 anos nessa casa, depois me casei e vim embora, daí continuei a ser colona”. Clarice, por sua vez, saiu da casa de seus pais com 10 anos para trabalhar como babá, na casa de uma família na cidade, e depois trabalhou em uma loja de móveis, sendo então transferida para outro estado, onde morou por quatro anos, antes de retornar para o campo. Sobre esse período como babá, Clarice analisa: “uma criança cuidando de uma criança né (risos). [...] foi uma coisa assim... é bem ruim essa parte eu acho né, tanto é que hoje, né, tem que estudar, eu acho que é a melhor coisa isso. Mas também é ruim as vezes que só estudam e esquecem um pouquinho de ajudar né também.”. Já Olívia morou na cidade por cerca de cinco anos, mas seguiu trabalhando no meio rural durante esse período.

Outras mulheres viveram a experiência de trabalhar fora, mas seguiram residindo no meio rural, como é o caso de Madalena, Irene, Amélia e Sofia. Madalena trabalhou por curto período de tempo em um posto de combustível na cidade e também na agroindústria familiar de Olívia, Cecília e Joana. No caso de Irene, além de ter trabalhado, por dois anos, como funcionária pública na prefeitura do seu município, houve as saídas temporárias para estudar, pois ela cursou a graduação em alternância, isto é, passava dois meses na faculdade e dois meses em casa¹⁹. Além disso, Irene cursou mestrado em outro município, o que exigia que, durante a semana, ela permanecesse nesse município, indo para casa somente aos finais de semana. Já Amélia, que passou a morar no meio rural depois dos 12 anos de idade, trabalhou em uma malharia durante dois anos. Sofia, por sua vez, trabalhou, temporariamente, em

¹⁹ A formação por alternância articula a formação do sujeito com base no Tempo Comunidade e no Tempo Universidade. O primeiro refere-se ao momento em que o estudante observa sua realidade e elabora questionamentos a partir de sua vivência, enquanto no Tempo Universidade o aluno, a partir desses questionamentos, busca a reflexão e o conhecimento científico, técnico e cultural a partir do ensino e da vivência na Universidade (HILLESHEIN; PELEGRINI, 2020).

fábrica de chocolates, no setor administrativo de uma oficina mecânica e, também, em uma pousada.

As demais nasceram, cresceram e vivem no meio rural, nunca tendo saído para trabalhar ou morar fora. Nesse caso, estão Joana e Cecília, que residem na propriedade rural dos pais, e Aurora, Matilde, Lurdes e Lídia, que saíram das propriedades dos seus pais ao se casar, mas seguiram vivendo e trabalhando no meio rural.

Dessa forma, com algumas poucas exceções, as mulheres sempre foram agricultoras, desde muito pequenas até o período mais recente, em que se dedicam também ao processamento de alimentos em agroindústrias familiares, para além do trabalho na roça e no ambiente doméstico, aspecto que será abordado em maiores detalhes no Capítulo 4. Sobre o trabalho nas agroindústrias, a próxima seção apresenta seu surgimento e o envolvimento das mulheres.

3.3 AS AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES NA HISTÓRIA DE VIDA DAS MULHERES INTERLOCUTORAS DA PESQUISA

Nessa seção, que encerra o capítulo, procuro aproximar a trajetória das mulheres ao tempo presente, em que ocorre a dedicação ao processamento de alimentos na agroindústria familiar. Para tanto, busco localizar a história das agroindústrias na história de vida das mulheres e vice-versa. Desse modo, apresento o contexto de surgimento de cada agroindústria, o que se produz, quem se envolve no trabalho, onde acontece a comercialização dos produtos, entre outras características, a depender de cada história. Além disso, inicialmente, procuro contextualizar o surgimento das agroindústrias familiares, seus conceitos, bem como as principais características desses empreendimentos da agricultura familiar.

3.3.1 Agroindústrias familiares: conceitos e características

A atividade de produzir e processar alimentos sempre teve presença e importância na trajetória de desenvolvimento da agricultura familiar, porém, somente a partir dos anos 1990 é que se legitimam discussões sobre estratégias de agroindustrialização adotadas, principalmente, nas unidades produtivas rurais de base familiar (MIOR, 2005). Os estudos e as discussões sobre a agroindustrialização familiar de alimentos intensificaram-se devido ao entendimento de que essa atividade é significativa para a reprodução social de muitas(os)

agricultoras(es) em diferentes regiões brasileiras, bem como pelo fato desse tema inserir-se em discussões mais amplas, como a que abrange a de sistemas agroalimentares.

Nesse sentido, estudos apontam que o surgimento de agroindústrias familiares se deve a diferentes fatores. A própria característica da agricultura familiar de processar alimentos para o autoconsumo influencia no estabelecimento de agroindústrias familiares, tendo em vista que as famílias e, especialmente as mulheres, já detêm o conhecimento e a experiência na produção de alimentos (MIOR, 2005). Outro fator relaciona-se ao fato de que a agroindústria pode ser uma alternativa frente a um padrão de agricultura geralmente difícil de ser alcançado pelas(os) agricultoras(es) familiares, uma vez que requer grandes áreas produtivas, acesso às cadeias longas de *commodities*, obtenção de recursos e tecnologias externas, entre outros (BASTIAN, *et al.*, 2011; WAQUIL *et al.*, 2013).

Ainda nesse aspecto, o surgimento das agroindústrias é parte de um processo mais amplo de modificação dos sistemas agroalimentares, em que ocorre a reconfiguração de valores e práticas ligadas à produção e ao consumo de alimentos, bem como ao meio rural. Segundo Waquil *et al.* (2013), essa reconfiguração vincula-se a fatores como a revalorização dos produtos com especificidades territoriais, a crise dos processos de modernização agrícola, a consumidores mais conscientes, a migração urbano-rural, a importância social e econômica de atividades não agrícolas, a valorização do modo de vida rural, entre outros. Podem-se identificar então, ao menos quatro razões principais para o surgimento das agroindústrias familiares: o saber-fazer, alternativa de trabalho e renda, demanda de consumidores e mudanças nos sistemas agroalimentares e/ou no universo rural. Além disso, destacam-se, também, as políticas públicas com linhas de crédito rural voltadas às agroindústrias familiares, como o Pronaf-Agroindústria, por exemplo, que contribuíram sobremaneira para o surgimento e fortalecimento de muitas agroindústrias (WESZ JUNIOR, 2010).

Dentre os diversos estudos sobre as agroindústrias familiares, os trabalhos de Mior (2005), Prezotto (2005) e Pelegrini e Gazolla (2008) são muito relevantes, pois, dentre outras coisas, procuram apresentar as características desses empreendimentos rurais e elaboram conceitos que permitem termos mais clareza sobre o que são agroindústrias familiares. Segundo Mior (2005, p. 191), a agroindústria familiar “é uma forma de organização em que a família rural produz, processa e/ou transforma parte de sua produção agrícola e/ou pecuária, visando sobretudo a produção de valor de troca que se realiza na comercialização.” O autor aponta ainda a distinção que há entre agroindústria e atividade de processamento de alimentos e matérias primas, pois enquanto esta última é voltada para o autoconsumo e realiza-se na

cozinha das agricultoras, a primeira se concretiza num novo espaço e forma uma nova organização social e econômica.

Para Pelegrini e Gazolla (2008, p. 15), a agroindústria familiar é “uma atividade de produção de produtos agropecuários com conseqüente transformação destes em derivados alimentares de diversos tipos, ocorrendo, nesse processo, a agregação de valor ao produto final”. Para se referir ao processamento de alimentos que acontece nas cozinhas domésticas, Pelegrini e Gazolla (2008) utilizam o termo agroindústria caseira, afirmando que, nesses casos, não existe um lugar fixo e específico para o processamento, tampouco liberação do ponto de vista sanitário, fiscal e ambiental, destinando-se ao consumo alimentar da família e, eventualmente, para trocas com vizinhos e familiares.

No entendimento de Mior (2005), além de ser uma organização familiar que processa matérias primas visando à comercialização, há outros elementos que ajudam a caracterizar as agroindústrias familiares, como a localização no meio rural, a utilização de máquinas e equipamentos menores, o emprego da mão de obra familiar em sua maior parte, a produção da maior parte da matéria prima na própria propriedade rural, podendo ainda ser individual ou associativa. Prezotto (2002) acrescenta que a tecnologia utilizada nas agroindústrias não é muito elevada e apresenta, geralmente, baixo nível de automação, o que confere maior grau de artesanidade aos produtos.

Nesse sentido, os conceitos e características apresentados por Mior (2005) parecem ser bastante condizentes com as agroindústrias nas quais as mulheres pesquisadas atuam. Além do exposto, para fins dessa tese, entendo como agroindústria familiar tanto organizações formais quanto informais. À vista disso, emprego os termos “formal” e “informal” para indicar a situação das agroindústrias familiares com relação ao seu enquadramento ou não nas regulamentações vigentes, optando por não utilizar os termos “ilegal” ou “clandestino”. Para tanto, tomo por base a distinção proposta por Wilkinson e Mior (1999), em que informal está vinculado a processos de produção que não se enquadram nos padrões regulatórios, enquanto ilegal refere-se a produtos proibidos, como drogas ou contrabando.

Nesse ínterim, Prezotto (2020) aponta os enquadramentos para formalização de agroindústrias, os quais envolvem os aspectos fiscais-tributários, sanitários, ambientais, de Boas Práticas de Fabricação e de rotulagem dos produtos. Na próxima seção, retomo estas questões em discussão com os dados da pesquisa de campo.

A partir dessa contextualização conceitual sobre as agroindústrias, a próxima seção aborda as agroindústrias familiares nas quais as mulheres participantes da pesquisa trabalham, procurando identificar as razões do surgimento dos empreendimentos, a participação das

mulheres, a origem dos conhecimentos necessários para o processamento dos alimentos, entre outros atributos.

3.3.2 As agroindústrias em que as mulheres atuam: histórico, características e a aproximação com o trabalho no tempo presente

Em alguns casos, a agroindústria surgiu na vida das mulheres a partir do momento em que se casaram, como aconteceu com Matilde e Lurdes, irmãs casadas com dois irmãos, que compartilham o pátio e o trabalho na roça, na horta, na feira e na agroindústria que data de 1991. Matilde casou primeiro, com 28 anos na época e, logo após sua chegada na família do marido, que já trabalhava com produção orgânica, porém com processamento somente da farinha de mandioca, surgiu a agroindústria, motivada pela inserção deles na feira. Ela conta um pouco desse processo:

Começamos fazer feira um ano depois que eu casei, e fazendo feira, daí precisava ter as verduras, da verdura precisava mais o industrializado, daí sobrava banana a gente fazia o doce de banana que é a chimia né. [...] a gente ia vendo, via que tinha campo pra vender pão, vamos vender pão, via que dava pra fazer chimia, vamos fazer chimia, e assim ia. (ENTREVISTA COM MATILDE, 2020)

O relato de Matilde sinaliza que a agroindústria surge e se consolida a partir da comercialização na feira. Nessa perspectiva, Wilkinson (2008), ao abordar as razões de surgimento de unidades agroindustriais, aponta que muitas surgem como resposta a demandas de consumidores por alimentos artesanais, com qualidade diferenciada e com características atreladas ao local.

Lurdes chegou na família cerca de dois anos depois da irmã e passou a integrar as atividades da agroindústria, trabalhando junto com Matilde e os demais familiares. Atualmente, elas processam uma grande diversidade de alimentos, todos orgânicos: farinha de mandioca, açúcar mascavo, pães, doce de banana (chimia), passas de banana, chips de banana, chips de inhame, sal temperado, bala de mel e, em menor quantidade, também produzem suco de uva, queijo, leite congelado, molho de tomate e conservas. Além disso, na feira também comercializam alimentos *in natura*, como verduras e temperos, milho-verde e banana. A comercialização também acontece em lojas de produtos naturais no Litoral Norte e em Porto Alegre. Nesse sentido, na agroindústria das famílias de Matilde e Lurdes, destaca-se a diversidade produtiva, que além de ser inerente à agricultura familiar, é apontada por

Pelegri e Gazolla (2008) como atributo marcante das experiências de agroindustrialização familiar rural, em que são elaborados uma série de produtos.

Tanto Matilde quanto Lurdes fizeram cursos de processamento de alimentos e aprenderam receitas no Centro Ecológico, localizado no município de Dom Pedro de Alcântara, próximo a Três Cachoeiras. Elas afirmam que os cursos são importantes, mas que muitas coisas “aprendem fazendo” e vão aprimorando com a prática. Além delas, as(os) suas(eus) filhas(os) ajudam em algumas atividades da agroindústria, sobretudo nas etapas do processamento do pão que demandam mais trabalho, bem como na comercialização. Os seus maridos participam na agroindústria, principalmente no processamento da farinha de mandioca. Na roça, os maridos e também o filho de Matilde se envolvem no preparo da terra para a sementeira e na colheita, além do trabalho com as bananas que é exclusivamente dos homens, evidenciando a clássica divisão sexual do trabalho na agricultura, em que os homens são responsáveis pelo trabalho entendido como pesado e, às mulheres, cabe o trabalho considerado leve e próximo a residência (BRUMER, 2004; PAULILO, 1987; 2004, discussão que será retomada no Capítulo 4).

Nesse sentido, destaco uma consideração importante com relação ao uso dos termos “ajuda” e “participação” (sobretudo desta subseção em diante). A partir dos dados empíricos desta pesquisa, constatou-se que nem tudo que costuma ser chamado de ajuda é ajuda, havendo uma diferença que, nesta tese, leva ao emprego do termo participação. Na literatura sobre o tema, há dificuldade em encontrar distinções definitivas ou um consenso entre autores, de forma que cravar ambos conceitos torna-se difícil. Entretanto, com base nos dados e no contexto desta pesquisa, apresento as características que diferem um termo do outro. Entende-se a “ajuda” como a contribuição de caráter auxiliar, com papel secundário (BRUMER, 2004), em que a(o) ajudante não é protagonista na atividade desempenhada. Ainda, a “ajuda”, no contexto desta pesquisa, por vezes, se constitui em uma contribuição eventual e com frequência espaçada (as diaristas que ajudam Lídia, Aurora e Irene na limpeza, por exemplo). A “participação”, por sua vez, é uma contribuição frequente, onde a pessoa que participa tem maior envolvimento na atividade em si, conhecendo as etapas de trabalho requeridas. Ainda que não seja a principal responsável por tal atividade, o grau de comprometimento é relevante.

A definição das atividades realizadas, tanto produtivas quanto reprodutivas, é realizada por quem assume o protagonismo e a responsabilidade com aquela(s) atividades(s). Desse modo, aquele(a) que ajuda cumpre as tarefas que já estão previamente estabelecidas e que lhe são designadas, enquanto aquele(a) que participa, mesmo não sendo o principal

responsável pela atividade, tem maior autonomia na sua realização, pois domina as etapas de trabalho. Nesse sentido, a participação envolve um grau de comprometimento maior, tanto com a pessoa responsável pela atividade, quanto pela tarefa em si. “Comprometimento” é o aspecto chave na distinção entre um termo e outro.

Com isto, não estou afirmando que a ajuda é um trabalho insignificante e/ou que mereça menor reconhecimento, muito antes pelo contrário. Tanto “ajuda” quanto “participação” são trabalho. Porém, indico essas características relevantes para o entendimento das diferentes categorias utilizadas nesta tese, conforme o que os dados empíricos revelaram. Ainda, no contexto desta pesquisa, assim como as mulheres ajudam, também são ajudadas, conforme poderá ser observado ao longo dos capítulos.

No caso de Adelaide ocorre algo semelhante. A família do seu marido sempre trabalhou com leite e tinha por tradição fazer queijo colonial, então depois de casada, Adelaide foi se inserindo nessa atividade. O leite era comercializado *in natura* para uma cooperativa que o recolhia diariamente e os queijos eram destinados para o consumo da família, comercializando o excedente, quando havia. Por volta do ano de 1999, a família decidiu não vender mais o leite para a cooperativa, passando então a se dedicar à produção de queijos, como conta Adelaide:

A gente também começou vendendo leite e depois baratiou muito o leite e foi, foi, foi que agora depois as indústrias nem pegam mais leite aqui. Então a gente tinha que achar uma saída pra isso né, porque a gente sempre gostou de vaca de leite, é um serviço que nós gostava de fazer, então a gente optou por fazer queijo pra vender daí. (ENTREVISTA COM ADELAIDE, 2019)

Além do queijo colonial, ela faz também *queijo parmesão*²⁰ e, às vezes, queijo temperado com ervas. A comercialização ocorre na feira do município, para alguns hotéis da cidade e também na residência da família, que possui uma tenda na beira da estrada, onde comercializam os queijos e outros alimentos produzidos por Adelaide e as filhas, como cucas, pães, geleias, passas de frutas produzidas na agroindústria de Olívia, Cecília e Joana, e também produtos de outras agroindústrias vizinhas. Adelaide aprendeu muitas técnicas com a sogra, que sempre fazia queijo colonial para o consumo na família, algo comum nas famílias de origem italiana. Nesse sentido, os estudos de Oliveira *et al.* (1999; 2002) apontam que regiões onde há agricultura familiar consolidada, que mantém a tradição de produzir

²⁰ Embora a interlocutora se refira assim a queijos maturados, essa denominação diz respeito ao queijo italiano oriundo da região de Parma.

alimentos a partir das próprias matérias primas e dos conhecimentos passados de uma geração para a outra, como ocorre na família de Adelaide, são propícias ao desenvolvimento de agroindústrias familiares²¹.

Além dos conhecimentos passados pela sogra, Adelaide fez diversos cursos sobre processamento de alimentos, inclusive um que demandou que ficasse dez dias fora de casa. Além disso, ela segue se aperfeiçoando e, no dia posterior ao da nossa entrevista, foi com a filha Joana fazer uma capacitação no Centro de Treinamento de Nova Petrópolis, vinculado à Emater. No processamento dos queijos, Adelaide conta com a participação das filhas, que se revezam e contribuem diariamente, exceto quando é época de colheita das frutas. Na ordenha das vacas, cuidado das pastagens e produção de silagem, as filhas também participam, além do marido e, eventualmente, dos genros.

Antigamente, Adelaide, seu marido e as filhas Olívia e Cecília integravam uma associação na comunidade, juntamente com outras famílias. Essa associação tinha o intuito de comprar e processar as frutas dos seus associados e demais agricultores do entorno, produzindo passas de frutas e polpa de figo. Após alguns problemas, a associação foi extinta, sendo a estrutura alugada por Olívia e Cecília, em 2009, quando tinham 18 e 16 anos, respectivamente, dando início a agroindústria. Naquela época, Joana, a irmã mais nova, tinha apenas 13 anos e não se envolvia nas atividades, vindo a fazê-lo mais tarde, com 16 anos.

Desse modo, Olívia e Cecília continuaram as atividades da antiga associação, produzindo os mesmos produtos, porém, com caráter privado e não mais associativo. Em determinado momento chegaram a ter oito funcionárias(os) contratadas(os), além de comercializar para grandes redes de supermercados, como Walmart e Zaffari. Mas, por volta de 2015, elas passaram por um grave problema financeiro, sendo necessário encerrar os contratos com empresas maiores, demitir as(os) funcionárias(os) e repensar a continuidade da agroindústria. Depois de alguns rearranjos, elas decidiram seguir com as atividades, mas sem a contratação de funcionárias(os) e com a participação mais ativa de Joana, que tinha então 18 anos.

Atualmente, as três irmãs se envolvem em todas as atividades da agroindústria, desde a colheita das frutas até a comercialização das passas, mas seguem contando com a participação do pai, principalmente no manejo dos pomares, e contratam diaristas quando

²¹ Não é o intuito do presente estudo aprofundar as condições acerca das condições que favorecem e/ou contribuem para o surgimento de agroindústrias familiares. Sobre essa temática, ver estudos como o de Oliveira *et al.* (1999; 2002).

necessário, como, por exemplo, em época de safra. Com relação ao conhecimento necessário para a condução das atividades, elas afirmam que “aprenderam fazendo” e o único curso formal que fizeram foi o de Boas Práticas de Fabricação (BPFs). Este diz respeito a um conjunto de medidas que devem ser adotados pelas agroindústrias durante todas as etapas de produção, com o objetivo de assegurar a qualidade sanitária dos produtos (PREZOTTO, 2020). Há uma série de regulamentos e legislações que dispõe sobre as práticas que devem ser cumpridas pelas indústrias de alimentos, as quais podem ser conferidas em Prezotto (2020). No caso do Rio Grande do Sul, a realização do Curso de BPFs é requisito obrigatório para acessar os benefícios do Programa Estadual de Agroindústria Familiar (PEAF-RS) (RIO GRANDE DO SUL, 2017).

Ainda com relação ao conhecimento, muitas coisas elas aprenderam com a mãe, Adelaide, que detinha experiência no processamento das frutas, mas que, atualmente, não se envolve na agroindústria das filhas. Dentre as frutas transformadas em passas estão bergamota, caqui, goiaba, figo, pêsego, morango, laranja e maçã, além da polpa de figo que comercializam para uma indústria maior. Parte dessas frutas são produzidas na propriedade rural da família e outra parte é adquirida de outras famílias da comunidade e do município. A comercialização ocorre em lojas e supermercados locais, bem como na própria propriedade rural e na feira semanal.

No caso de Aurora e Irene, a agroindústria também surge motivada por uma associação. Por volta do ano de 1992, Aurora e o marido fizeram um curso sobre agricultura ecológica que a estimulou muito e fez com que ela enxergasse uma oportunidade, como conta:

A gente participou de um curso de agricultura ecológica, e até daí eu disse pro meu marido: “ah quem sabe vamos participar né, vamos fazer a feira daí junto”, porque a gente sabia fazer um monte de coisa né. A gente fazia rosca, fazia pão, daí eu disse: “ah, podia até vender rosca né e podia fazer várias coisas”, a gente fazia cachaça, fazia né, o melado, o açúcar, a sogra sempre fazia aquelas barras de laranjas né, as laranjadas, fazia já goiabada, bananada, eu disse “ai, a gente pode fazer, a gente tem um monte de coisa pra fazer e vender na feira né”. (ENTREVISTA COM AURORA, 2020)

Assim, logo ingressaram na Associação dos Colonos Ecologistas da Região de Torres (ACERT), que proporcionou a participação na Feira dos Agricultores Ecologistas (FAE), em Porto Alegre, onde, inicialmente, comercializavam verduras e roscas de polvilho. Naquele mesmo ano, Aurora também começou a participar do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (atualmente Movimento de Mulheres Camponesas), que depois desdobrou-se localmente em uma farmacinha caseira na comunidade, onde as mulheres se reúnem para

produzir remédios naturais. Naquela época, Irene ainda era bem pequena, mas acompanhava os pais nas atividades ligadas à agroecologia, bem como a mãe nos encontros de mulheres, como afirma: “eu já me criei nesse meio né, sempre ia com eles nas reuniões, nos encontros, nas feiras”.

Além dos estímulos trazidos pelo curso, pela Associação e pelo próprio Movimento de Mulheres, o trabalho realizado pela Pastoral da Juventude Rural foi importante para a consolidação da família na produção agroecológica e também no processamento de alimentos, inicialmente de maneira informal. A agroindústria formalizada surge oficialmente no ano de 2002, quando Aurora tinha 35 anos e Irene tinha apenas 13 anos. Embora fosse adolescente, ela contribuía em algumas atividades da agroindústria, contudo, a dedicação exclusiva e com maior afinco à agroindústria só ocorreu em 2016, quando ela tinha 27 anos. Nesse meio tempo, Irene cursou graduação em educação do campo (em alternância), trabalhou na prefeitura do município e também cursou mestrado, de modo que, era difícil dedicação maior a agroindústria, situação que, durante esse período, fez com que ela auxiliasse em algumas atividades mais pontuais ou em épocas específicas.

Atualmente, a família toda se envolve no trabalho, isto é, Irene e o marido, Aurora e o marido, bem como os sogros de Aurora e, eventualmente, a filha mais nova de Aurora, que se dedica à faculdade em outro município. O envolvimento de toda a família no trabalho e gestão das atividades das agroindústrias familiares é destacado como uma característica fundamental dessas experiências (PELEGRINI; GAZOLLA, 2008; MIOR, 2005). Os principais produtos processados são aqueles feitos a partir da banana, como as passas, a mariola, os chips e o doce cremoso de banana (chimia). Além desses, também produzem goiabada, doce cremoso de goiaba, de uva, de banana com açaí e de abóbora com coco, figada, compota de figo, molho de tomate e polpas de açaí juçara e de maracujá. Esses produtos são comercializados em feiras, lojas de produtos naturais e também via Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Outra agroindústria que surge motivada por um curso é a de dona Lídia, quando em 1989 seu marido fez um curso de processamento de alimentos no município de Pelotas, como ela conta: “o meu marido fez curso em Pelotas, daí ele foi repassando pra mim, fomos pesquisando, até que acertamos.”. Segundo Lídia, ela não foi fazer o curso pois este tinha duração de 20 dias e não havia possibilidade de o casal ficar tantos dias longe da propriedade, pois tinham os filhos, os animais e tudo mais para cuidar, assim, seu marido foi e ela ficou em casa. Em 1990, quando Lídia tinha 36 anos, eles criaram a agroindústria, que iniciou na cozinha de casa como uma espécie de experimento e, como tiveram sucesso nos testes,

construíram um espaço exclusivo para a produção. Antes de investir na agroindústria, trabalhavam com fumo e leite, algo que para Lídia não traz boas lembranças: “vendia [leite], fazia queijo, ah, eu não gosto nem de me lembrar desses anos”. Ela afirma que esse período foi muito sofrido, pois tanto a produção de fumo e quanto a de leite exigiam muito esforço, resultando em muito trabalho.

Na agroindústria, dona Lídia produz compotas (doces em calda) de abóbora, pêsego e figo. Na época de safra, que demanda maior trabalho, ela conta com a ajuda de uma mulher que trabalha como diarista e, nos finais de semana, a sua filha e o genro participam nas atividades da agroindústria. Mas, de modo geral, o trabalho na agroindústria é realizado por ela e pelo marido. A maior parte da produção é vendida para restaurantes do município, e outra parte é comercializada para lojas e tendas de produtos coloniais.

Outra agroindústria que começou de maneira informal foi a da família de Amélia e Sofia. A família sempre trabalhou com frutas, comercializando em supermercados e fruteiras do município. Logo depois que casou, Amélia explica que tinham um pomar de maçãs, mas por não obterem sucesso resolveram cultivar pêsegos. Algum tempo depois uma doença atacou os pessegueiros, tornando inviável a continuidade do pomar, como conta Amélia:

[...] começou num pedaço e foi afetando todos [os pessegueiros], daí tivemos que cortar fora. Daí a gente tinha um parreralzinho pequeno ali embaixo e a gente viu que aquilo ali dava, gerava uma renda melhor né, daí plantamos [mais], daí fizemos dois hectares de parreiras e daí a gente pegou e começou daí a vender no comércio as uvas e foi, ã, como é que se diz?! Industrializar né. (ENTREVISTA COM AMÉLIA, 2019)

Por volta do ano de 2001, a família começou a produzir vinagre de vinho tinto, além da geleia de uva e do vinho colonial, a partir das uvas produzidas na propriedade. Essa produção era informal e comercializada na própria propriedade e em alguns comércios do município. Conforme as vendas foram aumentando, surgiu a vontade de formalizar a produção de vinagres, como conta Sofia, muito emocionada: “Nós fazia um pouquinho, tinha um galpão aqui do lado, aí o pai disse, nós [ela e a irmã] tinha 16 anos, aí o pai disse: ‘Sofia, tu quer ficar aqui na colônia?’, aí eu disse: ‘eu quero!’, ‘que que tu acha da gente fazer uma fábrica de vinagres?’, ‘eu gosto disso’ eu disse, ‘vamos fazer!’”. Assim, por volta de 2015, formaliza-se a agroindústria para a produção de vinagres.

Atualmente, produzem vinagre de vinho tinto, uma quantidade menor de vinagre de maçã e tem planos de fazer também vinagre balsâmico. A produção é comercializada em supermercados da região, bem como em lojas de produtos coloniais e em uma feira tradicional

que ocorre anualmente no município. Nas atividades da agroindústria, além de Amélia e Sofia, participam o marido de Amélia e o seu filho mais novo e na época de colheita da uva, contam com a ajuda de vizinhos²². Cabe ressaltar que além da produção na agroindústria formalizada, ocorre o processamento de suco de uva, geleia e vinho colonial, que é destinado para o autoconsumo e venda do excedente para amigos.

Cabe ressaltar que Amélia e Sofia relataram, durante a entrevista, o quão longo e árduo foi o processo para formalização da agroindústria. Esses relatos, infelizmente, são corriqueiros no contexto do processamento de alimentos pela agricultura familiar, haja vista a quantidade e as especificidades dos regulamentos que incidem sobre as agroindústrias familiares. Prezotto (2020) apresenta as distintas normas que as agroindústrias precisam atender para efetivar a formalização, as quais dizem respeito ao enquadramento jurídico do empreendimento (fiscal e tributário); ao regulamento sanitário, que varia conforme a origem do alimento processado, se animal ou vegetal, envolvendo não só o registro do estabelecimento como também, em alguns casos, dos produtos; a rotulagem, que também varia conforme a origem do produto processado; as Boas Práticas de Fabricação; e o licenciamento ambiental.

Desse modo, como são muitas instâncias e normas, o processo de formalização é moroso e, como apontado na pesquisa de Silveira (2017), além de serem muitas exigências, sobretudo por parte da vigilância sanitária, uma queixa constante das(os) agricultoras(es) refere-se as constantes modificações nestas legislações que, muitas vezes, exige (re)adequação de seus estabelecimentos para, por exemplo, poder renovar alvarás de funcionamento. Do mesmo modo, outra questão que se apresenta quando falamos de formalização é explorado por Cruz (2020) ao considerar que, em contextos de processamento de alimentos artesanais e/ou tradicionais, a informalidade pode se apresentar como uma opção (temporária ou definitiva) para as famílias²³, dada à negligência da forma tradicional de processar alimentos. De acordo com a autora, a legitimidade das distintas formas de produção e processamento de alimentos no Brasil passa pela discussão sobre como a regulamentação sanitária pode “[...] contribuir para que a singularidade desses produtos seja preservada e, ao

²² Próximo a propriedade da família existe uma Comunidade Terapêutica dedicada à prevenção, recuperação e reinserção social de dependentes químicos. Para tanto, estes ficam internados e desenvolvem uma série de atividades na Comunidade, que é chamada de “fazenda”. Como parte do processo de recuperação, alguns pacientes em tratamento, mediante supervisão, auxiliam a família de Amélia na colheita das uvas. Como retribuição, Amélia e Sofia sempre preparam um lanche farto para as tardes em que eles os ajudam, bem como doam uvas, bolachas e outros alimentos para a Comunidade.

²³ Como é o caso da produção de queijos de Adelaide.

mesmo tempo, independentemente da escala de produção, seja possível contemplar critérios que viabilizem sua qualificação e legalização.” (CRUZ, 2020, p. 17).

Outra agroindústria que iniciou suas atividades de maneira informal é a de Clarice. A produção de biscoitos começou na cozinha da sua casa, no ano de 2003, quando ela tinha 28 anos de idade e estava grávida da segunda filha. Com o passar do tempo, Clarice sentiu a necessidade de construir um espaço exclusivamente para fazer os biscoitos, de modo que fosse maior e mais adequado. Mais tarde, em 2016, a agroindústria foi formalizada. Para isso, além de uma série de documentos e registros, Clarice e a filha mais velha fizeram um curso de Boas Práticas de Fabricação. Para a produção dos biscoitos em si, embora tenha feito alguns cursos de curta duração, Clarice “aprendeu fazendo”, utilizando algumas receitas da sua mãe e outras que foi encontrando na internet.

Aos poucos, Clarice foi agregando novos sabores e produtos, produzindo atualmente mais de 14 tipos de biscoito, além de *cookies*, *waffles* e de massa/macarrão. Além disso, ela procurou incorporar a demanda por produtos sem glúten e sem lactose à sua produção, atendendo, também, esse perfil de consumidoras(es). A produção das massas dos biscoitos e demais alimentos é somente Clarice que faz, mas para decorar os biscoitos, embalar, organizar os produtos, realizar a comercialização e as entregas, ela conta com a participação do marido e a ajuda das filhas, quando estas têm disponibilidade. Os produtos são comercializados em lojas, na propriedade, na feira anual do município e, também, para a alimentação escolar, via PNAE.

Com relação ao processamento de alimentos que se desloca da cozinha para um local construído exclusivamente para a produção, com as devidas autorizações fiscais, sanitárias e ambientais, ou seja, passa da produção informal para a formal constituída através de uma agroindústria familiar, diversos estudos evidenciam que essa dinâmica é recorrente, haja vista o crescente estímulo à formalização do processamento de alimentos pela agricultura familiar (PELEGRINI; GAZOLLA, 2008; MIOR, 2005, CRUZ, 2020).

Por fim, a agroindústria familiar na qual Madalena está inserida foi criada pelos seus sogros, no ano de 2000. O marido de Madalena sempre trabalhou na agroindústria, mas ela, depois de casada continuou trabalhando fora (na agroindústria de Olívia, Cecília e Joana, e depois na cidade) por alguns anos, até que, em 2016, ela passou a trabalhar na agroindústria, tendo em vista que os seus sogros não estavam dando conta de todo o trabalho na propriedade e acabavam deixando a agroindústria um tanto de lado. Madalena já detinha algum conhecimento sobre a produção de chimias e doces em calda, mas aprendeu, também, com a sogra, conforme ela fazia na agroindústria. Além disso, fez o curso de Boas Práticas de

Fabricação. Atualmente, é Madalena quem comanda as atividades da agroindústria, que produz doce cremoso (chimia) de figo, goiaba e laranja, geleia de morango e doces em calda de pêsego e figo. A maior parte da matéria-prima é produzida na propriedade da família, mas nessa parte Madalena não se envolve muito, ficando mais a cargo dos sogros, do marido e do cunhado, que também trabalham na agroindústria. A comercialização é realizada para supermercados e lojas de produtos coloniais, bem como na própria propriedade e para a alimentação escolar.

No Quadro 6 procuro sintetizar algumas informações referentes às agroindústrias familiares, as quais foram detalhadas nesta seção.

Quadro 6 - Características das agroindústrias familiares

Agricultora(s)	Ano de surgimento da agroindústria	Produtos processados	Quem contribui nas atividades da agroindústria**
Matilde e Lurdes	1991	Farinha de mandioca, pães, chimia, passas, chips, etc.	Maridos e filhos
Adelaide	1999	Queijo colonial, <i>parmeseão</i> e temperado	Marido e filhas
Olívia, Cecília e Joana	2009*	Polpa de figo e passas de frutas	Pai e diaristas (quando necessário)
Aurora e Irene	2002	Passas de banana, geleias, polpas de açaí e maracujá, molho de tomate, etc.	Maridos e sogros
Lídia	1990	Doces em calda	Marido. Diarista e filha (quando necessário)
Amélia e Sofia	2001	Vinagres	Marido e filho
Clarice	2003	Biscoitos	Marido. Filha (quando possível)
Madalena	2000*	Doce cremoso (chimia) e doces em calda	Marido, sogros e cunhado

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Notas: *Joana se insere na agroindústria em 2012 e Madalena em 2016.

Diante do exposto, é possível identificar que as agroindústrias surgem em diferentes momentos da vida das mulheres, bem como por diferentes motivações, tornando difícil estabelecer uma relação comum entre elas. No entanto, verifica-se que, em alguns casos, a

agroindústria surge com o casamento das mulheres e sua inserção nas atividades desenvolvidas pela família do marido. Em muitos casos ela começa na cozinha de casa, a partir daqueles alimentos que as mulheres já sabiam preparar. Em outros casos a agroindústria já existia na família e as mulheres se inserem quando atingem determinada idade. Há, também, as motivações trazidas por cursos e/ou experiências associativas.

Ademais, aquilo que, inicialmente, eu chamava de “pró-atividade” das mulheres com relação às agroindústrias, ao longo da pesquisa revelou-se tratar, na verdade, de “inconformismo” das mulheres, pois existe uma motivação comum a todas, de gerar a própria renda para ter autonomia e redesenhar as relações de trabalho, gênero, familiares e domésticas. Movidas por esse inconformismo, elas se envolvem nas atividades da agroindústria familiar, desde as ideias iniciais e o processamento que, muitas vezes, se inicia na cozinha doméstica, até a concretização de um espaço específico e o surgimento da agroindústria propriamente dita. Esse inconformismo se expressa também quando elas afirmam que “aprendem fazendo”, que, como afirmam Woortmann e Woortmann (1997, p. 73), trata-se de um processo de ensino-aprendizagem que prepara para o trabalho e “faz-se pelo próprio fazer”. Nesse aspecto, é importante ressaltar que muitas delas “aprendem fazendo” a partir das experiências, conhecimentos e receitas das suas mães e/ou sogras, revelando, possivelmente, que nas suas famílias a cozinha é um espaço das mulheres. Além disso, cabe ressaltar que todas as mulheres contam com a participação de outros membros da família na agroindústria, porém essa participação se dá em atividades específicas ou, ainda, esporadicamente, dependendo do caso. Em comum, nesse ponto, deve-se considerar o fato de que as mulheres são as maiores responsáveis pelo trabalho nas agroindústrias.

À guisa de conclusão, este capítulo teve como objetivo conhecer e reconhecer a história de vida das mulheres pesquisadas, destacando, sobretudo, o trabalho, desde a infância até o período de realização da pesquisa de campo (2019 e 2020), em que elas se dedicam, também, às atividades em agroindústrias familiares. Desse modo, a contextualização ora apresentada permitirá melhor compreensão dos demais capítulos de resultado, tendo em vista que, a partir deste capítulo, se conhece um pouco da história das mulheres. Aspectos trazidos neste capítulo serão explorados no próximo, que discutirá, na perspectiva do gênero e da divisão sexual do trabalho, a participação das mulheres nas atividades que compõem os trabalhos produtivo, reprodutivo e de cuidado.

4 IR E VIR ENTRE TRABALHO PRODUTIVO, REPRODUTIVO E DE CUIDADO

Esse capítulo tem como objetivo identificar, na perspectiva do gênero e da divisão sexual do trabalho, a participação de mulheres nas atividades que compõem os trabalhos produtivo, reprodutivo e de cuidado em propriedades rurais dedicadas ao processamento de alimentos em agroindústrias familiares. Para tanto, apresento as rotinas de trabalho diário das mulheres participantes desse estudo, organizadas por agroindústria, procurando detalhar as atividades que realizam ao longo do dia, de acordo com as especificidades de cada uma. A opção por trazer em detalhes o cotidiano de trabalho das mulheres decorre do fato de que elas produzem distintos alimentos, tem configurações familiares distintas e, ainda que nessas diferenças se encontrem semelhanças, interessa visibilizar todo o trabalho realizado, tanto produtivo, reprodutivo ou de cuidado.

Além da descrição das rotinas, esse capítulo faz uso de fotografias para suscitar leituras outras sobre o trabalho das mulheres rurais interlocutoras da pesquisa. Não me alongarei na escrita sobre o caminho para chegar nesse ensaio de narrativa visual, já contemplado no Capítulo 2. Contudo, resgato a ideia de que se trata de um ensaio, bem como o entendimento das imagens enquanto complementares ao texto (GODOLPHIM, 1995), tendo em vista que nem tudo pode ser fotografado.

As rotinas laborais evidenciam o que estou chamando de “ir e vir entre trabalho produtivo, reprodutivo e de cuidado”, uma vez que o trabalho no processamento de alimentos nas agroindústrias favorece os deslocamentos das mulheres, bem como a realização simultânea de atividades em distintos espaços. Desse modo, chama-se a atenção para a divisão sexual do trabalho e como ela ocorre no contexto pesquisado.

Intenciono que as(os) possíveis leitoras(es) possam conhecer e apreender o “ir e vir”, além de observar que o trabalho remoto que a pandemia de COVID-19 impôs a muitas famílias e que trouxe à tona (novamente) a discussão sobre divisão sexual do trabalho e jornadas contínuas de trabalho²⁴, é vivido pelas mulheres rurais participantes da pesquisa há muito tempo, todos os dias. Essa realidade aplica-se a muitas agricultoras familiares (se não todas), pois, como já abordado no Capítulo introdutório, em contextos de agricultura familiar,

²⁴ Ver, por exemplo, o Dossiê “A pandemia de Covid-19 na vida de mulheres”, publicado pela Revista Inter-Legere, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, bem como o Dossiê “Família e Covid-19: entre a proteção e a desproteção”, publicado na Revista Oikos, da Universidade Federal de Viçosa.

negócio e família misturam-se o tempo todo (SILVESTRO *et al.*, 2001), a propriedade rural é local de produção, de sustento, de moradia, de lazer.

O capítulo está estruturado em duas partes. A primeira apresenta as rotinas de trabalho produtivo, reprodutivo e de cuidado realizadas pelas mulheres em estudo, organizadas por agroindústria. Nesse sentido, algumas rotinas são mais ricas em detalhes e imagens do que outras. Isto ocorre devido ao menor tempo de convívio com algumas mulheres, em virtude da impossibilidade de continuar a pesquisa de campo²⁵. Já a segunda parte busca elaborar, a partir de diálogos com a literatura, algumas discussões acerca das rotinas laborais. Destaco que, em virtude de trazer muitas fotos, este capítulo é mais longo que os demais. Por se constituir em um capítulo mais descritivo do que analítico, convido para uma leitura sem ânsia por explicações, análises ou respostas, ainda que possam haver aproximações nessa direção.

4.1 AS ROTINAS DE TRABALHO

A rotina de trabalho das mulheres pesquisadas inicia bem cedo, logo que acordam, e se estende até a noite, muitas vezes se encerrando apenas no momento em que vão dormir. Nesse meio tempo, elas realizam diversas atividades laborais que abrangem os trabalhos produtivo, reprodutivo e de cuidado, conforme a conceituação apresentada no Capítulo 3. A maior parte do trabalho produtivo realizado é compartilhada com todos os integrantes da família, já o trabalho reprodutivo e de cuidado é, na maioria dos casos, realizado somente pelas mulheres (sozinhas, entre mãe e filha(s) ou entre irmãs), conforme será evidenciado nas próximas subseções.

Nesse sentido, as atividades executadas pelas mulheres rurais participantes do estudo apresentam, em boa medida, a forma como ocorre a divisão sexual do trabalho em suas famílias. Assim, antes de adentrar nas rotinas propriamente ditas, considero importante ter presente o conceito de divisão sexual do trabalho. Segundo Hirata e Kergoat (2008), a divisão sexual do trabalho caracteriza-se pela atribuição da esfera produtiva e de maior valor social adicionado aos homens e a esfera reprodutiva às mulheres, de modo que, prioritariamente, às mulheres é designado o espaço privado e doméstico, e aos homens, o espaço público e

²⁵ Algumas rotinas serão apresentadas com maior riqueza de detalhes devido ao fato de que foi possível permanecer mais tempo acompanhando o trabalho dessas mulheres. Conforme relatado no Capítulo 2, a pandemia de Covid-19, intensificada no Brasil em março de 2020, impossibilitou a continuidade da pesquisa de campo, refletindo em menor tempo de convívio com algumas mulheres interlocutoras desta pesquisa.

produtivo. Para as autoras (2007, p. 599) “essa forma particular da divisão sexual do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio da separação (há trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher)”.

Sorj (2010) afirma que a divisão sexual do trabalho expressa as desigualdades de gênero, pois se assenta sob a norma social que associa as mulheres à domesticidade e designa-as àquele trabalho realizado na esfera privada, enquanto a identidade masculina, conforme Sorj (2014), segue se reproduzindo pela distância que os homens mantêm e buscam preservar do ambiente doméstico. Nesse contexto, insere-se também o trabalho de cuidado, existente em todas as atividades habituais, como aquelas de manutenção da casa, da higiene pessoal e do carinho e afeto para com outra pessoa, que é realizado quase que exclusivamente por mulheres (HERRERA, 2016).

É importante ter presente que “a teorização em termos de divisão sexual do trabalho afirma que as práticas sexuadas são construções sociais, elas mesmas resultado de relações sociais” (KERGOAT, 2009, p. 68), isto é, o trabalho que a sociedade costuma atribuir prioritariamente às mulheres, como sendo seu “papel social”, seu destino natural (biologicamente definido), quando analisado sob a ótica da divisão sexual do trabalho é compreendido como construção social, fruto das relações sociais de sexo (KERGOAT, 2009).

Tendo em vista esses conceitos, nas seções seguintes são descritas, de forma densa, as atividades realizadas pelas mulheres.

4.1.1 “Não é só fazer o queijo!”: a rotina laboral de Adelaide

O dia de Adelaide inicia às 5h45, horário em que ela costuma acordar. Como ela trabalha com o processamento do queijo colonial, logo cedo é necessário fazer a ordenha das vacas. Então, logo ao despertar, Adelaide prepara e toma o chimarrão, depois vai para o galpão tirar o leite e iniciar o processamento do queijo que, geralmente, conta com a participação das filhas para o trato dos animais e a ordenha (Figura 7).

Figura 7 - A caminho da ordenha

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Concluída a ordenha, o leite é levado para o espaço destinado ao processamento dos queijos, que ocorre em uma pequena área anexa à casa do sogro de Adelaide, que reside na mesma propriedade e carinhosamente é chamado de Nono. Nesse momento, Adelaide, com a participação das filhas ou a ajuda do marido, coa bem o leite para eliminar qualquer sujidade que possa haver, depositando-o em panelas grandes (Figura 8). Se necessário, o leite é aquecido e logo em seguida é acrescentado o coalho. Como o leite demora para coalhar, Adelaide aproveita esse tempo para retornar para casa, preparar e tomar o café da manhã, além de realizar outras atividades domésticas, como varrer e limpar a casa, lavar as louças do café, dobrar e guardar roupas.

Essa forma de organizar a rotina matinal – em que primeiro a família toma chimarrão, depois vai tratar os animais e ordenhar as vacas e, após esse trabalho, retorna para casa e, só então, toma café da manhã –, é comum entre as famílias do sul do Brasil que trabalham com bovinocultura de leite, como já evidenciado em trabalhos como os de Herrera (2016) e Froelich (2017).

Figura 8 - Etapas do processamento dos queijos I



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Em seguida, Adelaide volta à casa do sogro, mexe o leite que está começando a coalhar e vai para a cozinha “encaminhar o almoço”, o que implica colocar para cozinhar alimentos que demoram mais para ficar prontos, lavar saladas, descascar legumes, entre outras tarefas (Figura 9). Da cozinha, na casa do Nono, Adelaide dá uma espiada no queijo.

Figura 9 - O trabalho doméstico e a conciliação de atividades I



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Depois que o leite coalha, quando chega o momento, é necessário mexer bem a massa resultante, retirar o soro²⁶, dividir a massa em porções menores e colocá-las em um pano fino, de modo que ao apertar a massa, mais soro seja eliminado. Somente após estas etapas, a massa com o paninho é colocada nas formas (Figura 10). Nesse momento, Adelaide aperta mais um pouco a massa e ainda retira mais soro excedente. Depois de fazer isso com toda a massa, Adelaide já faz a primeira virada dos queijos, que consiste basicamente em tirá-los da forma e colocá-los de novo na mesma forma, ainda com o paninho. Esse processo é repetido novamente em algumas horas. Feito isso, Adelaide lava as louças utilizadas no processamento dos queijos da manhã e organiza o espaço. Todas essas etapas descritas são realizadas de forma artesanal, sendo “as mãos” o instrumento mais importante nesse processo, somado a força ao peso do próprio corpo, o que auxilia na prensagem manual dos queijos.

²⁶ O soro é destinado à alimentação dos porcos da propriedade. Quando a produção está em alta, doa-se a parte excedente do soro para os vizinhos alimentarem seus animais.

Figura 10 - Etapas do processamento dos queijos II



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

O trabalho na atividade leiteira envolve uma rotina bem definida, tendo em vista que é realizada da mesma forma, todos os dias, nos mesmos horários, independentemente se é feriado ou final de semana. Nesse sentido, foi muito fácil para Adelaide, em comparação com as outras mulheres e suas atividades, relatar a sua rotina de trabalho. O trecho de entrevista a seguir ilustra essa rotina. Vejamos:

15 pras 6h eu levanto, daí eu tomo chimarrão até as 6h15 (risos), levanto e tomo meu chimarrão, que depois durante o dia [nem sempre dá tempo]... [...] Mas daí depois que eu tomei meu chimarrão, eu vou pros galpão, aí eu de lá saio 15 pras 8h, 8h, depende. Daí vai o queijo, ã, o leite pra fazer queijo, daí enquanto coalha o leite, eu subo tomar café e dar uma ajeitada na minha casa, porque todos os dias tem que varrer, sempre tem né, lavar a louça. [Uhum, e daí é a senhora que arruma o café?] É, daí lava as louças, varre, limpa, arruma, guarda a roupa, e assim é, dobra e daí é 8h e meia. Daí eu desço lá na casa do Nono, daí eu espero ainda, daí eu mexo, dou a primeira mexida no queijo e vou daí eu vou organizar as coisas pra comida, daí quando organizei as coisas eu vou juntar o queijo, daí eu levo uma hora, uma hora e pouco se eu tô sozinha, pra todo o queijo. (ENTREVISTA COM ADELAIDE, 2019)

Adelaide processa em torno de 16 quilos de queijo por dia, somando a produção da manhã e da noite. Cerca de 90% do leite produzido na propriedade é destinado ao processamento dos queijos, o restante é reservado para a comercialização *in natura* e para o autoconsumo da família.

Quando Adelaide diz “eu vou pros galpão”, ela não se refere somente à ordenha das vacas, mas, também, às demais atividades que realiza no espaço dos galpões, como, por exemplo, a alimentação das vacas, dos porcos, das ovelhas e das galinhas, a limpeza da ordenhadeira, a limpeza e organização da sala de ordenha. Desse modo, o espaço do galpão é um espaço produtivo, que envolve também o cuidado com os animais. É importante destacar que a realização destas atividades se dá em conjunto com o marido e as filhas, quando estas não estão ocupadas com as atividades na sua agroindústria. Para o processamento dos queijos em si, Adelaide conta com a participação das filhas, mas a responsabilidade pelos queijos é dela. Se as filhas não estão disponíveis, Adelaide faz os queijos sozinha, pois seu marido não se envolve no processamento em si, realizando outras tarefas na propriedade, como o manejo dos animais, pomares e a construção e/ou reforma das instalações.

O trabalho de produzir queijo colonial nos moldes da agricultura familiar é uma atividade majoritariamente realizada por mulheres, como apontam Cavinatto, Silveira e Cruz (2019) em pesquisa sobre o queijo colonial produzido no noroeste do Rio Grande do Sul. Nessa pesquisa, as autoras também apresentam as etapas de produção dos queijos coloniais e,

ainda que possa haver alguma diferença de agricultora para agricultora, a forma de fazer é basicamente a mesma observada no depoimento de Adelaide.

Entre uma virada e outra dos queijos, Adelaide prepara o almoço para toda a família, isto é, marido, filhas, genros, neta e sogro, totalizando 10 pessoas (em alguns dias esse número se reduz para 8, pois os genros nem sempre almoçam em casa). Parte do almoço Adelaide cozinha no fogão a lenha (Figura 11), outra parte no fogão a gás. Enquanto cozinha, Adelaide tem o rádio ligado e até acompanha cantando algumas músicas reproduzidas pela emissora sintonizada, como “Franguinho na Panela”, moda de viola interpretada pela dupla Lourenço e Lourival.

Figura 11 - O trabalho doméstico e a conciliação de atividades II



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

As filhas geralmente ajudam a arrumar a mesa, terminam de preparar as saladas ou alguma outra coisa. Todos almoçam juntos, todos os dias, na casa do Nono. Antes de almoçar todos ficam de pé em volta da mesa e fazem uma oração. Durante o almoço, o rádio cede espaço à televisão que, sintonizada na RBS TV, afiliada da Rede Globo, reproduz as notícias mais importantes do estado. Depois de almoçar, quem recolhe as coisas da mesa e lava a louça são as filhas, conforme relata Adelaide no trecho de entrevista a seguir:

Lavar a louça é elas, daí eu só faço almoço, deixo tudo pronto, quando eles vêm tá na mesa já. [E daí depois do almoço a senhora descansa um pouco ou não?] Não, daí já tem... daí eu vou atrás lavar roupa, as vezes tratar os porcos e sempre tem uma coisinha pra fazer, virar o queijo, lavar o queijo (risos). (ENTREVISTA COM ADELAIDE, 2019)

Durante o dia, Adelaide não para um instante. O trabalho com os queijos envolve várias atividades, “não é só fazer o queijo”. Todos os dias chegam pessoas na propriedade para comprar peças de queijo, então ela também atende esses “fregueses”, efetuando a comercialização. Além disso, a sua rotina de trabalho exige certo rigor com os tempos, pois assim como o coalho leva determinado tempo para agir, as vacas têm horário para serem ordenhadas, a família tem horário para almoçar, etc. Esses aspectos são evidenciados na seguinte fala:

Por isso a minha manhã é tudo... começa aqui, vai pra lá, vem pra cá, vai pra lá, daí se eu atrasar aqui meia hora, de ir lá fazer o queijo, daí já não dou conta de fazer comida, porque daí não é só [fazer o queijo], daí lava tudo as louças dos queijos, hiii, lava... porque eu tenho tudo os paninhos brancos pra onde vai o queijo dentro, tem que ser tudo toda vez lavado (risos), dá um monte de serviço. (ENTREVISTA COM ADELAIDE, 2019)

A tarde de Adelaide é ocupada com atividades em torno dos queijos, como lavá-los e virá-los (Figura 12), lavar os panos do queijo, levar as vacas na pastagem e buscar silagem, com serviços domésticos, como lavar roupas da família, limpar a casa, fazer pães e/ou cucas, com cuidados com outros animais, como os porcos, galinhas e ovelhas, bem como com o cuidado e manutenção do jardim/pátio.

Com relação ao jardim e pátio, ela cuida das plantas e flores, o Nono (sogro) ou as filhas cortam a grama e o marido faz a poda e/ou corte das árvores, quando necessário. Nesse sentido, ela revelou durante a entrevista que quer aprender a cortar a grama: “Essa semana eu disse ‘eu quero aprender com a roçadeira, que alguém me ensina’, mas com essa dor que eu tenho no pescoço não vai dar (risos)”, se referindo ao “mau jeito” que deu no pescoço, pois, segundo ela, na noite anterior havia deitado no sofá para ver TV e isso ocasionou a dor. No dia da entrevista, observei a filha Cecília fazendo uma massagem no pescoço de Adelaide, com o intuito de aliviar o desconforto, revelando as relações de cuidado que se tecem na família.

Figura 12 - Etapas do processamento dos queijos III



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Com relação ao trabalho na horta, Adelaide esclarece que essa é a responsabilidade do sogro (Nono) e ela só se envolve esporadicamente e em atividades pontuais, como, por exemplo, limpar as cebolas. A produção da horta na propriedade de Adelaide é destinada única e exclusivamente para o autoconsumo da família, sendo este um trabalho reprodutivo. No entanto, há que se considerar que o Nono, já idoso, se assemelha à mulher, com “importância menor” (mesmo sendo homem) e assume trabalhos reprodutivos. Já com relação à roça, ela afirma: “Ah, agora eu não [vou], só vou nas lavourinhas assim, mas pra roça, pra roça já há tempo eu não fui mais (risos)”. Quando menciona “lavourinhas”, ela se refere a espaços de cultivo mais próximas a casa, direcionados sobretudo ao autoconsumo. Além disso, não ir para a roça também tem relação com o trabalho de cuidado, como revela: “Ah, daí o Nono não pode ficar muito sozinho né, daí a gente nunca sabe né, agora até que ele tá bem, mas tempos atrás ele não tava muito bem sabe, logo que a Nona faleceu daí, daí sempre tinha que ficar alguém por perto né, daí eu já ficava por aí, já ficava com o serviço das vacas”. Dessa forma, Adelaide, estando “por casa”, faz companhia para o Nono, conversa, o observa e pode auxiliar caso ele precise de algo. Como mencionado no Capítulo 3, embora idoso, o Nono ainda exerce algumas atividades na propriedade e não tinha grandes problemas de saúde no momento em que a pesquisa de campo foi realizada. No entanto, desde o falecimento da

Nona, sua esposa, fato que o deixou bastante abatido na época, Adelaide e a família tem receio de deixá-lo sozinho, dedicando especial atenção a ele. Toda a família se envolve no cuidado dele, mas, como será abordado mais a frente, neste capítulo, Adelaide passa a maior parte do dia “em casa”, então ela acaba sendo mais protagonista nessa atividade.

Seguindo com a rotina de trabalho do dia, por volta das 16h30, 17h, Adelaide e o marido começam o movimento para a segunda ordenha do dia, buscando as vacas na pastagem, colocando a comida nos coxos e, então, tirando o leite (Figura 13). Depois disso, repetem-se as etapas da manhã para realizar a segunda produção de queijos do dia. As filhas, quando disponíveis, auxiliam também nesta segunda ordenha e processamento. Adelaide explica que após colocar o coalho no leite e voltar para casa já é noite: “é 19h, às vezes, quando chove nós chegamos mais cedo, mas quando tem o sol daí espicha mais o dia”. Mais tarde, tem que voltar ao trabalho com os queijos, pois o leite já coalhou. Geralmente, por volta das 21h/21h30 conclui-se o processamento do segundo lote de queijos do dia. Observei que nessa produção de queijos da noite, as filhas participam com maior frequência quando comparada à da manhã, sobretudo em determinados períodos do ano²⁷.

De noite, para o jantar, Adelaide não faz comida, pois ela e o marido preferem “um café”, que consiste em pão, queijo, salame, chimias, leite, café, cuca e outros alimentos tradicionais na cozinha italiana, como mencionado no Capítulo 3. É importante destacar que a noite cada filha se organiza em sua casa, de modo que Adelaide prepara o café somente para ela e o marido. Ela explica que o sogro gosta de esquentar a comida que sobrou do almoço (que ela já deixa organizada). Quando questionada sobre assistir TV ou fazer alguma outra atividade de lazer a noite, Adelaide diz que gosta de ver programas da TV Aparecida e que o marido gosta de ver filmes, algo que ela não aprecia. Pelo que observei, é a noite, depois de preparar e tomar o café, lavar a louça e terminar os queijos, que Adelaide para um pouquinho para descansar, às vezes assistir TV, às vezes deitar no seu colchão que faz massagem, já se encaminhando para dormir.

²⁷ As razões disso serão abordadas na seção 4.1.2.

Figura 13 - A ordenha da noite

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Antes de ir dormir, sempre por volta das 21h30, Adelaide tira a carne para descongelar para o almoço do dia seguinte, mas ela adverte: “Muitas vezes também a gente mata um galo, faz uma coisa diferente dos outros dias”. Além disso, rindo, ela afirma: “quando eu vou deitar de noite eu penso, eu digo sempre ‘ai meu Deus me dá uma luz que amanhã o que que eu vou cozinhar?!’ (risos)”. No outro dia, repetem-se as atividades (Figura 14), mas a luz vem! Ou, como diz Adelaide: “caí a ficha!”.

Figura 14 - Vacas aguardando pela ordenha, todos os dias, nos mesmos horários



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Nesta subseção, procurei apresentar a rotina de um dia de trabalho de Adelaide, tal como ela narrou na entrevista e como pude observar em campo. Mas, além das atividades já mencionadas, há dias em que a rotina muda um pouco, pois ela também trabalha durante cerca de quatro dias na Associação de Fornos de Gramado, a cada 40 dias²⁸, fazendo cucas, pães e bolachas. Nesse sentido, a função dela é sovar a massa das cucas na máquina/sovadeira. Ademais, quando ocorre alguma festa ou evento na comunidade, Adelaide sempre trabalha na cozinha, preparando alimentos.

Na sequência, descrevo a rotina laboral de Olívia, Cecília e Joana, filhas de Adelaide.

²⁸ A Associação é organizada por grupos de agricultoras e agricultores. Então, ocorre um rodízio de grupos, de modo que, de janeiro a outubro, como a Associação só abre durante os finais de semana (de quinta a domingo), cada grupo é escalado para trabalhar com menor frequência, geralmente a cada 40 dias. Já na época do Natal, de novembro até o início de janeiro, o rodízio é mais rápido, pois a Associação trabalha de segunda a domingo. A associação localiza-se no centro da cidade, onde produz e comercializa cucas, pães e bolachas, assados em fornos rústicos, nas brasas, à vista de todos os consumidores e turistas que passam pelo local.

4.1.2 “A gente faz”: o trabalho coletivo de Olívia, Cecília e Joana

As três irmãs Olívia, Cecília e Joana trabalham juntas na agroindústria de frutas desidratadas e também na propriedade rural da família. Durante as entrevistas, realizadas com cada uma delas, individualmente, chamou a atenção a quantidade de vezes que elas disseram “a gente”, “a gente faz”, “a gente vai”, “a gente se divide”... Esse “a gente” reflete o aspecto coletivo do trabalho que elas realizam cotidianamente. Embora se dividam em algumas tarefas, conforme as afinidades e/ou disponibilidades, elas fazem juntas boa parte das atividades laborais. Além disso, elas compartilham a responsabilidade de gerir um empreendimento econômico da agricultura familiar, que é a agroindústria.

A rotina de trabalho delas varia conforme a época do ano, dividindo-se basicamente em dois momentos: o da safra e o da entressafra. Como há mudanças de um período para o outro, vou apresentá-los separadamente. Desse modo, na primeira parte procuro desenvolver a rotina de trabalho da entressafra, que ocorre entre os meses de setembro e dezembro, aproximadamente. Na segunda subseção, apresento o cotidiano de trabalho durante a época da safra, a qual acontece, grosso modo, entre janeiro e agosto. Além disso, existem as atividades que são realizadas durante todo o ano, independentemente da época. Estas descrevo, brevemente, na última subseção.

4.1.2.1 “Quando a gente tá por casa”: o trabalho na entressafra

Entre os meses de setembro e dezembro, as irmãs Olívia, Cecília e Joana costumam estar mais “por casa”, como dizem ao se referir a entressafra. Nesse período, elas acordam por volta das 6h30 da manhã e vão trabalhar com os pais na alimentação dos animais, ordenha das vacas e processamento dos queijos (Figura 15). Nesse sentido, algumas etapas descritas anteriormente, com relação ao trabalho de Adelaide na produção dos queijos, são realizadas também por Olívia, Cecília e Joana nesse período de entressafra, sobretudo na segunda produção de queijos do dia.

Figura 15 - Preparando a alimentação dos animais



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Nas manhãs, após participar na ordenha (Figura 16) e no início do processamento dos queijos, elas retornam para suas casas para tomar café. Com relação ao preparo do café da manhã, Olívia afirma que em sua casa “cada um prepara o seu, não tem esse negócio assim...

Na minha casa a gente é bem independente, cada um faz o seu e deu! É que eu levanto numa hora, daí o meu marido levanta em outra”. Na casa de Cecília, ocorre o mesmo. Já no caso de Joana, o café é preparado pelo Nono, pois, durante a semana, ela dorme na casa dele. Nesse caso, a louça decorrente do café da manhã é lavada por Joana.

Figura 16 - O trabalho de ordenha



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Com relação ao fato de Joana dormir na casa do avô, ela explica que isso ocorre desde que a avó faleceu, há um ano e meio, pois a família tem receio deixá-lo sozinho e acontecer alguma coisa, sobretudo a noite. Ela conta como se deu esse processo:

A gente não sabia como é que ia fazer né, aí eu, na hora eu pensei assim “ah, não vou tirar meu pai e minha mãe da casa né, que eles tavam, pra ficar com o Nono, porque foram anos de luta pra eles conseguir a casa que eles têm hoje, e as gurias tavam começando a construir a vida delas, tem a casa delas e coisa”, e eu disse [que eu ficaria com ele] e eu não tinha nada né, não tava construindo casa, nem nada. (ENTREVISTA COM JOANA, 2019)

Nesse sentido, por Joana estar mais presente na casa do avô, quem realiza a limpeza da casa é ela, contando, às vezes, com a ajuda de Adelaide. Joana também comenta que trabalha bastante no processamento do queijo, sobretudo na produção da noite e no período de entressafra. Ela afirma que, embora as irmãs contribuam, ela acaba se envolvendo mais por

estar fisicamente próxima ao local de processamento dos queijos, que é anexo à casa do Nono, conforme destacado no trecho de entrevista: “ah, é mais eu porque eu tô lá né, mas elas [as irmãs] também [fazem], finais de semana elas fazem, se tem bastante e a mãe tá meia cansada elas vão me ajudar, elas também fazem”. Como Joana namora, geralmente ela passa os finais de semana com o namorado, por isso, nesses dias as irmãs se revezam para fazer as atividades sem ela.

Durante o dia, geralmente, elas têm atividades para realizar na roça – que no caso delas são os pomares –, como adubações, podas, plantios, desbrota e outros trabalhos de manejo, conforme explica Olívia: “nesse período assim, a gente tá no período de adubação, de poda e tal, então sempre tem um servicinho, alguma coisa pra fazer né [...], daí quando a gente tá por casa eu ajudo a mãe a fazer o queijo, ou, ou, um servicinho, lavar queijo (risos), daí tá envolvida no queijo (risos)” (Figura 17). Além disso, na entressafra elas processam, em menor quantidade e frequência, outras frutas, como bergamota, maçã, laranja, entre outras.

Figura 17 - “Sempre tem algum servicinho”



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Com relação ao trabalho na roça, elas contam sempre com a participação e experiência do pai. Elas relatam que há algumas técnicas da fruticultura que, embora saibam fazer, ainda não dominam completamente, como é o caso da poda de formação, por exemplo. Olívia

esclarece que esse “[...] é o tipo de poda assim que tá ajeitando o figueiro pra ele produzir, sabe?! Então tem certos manejos ali que a gente não tem o olho ainda sabe, pra perceber aquilo ali, então ele [pai] vem, ele ajuda, ele que faz, a gente tira os galhos e ele faz a formação daí né”. Com base nos dados da pesquisa, é possível evidenciar que, se precisar fazer algum trabalho na roça sozinhas, elas fazem, contudo, preferem que o pai esteja presente, sobretudo em determinadas atividades, seja para trabalhar e/ou para as ensinar na prática, de modo que “aprendam fazendo”.

Joana explica que além do mirtilo e dos figos, a família também tem pomares de “caqui, amora e uva tem os parreirais, que daí é pro vinho e vinagre do Nono mesmo, pouca coisa pra venda assim. E o gado leiteiro depois, daí a gente planta o milho né, pro trato deles”. Quem mais se responsabiliza pelo cultivo do milho é o pai delas, mas elas ajudam, como evidenciado no trecho de entrevista em que Joana afirma:

A gente ajuda [em] todo o processo né, ele [o pai] comanda, mas a gente ajuda [em] tudo né, passar ureia, ajudar no plantio, no que precisa, enfim, tem, ah os tratores né, tudo, que planta. Mas ah, tem que levar um saco de adubo, ah, tem que levar semente e coisa, a gente que tá ajudando né, mas senão a maioria é com o pai né. (ENTREVISTA COM JOANA, 2019)

Com relação ao uso do trator, todas elas sabem dirigi-lo, inclusive a mãe, Adelaide. No caso do milho, Olívia também afirma que ela e as irmãs ajudam o pai a plantar, fazer a adubação, passar ureia, colher, assegurando que “isso é tarefas assim que a gente ajuda a fazer, que a gente aprendeu”.

Próximo ao meio dia, elas retornam para o almoço, que é preparado por Adelaide, como descrito na seção anterior. Elas ajudam, sobretudo no período da entressafra, como narra Olívia: “Às vezes, quando eu tô por perto eu ajudo [em] alguma coisa, sempre, salada, essas coisas a gente ajuda tudo fazer, mas geralmente na panela grossa é ela [a mãe] quem faz. E lavar a louça assim, a gente se divide, um dia uma, um dia a outra, eu e as gurias [...]”. Quando Adelaide vai trabalhar na Associação de Fornos, elas ficam responsáveis pelo preparo do almoço, conforme relata Cecília: “Quando ela sai, que ela participa dos fornos, daí a gente tem que se virar e uma faz feijão, outra faz a massa, daí a gente se vira”. Sobre isso, Joana afirma que, na ausência da mãe “[...] daí sai umas comidas assim (risos) que o Nono não vê a hora que a mãe vem pra casa de volta”.

Nesse sentido, Joana diz que não cozinha e não gosta de cozinhar e que, por isso, nem aprendeu direito. Ainda assim, o preparo da sobremesa dos domingos é sua responsabilidade e, como revela, “se não tem todo mundo me xinga né (risos)”. No caso de Cecília, ocorre algo

parecido, com a diferença de que ela sabe cozinhar: “se precisar eu cozinho né, sei fazer, mas assim, não é, se tiver outra coisa pra fazer eu faço, não gosto de cozinhar, não gosto (risos)”.

Já Olívia gosta de cozinhar, mas assevera:

Se eu tiver que fazer por obrigação assim eu já não... todo dia não, se eu tivesse que ter o compromisso da mãe eu não conseguiria, acho que eu ia surtar! Às vezes, ela sai e ela fica os 4 dias dela lá no forno e, bah, daí a gente tem que pensar o que que tem que fazer, eu começo a surtar! E eu gosto de fazer o que eu gosto de comer, entendeu?! E daí não é a mesma coisa que todo mundo gosta, entendeu?! E daí tu fica meio chateada assim. Eu não curto fazer comida pra todo mundo (risos). (ENTREVISTA COM OLÍVIA, 2019)

Após o almoço, não há um momento para deitar e dormir, ainda que só por alguns minutos. Quando perguntei sobre um momento de descanso no dia, Joana respondeu: “no verão assim nos dias quentes sim, a gente tira [um intervalo], pra não ir cedo né, na roça, por causa do sol né, [...] pra não pegar o sol tão forte”. Olívia se refere a esse intervalo como o momento de tomar chimarrão e narra, com detalhes, o que elas costumam fazer no período da tarde:

Depois do almoço? Ah, o Nono tá sempre tomando, toma chimarrão, ele dorme né, ele dorme (risos), aí a gente toma chimarrão, daí a gente fica por ali [geralmente na cozinha do Nono ou da mãe], conversa um pouco e tal. E daí depois a gente vai fazer alguma coisa, sei lá, se tem que ir pra roça a gente vai pra roça... Mas daí em torno de 17h, mais ou menos, a gente começa a ajudar pra tirar leite, daí busca silagem, arruma vaca, busca terneiro, põe na pastagem, isso a gente sempre ajuda quando tá por casa né, e se a gente tá na roça daí a gente fica até 17h30, 18h a gente fica. (ENTREVISTA COM OLÍVIA, 2019)

Nessa época da entressafra, geralmente são elas que iniciam e finalizam a produção de queijos da noite, de modo que a mãe, Adelaide, fica um pouco desprendida dessa função. Elas costumam fazer o queijo em dupla e não há uma escala definida *a priori*, na hora elas se organizam, conforme a disponibilidade. Entre uma e outra etapa da produção do queijo, quando há um intervalo maior, elas organizam alguma coisa em casa, fazem sua higiene pessoal, preparam algo para jantar, estudam, entre outras atividades, que variam de um dia para o outro.

Geralmente, elas vão dormir por volta das 22h/22h30. Pela minha observação, é durante o sono que efetivamente param para descansar, mesmo nesse período que estão “por casa” e consideram mais tranquilo em termos laborais. Na época da safra, como será apresentado a seguir, a rotina de trabalho é muito mais intensa.

4.1.2.2 “Na época da safra é diferente”

No período da safra, que vai de janeiro até agosto, acontece a colheita das principais frutas com as quais trabalham. Nesses meses, que podem variar um pouco, dependendo do ano e da produtividade dos pomares, o trabalho produtivo delas é intenso, pois envolve a colheita, o processamento na agroindústria, a comercialização das frutas *in natura*, a compra, negociação e transporte de frutas dos agricultores fornecedores, a comercialização das frutas processadas. Dentre as frutas com as quais trabalham, o figo é a principal, tanto em volume de produção, como de processamento e comercialização. A safra do figo ocorre de janeiro a maio e, por ser muito perecível, ele precisa ser comercializado e/ou processado logo depois de colhido.

Para dar conta de todo o trabalho durante a safra, sobretudo na época do figo, Olívia, Cecília e Joana acordam às 4h/4h30 da manhã. Às vezes, elas tomam café da manhã antes de sair para o trabalho, mas, como explica Cecília: “Se não [tomam café em casa] a gente faz lá na fábrica mesmo, lá tem um pessoal que nos ajuda no tempo da safra né, então a gente já leva um pão, uma chimia, uma linguiça lá, já faz com todo mundo um café lá e toma lá né”. Durante a safra do figo, elas contratam duas pessoas para trabalhar na agroindústria, pois sozinhas não dão conta de todas as atividades.

“Na época da safra” a rotina de trabalho delas não é exatamente a mesma todos os dias, pois varia conforme o tipo de fruta que estão processando naquele momento. Na agroindústria, que elas chamam ora de fábrica, ora de agroindústria, ora de empresa, tem uma câmara fria bem espaçosa, então algumas frutas se mantem bem conservadas por alguns dias, de modo que elas podem organizar a produção, adiantando o processamento de frutas mais perecíveis, por exemplo. O figo é a principal matéria prima utilizada na agroindústria, sendo destinado para a comercialização *in natura*, cristalização e, sobretudo, a maior parte passa por um primeiro processamento, em que elas transformam a fruta em polpa e vendem para uma indústria da região, onde será transformada em geleia. Por isso, o trabalho em torno dele foi muito mencionado durante as entrevistas, de modo que a rotina de atividades durante a safra do figo foi mais rica em detalhes.

Como é uma rotina de trabalho bastante dinâmica, variando de um dia para o outro e de uma época para a outra, Olívia a descreveu exemplificando a partir de dias da semana

(segunda, terça e quarta-feira)²⁹, tornando mais fácil o entendimento: “[...] ã, na segunda-feira, de manhã, a gente colhe figo a manhã inteira, dos nossos pomares, aí depois do meio dia aí alguém, alguém sempre vai fazer entrega [na cidade], porque a gente vende [uma parte do figo *in natura*] nos mercados também”. Ao meio dia, fazem uma pausa de cerca de uma hora para o almoço, em casa. Depois uma delas vai comercializar parte do figo na cidade e as demais ou seguem a colheita na roça/pomar, ou vão processar o figo na agroindústria (Figura 18). Cabe ressaltar que a sede da agroindústria não se localiza na propriedade rural da família, mas sim em outro espaço, distante cerca de 600m (7 minutos a pé), em local/estrutura alugado para tal finalidade.

Figura 18 - Etapa da colheita de figo



Fonte: Elaborada por Olívia (2021).

No final da tarde, em horário que varia entre 16h30 e 17h30, elas vão buscar figos nos fornecedores locais, que são famílias agricultoras da própria comunidade e de comunidades vizinhas, como explica Cecília: “[...] depois das 17h30 a gente então sai no interior com os carros né e caminhão recolher figo do pessoal, vai nas casas deles né, daí recolhe o figo e traz

²⁹ Esses dias são hipotéticos, não significa que essas atividades acontecem, necessariamente, nestes dias da semana.

pra empresa, daí normalmente isso a gente termina lá pelas 21h, 22h da noite, de recolher o figo.”. Esse horário varia conforme a quantidade de figo adquirida no dia. Nessa coleta dos figos, Olívia vai dirigindo o caminhão e Cecília e Joana vão, juntas, de Kombi (Figura 19). Ao retornar para a agroindústria com o caminhão e a Kombi carregadas, elas descarregam as caixas com as frutas, organizam a armazenagem e, então, vão para casa, geralmente por volta das 22h30/23h.

Figura 19 - Na condução da Kombi



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

As três irmãs já conhecem os fornecedores e sabem qual caminho percorrer, mas a maior parte da negociação com os “colonos” é realizada pela Olívia, pois ela detém essa habilidade. Uma vez que o caminhão comporta mais caixas de figo, em comparação à Kombi, a coleta com ele demanda maior esforço físico para acondicionar as frutas, subir e descer do caminhão. Desse modo, Olívia conta com as duas pessoas – que trabalham na agroindústria durante a safra – para trabalhar com ela nessa atividade. Mas, nem sempre foi assim, como ela conta:

Antes eu era tipo assim: dirigia o caminhão, subia no caminhão, pesava, né, tinha uma pessoa que me ajudava né, mas [apenas] me alcançava as caixas, eu pesava, tirava da balança, amarrava a carga, descia do caminhão, fazia vale, conversava com o colono, pegava o caminhão, manobrava sabe, era beeeem [puxado]... e daí eu

comecei a sentir, eu tinha muita dor nas costas³⁰, muita, não conseguia mais, não tinha mais força sabe, e daí agora tem duas pessoas que me ajudam né, uma guria também da minha idade quase, um pouco mais nova do que eu, e um outro senhor que ajuda a gente, então hoje eu mais me dedico ali a fazer o valezinho³¹, conversar com o agricultor e tal, e dirigir o caminhão. (ENTREVISTA COM OLÍVIA, 2019)

Os agricultores fornecedores costumam acondicionar os figos em caixas próprias para carregar frutas e alimentos, deixando-as na entrada das propriedades, em cima de uma estrutura pequena, que pode ser de madeira ou de alvenaria (Figura 20). Essa forma de organização facilita o recolhimento das frutas e é muito comum ver essa instalação na beira da estrada, ao andar pelo meio rural de Gramado. Eu observei isso durante o campo e, inicialmente, por desconhecimento, pensava que essa estrutura fosse para colocar os tarros de leite para o caminhão recolher, como se fazia antigamente.

Figura 20 - O recolhimento das frutas



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Feitas estas atividades segunda-feira, na terça-feira elas acordam novamente às 4h/4h30 da manhã e vão trabalhar na agroindústria, beneficiando os figos colhidos e coletados

³⁰ Aspectos relacionados à saúde serão abordados no Capítulo 6.

³¹ “Vale” é uma anotação em papel, estilo “nota promissória”, que discrimina o peso das frutas recolhidas e o valor a ser pago à família fornecedora.

no dia anterior. Cecília explica que as etapas do processamento envolvem “[...] lavar, moer, hidratar, cozinhar, né [...]”, mas também é preciso buscar a lenha, fazer fogo para a caldeira, embalar, lavar as caixas das frutas, organizar o estoque, pagar fornecedores, abastecer os veículos, entre outras atividades.

Por volta do meio dia é feito um intervalo para almoço, com duração de uma hora. No trecho de entrevista a seguir, Cecília afirma que “[...] se a gente não vem pra casa [almoçar], que fica trabalhando até mais tarde [na agroindústria] né, a gente faz [comida] lá também, faz uma comida lá, improvisa alguma coisa e come lá.” Olívia analisa que a “época da safra”:

É uma época que a gente não tem muito horário. Às vezes, se o serviço tem que ficar até 13h, tu fica, às vezes se tem que sair mais cedo, daí tu tem que voltar mais cedo, é bastante compromisso, sabe?! E daí, porque as máquinas também dependem de ti, elas não funcionam sozinhas também (risos) e daí, tá daí, tem dias que a gente vira a madrugada, tipo assim, na terça-feira tem dias que termina mais cedo, termina às 17h/18h ou vai até às 22h, tem dias que às vezes tu vai até a 1h da manhã de quarta-feira sabe, isso é bem assim, depende do dia, ã, se estraga uma máquina (risos), tudo depende, é muito contraditório assim dizer que tu tem uma rotina fixa. (ENTREVISTA COM OLÍVIA, 2019)

À vista disso, a rotina de trabalho “na época da safra é diferente” e exige muito delas. Como pondera Cecília, por mais que tenham dois funcionários, “a gente tá sempre envolvido com todo o processo, desde o recolhimento da fruta, do beneficiamento, de tudo a gente tá né, então acho que talvez por isso é muito desgaste”. Nessa direção, Olívia diz que elas são “as legítimas severinas”, se referindo ao fato de que elas trabalham em qualquer atividade que se fizer necessária na e para a agroindústria.

Desse modo, seguindo o exemplo hipotético que Olívia apresentou para explicar a rotina de trabalho ao longo da semana, na terça-feira elas passam o dia todo em função do processamento do figo. Nesse sentido, com relação à ordenha das vacas e à produção dos queijos de tardinha, Joana explica: “se a gente não fica até tarde lá [na agroindústria], daí a gente vem ajudar, mas se a gente precisa ficar até meia noite, uma hora lá, daí não, daí o pai e a mãe se viram em casa [...]”. Elas explicam que quando trabalham o dia todo na agroindústria, via de regra, conseguem encerrar o expediente até às 18h, de modo que possam ajudar os pais em alguma etapa da ordenha e/ou do processamento do queijo.

Na quarta-feira, se ainda tem figo ou outra fruta para processar, elas vão trabalhar na agroindústria, do contrário, vão para a roça colher, depois comercializar e depois recolher nas famílias fornecedores. Com relação a isso, Cecília comenta ainda que “nos dias que a gente não recolhe figo ou fica na fábrica, a gente vem pra casa, tira o leite né, faz o queijo, e aí nos

dias que dá a gente lava roupa (risos), lava roupa, limpa a casa (risos), nos dias que dá a gente faz isso né.” (Figura 21).

Figura 21 - O trabalho doméstico e a conciliação de atividades III



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

E, assim, dessa maneira, elas seguem trabalhando ao longo do período da safra, sobretudo do figo, buscando produzir frutas desidratadas suficientes para a comercialização durante o ano todo (Figura 22).

Figura 22 - Maça e morango desidratados pela agroindústria de Olívia, Cecília e Joana



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

4.1.2.3 Trabalho ininterrupto

Além das atividades específicas do período da entressafra e safra, existem outras que elas realizam independentemente da época. Uma delas é a feira, que acontece aos sábados pela manhã, no centro da cidade, próxima à Associação de Fornos, em um espaço coberto e com as bancas já montadas. Na feira, comercializam os queijos e as frutas da estação (Figura 23). E, como estão na cidade, aproveitam para fazer entregas em supermercados, fruteiras e padarias, de modo que, geralmente, Cecília e/ou Joana ficam na feira e Olívia vai fazer as entregas de Kombi. Além de entregar em comércios que já são clientes consolidados, ela também oferece os produtos em locais que compram esporadicamente ou que podem se tornar clientes. Segundo Joana, geralmente essa função é da Olívia, “porque a Olívia é mais papuda né, então tem mais a ‘lábria de vendedor’, que nem diz o pai (risos)”.

Figura 23 - "Fazer feira" I

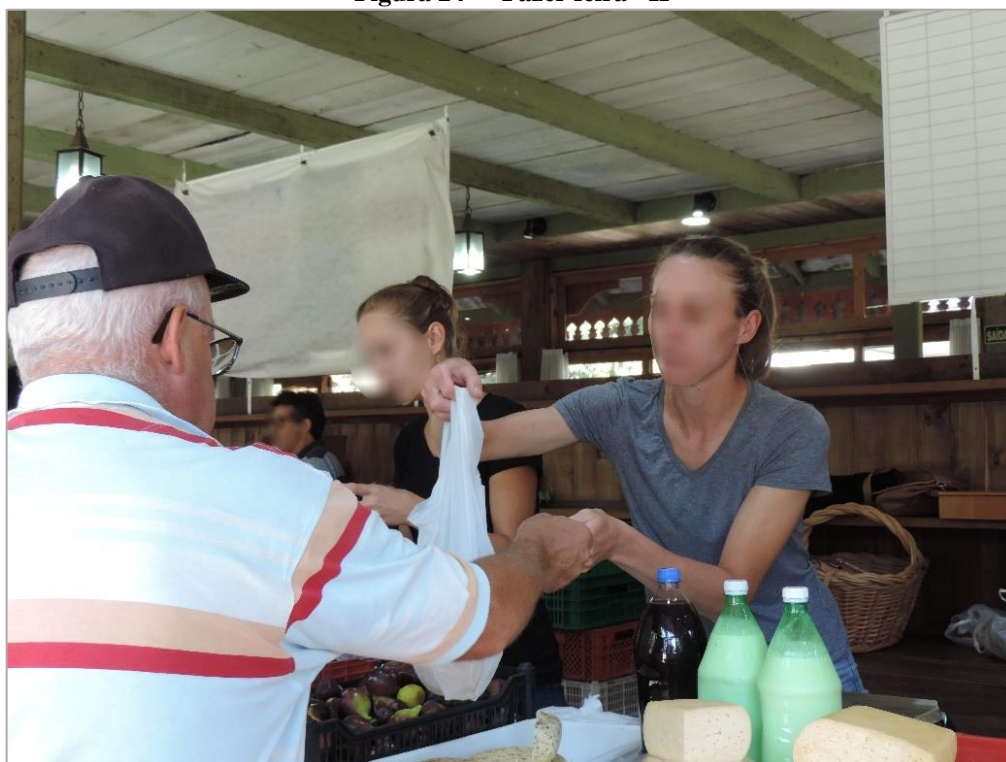


Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Eu estive na feira com elas, observei a dinâmica de comercialização, de relação com os demais feirantes e com os consumidores (Figura 24). Notei que Cecília e Joana conversam mais com os outros feirantes do que com os consumidores, pelo fato de já terem uma relação de amizade estabelecida. Já Olívia conversa bastante com todos, o que, por vezes, causa

algum desconforto com as irmãs, que dizem: “tu não pode dar tanta trela assim”. Por essa razão, na feira costumam trabalhar Cecília e Joana, enquanto Olívia faz outras vendas ou fica trabalhando na propriedade e nos queijos, ou mesmo na agroindústria. Quando as três têm aula no sábado de manhã, o pai delas vai trabalhar na feira, substituindo-as.

Figura 24 - "Fazer feira" II



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Além disso, anualmente acontece a Festa da Colônia, uma feira no parque de exposições da cidade que reúne diversas comunidades rurais, agroindústrias e outras organizações rurais para mostrar, vender e festejar a colônia (Figura 25). A Festa é realizada entre os meses de abril e maio, se estendendo por vários dias, geralmente duas semanas ou mais, então é um período em que elas se envolvem muito expondo/comercializando os produtos da agroindústria. Durante essa semana, como há menos movimento, apenas uma delas trabalha na banca na Festa, havendo um revezamento entre Cecília e Joana, enquanto Olívia fica trabalhando “por casa” ou na agroindústria. Já nos finais de semana, elas se organizam para que sempre estejam entre duas na banca, de modo que, então, Olívia participa.

Figura 25 - Festa da Colônia



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Desse modo, mesmo que afirmem que todas fazem tudo, há algumas atividades que uma delas se dedica mais, seja por afinidade ou habilidade, como elas dizem “uma puxa mais a frente disso”. Nesse sentido, Cecília é mais comprometida com a limpeza e organização da agroindústria, como ela afirma:

[...] tem que pedir “ô gurias, vamos?”. [...] “ô gurias vamos lá roçar” e tal (risos). Tipo assim, tem que [pedir], tipo assim, eu me vejo muito mais nisso sabe?! de querer, de ter as coisas organizadas, não sei se eu que sou meia [exigente?], ou, de querer cortar, ter cortado a grama ou alguma coisa assim, parece que eu me vejo mais do que elas sabe, mas elas também ajudam né, não tem o que dizer, só a Olívia né que (risos) desistiu do roçado e ficou falando no celular (risos) [referindo-se, em tom de brincadeira, ao dia anterior a entrevista, em que Olívia estava falando comigo no WhatsApp]. (ENTREVISTA COM CECÍLIA, 2019)

Já as atividades que envolvem a contabilidade e o estoque da agroindústria quem mais se dedica é Joana, enquanto a negociação com os agricultores fornecedores e as vendas para os supermercados ou empresas maiores são, em sua maior parte, realizadas por Olívia. As atividades da agroindústria que envolvem cozinhar são conduzidas por Olívia e Cecília, pois elas têm mais experiência com as receitas e técnicas de cozimento.

Além de todas essas atividades, há também o trabalho doméstico, sobretudo no caso de Cecília e Olívia, que já tem suas casas. Ambas afirmam que dividem a maior parte das

tarefas domésticas com os companheiros³², como o preparo de refeições, limpeza da casa e das louças, entre outras. O trabalho doméstico é realizado por Cecília, geralmente, aos finais de semana. Já Olívia afirma que faz “quando dá tempo”, não havendo dia específico.

Por fim, cabe mencionar que, enquanto fazem suas atividades, comumente a sobrinha delas, de 5 anos de idade, está por perto demandando algum tipo de atenção, seja para brincar, conversar, alimentar, amparar, etc., implicando em trabalho de cuidado³³.

Na seção seguinte, apresento a rotina laboral de Lídia.

4.1.3 “Sempre trabalhando, direto, desde que levanto”: a interminável lida de Lídia

O dia de Lídia inicia cedo. Ela acorda entre 4h30 e 5h, toma chimarrão, prepara o café da manhã para ela e o marido, lava as louças e vai para a agroindústria. A agroindústria localiza-se atrás da casa, em uma estrutura de alvenaria que se divide em cinco cômodos que, embora separados da casa, são uma espécie de continuação dela (Figura 26). Na entrada há uma varanda espaçosa, uma sala grande que funciona como depósito e estoque de produtos da agroindústria, uma cozinha doméstica onde são feitas as refeições da família, uma cozinha da agroindústria com fogões e panelas industriais e um espaço para a câmara fria da agroindústria.

³² Esses dados serão retomados na seção 4.2.

³³ Esse trabalho de cuidado, também realizado para com o Nono, será explorado na seção 4.2.

Figura 26 - Estruturas contíguas

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Durante o dia, Lídia revela que está “sempre trabalhando, descascando fruta, cozinhando, botando nos vidros, sempre, direto, desde que levanto”. Geralmente, a rotina de trabalho na agroindústria envolve descascar as frutas para depois cozinhá-las, transformando-as em compotas ou doces em calda, como explica Lídia: “[de manhã] eu preparo as frutas, descascar, depois de tarde começo a cozinhar daí” (Figuras 27). Após esse processo, ela coloca o doce, ainda quente, em vidros que, posteriormente ela irá rotular e embalar em caixas, para melhor armazenamento no estoque e também para facilitar o transporte.

Para realizar o trabalho na agroindústria, Lídia conta com a contribuição do marido em algumas atividades, conforme detalharei mais a frente, e com a filha e o genro aos finais de semana e quando estão de férias. Lídia afirma: “eu tenho uma mulherzinha que ajuda durante a semana, uma diarista, [mas] só nas épocas mais pesadas”, ou seja, nas épocas de safra do pêssigo e do figo, que ocorrem, aproximadamente, de novembro a março. Essa diarista a ajuda na agroindústria, sobretudo descascar as frutas, lavar as louças e na limpeza do espaço.

Figura 27 - Etapas do processamento do doce de pêsego em calda



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Para realizar o trabalho na agroindústria, Lídia conta com a contribuição do marido em algumas atividades, conforme detalharei mais a frente, e com a filha e o genro aos finais de semana e quando estão de férias. Lídia afirma: “eu tenho uma mulherzinha que ajuda durante a semana, uma diarista, [mas] só nas épocas mais pesadas”, ou seja, nas épocas de safra do pêsego e do figo, que ocorrem, aproximadamente, de novembro a março. Essa diarista a ajuda na agroindústria, sobretudo descascar as frutas, lavar as louças e na limpeza do espaço.

Essa rotina muda um pouco na época da safra, quando, então, Lídia vai para a roça trabalhar na colheita, geralmente pelas manhãs, pois durante a tarde ela processa na agroindústria o que foi colhido. Ela conta que, na propriedade, colhem

Figo, a uva, a abóbora, só que agora não tem né abóbora. Nós plantamos muita abóbora, [mas] vai dar muito pouco. Ano passado acho que colhemos uns 10 mil kg, esse ano não vai dar nada. Bastante parreira nós temos, bastante figueiro. [...] Primeiro de tudo a gente vai colher o bom pra fazer as coisas [na agroindústria] e depois o resto a gente vende [*in natura*], mas não vende coisa ruim né, o ruim a gente bota fora, os passarinhos comem. (ENTREVISTA COM LÍDIA, 2020)

Além dessas frutas mencionadas, há também o pomar de pêsegos. Como narrado acima, as frutas da propriedade que não são processadas na agroindústria, seja pela produção excessiva ou porque são muito miúdas, são comercializadas *in natura* para outras agroindústrias, supermercados, fruteiras e demais interessados. A uva, especificamente, não é beneficiada na agroindústria, sendo uma parte destinada para o consumo da família e para a produção de vinho colonial realizada pelo marido de Lídia, também para autoconsumo, e a outra parte é comercializada (Figura 28). Essa comercialização das frutas excedentes é realizada pelo marido.

Figura 28 - Produção de vinho colonial para o autoconsumo



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Ainda com relação à rotina de trabalho diário, o almoço é preparado por Lídia que, embora deixe carne descongelando desde cedo, afirma que não planeja o que cozinhar: “Ah, vem tudo na hora, eu gosto de entrar na comida às 11h e fazer uma comida e mais nada. [...] Uma batata, um arroz, um feijão, uma massa. Massa eu costumo fazer bastante e boto no *freezer*.”. No decorrer da entrevista, Lídia fala que o intervalo para almoço inicia às “11h30, 15 pra meio dia, e [re]começo às 13h30”, dando a entender que não há um horário fixo para tal. Ela também afirma que, muitas vezes, vai para a cozinha doméstica e coloca feijão ou outro alimento para cozinhar na panela de pressão e volta para o trabalho na agroindústria,

pois “é pertinho”. Após o almoço, Lídia lava a louça, organiza a cozinha e descansa “um pouquinho, uma meia hora”, mas não costuma deitar ou dormir, embora admite que “muitas vezes dá vontade viu, que a gente quando chega o fim de semana tá podre de cansada”.

A maior parte da produção é comercializada para restaurantes do município e, nesses casos, ela faz compotas em vidros grandes, de modo que o restaurante fracione conforme necessário (Figura 29). Segundo Lídia, a agroindústria tem clientes fixos, de modo que a comercialização ocorre da seguinte forma: “Eu faço os pedidos em segunda, daí em terça a gente [ela e a diarista] arruma, daí em quarta ele [marido] leva.”. Ela faz o contato via telefone com os restaurantes, perguntando a quantidade de compotas que desejam, bem como quais, se pêssigo, abóbora ou figo, anota o pedido e no outro dia organiza as caixas. A entrega é realizada pelo marido, bem como as cobranças e pagamentos de contas. Ademais, as compras para a agroindústria “é ele [o marido] que compra, a gente [ela] vai marcando o que falta né”, tanto de insumos, como açúcar e especiarias, quanto de frutas de outros agricultores.

Figura 29 - Pêssego em calda



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Lídia não tem horário fixo para encerrar o expediente na agroindústria: “ah, até que eu não termino... às vezes vai oito horas da noite, tá nas panelas, daí tem que botar nos vidros,

né?!”, pois, segundo ela, depois de cozido, o doce em calda precisa ir para o vidro imediatamente, não sendo possível deixar para o outro dia. À noite, ela prepara a janta, lava a louça e logo vai dormir. Quando questionada se faz alguma atividade de entretenimento a noite, como assistir televisão ou ouvir música, ela responde: “ah, não dá tempo, quando eu janto, faz uma... paro um pouquinho aqui [na cozinha], lavo uma loucinha, eu vou dormir, vou dormir cedo de noite, é, 21h, 21h30, eu tô indo.”

Além dessas atividades, existem outras tarefas domésticas que ela precisa dar conta, como descreve: “aquela casa ali nós só vamos dormir né, a casinha velha, às vezes tá tudo virada, mas daí eu tenho uma mulher, eu pego uma mulher a cada 15 dias pra me ajeitar um pouco. E aqui [cozinha] daí tem que pensar em lavar e cuidar... Roupa pra lavar né, ajuntar de noite”. Embora delegue algumas atividades para outras mulheres, tanto em casa quanto na agroindústria, existem serviços que somente ela faz, como, por exemplo, lavar as roupas e cozinhar, assim como fazer a gestão de tudo isso.

Os dados da pesquisa de campo indicam que Lídia se dedica muito ao trabalho e quase não sai de casa. Ela diz que sempre foi mais caseira: “nunca fui muito de sair de casa” e que, mesmo aos domingos, “fico em casa, trabalho”. Nesse sentido, algumas questões Lídia narrou durante a entrevista, outras eu percebi no corpo, nas expressões faciais, no olhar e no clima. Talvez seja por isso que Lídia me lembra lida. Escrevo isso pois, em campo, a observação permitiu ver a relação com o trabalho, com a família, a forma de responder às minhas perguntas, as expressões faciais, as queixas de dores nos braços. São aspectos que creio serem possíveis de apreender somente estando imersa(o) em campo, contudo, o quadro de fotos pendurado na entrada da casa/agroindústria revela a centralidade do trabalho na vida de Lídia ao longo da sua história (Figura 30) e evidencia uma vida dedicada à lida.

Figura 30 - A centralidade do trabalho ilustrada



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Na próxima subsecção, descrevo a rotina laboral de Amélia e Sofia.

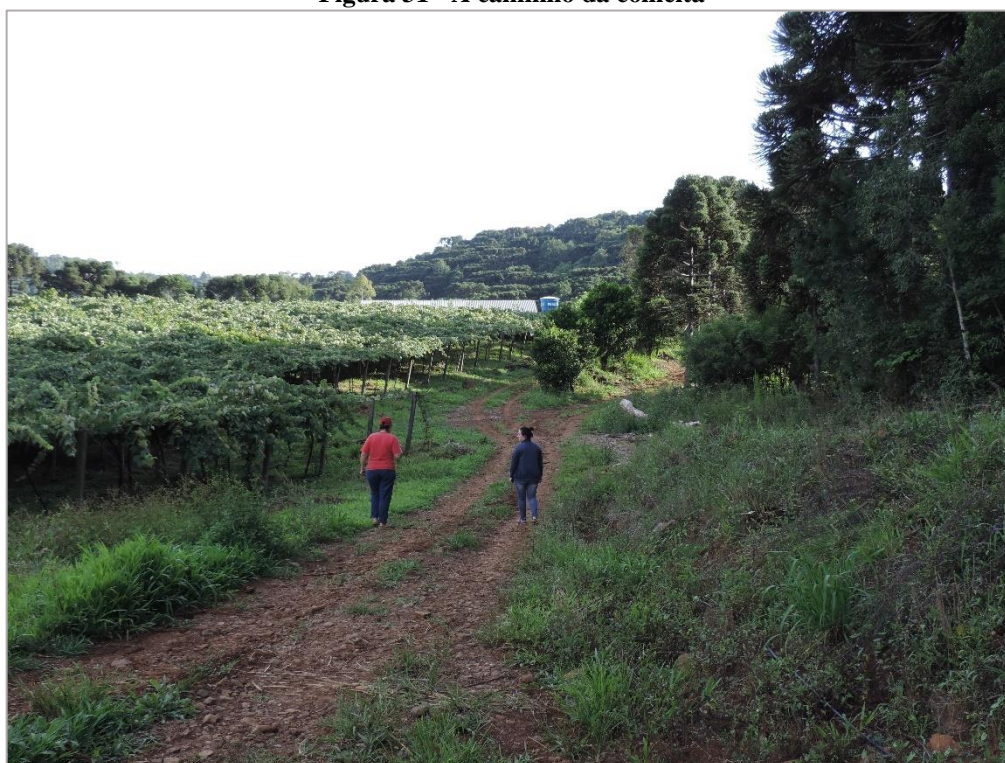
4.1.4 “É que na roça nunca acaba o serviço né?!”: a rotina de Amélia e Sofia

O dia de Amélia e Sofia inicia às 6h, com alguma variação nos finais de semana, quando dormem cerca de meia hora a mais, e na época da safra, em que acordam meia hora antes. Independentemente do horário, a rotina do início da manhã inclui sempre o chimarrão e o fogo no fogão à lenha, conforme comenta Amélia: “eu acordo 6 horas, daí eu acendo o fogo, daí a gente faz o chimarrão, toma chimarrão, depois faz o café, e depois vai pra lida né?!”. Nesse momento do chimarrão em volta do fogão a lenha, mesmo que este não esteja aceso, o rádio é presença marcante, sempre sintonizado em alguma emissora local que apresenta as principais notícias da região, bem como a previsão do tempo. O café da manhã é preparado por Amélia com o auxílio de Sofia. São elas, também, que desfazem a mesa do café, guardando os alimentos e organizando a louça na pia, que será lavada ao meio dia, enquanto preparam o almoço.

Após o café, elas vão tratar os animais, galinhas, porcos, cachorros e gatos, como comenta Sofia: “acorda, toma café, depois vai, se divide, cada um pro seu lado e vai fazer o serviço, vai tratar os bichos, daí depois inicia o serviço”. Interessante observar que, conforme os dados evidenciam, o trabalho de cuidado dos animais não é compreendido como um “serviço”. Para realizar as atividades do dia, a família costuma se dividir. Geralmente, Amélia e Sofia compartilham várias tarefas, tanto produtivas quanto reprodutivas (Figura 31). O marido de Amélia e pai de Sofia, se dedica mais ao trabalho produtivo, realizado na roça e na agroindústria, bem como no trabalho de cuidado dos animais e do pátio/jardim. Nessas atividades produtivas, ele normalmente conta com a colaboração do filho mais novo.

Na propriedade, além de um parreiral de mais de dois hectares (mais de 3 mil pés), há uma pequena produção de milho, destinada para o autoconsumo da família e para os animais, bem como uma plantação de *pinus elliottii* (espécie de pinheiro, largamente utilizada na indústria de papel e celulose), que será destinado à comercialização, futuramente. Amélia e Sofia se envolvem apenas na colheita do milho, “porque pra plantar é o pai e o mano”, como afirma Sofia. No caso do *pinus*, todos contribuem, sobretudo no estágio inicial de desenvolvimento das plantas, em que é necessário fazer a limpeza da área com frequência.

Figura 31 - A caminho da colheita



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Após alimentar os animais, as próximas atividades que farão durante o dia variam conforme a época do ano. Em janeiro e fevereiro é o período de colheita da uva e, portanto, de intensa produção, principalmente de vinagre, mas também, em menor quantidade, suco artesanal, vinho e chimia, além da comercialização da uva *in natura*. Nos demais meses do ano, o trabalho produtivo gira em torno da roça, do manejo das parreiras, da comercialização dos vinagres e do preparo para a colheita. Além disso, participam assiduamente da Festa da Colônia, já citada anteriormente. O que pouco ou nada muda ao longo do ano é o trabalho reprodutivo e de cuidado.

Durante o período da colheita, a rotina de trabalho é intensa. A família se organiza de modo que, durante o dia, consigam realizar o máximo de atividades possível. Sofia explica como funciona essa dinâmica de trabalho:

É que na época de colheita o serviço ele é mais concentrado aqui na agroindústria, aqui a gente faz o suco, que aí a gente vende durante o ano, na Festa da Colônia, assim, e faz vinho, faz a chimia de uva, de figo, faz a geleia de uva, então é assim um mês, um pouco mais, é esse serviço aí que a gente tá fazendo, e é um serviço que inicia [de manhã] cedo e vai até tarde [da noite], e não tem final de semana, é tudo direto, a gente aproveita os dias né. (ENTREVISTA COM SOFIA, 2019)

Essas atividades mencionadas por Sofia ocorrem de forma simultânea na época da colheita. Desse modo, ao mesmo tempo em que trabalham na colheita, também estão processando o suco artesanal, moendo as uvas para a produção de vinagre e vinho, além da produção de chimia e da comercialização das uvas *in natura*, que requer o transporte e as entregas nos municípios de Gramado e Canela. Embora elas afirmem que não há divisão de tarefas entre todos os integrantes da família, pois, segundo Amélia, “todo mundo bota a mão, não tem assim o serviço que seja só um, aqui todo mundo bota a mão [...]”, geralmente, além da colheita, Amélia e Sofia, juntas, são responsáveis pelo suco, geleia e moagem. Dessa forma, Sofia e Amélia acabam circulando mais pela propriedade, indo e vindo entre parreiral, casa, agroindústria, galpão.

Tentarei descrever esse trabalho simultâneo, tomando por base um dos dias de trabalho que pude vivenciar durante a pesquisa de campo. No início da manhã, após o chimarrão, café e cuidado dos animais, todos estão nos parreirais fazendo a colheita das uvas. A colheita é manual, então com as mãos tiram o cacho de uva do pé e o depositam em uma bacia que, por ter alças acopladas, é carregada pelo próprio corpo, como uma espécie de “bolsa” (Figura 32).

Figura 32 - O trabalho na colheita de uvas I



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Quando essa bacia está cheia de uvas, elas são depositadas nas caixas de transporte que ficam espalhadas pelo parreiral (Figura 33). Esse trabalho exige muito das mãos e dos braços, que ficam (quase) o tempo todo erguidos, assim como do pescoço que se mantém inclinado para cima e dos ombros que sustentam o peso da bacia, que comporta até 10 kg de uva.

Figura 33 - O trabalho na colheita de uvas II



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Em dado momento, Sofia³⁴ vai fazer o fogo para aquecer o extrator de suco, o qual funciona por arraste a vapor. Para isso, organiza as lenhas e cavacos de forma a permitir que “o fogo pegue”, isto é, que quando aceso, não apague. Enquanto o fogo faz seu papel, Sofia busca algumas caixas de uva que ficam armazenadas na agroindústria, tendo em vista que o suco não é processado na agroindústria principal, mas sim em outro espaço, que aqui chamarei de galpão. Embora os dois espaços se localizem muito próximos um do outro, cada caixa contém cerca de 25kg de uva, de modo que Sofia conta com o auxílio de um carrinho de mão para fazer o transporte (Figura 34). Chegando ao galpão, ela descarrega o carrinho, lava

³⁴ Descrevo conforme presenciei em campo, mas, de acordo com as entrevistas, essa atividade pode ser realizada por outro integrante da família.

as uvas e as coloca na parte de cima do extrator de suco (Figura 34). Ela verifica o fogo várias vezes e acrescenta mais lenha, se necessário. Enquanto Sofia está fazendo essas atividades, sua mãe Amélia e seu pai seguem trabalhando na colheita (Figura 35).

Figura 34 - Etapas do processamento de suco I

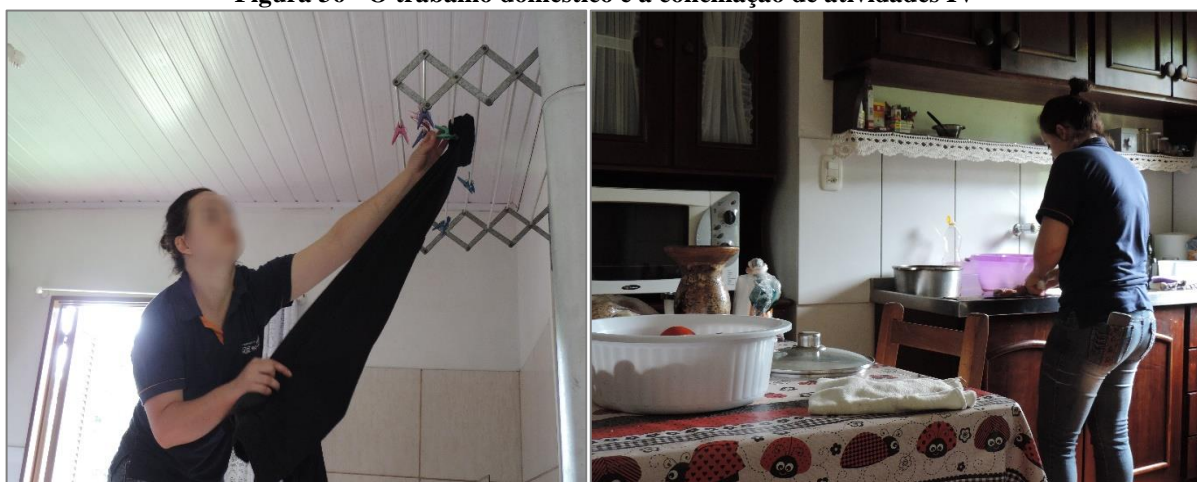


Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Figura 35 - O trabalho na colheita de uvas II

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Feito isso, Sofia deixa o extrator de suco fazendo sua parte e vai para casa dar início ao preparo do almoço. Ela organiza a cozinha, lava as louças que ficaram do café da manhã, verifica se a carne descongelou e recolhe algumas roupas do varal (Figura 36). E, então, começa a preparar a carne e organizar outros alimentos para o almoço. Nessa direção, o almoço é sempre realizado por Amélia e/ou Sofia. Sobre o preparo do almoço, Sofia explica: “ah, na hora a gente inventa. As vezes a mãe sai e fala assim: ‘ah Sofia, hoje tu faz o almoço’, ou a mãe faz o almoço: ‘hoje a mãe faz o almoço’. Então é uma coisa assim, não tem muito planejar, a gente pensa ali o que vai fazer e faz.”.

Figura 36 - O trabalho doméstico e a conciliação de atividades IV

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Por volta das 11h, Amélia e o marido encerram a colheita da manhã e retornam para casa. Com isso, Amélia dá continuidade ao preparo do almoço para que Sofia e o irmão possam recolher as caixas de uva que foram colhidas pela manhã. Para isso, eles usam o trator, de modo que, de uma vez só, possam transportar várias caixas de uva do parreiral para a agroindústria (Figura 37).

Figura 37 - O trabalho na colheita de uvas III

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Tanto Sofia quanto o irmão dirigem o trator e erguem as caixas, mas percebe-se que Sofia é mais dedicada ao trabalho pois, a partir da observação em campo, foi possível identificar que ela carregava a maior parte das caixas, de maneira muito mais ágil, bem como desempenhava todas as tarefas de forma muito proativa, quando comparada ao irmão. Quando terminam de carregar as uvas no trator, Sofia transporta a colheita da manhã para o setor de recebimento da agroindústria, manobra o trator e descarrega todas as caixas (Figura 38).

Figura 38 - O trabalho na colheita de uvas IV



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Ao final dessa atividade, Sofia retorna para casa, onde auxilia Amélia a concluir o almoço e colocar a mesa (Figura 39). Toda a família se reúne em volta da mesa farta e

almoçam juntos. Esse foi o único momento da manhã em que vi Amélia e Sofia parar e permanecer sentadas por alguns minutos. Após o almoço, elas recolhem a mesa, lavam a louça e organizam a cozinha.

Figura 39 - O trabalho doméstico e a conciliação de atividades V



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Enquanto realizam todas essas tarefas, elas precisam estar atentas ao suco que está em processamento no galpão. Assim, a cada pouco tempo, alguém tem que verificar o andamento da produção, podendo ser uma delas ou outra pessoa da família. Quando o suco está pronto para ser engarrafado, elas têm que largar o que estão fazendo e se dedicar exclusivamente a essa atividade³⁵. Para engarrafar o suco artesanal são necessárias duas pessoas, pois, ao passo que uma delas, no caso, Amélia, se posiciona em frente ao extrator e controla a torneira por onde sai o suco que enche a garrafa, Sofia põe a tampa na garrafa cheia e alcança outra garrafa vazia para Amélia (Figura 40). E, assim, seguem até esvaziar o extrator. Mais tarde, as garrafas de suco são transportadas até o porão da casa da família, onde ficam armazenadas até o momento do consumo.

³⁵ Em um dia da pesquisa de campo, o suco ficou pronto durante o almoço, fazendo com que almoçassem muito rapidamente.

Figura 40 - Etapas do processamento de suco II



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Essas atividades da manhã (colher, fazer suco, transportar a colheita para a agroindústria) tem continuidade no período da tarde, geralmente se estendendo até a noite, por volta das 20h. À tarde, geralmente a família conta com o auxílio dos vizinhos da Comunidade Terapêutica (Fazenda), conforme mencionado no Capítulo 3. Amélia explica como se dá essa dinâmica:

Às vezes vem os vizinhos aqui ajudar a colher, aqui os da Fazenda, então a gente daí dá uva pra eles, dá... faz a merenda, que as vezes vem 8, 11 rapazes ajudar a colher. [...] a gente faz a merenda, tu não pode pagar né. Como somos vizinhos de taipa³⁶, então eles vêm, daí a gente faz as cucas, faz baciada de biscoito, gostoli, dá as caixas de uva pra eles comerem tudo lá [na Fazenda], porque não vem todos, fica uma parte lá, são 45 [internados] eu acho. Então a gente puxa o milho (?) pra eles com o trator, a gente troca assim, se ajuda. (ENTREVISTA COM AMÉLIA, 2019)

Produzir e organizar a “merenda” citada é tarefa de Amélia e Sofia, geralmente elas se organizam com antecedência para ter esses alimentos prontos para a semana, de maneira que não tome muito tempo delas no dia, ou ainda, que requeira que as duas se ausentem da colheita por muito tempo.

Além das atividades já descritas, geralmente ao final do dia é feita a moagem das uvas na agroindústria, para dar início ao processamento do vinagre de vinho tinto. Essa tarefa requer ao menos três pessoas. Na maior parte dos casos, Amélia e Sofia ficam no setor de

³⁶ Taipa é utilizado por Amélia em referência ao fato de que a sua propriedade rural faz divisa com a Fazenda. Segundo Pozenato (2020), taipa é o nome dado aos muros feitos de pedras para cercar as propriedades. O autor aponta ainda que “Antes das taipas de pedra, as divisas eram feitas aproveitando acidentes topográficos: sangas, arroios, capões, pontas de mato. A tradição oral atribui a ampla utilização das taipas como cercas divisórias ao fato de ser o arame um artigo raro, e de preço muitas vezes proibitivo, quando se iniciou a prática de divisão dos campos.” (POZENATO, 2020).

recebimento das uvas na agroindústria, fazendo a primeira etapa do processamento que consiste em passar os cachos de uva pela desengaçadeira-esmagadeira, máquina responsável por separar os “grãos de uva” (bagos) dos engaços (ramificações do cacho) e esmagar os frutos. Na saída da desengaçadeira-esmagadeira há uma bomba que, por meio de um cano, conduz a uva esmagada (mosto) para o recipiente de fermentação. Desse modo, enquanto Sofia despeja os cachos de uva na desengaçadeira, Amélia é incumbida de encaminhar os engaços para um tonel. Ao mesmo tempo, o marido, dentro da agroindústria, acompanha o mosto (mistura de polpa, sementes e casca) chegar no reservatório, certificando-se da quantidade, qualidade e outros fatores (Figura 41). Após esse processo, elas lavam a desengaçadeira e o espaço (Figura 42), enquanto o marido leva as caixas de volta para o parreiral, deixando-as organizadas para a colheita do dia seguinte.

Figura 41 - Etapas do processamento de vinagre I



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Ao retornarem para casa depois do dia de colheita e processamento(s), por volta das 20h, Amélia conta que “toma um banho, faz um chimarrão, depois toma um café e vamos pra cama”, por volta de 22h. O chimarrão e o café são preparados por Amélia e/ou Sofia. Como Sofia cursa graduação, geralmente vai dormir mais tarde, pois é durante a noite que consegue estudar e fazer as atividades da faculdade. No outro dia, a rotina de trabalho é basicamente a mesma, podendo variar o produto processado (ao invés de suco, chimia, por exemplo).

Figura 42 - Encerramento do trabalho produtivo do dia



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Para garantir que todo esse trabalho durante o tempo da colheita possa ser realizado, gerando bons resultados nos distintos processamentos, é necessário um trabalho prévio, conforme explica Sofia: “já começa o serviço bem antes, agora mês que vem já, em dezembro, a gente já começa lavar as coisas, deixar tudo pronto, pra quando começar [a colher] tá ali né, não dá aquela correria né.”. Os vidros e tampas são esterilizados, a lenha é cortada e organizada no galpão, as caixas de transporte são lavadas, entre outras atividades.

Além disso, fora do período de colheita, é necessário realizar o manejo das parreiras, atividade que envolve poda, amarração dos brotos, limpeza do chão, plantio de novas mudas, manutenção dos palanques, entre outras. Sofia afirma que todas(os) da família se envolvem na poda das parreiras, pois o marido, que aprendeu com o pai dele, passou esse conhecimento para ela, a mãe e o irmão. Ela aponta também que “no tempo da poda é direto”, referindo-se ao fato de que é um período de trabalho intenso. Nesse sentido, Amélia analisa: “é que na roça nunca acaba o serviço né?! Muita gente acha que a gente as vezes no inverno descansa: ‘bah, vocês lá na roça né, no inverno tem um descanso’. Não tem descanso, tu tem que manter ali o pomar!”.

Nessa direção, durante a pesquisa de campo, observei que a rotina de trabalho durante a colheita não inclui momentos de descanso ao longo do dia, sobretudo para Sofia e Amélia

que conciliam muitas atividades. Nesse ínterim, Sofia esclarece: “a gente costuma tirar o domingo pra descanso, trabalha de segunda a sábado e no domingo descansa. Nesses tempos de poda, colheita, daí a gente não para né, daí é tudo assim, direto, mas senão a gente tenta dar uma descansada no domingo.”. Elas mencionaram também como descanso o período que, por conta do sol ser muito forte após o meio dia, retornam ao trabalho um pouco mais tarde (Figura 43), porém, se o trabalho é dentro da agroindústria, engarrafando vinagre, por exemplo, não há essa flexibilidade.

Figura 43 - Descanso?!



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Além dessas atividades, Sofia e Amélia cultivam verduras, legumes e ervas na horta, localizada ao lado da casa, destinando-os para o consumo da família. O pátio/jardim também demanda cuidados, como a limpeza de folhas e galhos, o corte da grama e o plantio de flores, atividades que são realizadas por Sofia e Amélia. Já a poda das roseiras do jardim é realizada pelo marido de Amélia, contudo, trata-se de uma participação pontual, pois como ele me disse: “daí os homens ajudam no pátio se precisa né”, corroborando com a informação de que a responsabilidade pelo pátio é de Sofia e de Amélia.

Com relação ao trabalho reprodutivo, Amélia ressalta a importância da divisão de tarefas com a filha, o que torna o trabalho doméstico menos pesado para ela, quando compara a anos atrás. Ela também pondera sobre a conciliação de atividades:

Pior que tu tá lá fora as vezes e pensa “bah, tinha que ficar em casa pra fazer uma limpeza né!”, ou tem... daí as roupas tu bota de meio dia ali [na máquina de lavar], daí tu estende, é rápido, a máquina ajuda muito numa casa, mas as vezes a gente pensa mesmo nisso, porque as vezes, no tempo da colheita ali tu não pode olhar muito o que fazer, o serviço dentro de casa, tu tem que deixar dentro de casa e fazer lá né, porque é a hora de tu fazer o vinagre, pra depois tu ter produto pra vender o ano inteiro. (ENTREVISTA COM AMÉLIA, 2019)

Além da participação em todas as atividades laborais descritas, Sofia também trabalha na Associação de Fornos, a cada 40 dias. O irmão também trabalha nos Fornos, no mesmo grupo, o que significa que ambos se ausentam da propriedade nos mesmos dias. Por fim, cumpre destacar que na última vez em que estive em campo na propriedade de Sofia e Amélia, a família estava iniciando a construção de um restaurante, passando a fazer parte do roteiro de turismo rural do município. Com a pandemia de Covid-19, esse projeto atrasou um pouco, mas, em 2021, a família iniciou o atendimento no restaurante, que serve comida colonial, preparada e servida por Sofia, Amélia e o marido³⁷. Além do restaurante, oferecem piqueniques no parreiral, passeios a cavalo e outras atividades.

Dando continuidade à descrição das rotinas de trabalho, na próxima seção trago o cotidiano laboral de Madalena.

4.1.5 “Eu sou mais a cabeça chefe”: a rotina laboral de Madalena

A rotina de trabalho de Madalena varia de acordo com a época do ano, sendo mais intensa no final e início do ano, quando ocorre a safra do pêssego, da uva e do figo. Nesse período, Madalena costuma iniciar o dia por volta das 5h da manhã. Via de regra, com relação ao trabalho na agroindústria, ela e a família definem um cronograma semanal maleável, que pode ser adequado conforme as necessidades. Desse modo, na segunda-feira realizam a colheita do figo e do morango na propriedade e os armazenam na câmara fria; na terça-feira, processam o figo na agroindústria, transformando-o em chimia (doce cremoso); na quarta-feira, por sua vez, colhem morangos na propriedade, classificam e armazenam na câmara fria;

³⁷ Obtive essas informações por meio das redes sociais do restaurante e também mediante rápido contato com Sofia em outubro de 2021.

já na quinta-feira, enquanto parte da família colhe figo, outra parte organiza as chimias e os morangos, pois é dia de entregas; na sexta-feira, produzem chimia com o figo colhido no dia anterior. A flexibilidade do cronograma se dá em razão da sazonalidade das frutas envolvidas no processo, de maneira que, não raro, na época de safra, o figo cede espaço para o pêssego e a uva, ou vice-versa.

O trecho de entrevista a seguir, narrado por Madalena, apresenta a rotina de um dia de trabalho:

A gente [ela e o marido] levanta, daí toma café ligeiro e já sai pra rua³⁸ né. [...] a gente tem alguma fruta pra colher na roça, a gente vai e colhe, a gente volta, ã, talvez os meninos [marido e cunhado] vão trabalhando [nas frutas colhidas], daí eu entro já, faço o almoço, a gente almoça, já volta, então talvez a gente vai e limpa o morango, eu e a sogra talvez ficamos na fábrica fazendo a geleia e os meninos continuam talvez em outro serviço ali, classificando as frutas. Mas, enfim, daí eu faço, a gente faz a geleia, daí talvez a gente tem que arrumar as chimias pra fazer entrega na quinta né, ali rotular, não... acho que agora a gente levanta às 5h e entra dentro de casa às 20h. (ENTREVISTA COM MADALENA, 2020)

Além de Madalena, o marido, o cunhado e os sogros se envolvem no trabalho da agroindústria. Enquanto os sogros se dedicam ao trabalho na roça que, grosso modo, abrange o manejo dos pomares e a colheita, Madalena se responsabiliza com maior intensidade pela produção na agroindústria e o marido e o cunhado (os meninos, como se refere Madalena) atuam igualmente nas duas frentes de trabalho, roça e processamento.

Para produzir a chimia de figo, por exemplo, Madalena, o marido e o cunhado descascam os figos, um a um, depositando as cascas em uma bacia e as frutas descascadas em outra (Figura_44). Após essa etapa, eles esmagam os figos com as mãos, deixando-os prontos para o cozimento. Essas etapas são realizadas em pé, sobre uma mesa de aço inox.

Enquanto isso, alguém deles, geralmente o marido de Madalena, já deixou o fogo preparado e, após a pesagem (Figura 45), eles despejam os figos esmagados no tacho aquecido pelo fogo e acionam o batedor/misturador elétrico (Figura 46). Madalena é quem acrescenta o açúcar e, constantemente, verifica o cozimento. Quando a quantidade de frutas a ser processada enche o tacho, costumam ser necessárias até 3,5 horas para o cozimento chegar em ponto de chimia.

³⁸ Madalena emprega o termo “rua” para se referir ao ambiente externo à casa, como o pátio, a roça, a agroindústria e a horta.

Figura 44 - Etapa da produção de chimia de figo I



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Figura 45 - Etapa da produção de chimia de figo II



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Figura 46 - Etapas da produção de chimia de figo III

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Enquanto a chimia está cozinhando, Madalena, marido e cunhado aproveitam o tempo para descascar mais figos para processamento posterior. Depois de pronta, Madalena, com o auxílio de uma jarra, transfere a chimia ainda quente do tacho para uma máquina envasadora/enchedora (Figura 47). Feito isso, é iniciado o processo de envase (Figura 48). Nessa etapa, eles dividem as tarefas, de maneira que Madalena enche os vidros com a chimia, o seu cunhado mistura bem o doce dentro do vidro, limpa qualquer resquício que porventura tenha ficado na borda, coloca a tampa e deposita o vidro ao lado, com a tampa virada para baixo. Ao mesmo tempo em que realizam esse trabalho, o marido de Madalena coloca outra quantidade de figo no tacho para cozinhar.

Figura 47 - Etapas da produção de chimia de figo IV



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Figura 48 - Etapas da produção de chimia de figo V



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Essas etapas são repetidas várias vezes ao longo do dia. Nesse sentido, Madalena afirma que durante a safra “a gente não tem horário, tipo levanta 4h30 da manhã até... pra colocar e a gente não sabe se vai dar duas, se vai dar três tachadas... depois tu vai ver o tacho... então não tem a hora certa pra tu entrar dentro de casa.”. Eles procuram aproveitar o máximo do dia processando a mesma fruta, pois além de otimizarem o trabalho, só há um

tacho na agroindústria, de modo que, assim, precisam lavá-lo somente uma vez. Como a chimia costuma respingar para os lados enquanto cozinha, essa limpeza requer que, além do tacho, as paredes e o chão sejam higienizados, implicando em bastante esforço. Tal atividade não é responsabilidade específica de nenhum deles, quem está disponível faz (Figura 49). Já a limpeza e organização cotidiana da agroindústria é sempre realizada por Madalena. Ainda com relação à higiene, os vidros e tampas utilizados na produção precisam ser esterilizados antes do envase, tarefa que é efetuada tanto por Madalena, quanto pelo marido e o cunhado.

Figura 49 - Etapa da produção de chimia de figo VI



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Quando não há mais figo para processar, por exemplo, eles limpam o espaço e, caso ainda seja cedo para encerrar as atividades do dia, iniciam outro processo, como limpar os morangos para fazer geleia (Figura 50) e/ou classificá-los para a comercialização *in natura* ou selecionar os pêssegos. Madalena explica que os morangos “bonitos”, ou seja, graúdos, são comercializados nos supermercados do município, já os morangos miúdos são processados na agroindústria.

Figura 50 - Etapas da produção de geléia de morango



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Já no caso dos pêssegos ocorre o contrário, conforme ela conta: “a gente classifica né, o miúdo talvez vai pra firma pra chimia [vende-se para grande indústria], que a gente não faz, a gente não consegue [dar conta de fazer], talvez poderia né, mas daí a gente classifica o miúdo pra firma”, enquanto os pêssegos graúdos são processados na agroindústria (doce em calda) e, havendo excedente, comercializa-se nos supermercados do município.

A comercialização da produção da agroindústria é realizada em supermercados do município, em casas de produtos artesanais e/ou coloniais e, também, no PNAE. Além disso, anualmente, participam da Festa da Colônia, que acontece em Gramado. Conforme Madalena relatou durante a entrevista, as transações relativas ao PNAE são incumbência dela e do cunhado, enquanto a relação com os supermercados e lojas é responsabilidade do seu marido, assim como as demais atividades burocráticas da agroindústria.

Em outras épocas do ano, as frutas processadas são a goiaba e a laranja. Já o morango é beneficiado o ano todo, uma vez que é cultivado em semi-hidroponia, sistema que permite a produção contínua ao longo do ano. No trabalho de manejo dos pomares de figo, uva e pêssego, Madalena não se envolve, como afirma: “na época da poda ou coisa assim, eu me poupo mais, que é uma época mais calma, [é] inverno, daí eu trabalho mais lavando vidro... eu não tenho noção de poda.”, além disso, ela também avalia que “na roça tem muitas coisas que eu não vejo o serviço que eles veem, eu vejo aqui mais no morango, na agroindústria”. Nesse sentido, “ver o serviço” se refere a visão sistêmica das atividades, algo que advém do “aprender fazendo”, explorado no Capítulo 3, pois se relaciona com o conhecimento adquirido com a prática, mas, também, diz de uma pró-atividade e capacidade de gestão de todas as atividades envolvidas.

Em virtude dessa visão sistêmica do trabalho na agroindústria é que Madalena afirma: “eu sou mais a cabeça chefe, como é que se diz? (risos) Eu que coordeno mais assim, ã... todo mundo faz tudo, um pouco de tudo, sabe fazer, não tem cada um o seu setor, mas, ã, eu mais que coordeno (risos).” Nesse contexto, é ela quem determina, por exemplo, qual fruta irão processar, quando e em que quantidade. Ainda nesse aspecto, é ela quem verifica se as etapas do processamento estão sendo bem executadas, se certificando de que as frutas estão adequadas para o cozimento, bem como verificando o ponto da chimia (Figura 51). Desse modo, a produção é submetida ao crivo de qualidade de Madalena.

Figura 51 - O ponto da chimia

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Além das atividades já descritas, Madalena também cuida da horta e é responsável pelo preparo das refeições dela e do marido. Eventualmente, na época da safra, almoçam na casa dos sogros e, nesses casos, é a sogra de Madalena quem cozinha. Durante a safra, o intervalo de almoço é curto e não tem horário exato para acontecer, pois se o doce está na etapa de cocção, não há como pausar o processamento. Às vezes, durante o almoço, procuram descansar um pouco antes de regressar ao trabalho. A janta também é responsabilidade de Madalena, mas ela explica que “a gente é mais acostumado a [fazer] café né, porque a gente volta [para casa], entra muito tarde e cansado”.

Com relação aos demais afazeres domésticos que realiza, ela afirma: “eu me esqueço aqui [em casa], aqui se dá pra fazer dá, se não dá pra fazer hoje, se fica roupa, se fica louça, eu me preocupo lá [na agroindústria], em terminar bem feito lá, porque é um produto que tu tá fazendo pra venda né.”. Porém, mesmo se concentrando em um afazer por vez e priorizando o trabalho produtivo, ela busca se organizar de modo a contemplar algumas tarefas domésticas na sua rotina laboral diária, conforme evidenciado nos trechos de entrevista: “se eu tô mais na rua eu já sei que eu boto a roupa lavar, talvez eu posso vim estender. [...] tu pode vim [em casa], estender uma roupa, tu pode né, te programar melhor né, fazer durante a semana, na hora de meio dia [intervalo de almoço].”

Por fim, convém citar que, a cada 40 dias, Madalena trabalha na Associação de Fornos, onde além de atuar na fabricação dos pães e cucas, ela é “[...] responsável de comprar, encomendar o queijo e o leite das gurias³⁹ pra ir nos fornos, elas dão recibo... [preciso] comprar frutas na quinta-feira, porque na sexta a gente vai. Eu trabalho com o grupo da minha tia... eu tenho que pegar troco, moeda [...]”. Ainda que seja responsável por várias atividades dos Fornos, ela gosta do trabalho, pois além da renda e experiência, propicia o contato com outras pessoas. Alguns desses pontos abordados serão retomados nos capítulos seguintes.

Na próxima subseção, apresento a rotina laboral de Clarisse.

4.1.6 “São bem pequeninhos os biscoitinhos”: Clarice e a delicadeza nas mãos

O dia de Clarice começa às 5h, horário que sempre costuma despertar. Após fazer sua higiene pessoal, ela prepara e toma café da manhã com a família. Assim que a sua filha sai para a escola, às 6h10, ela inicia outras atividades que, conforme narra, ocupam toda a manhã:

[...] vou tratar as galinhas, alguma coisa pela rua que precisa fazer, pegar uma saladinha, alguma coisa, já pensando no almoço né (risos), e já vejo, já tenho assim em mente o que eu vou fazer naquele dia né, qual biscoito, penso um dia antes né. Aí já vou me organizando ali na agro[indústria] pra fazer os biscoitinhos né, amassar e fazer, como são pequeninhos né, alguns são recortadinhos, então não é uma quantidade muito [grande] que eu faço, assim menor, porque são bem pequeninhos os biscoitinhos e recortadinhos né, então até que amassa, assa, recorta né, que o forno é pequeno pra esses né, não é o [forno] maior, até que embala tudo, faz essa parte, daí dependendo a hora do almoço né, umas 11h30, alguma coisa assim, eu preciso voltar pra casa pra fazer o almoço né. (ENTREVISTA COM CLARICE, 2020)

Como relatado, a manhã de Clarice é ocupada com atividades produtivas e reprodutivas, culminando no preparo do almoço. Esta refeição ocorre, geralmente, por volta das 13h, pois ela e o marido aguardam a filha retornar da escola. Após o almoço, eles organizam a cozinha, “um lava, um seca, um varre o chão, né, a gente tenta, cada um faz uma coisinha né”, afirma Clarice. Nesse momento, ela costuma tomar um chimarrão e, às vezes, “dependendo, se tiver muito cansada mesmo aí descansa um pouquinho, deita um pouquinho”, antes de retornar para a agroindústria, que fica ao lado da sua casa.

Durante o período da tarde, as atividades na agroindústria variam conforme o dia, mas, normalmente, ela dá continuidade ao trabalho iniciado pela manhã, concluindo a etapa de

³⁹ Se refere aos produtos de Adelaide e as filhas.

modelagem/corte e cocção dos biscoitos, bem como a decoração e/ou o empacotamento. A decoração envolve o preparo do glacê, muitas vezes em várias cores e consistências, de acordo com o trabalho a ser realizado. Frequentemente, é necessário esperar que o glacê aplicado nos biscoitos seque totalmente para, então, colocar outros enfeites, o que pode acontecer somente no dia seguinte.

O trabalho de Clarice envolve muita delicadeza nas mãos. Os biscoitos que produz em sua agroindústria são pequenos e a massa não é espessa, podendo quebrar com facilidade depois de assada (Figura 52). Além disso, dentre a variedade de biscoitos produzidos, muitos são decorados individualmente, de forma minuciosa, por Clarice e/ou as filhas, quando elas estão disponíveis. Desse modo, trata-se de uma atividade que requer habilidades motoras finas, algo que as mulheres são incentivadas a desenvolver desde crianças, por meio de um processo de construção do gênero que, além de ser social (SCOTT, 1995), é corporal.

Figura 52 - Os biscoitinhos



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

As atividades na agroindústria costumam ser encerradas no final da tarde, por volta das 18h30, mas, como alerta Clarice, esse horário pode variar, se estendendo “até mais tarde, até 20h, 21h, 22h”, a depender da demanda de produção. Habitualmente, por volta das 19h, ela e a filha tomam “um café”, que equivale a janta. Já o marido prefere comida e janta mais

tarde, geralmente algo que restou do almoço somado à algum outro alimento preparado na hora por ele e/ou por Clarice. Ela explica que próximo a datas comemorativas, como Natal e Páscoa, bem como durante a Festa da Colônia, a produção de biscoitos se intensifica, de modo que Clarice chega a acordar às 4h para conseguir dar conta do trabalho. Nesses períodos, esse momento do café/janta torna-se apenas um intervalo, pois retorna às atividades na agroindústria: “mas terminando assim o serviço né, já que já jantei, como mais alguma coisinha de noite, tomo banho e [vou] dormir assim né, quando tem bastante serviço, não, nossa, é isso né, deitei já dormindo mesmo, nossa!”.

Nesses períodos, ela conta com a contribuição mais ativa do marido e das filhas, sobretudo na etapa de decoração e embalagem dos produtos. Na Festa, o atendimento ao público e a comercialização é realizado pelo marido e as filhas, enquanto Clarice se encarrega da produção, como comenta: “vou num dia, no primeiro e no último, preciso ficar trabalhando, não consigo ir assim muito. [E tu gostaria de ir mais?] É, até assim... é, mas eu gosto de ficar fazendo ali mais, mas eu prefiro ficar trabalhando né, no começo até ia mais, mas depois foi aumentando, aumentando né os...[a quantidade produzida/comercializada]”.

A partir dos dados da entrevista, percebe-se que Clarice mantém menos contato com os consumidores e com o público externo, pois além da ausência na Festa da Colônia e em outras feiras que eventualmente participam, as entregas dos produtos e o pagamento de contas geralmente é realizado pelo marido, como aponta: “é o meu marido normalmente, isso é ele. Eu até fico, ele vai e eu fico né pra ajudar a mãe e o pai, normalmente né, só se precisa de alguma coisa que tem que ser eu né, senão ele vai e eu fico pra ir já agilizando né.”. Para ir até a cidade, necessariamente, passam pela residência dos pais de Clarice, então, por vezes, ela fica auxiliando-os, realizando atividades domésticas e de cuidado, enquanto o marido segue para a cidade.

Nesse sentido, fora dos períodos de maior demanda pelos biscoitos, Clarice não trabalha todos os dias na agroindústria. Ela afirma também que, eventualmente, “[...] se eu tiver muito cansada, ou se naquele dia eu não tiver assim tão bem assim né, acaba que não faço né, porque tem que tá bem assim pra poder amassar um biscoitinho, não é assim ‘ah vou amassar ali de qualquer jeito’, tem que ter um trabalho assim de... [cuidado?]”. Nota-se, conforme os dados de campo revelam, que o trabalho de Clarice no processamento dos biscoitos contém muito afeto e esmero.

Nos dias em que não se ocupa na produção de biscoitos, ela trabalha na horta, no jardim e na limpeza tanto da casa quanto da agroindústria. Ela avalia que “nossa, é um prazer

né, quando tenho um tempinho pra ir ali né cavocar um pouquinho na terra né”. Já com relação à limpeza, ela afirma:

Normalmente sou eu [que faço] né assim. [No ambiente] Externo, nossa casa é antiga né, ela tem 55 anos, então tem bastante teia de aranha assim, daí tem que ir limpando, principalmente essa parte da rua né, o meu marido ali que tenta limpar, se as vezes tem alguma teia de aranha, alguma coisa assim né, tem que tá sempre bem limpinho né, mas assim interno né eu que limpo. [...] e a mão eu prefiro limpar né [...]. (ENTREVISTA COM CLARICE, 2020)

Clarice demonstrou, durante a entrevista, ser bastante meticulosa com organização e limpeza, sobretudo da agroindústria. Nessa direção, ela faz tudo à mão, em detrimento do uso de alguns utensílios que, ainda que manuais, possivelmente exigiriam menos esforço físico. Por outro lado, quando comentávamos sobre a lavagem de roupas, ela afirmou que lava tudo na máquina, comentando que “põe tudo na máquina, até um tapete, uma coisa assim né. Às vezes [alguém diz] ‘ai tem que cuidar, não botar porque vai estragar o tapete’, mas tem que pensar em nós também, né?!”.

Com relação à conciliação de atividades produtivas e reprodutivas, Clarice destaca que, eventualmente, deixa algo cozinhando em casa enquanto trabalha na agroindústria, mas considera que esse ir e vir pode comprometer a eficiência no desempenho do trabalho. Nesse sentido, ela pondera: “[...] tipo, [se] vou pra lá [na agroindústria] eu tento ficar mais lá mesmo pra render mesmo né, senão... Isso até com o tempo a gente vai vendo que é melhor, né, vai evoluindo assim (risos). Senão acaba que vai aqui, vai lá e não rende muito né, fica só andando de um lado pro outro.”.

Ao contrário de Clarice, o dia de Matilde e Lurdes é repleto de ir e vir entre um local e outro, como apresentado na próxima seção.

4.1.7 “Aqui é tudo bem próximo”: O ir e vir de Matilde e Lurdes

Os horários de trabalho de Matilde e de Lurdes são orientados pela natureza. Elas não souberam precisar a hora em que costumam acordar ou encerrar o trabalho na agroindústria, pois se guiam por um tempo menos *chronos* e mais *kairós*⁴⁰. Nesse sentido, elas afirmam que

⁴⁰ *Chronos* e *Kairós* são deuses gregos do tempo. *Chronos* é associado ao tempo cronológico, que pode ser mensurado em segundos, minutos, horas. Já *Kairós* é o tempo da natureza de cada coisa, é uma experiência temporal que se traduz na nossa percepção do tempo oportuno em relação a certo objeto, contexto ou processo. (PEDRONI, 2014; ARANTES, 2015).

acordam quando “já é dia claro já” e concluem o trabalho produtivo “antes de escurecer né, quando escurecer né, perto da noite, não fica até a noite na roça”. No verão, o alvorecer ocorre por volta das 6h e anoitece por volta de 19h, enquanto que no inverno esse horário varia cerca de 1,5 horas para mais no amanhecer (7h30) e para menos no entardecer (17h30).

Ambas preparam o café da manhã, organizam a casa e vão para o “galpão”⁴¹ ou para a roça, que compreende, principalmente, a estufa e a horta. No trecho de entrevista que segue, Lurdes descreve a rotina de trabalho das manhãs:

Ah, eu levanto de manhã, vai fazer o café, vai lá, solta as galinhas, arruma o serviço da casa aqui, vai lá pro galpão fazer alguma coisa que tem que fazer lá, embalar, na horta, isso! Daí chega perto do meio dia, volta pra casa, nunca fica muito tempo [na roça] que é quente também né, vai lá um pouco, volta, as 10h já tá em casa daí porque é muito quente, e daí a hora quente também a gente não vai pra roça, vai fazer ali [na agroindústria], embalar farinha, embalar açúcar, fazer sal temperado, essas coisas, tudo que a gente embala né, faz conserva, sempre, e os homens também sempre ajudam, quando precisa eles ajudam também, não é só eu e a Matilde, eles ajudam também. (ENTREVISTA COM LURDES, 2020)

Além das galinhas citadas por Lurdes, na propriedade também há cabritos, vacas, coelhos, abelhas, gatos e cachorros. Durante a entrevista, Matilde afirmou que o trabalho com os animais é responsabilidade do marido, do filho e do cunhado. Lurdes, por sua vez, se envolve com o cuidado das galinhas e, esporadicamente, na ordenha as vacas. Esta última atividade é sempre realizada pelo filho de Matilde, de modo que Lurdes só a executa na ausência dele.

As manhãs de Matilde e Lurdes são ocupadas pelo trabalho produtivo na roça e na agroindústria e pelo trabalho doméstico em casa. As atividades na roça se referem ao plantio, manejo, irrigação e colheita de alimentos na horta ou na estufa, enquanto na agroindústria realizam processamento do sal temperado, pão, chimias, chips, entre outros alimentos, bem como a embalagem dos produtos, que envolve pesar o alimento, colocar no pacote, selar e rotular (Figura 53). Além disso, a limpeza da agroindústria é realizada por elas.

⁴¹ Termo utilizado por elas para se referir ao espaço físico da agroindústria.

Figura 53 - Etapas da produção de sal temperado



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Em casa, as tarefas compreendem o preparo de alimentos, limpeza e organização, lavagem de roupas, cuidado das flores do jardim, etc. Essas atividades variam conforme o dia e o período do ano, pois alguns alimentos que processam são produzidos somente em determinadas épocas, como a chimia de uva, por exemplo. O depoimento de Matilde evidencia como se dá a dinâmica de trabalho entre ela e Lurdes:

Hoje de manhã eu tava aqui organizando umas coisas da casa aqui e a Lurdes disse “ai, Matilde, tem que ir lá mudar aquelas rúculas?”, “vamos, vamos lá!”, mudamos as rúculas, daí já cheguei em casa, já fui fazer outras coisas, já em seguida é hora do almoço, sabe?! Vai lá e volta! Por isso que eu gosto que o trabalho nosso aqui é bem...eu não vou pras bananeiras por causa disso, aqui é tudo bem próximo. (ENTREVISTA COM MATILDE, 2020).

Comumente, Lurdes e Matilde não realizam o almoço juntas, de modo que cada uma prepara a refeição em sua casa e para a sua família. Nesse sentido, Matilde afirma que “o almoço é eu [que faço]. Eu gostaria que alguém planejasse e cozinhasse...”. Já Lurdes aponta

que “[...] de noite quase sempre é ele [marido] que faz, de meio dia eu (risos)”. Ela planeja as refeições do almoço e explica como se dá essa dinâmica de divisão do trabalho com o marido:

Quase sempre eu [penso e preparo o almoço] porque daí... algumas vezes a gente fala junto, mas quase sempre é eu, porque daí o meu marido toma café e já vai lá pro morro⁴², eu fico [com] outras coisas aqui perto de casa né, as plantação, daí já organizo [o almoço]. [Uhum. A senhora não vai pro morro?] Não, lá nas bananeiras eu nunca vou, é difícil, eles que vão, os homens que vão lá no morro, nós trabalhamos mais aqui, na parte aqui perto. [E por que?] Não sei, acho que porque é mais longe e eu não gosto muito de carregar banana (risos), muito pesado e eles vão e fazem né. O resto a gente partilha, mas lá na banana não (risos). (ENTREVISTA COM LURDES, 2020).

Ambas afirmam não trabalhar nos bananais por ser mais distante da residência e ser um trabalho que exige maior esforço físico. Além disso, normalmente a preparação da terra para plantar as verduras é realizada pelos homens, sobretudo os filhos: “[...] eles preparam a terra e a gente vai lá e planta assim as hortaliças, as coisas, usa a máquina né, o meu filho e o sobrinho [filho da Matilde] pegam bastante a máquina pra fazer”, afirma Lurdes. Contudo, segundo os dados de campo, quem decide o que e quando plantar são elas.

Ainda com relação ao preparo do almoço, ambas conciliam as atividades na agroindústria e horta com as atividades domésticas, como evidenciado nos depoimentos de Matilde e Lurdes, respectivamente: “Nossa, fazendo coisa dentro de casa, bota cozinhar comida, vai lá e volta, não, é tudo junto.”, “Daí as vezes tem uma carne, já levo cozinhar lá [na agroindústria] pra não tá caminhando muito. Fogão a lenha tá ligado, vem cá [em casa], cuido, boto o feijão cozinhar. Vem cá, faz fogo, volta lá, é assim. Que é pertinho né!”.

Após almoçar, ambas descansam entre 40 minutos e uma hora. Segundo Matilde “depois do almoço é sagrado, uma hora” de descanso. Lurdes também afirma que “só almoço e vou deitar, uma meia hora, quarenta minutos, é sagrado, todo dia! Daí levanto e vou limpar a cozinha, arrumo tudo de novo e já vai fazer as coisas pra fora aí, tem que plantar, e organizar, ver o que tem que fazer, semear mudas, e assim [vai].”. Durante a tarde, geralmente dão sequência às atividades iniciadas pela manhã, aproveitando o período de sol muito forte para trabalhar dentro da agroindústria e o fim da tarde para se dedicar à roça.

De tarde todos param de trabalhar para um momento de descanso com lanche. Geralmente, após esse momento é que vão para a roça, como explica Matilde:

⁴² Local onde as bananas estão plantadas.

Nós temos costume de tomar café da tarde, nós temos café da tarde, 4h certinho é o café da tarde, quer chegar aqui pra tomar café é 4h da tarde, todo mundo aqui. Daí às 4h a gente toma café e se tiver que ir lá trabalhar nas hortas por aí a gente vai, normalmente quando é quente assim a gente vai sempre depois do café né, que é bem depois porque é muito quente. E daí a gente fica fazendo as coisas que tem que embalar, na hora quente, aqui no galpão, assim que a gente faz! (ENTREVISTA COM MATILDE, 2020)

O trabalho produtivo da tarde encerra-se, geralmente, ao escurecer. À noite Matilde costuma lavar a louça do café, fazer alguma outra atividade doméstica, como dobrar roupas, por exemplo. A noite ela não cozinha, a janta é o que restou do almoço ou um lanche. Ela costuma ir dormir por volta de 22h. Já Lurdes, a noite gosta de assistir à novela na televisão. Ela não costuma trabalhar na cozinha doméstica à noite, pois, como já mencionado, seu marido prepara a janta e a louça e organização da cozinha é realizada pelos filhos. Normalmente, Lurdes vai dormir em torno de 22h30.

Além dessas atividades, todas as quintas-feiras à tarde elas preparam os pães para assar na sexta-feira e vender na feira no sábado pela manhã. Geralmente, Lurdes prepara e mistura os ingredientes dos pães, com a ajuda de uma máquina (Figura 54). Embora Matilde também domine essa etapa do processamento, Lurdes gosta mais e, por isso, costuma realizar sozinha essa atividade. Após o preparo da massa, os pães são sovados e enrolados por Lurdes e Matilde, com a ajuda dos filhos (Figura 55).

Figura 54 - Etapa do processamento dos pães I



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Desse modo, na sexta-feira passam o dia “preparando a feira”, isto é, organizando os alimentos que serão comercializados no dia seguinte. Para tanto, precisam amarrar os molhos de verduras, descascar e embalar milho, descascar e embalar aipim (mandioca), assar e embalar os pães, arrumar o sal temperado, a farinha de mandioca, entre outros. Matilde e o marido trabalham na feira e, esporadicamente, os filhos delas vão para a feira também. Lurdes não costuma ir pra feira e afirma que “ah, eu até prefiro ficar em casa do que ir. Mas se é preciso eu vou. É que alguém tem que ir e alguém tem que ficar fazendo, tratando os bichos, limpando as coisas.”. Desse modo, ela fica em casa e, além das atividades mencionadas, também prepara almoço para todos. Além disso, nas terças-feiras elas organizam alguns produtos para serem comercializados na Feira que a agroindústria de Aurora e Irene participa, em Porto Alegre.

Figura 55 - Etapas do processamento dos pães II



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Com relação à maneira como a divisão de tarefas da agroindústria é realizada, Matilde diz que “as coisas vai se encaixando”, Lurdes avalia que “cada um já procura fazer mais o que gosta”. Elas mencionam que ambas sabem fazer tudo e trabalham juntas, mas cada uma tem as suas preferências e acaba se responsabilizando mais por determinada atividade, como, por exemplo, a feira que Matilde adora, os pães que Lurdes gosta de amassar e assar.

Além disso, a compra de sementes para a horta e insumos para a agroindústria é feita por elas, bem como a limpeza do espaço. O açúcar mascavo e a farinha de mandioca são produzidas pelos seus maridos, elas auxiliam, pesam e embalam (Figura 56), os vidros sempre são lavados pelo marido de Matilde, já a compra dos vidros e tampas é realizada pelo marido de Lurdes. Ainda assim, geralmente, cabe a elas controlar o estoque de embalagens, tanto dos vidros e tampas quanto de saquinhos plásticos.

Figura 56 - Etapa do processamento de farinha de mandioca



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Ademais, tanto Lurdes quanto Matilde e seus respectivos maridos se envolvem em atividades na comunidade, participam da comissão gestora, auxiliam na realização de eventos, organização da igreja e do salão. Matilde é ministra da eucaristia, então tem o compromisso de atuar nas missas realizadas na comunidade. Além disso, ambas fazem parte de uma farmacinha de mulheres, onde se reúnem com outras mulheres para produzir remédios

fitoterápicos e trocar experiências, bem como atender pessoas que procuram a farmacinha para adquirir os produtos.

Por fim, cabe destacar que Lurdes, ao refletir sobre as tarefas que são necessárias fazer e o tempo disponível para fazê-las, afirma: “dá [tempo], se não dá faz no outro dia, faz o que dá (risos). Não é obrigada a fazer tudo naquele dia né, faz o que dá. Dá tempo de ir pra praia (risos)”. A relação que ela e a irmã tem com o trabalho me chamou muito a atenção, pois difere das interlocutoras do município de Gramado. Pelo que os dados de campo revelaram, o trabalho é uma dimensão importante na vida de Lurdes e Matilde, mas não é a única. Elas se organizam de modo que não precisam correr contra o tempo, mas sim junto com ele. Há tempo para o sagrado, seja ele o descanso, a igreja, o café das 4h da tarde ou a praia.

A próxima subseção apresenta o trabalho cotidiano de Aurora e Irene, que encerram a descrição das rotinas laborais.

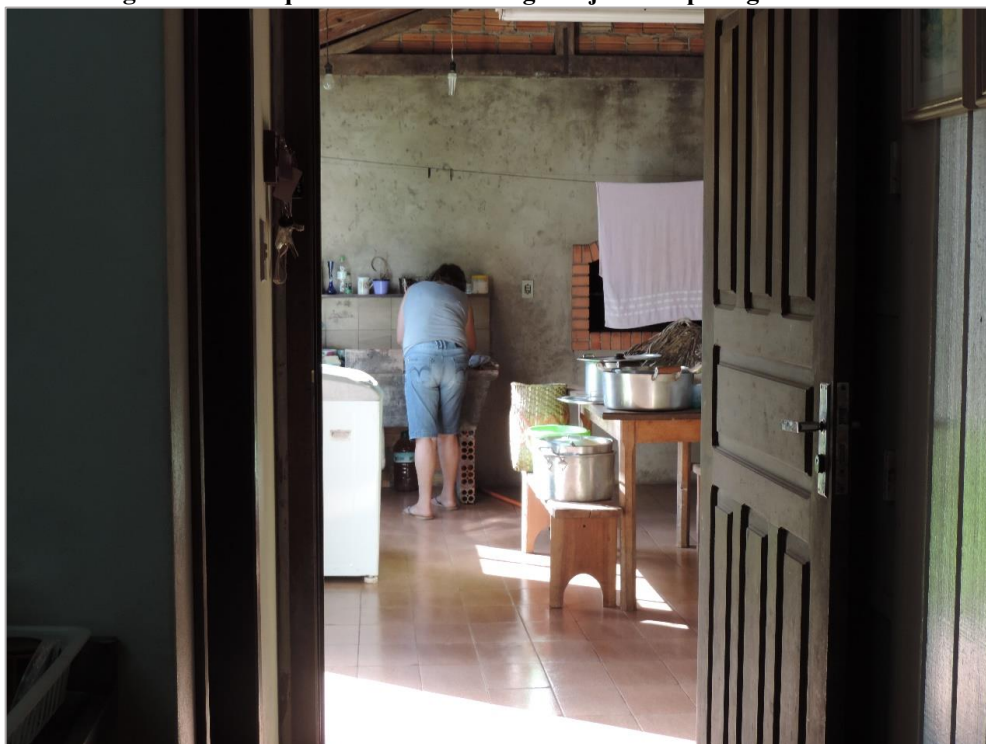
4.1.8 “É tudo junto”: a conciliação de atividades na rotina de Aurora e Irene

O dia de Aurora e Irene inicia por volta das 6h30, horário em que geralmente acordam. Irene tem sua rotina muito influenciada pelo ritmo da bebê, mas, habitualmente, este é o horário que desperta e inicia as atividades do dia. Aurora narra sua rotina matinal da seguinte forma:

É meio rotineiro né, porque a gente acorda, levanta, faz o café, a gente toma o café e aí já organiza a cozinha né, a casa, já boto as roupas pra lavar e já enquanto vai lavando a gente já vai lá pra agroindústria né. [...] daí a gente volta ali pelas 11h né. Ah, antes um pouco, antes de ir pra agroindústria a gente tem que pensar o que que vai fazer de meio dia né, pra fazer o almoço. (ENTREVISTA COM AURORA, 2020)

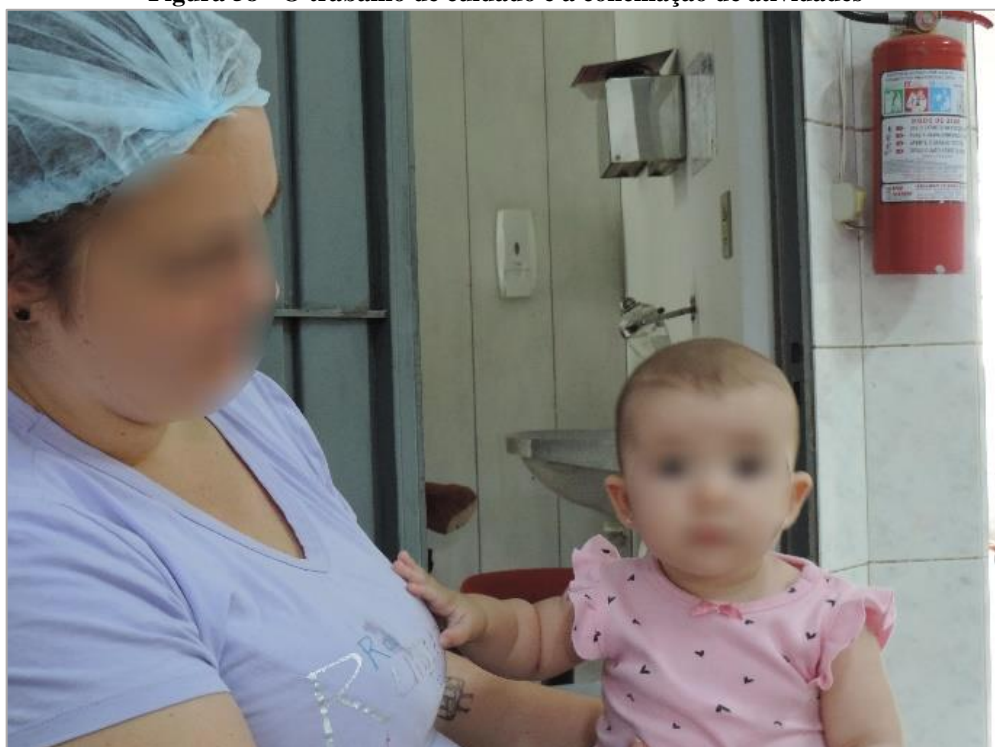
Ambas preparam o café da manhã para a família, cada uma na sua casa. Na época em que estive fazendo a pesquisa de campo, Irene estava iniciando uma rotina de exercícios que envolvia caminhada com o marido após o café da manhã, durante cerca de 40 minutos. Após a caminhada, ela comenta que “e daí dou uma ajeitada na casa, lavar a louça, dar uma arrumada pelo menos, colocar as coisas no lugar e separar umas roupas pra lavar e aí venho pra cá pra agroindústria”. Durante a caminhada, a bebê fica sob os cuidados de Aurora, já durante o dia, ela fica com Irene no escritório da agroindústria, que acomoda um berço portátil (cercadinho) e brinquedos (Figura 58).

Figura 57 - “Enquanto vai lavando a gente já vai lá pra agroindústria”



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Figura 58 - O trabalho de cuidado e a conciliação de atividades



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Na agroindústria, o trabalho é realizado em família, mas eles se organizaram de modo que, ainda que todos possam fazer tudo, cada um seja responsável por determinadas

atividades. Dessa forma, conforme explica Aurora, “a Irene fica mais responsável ali no escritório, na questão das finanças, o genro é mais nas vendas, e eu é mais ali na produção né, na organização da agroindústria e o meu marido daí é mais na lavoura né e também na questão dos equipamentos, no cuidado né, da estrutura né”. Embora haja essa definição, todos trabalham na produção, inclusive os sogros de Aurora, quando necessário⁴³. O mesmo se aplica ao trabalho na roça, conforme explica Aurora:

A gente colhe figo, colhe goiaba, colhe também as abóboras, morangas, né então... quando tem milho a gente colhe milho. [...] Tem figo, goiaba, banana, tem abóbora, moranga, tem açaí. E daí na época do açaí daí é mais o meu marido que vai pra colheita e a gente vai junto também colher. É um pouco difícil pra nós assim sair da agroindústria pra colher [açaí] né, é um acúmulo de trabalho, a gente até tá vendo assim pra ensinar outras pessoas a colher, a coletar, pra gente só receber esse produto né na agroindústria, pra também ficar mais leve pra nós né, não ficar tão cansativo, mas por enquanto a gente tá fazendo também esse papel de coletar (risos). (ENTREVISTA COM AURORA, 2020)

Além das frutas produzidas na propriedade, a família compra frutas de outras famílias do entorno para processar na agroindústria. O controle das quantidades compradas, produzidas e famílias envolvidas é realizado por Aurora, diariamente. O controle de estoque também é sua incumbência. Irene, por sua vez, atua no setor administrativo/financeiro da agroindústria. Ela relata as atividades que realiza cotidianamente:

Mas a parte fiscal é comigo né, questão de controle assim das vendas, notas fiscais, diálogo com o contador é comigo, então, né, todo mês esse envio de notas né, o pagamento das guias, dos impostos, o pagamento né, o controle, a questão dos vencimentos dos financiamentos é comigo, dos alvarás né, tu tem que ficar monitorando os prazos dos vencimentos de cada um, isso tudo é mais...ver se os clientes estão pagando né, eu olho porque daí tem pagamento via boleto, via... é tudo comigo, o sistema bancário também eu que faço. A parte assim mais controle interno também ali da gestão é eu que faço. (ENTREVISTA COM IRENE, 2020)

Nesse sentido, quais destas atividades especificamente elas realizam é difícil precisar, pois muda conforme o dia e a época. Quando é tempo de açaí jussara, a produção das passas de banana abre espaço para a geleia e as polpas de açaí. O mesmo ocorre com a goiaba e a uva. No período em que estive realizando a pesquisa de campo, os bananais estavam produzindo muito, então a produção era intensa e girava em torno das passas de banana. Para

⁴³ No momento da pesquisa de campo, Irene raramente se envolvia na produção dos alimentos e no trabalho na roça, pois além das finanças, o trabalho de cuidado da bebê demanda muito do seu tempo e energia.

tanto, além de Aurora, o marido e a filha mais nova, os sogros e o marido de Irene estavam trabalhando na produção, que procuro descrever na sequência.

Um das primeiras etapas de produção consiste em fazer o fogo que alimenta o forno desidratador. Para tanto, são utilizadas lenhas de eucalipto e outras árvores do sistema agroflorestal da propriedade, as quais são providenciadas pelos maridos de Aurora e Irene. O fogo geralmente é aceso pelo marido de Aurora. Feito isso, leva-se algumas caixas de banana do depósito para o espaço de produção, onde então, sentados em volta de uma mesa de inox, o marido, a filha mais nova, os sogros e o genro de Aurora, descascam e limpam as bananas, enquanto Aurora, que fica em pé, corta a banana ao meio e a dispõe sobre uma forma (Figura 59).

Quando esta forma está completamente coberta de bananas, é levada ao forno desidratador por Aurora e o marido (Figura 60). Eles aproveitam para verificar o andamento da desidratação das demais bandejas no forno e, havendo alguma pronta, esta é tirada e acomodada em uma espécie de estante, onde fica até que possa ser embalada. Esse mesmo processo se repete o dia todo. O que muda é que, às vezes, a banana não é cortada ao meio, sendo desidratada inteira. Enquanto fazem isso, Irene está no escritório trabalhando nas questões administrativas e cuidando da filha ainda bebê.

À primeira vista, as atividades de descascar banana, cortar banana, colocar no forno, podem parecer bastante fáceis de serem executadas. Porém, quando me dispus a fazê-las vi que não é simples assim. Descascar uma banana para processá-la é muito diferente de descascar uma banana para comê-la. É preciso técnica para não sujar a banana descascando-a, bem como rapidez para que ela não fique tanto tempo exposta ao oxigênio do ar. Além disso, é um trabalho cansativo, pois a postura fica comprometida, ocasionando dor nas costas⁴⁴.

⁴⁴ Esse é o meu relato de experiência vivida.

Figura 59 - Etapas do processamento de passas de banana I



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Figura 60 - Etapas do processamento de passas de banana II



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Ainda com relação à rotina laboral diária, o almoço é preparado por Aurora para toda a família, isto é, marido, filhas, genros e netos (8 pessoas). Desse modo, ela sai da agroindústria um pouco antes dos demais familiares. Irene permanece trabalhando na agroindústria até meio dia, mas destaca que não é assim durante todo o ano, tendo em vista que o trabalho de cuidado é bastante presente na sua rotina laboral, conforme o trecho de entrevista em que ela afirma:

Daqui a pouco vai começar as aulas do filho né, então daí tem que sair um pouco mais cedo pra ajudar ele, dar banho, ele demora muito pra tomar banho, pra se arrumar e pra pegar as coisas dele, então desde a 11 [horas] tem que começar a fazer essas coisas né. O ônibus escolar dele passa 12h20, então tem que daqui pra frente, depois, eu vou ter que sair um pouquinho mais cedo e ajudar ele a dar banho e arrumar as roupas da escola, conferir se fez o tema e ajudar a separar o almoço dele, daí vai ter que ter o [almoço] da bebê né, porque tem que dar a comidinha dela. E aí agora eu tava indo pra casa depois do almoço, fazendo ela dormir e ela tava dormindo geralmente até às 15h30, 16h da tarde, então nesse período eu tava ficando em casa, e aí fazendo alguma coisa lá [em casa] ou ajeitando alguma coisa, talvez depois quando começar as aulas [da graduação que cursa] não sei se vou usar esse tempo pra estudar ou não, não sei o que vou fazer. E aí depois eu venho pra agroindústria. (ENTREVISTA COM IRENE, 2020)

Nesse período da tarde, enquanto a bebê dorme, Irene não vai para a agroindústria, aproveitando esse tempo para fazer outras atividades, como organizar e limpar a casa, ler, descansar, entre outras. Com relação à limpeza da casa, ela comenta que contrata a sua tia para fazer uma faxina mais pesada uma vez ao mês e, no restante do período, ela realiza essa tarefa, com o apoio do marido, conforme afirma: “o meu marido também faz, mas tem que pedir, tem que dizer pra fazer, porque as vezes não enxerga (risos). Mas faz assim, faz, geralmente o banheiro é mais tarefa dele”. Na casa de Aurora, a maior parte das atividades de limpeza é realizada por ela, com ajuda do marido em algumas atividades. Já na agroindústria, há a contratação de uma mulher para faxinar tudo uma vez na semana, enquanto que a limpeza mais cotidiana é realizada por Aurora. A necessidade de contratar uma diarista para a limpeza da agroindústria partiu de Aurora: “Esse ano que passou eu disse: ‘bah, eu tenho muita tarefa assim na agroindústria, na questão da limpeza, a gente tem que botar uma [pessoa] ao menos uma vez por semana pra me ajudar’, daí agora a gente já tem uma [mulher] uma vez na semana que tá me ajudando né”.

A organização e limpeza da cozinha após o almoço é realizada por Aurora, mas sempre com o auxílio da família. Segundo ela, “a gente sempre almoça junto, então sempre tem ajuda né”. Depois de realizada essa atividade doméstica, Aurora faz uma pausa para descanso em que, geralmente, deita na cama e dorme cerca de 30 minutos. Ao falar sobre esse momento, ela apresenta a importância dele: “sempre procuro descansar porque a gente sente necessidade e a gente vê que é bom né, que faz bem né, então a gente sempre descansa, sempre tira um cochilo né”. Em seguida, Aurora retorna para o trabalho na agroindústria, que é conciliado com alguma atividade doméstica, conforme relata:

A gente volta pra lá né, na agroindústria. Aí tem a roupa também que eu falei né [que colocou para lavar de manhã], que daí fica a roupa, daí a gente vê se já tá pronta, daí bota no varal, aí vem cá, recolhe a roupa, guarda, então tem todo esse trabalho também né. E toda a tarde a gente também faz o café né, então eu fico responsável, eu venho [para casa] e faço o café né, então... (ENTREVISTA COM AURORA, 2020)

O café da tarde acontece sempre por volta de 16h. Toda a família se reúne em volta da mesa para lanchar e descansar por alguns minutos.

Figura 61 - Café da tarde: descanso?!

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Assim como Aurora, Irene também concilia atividades reprodutivas com o trabalho na agroindústria, além do trabalho de cuidado, como afirma: “as vezes eu dou uma saidinha, porque como é tudo junto né, a gente dá uma saidinha, ah tá a roupa tá lá na máquina, vou lá estender, ah tem que fazer uma coisa tu vai lá e faz né, então é, ah, começou a chover, tu vai lá e fecha a casa”. O depoimento de Irene ilustra muito bem a possibilidade que a agroindústria oferece de combinar diferentes tipos de trabalho.

Figura 62 - "A roupa tá lá na máquina, vou lá estender"



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Após a pausa para o café da tarde, elas retornam para a agroindústria e dão continuidade às atividades produtivas até a hora que for necessário para encerrar aquela(s) tarefa(s), procurando, geralmente, concluir até às 20h. Mas, como aponta Aurora: “a gente não tem muito horário né, conforme tem as coisas a gente vai fazendo”, pois se iniciaram o cozimento de um doce (chimia), por exemplo, não podem parar no meio do processamento, precisam concluí-lo no mesmo dia. O mesmo ocorre quando têm frutas em abundância. Nesses casos, segundo Aurora “se precisar a gente vai até 10, 11 horas da noite”. Irene, que também trabalha até esse horário, avalia que

Eu gostaria de ter assim uma rotina diferente aqui na agroindústria, de trabalho né, ter um horário de término fixo, de conseguir ir pra casa mais cedo e conseguir preparar melhor a comida, porque né, não só por questão nutricional, mas também por uma questão de preparar melhor aquele alimento né, não só de ser uma coisa assim “ah, esquentando aqui e come rápido”. (ENTREVISTA COM IRENE, 2020)

Ao retornar para casa, Irene prepara a janta, pois como explicou durante a entrevista, ela faz acompanhamento nutricional e precisa jantar comida, não pode ser um café, como ocorre na casa de Aurora. Durante a noite, Aurora e o marido gostam de assistir séries ou filmes, já Irene quase não consegue parar, pois além do preparo da refeição, se dedica ao cuidado dos filhos e organização da cozinha, atividades que faz com a ajuda e participação do

marido. A jornada laboral de Irene é quase que ininterrupta, pois o trabalho de cuidado exige bastante dela. Nesse sentido, quando perguntei sobre momentos de descanso e atividades de lazer, a resposta foi a seguinte:

A minha hora, que eu paro assim é meio que [para] ler né, então talvez nesse período da tarde ali que ela [filha] tenha dormido, eu tenho, às vezes, meio que lido. [Ultimamente] não consegui ler um pouco mais assim de tarde e de noite daí agora como estamos de férias, daí não tem os trabalhos da faculdade, ã, depois que todo mundo vai dormir eu sento no sofá e vou ler (risos), isso é tipo 11h30, meia noite. É o meu tempo de ter o meu tempo. (ENTREVISTA COM IRENE, 2020)

Como discutido no Capítulo 3, ainda que haja rede de apoio, a maior responsabilidade com relação ao cuidado dos filhos é da mãe, sobretudo quando são bebês, como é o caso de Irene. Nesse aspecto, os dados de campo revelam que a jornada de trabalho de Irene com relação aos filhos, principalmente a bebê, é repleta de turnos ininterruptos⁴⁵.

Ainda com relação às atividades desenvolvidas, há na propriedade um pátio grande, com muita grama, árvores, flores, bem como uma casinha na árvore para as crianças brincarem. Segundo Aurora, a manutenção do jardim é realizada pelo marido: “ah, a grama é o meu marido que corta, daí então eu não me envolvo, aí então eu só digo quando tá na hora de cortar (risos)”. Além disso, um pequeno rio passa pela propriedade da família, o qual exige manutenção da pinguela⁴⁶, limpeza e organização do espaço ao leito do rio onde desfrutam das águas durante o verão (Figura 63). A maior parte do trabalho em torno do rio é realizado pelos maridos de Aurora e de Irene.

⁴⁵ Algumas empresas, sobretudo indústrias, funcionam em tempo integral e, portanto, adotam jornadas de trabalho com turnos ininterruptos de revezamento, em que os trabalhadores se revezam através de turnos e escalas por determinado número de horas (LAZZARIN; HERNANDES, 2015). Traçando um paralelo com a maternidade, percebe-se que o “funcionamento” também é contínuo, pois as mulheres-mães são mães em tempo integral, porém os turnos ininterruptos nem sempre comportam o revezamento.

⁴⁶ Ponte rústica, feita de madeira, para a travessia de pedestres.

Figura 63 - Espaço para descanso no verão!

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

A comercialização dos produtos da agroindústria é realizada em feiras no município de Porto Alegre, em lojas de produtos naturais, via PNAE e para outras agroindústrias (para processamento de bala de banana) (Figura 64). As feiras ocorrem duas vezes na semana, nas quartas-feiras e nos sábados, de modo que no final das terças e sextas-feiras eles trabalham organizando os produtos em caixas para serem levadas para a feira. Nas quartas é o marido de Irene que vai “fazer a feira”, geralmente acompanhado de mais alguém da família, seja Irene, o sogro ou o filho de Matilde, pois além de comercializar os produtos da agroindústria, levam também os produtos da agroindústria de Matilde e Lurdes. No momento da pesquisa de campo, Irene não estava indo para a feira por conta da dificuldade de conciliar o trabalho na feira com o cuidado da bebê.

Figura 64 - "Fazer feira" III



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Já aos sábados a feira é realizada com o grupo da ACERT, envolvendo mais agricultores e produtos, de modo que o marido de Aurora – que é quem vai fazer essa feira – trabalha a cada quatro semanas, conforme ela explica:

Hoje já faz tempinho [que não vou fazer feira], já faz acho que um ano que eu não fui mais, agora é o marido que tá indo né, mas eu ia bastante, ia todo sábado também, nós dois ia, ia todo sábado, porque a gente tinha bastante produto né, daí como agora com a agroindústria, daí então a gente daí tá indo então de 4 em 4 semanas né, mas o produto vai toda semana né. Vai toda semana e se reveza entre o grupo né e a gente vai. E daí o genro agora também tá fazendo a feira nas quartas-feiras né, também já fui com ele né, fui várias vezes, mas daí ele vai mais na feira e a gente fica tocando mais na agroindústria né. (ENTREVISTA COM AURORA, 2020)

Aurora afirmou gostar de trabalhar na feira, pois a feira possibilita “o contato com as pessoas né, lá da cidade”, pela troca de informações entre ela e os consumidores e os vínculos que se criam nessas conversas. Porém, ainda assim, atualmente ela não vai mais “fazer feira”. Quando perguntada sobre isso, ela afirma que:

É porque daí assim também não tá tendo tanto tempo pra mim ir pra feira né. A gente tem mais compromisso também na agroindústria né, então a gente tá deixando mais pros homens ir pra feira, daí também eu ajudo a cuidar a minha netinha também né, a bebê, então eu já tenho também esse né... hummm... [esse trabalho, essa atividade?] Esse trabalho, essa atividade, então mais a feira ainda né? Eu disse não, então deixa. (ENTREVISTA COM AURORA, 2020)

Para ir para a feira dos sábados, o grupo da ACERT dispõe de um ônibus adaptado para acomodar alguns poucos passageiros na parte da frente e as caixas com os produtos na parte de trás. O grupo organiza uma rota de coleta dos produtos nas propriedades das(os) associadas(os) feirantes, passando na propriedade de Aurora e Irene por volta das 19h das

sextas-feiras. Após concluir esta rota, seguem para Porto Alegre. O ônibus é antigo, anda em baixa velocidade, de modo que a viagem até Porto Alegre é mais demorada (cerca de 3h) que o normal, se estendendo até as 23h, em média.

Ao chegar na capital, se dirigem até o pátio da Secretaria Estadual de Agricultura, onde podem estacionar o ônibus e pernoitar. Alguns levam colchonetes e estendem no corredor do ônibus para dormir, outros dormem nos bancos, também levam lanches para jantar e tomar café da manhã no outro dia. Por volta de 4h30 da manhã, acordam, tomam café e organizam os produtos que ficam na Feira Ecológica do Menino Deus, realizada ali mesmo, e os que deixam no ônibus para levar para a FAE, que acontece na Rua José Bonifácio e é a feira a qual Aurora se refere (que atualmente o marido é quem participa de quatro em quatro semanas). A FAE funciona das 6h às 13h e a Feira do Menino Deus das 7h às 12h30. Depois que encerram, precisam desmontar as bancas, carregar no ônibus as caixas vazias, bem como os produtos que não conseguiram vender e então retornam para casa, chegando lá por volta de 16h30. Dessa forma, participar dessa feira envolve bastante esforço, tanto físico quanto mental, haja vista a noite mal dormida, o peso das caixas, a negociação com consumidores, o tempo que permanecem em pé nas bancas, mas, sobretudo, no caso de Aurora e Irene, envolve permanecer cerca de 24h longe de casa.

Ao se ausentar da propriedade, Aurora acaba acumulando trabalho na agroindústria e em casa, além de sobrecarregar Irene no cuidado dos filhos e no preparo do almoço. Ao ficar na propriedade e não ir trabalhar na feira, o trabalho na agroindústria e em casa não é interrompido, tudo segue funcionando. Já o contrário parece não acontecer, pois as atividades que desempenha não são plenamente realizadas por outras pessoas. O fato de Aurora não estar indo “fazer feira” elucida a sobrecarga de trabalho, pois como ela mesma disse é “mais a feira”, isto é, a feira soma-se a todas as atividades que ela já faz. Além disso, ilustra o fardo da multitarefa, pois ela gostaria de ir “fazer feira”, mas não tem esse direito de escolha no momento⁴⁷.

Já no caso da feira que participam nas quartas-feiras, a saída de casa ocorre por volta de 6h e o retorno às 19h, normalmente. Essa feira envolve somente a família delas e de Matilde e Lurdes, de modo que podem ir com carro próprio. Além da comercialização na feira, que ocorre durante o dia todo, aproveitam para realizar entregas de produtos em lojas da capital e região metropolitana, durante o período da tarde. Para tanto, é importante que além

⁴⁷ Convém destacar que, cerca de dois anos após a realização da pesquisa de campo, encontrei tanto Aurora quanto Irene “fazendo feira”.

do marido de Irene, algum outro familiar possa acompanhá-lo, de modo que enquanto ele faça as entregas, a outra pessoa trabalhe na feira. Irene, antes de ter a bebê, sempre acompanhava o marido nessa feira e afirma que, quando ela estiver maiorzinha, retornará ao trabalho na feira⁴⁸.

Essa subseção encerra a descrição das rotinas laborais das mulheres rurais interlocutoras da pesquisa. Na próxima seção, procuro tecer algumas considerações acerca do trabalho realizado pelas mulheres.

4.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO PRODUTIVO, REPRODUTIVO E DE CUIDADO REALIZADO PELAS MULHERES

Com base nos dados da pesquisa e nas rotinas laborais descritas, foi possível identificar a participação das mulheres nas principais atividades produtivas, reprodutivas e de cuidado, conforme apresentado nos Quadros 7 e 8. O trabalho de cuidado, como já apontado no Capítulo 3, é de difícil conceituação (HIRATA, 2014), sendo realizado, comumente, em conjunto com as atividades domésticas (HERRERA, 2016). Em virtude dessa dificuldade de conceituação, há também certa dificuldade em identificar o que é atividade de cuidado e o que é atividade reprodutiva, pois elas se misturam o tempo todo. Quando as mulheres preparam as refeições, isso é trabalho reprodutivo, mas, também, é cuidado com a saúde e a vida dos(as) integrantes da família. O mesmo ocorre com as roupas por elas lavadas e passadas. Por isso, optei em apresentar juntas as principais atividades reprodutivas e de cuidado (Quadro 7).

A noção de cuidado (*care*) é concebida inicialmente por Carol Gilligan, em sua obra “Uma voz diferente”, publicada originalmente em 1982. A autora propõe que o raciocínio moral de homens e mulheres é diferente, pois enquanto os homens fundamentam seu julgamento moral na justiça, as mulheres se baseiam no cuidado. Porém, Gilligan não avança nessa discussão. Joan Tronto (1993) é quem desenvolve e confere maior robustez à ética do cuidado. Tronto (2007, p. 286) afirma que “[...] não há um consenso sobre o significado de cuidado. Estudiosos definem cuidado de inúmeras formas, mas, para a maioria deles, cuidado é o “trabalho do amor”, no qual uma atividade privada e íntima é feita em um estado emocional particular”.

⁴⁸ Em 2021, frequentando a feira, encontrei com Irene algumas vezes.

Quadro 7 - Principais atividades reprodutivas e de cuidado executadas, por turno e pela(o) principal responsável por sua realização

Atividades reprodutivas e de cuidado	Turno	Com quem realiza?
Preparar o café da manhã e/ou chimarrão	Manhã	Sozinha
Lavar, dobrar e guardar roupas	Manhã/Tarde/Noite	Sozinha
Organizar alimentos para o almoço	Manhã	Sozinha
Preparar o almoço	Manhã	Sozinha
Plantar, limpar, colher na horta e estufa	Manhã/Tarde	Sozinha/Filha
Fazer companhia/observar/auxiliar idosos	Manhã/tarde	Sozinha/Filhas
Lavar louças e organizar a cozinha	Manhã/Tarde/Noite	Sozinha/Filhas
Tirar carne para descongelar para o almoço	Noite/Manhã	Sozinha
Observar, cuidar e brincar com crianças	Manhã/tarde	Irmãs/Avó
Amamentar	Manhã/Tarde/Noite	Sozinha
Tomar café e/ou chimarrão	Manhã/Tarde	Marido/Filhas
Almoçar	Manhã	Marido/Filhas(os)/Genros/Netas(os)
Descansar (algumas mulheres)	Tarde	Marido/Filha(s)/Irmãs
Jantar	Noite	Marido/ Filhas(os)
Alimentar animais (vacas, porcos, galinhas)	Manhã/tarde	Sozinha/ Filhas(os)/Marido
Cuidado do jardim	Tarde	Sozinha/Marido/ Filhas(os)
Preparar a janta	Noite	Sozinha/Marido/Filhas
Cuidar das(os) filhas(os) pequenas(os)	Manhã/Tarde/Noite	Sozinha/Marido/Avó
Limpar a casa	Manhã/tarde	Sozinha/Marido

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados de campo.

Notas: Cor laranja: atividades realizadas sozinha ou com outras mulheres

Cor azul: atividades que sempre são realizadas com outra(s) pessoa(s)

Cor verde: atividades realizadas sozinha, ou com marido, ou com avó, ou com filhas

Tronto (1993; 2007) aponta que o cuidado, enquanto processo ativo, requer quatro fases:

- a) cuidar de (*caring about*): compreende o reconhecimento da necessidade do cuidado e, portanto, exige a capacidade moral de ser atencioso, de se preocupar;
- b) importar-se com (*taking care of*): implica aceitar a responsabilidade pelo trabalho que necessita ser realizado. Demanda a qualidade moral da responsabilidade pela necessidade do outro;
- c) oferecer o cuidado (*care giving*): se refere à prática do cuidado em si e envolve a qualidade moral da competência;

- d) recebê-lo (*care-receiving*): é a resposta ao oferecimento do cuidado. Somente quem recebeu o cuidado pode avaliar quão bem o processo se deu. Essa fase implica qualidade moral da receptividade.

Essas fases são visíveis no trabalho realizado por Adelaide, Olívia, Cecília e Joana quando elas falam sobre o cuidado que têm com o Nono após o falecimento da Nona:

Ah com o Nono é... não, tipo assim, ele consegue se virar com tudo sabe, ele tipo assim é bem independente nas coisas dele, mas, ã, lá acho que muito da gente sabe, como aconteceu a coisa com a Nona sabe, do momento dela de falecer e tal, a gente não quer nunca deixar ele sozinho (se emociona), então ã, então, tipo assim, se a gente sai, nunca ninguém, não pode deixar o Nono sozinho (chora), então tipo assim a gente não tem, ã, como é que eu vou dizer, todos não podem sair junto, alguém tem que ficar em casa. E, mas, tipo assim, ele xinga a gente “não precisa ficar em casa, eu me viro”, sabe, mas acho que a gente não consegue mais pelo fato ocorrido com a Nona sabe, então... mas não é difícil sabe, é só um modo que a gente tem que mudar a nossa vida. (ENTREVISTA COM CECÍLIA, 2019)

Nesse sentido, é interessante observar o quanto as relações de cuidado estão permeadas de relações de afeto e dependência. Tronto (2007) afirma que a dependência de cuidado varia ao longo da vida e, também, de acordo com a condição física, pois uma criança, por exemplo, precisa de mais cuidados do que um jovem, assim como uma pessoa doente ou idosa também requer mais atenção. A dependência de cuidado, nesse sentido, pode ser visualizada na vida de Irene com os filhos pequenos, Aurora com os netos, Adelaide, Olívia, Cecília e Joana com o Nono e com a neta/sobrinha. Também pode ser observada na atenção de Lurdes com a irmã Matilde no que se refere à saúde, pois Matilde usa marcapasso no coração e, por isso, certas atividades é melhor que ela evite realizar, como levantar muito peso, por exemplo. Além disso, de modo geral, também entre as mulheres esses cuidados recíprocos estão presentes.

Dessa forma, não há como suspender a dependência de cuidado ao longo da vida, porém, esse pode ser significado e organizado de diferentes formas (BIROLI, 2018). Assim, a autora aponta que, embora envolva dimensões extremamente pessoais e afetivas da vida, o cuidado pode ser mercantilizado. A contratação do serviço de cuidado está diretamente ligada a duas variáveis/condições: disponibilidade de alguém próximo para cuidar e/ou renda, pois o cuidado realizado por pessoas próximas (geralmente mulheres: mães, esposas, irmãs, filhas) demanda tempo, já o cuidado mercantilizado, requer dinheiro (BIROLI, 2018). Nessa perspectiva, os dados de campo evidenciaram que, entre os casos estudados nesta pesquisa, o cuidado não é mercantilizado.

Ao encontro disso, Hirata (2019) argumenta que no Brasil não há profissão regulamentada pelo Estado para a figura do cuidador, assim como não existe uma política que garanta o trabalho de cuidado como um direito (*care social*). Desse modo, mesmo havendo trabalho de cuidado mercantil, “ainda vivenciamos a experiência da centralidade da família prover o cuidado, recaindo diretamente sobre as mulheres” (HIRATA, 2019, p. 9). Hirata (2010) afirma que impera uma naturalização e essencialização do cuidado como intrínseco à posição e à disposição feminina, o que além de implicar desvalorização da profissão do cuidado, reforça a divisão sexual do trabalho.

Nesta direção, no Quadro 7 é possível visualizar também que a maior parte das atividades reprodutivas e de cuidado são realizadas somente por mulheres, sejam sozinhas ou acompanhadas de outras mulheres (irmã(s), filha(s), avó). Madalena, durante a entrevista, falou sobre a capacidade de “ver o serviço”, algo que, no caso do trabalho reprodutivo e de cuidado, as interlocutoras da pesquisa cresceram aprendendo a fazer, como evidenciado no Capítulo 3. Nesse sentido, as diferenças que são atribuídas como naturalmente femininas ou masculinas, derivam, na verdade, de um processo de construção social em que se atribui, diferenciadamente, habilidades, atividades e modos de vida para homens e mulheres (KERGOAT, 2009).

Biroli (2018) emprega o termo “responsabilização” para explicar os aspectos estruturais que levam as mulheres a assumir as responsabilidades do trabalho doméstico/reprodutivo, de cuidado e que restringem sua participação na esfera pública (ambiente externo) – como Aurora e Irene, por exemplo, que, durante a pesquisa de campo, não estavam participando da feira. A autora aponta que “o trabalho que as mulheres realizam na vida cotidiana doméstica, a forma que ele assume e o tempo que lhe é dedicado estão longe de constituir escolhas voluntárias” (BIROLI, 2018, p. 64), embora não haja impedimentos legais para a busca de outros caminhos ou mesmo coerções. Ou seja, a responsabilização implica que não há necessidade do exercício aberto da autoridade do pai, marido ou namorado, pois a responsabilidade por aquela atividade doméstica e de cuidado é institucionalizada. Segundo a autora, esse é um contexto de restrição às escolhas, estabelecido pelos padrões de divisão sexual do trabalho, que incide nas possibilidades de vida e de viver das mulheres. Neste sentido, mesmo as mulheres interlocutoras da pesquisa que tensionam alguns padrões (como dirigir, sair de casa e a não maternidade), em essência e em maior ou menor grau, seguem tendo dificuldades em romper com a responsabilização pelas atividades reprodutivas e de cuidado.

Ainda com relação ao Quadro 7, os homens (maridos, filhos, genros) estão presentes nos momentos que envolvem as refeições, mas, salvo exceções, não é preparando a comida e, sim, desfrutando dela. Alguns deles também contribuem no cuidado do jardim, porém, esse cuidado é limitado ao corte da grama com uso de máquina e a poda de roseiras ou árvores. Além disso, em muitas entrevistas as mulheres mencionaram que precisam pedir/avisar ao marido que está na hora de cortar a grama ou limpar o banheiro, por exemplo. Isto revela que, ainda que contribuam em algumas atividades reprodutivas e de cuidado, a gestão e/ou a preocupação com tais tarefas é das mulheres. Desse modo, o fato de que as mulheres interlocutoras desta pesquisa foram estimuladas e ensinadas a “ver o serviço” reprodutivo e de cuidado faz com que elas assumam a gestão da casa, ou seja, assumam a responsabilidade por essas tarefas.

O mesmo ocorre quando delegam a faxina da casa para uma pessoa contratada. Além da gestão da atividade e da pessoa que presta o serviço ser feita pelas mulheres, essa delegação não é plena, pois a maior parte do trabalho doméstico é realizado por elas, tendo em vista que a contratação ocorre somente uma ou duas vezes por mês. Indicando que se trata de uma contribuição que se enquadra na definição de ajuda, abordada no Capítulo 3. Nesse contexto, há que se considerar, também, que, por vezes, esse trabalho doméstico e de gestão do lar, só se nota na ausência das mulheres, como é o caso, especialmente, daquelas que trabalham na Associação de Fornos.

Nessa perspectiva, Hirata (2010) aponta a existência de modelos de divisão sexual do trabalho, como sistematizado a seguir:

- a) modelo tradicional: a mulher não acessa o mercado de trabalho “formal”, assumindo o trabalho doméstico e de cuidado da casa e dos filhos. Nesse modelo, o homem é o provedor.
- b) modelo da conciliação: a mulher concilia trabalho profissional e trabalho doméstico. Já o homem não concilia, desempenhando apenas o trabalho profissional.
- c) modelo da parceria: mulheres e homens dividem as tarefas domésticas e de cuidado. Esse modelo supõe o equilíbrio e/ou a igualdade entre os sexos.
- d) modelo da delegação: a mulher trabalha “fora de casa” e delega a outras mulheres o trabalho doméstico e de cuidado com a casa, família e crianças.

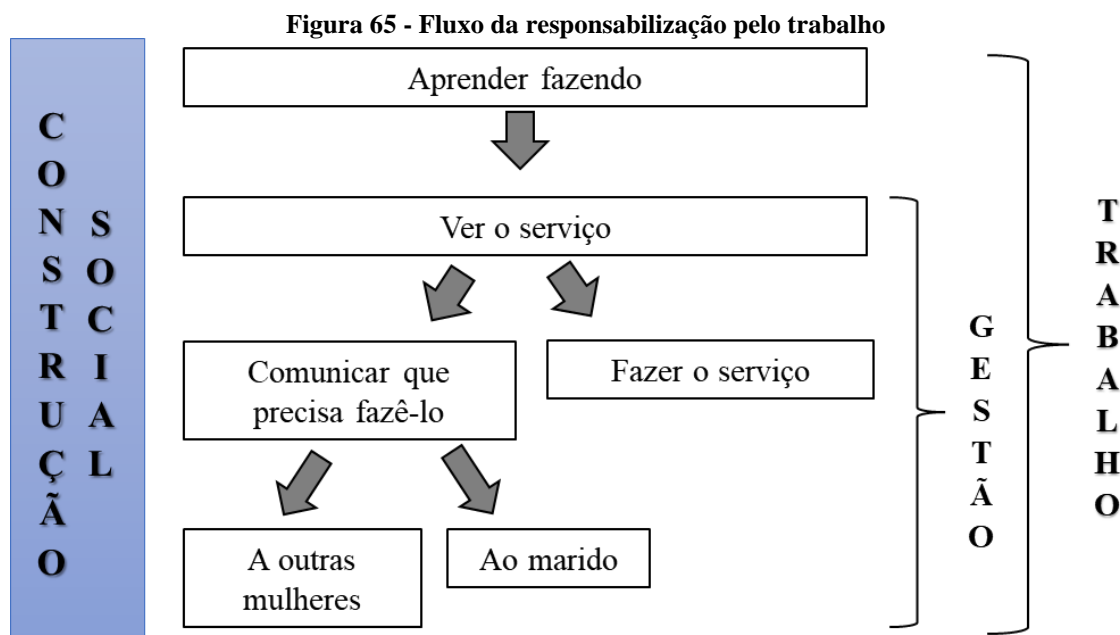
Considerando os contextos rurais, como o estudado nesta tese, esses modelos são mais adequados para a realidade urbana, em que pode ser melhor definida a linha que separa o trabalho produtivo/profissional do trabalho reprodutivo/doméstico e de cuidado. Ainda assim,

são modelos interessantes para pensar a divisão sexual do trabalho, dentre os quais, o que mais se aproxima da realidade laboral das mulheres que pesquisei é o modelo de conciliação. Em alguns casos, há uma incipiente aproximação com o modelo de delegação (Lídia e Irene, pela contratação de faxineira) e o modelo de parceria (Olívia, Cecília, Irene e Lurdes que contam com a participação dos maridos em algumas atividades reprodutivas), este verificado, sobretudo, no contexto de mulheres mais jovens. Para ilustrar o incipiente modelo de parceria com o marido, recorro a um trecho da entrevista com Cecília, em que ela afirma que:

Ele [o companheiro] me ajuda muito né, ele lava, se precisar ele faz faxina na casa, limpa o banheiro, lava a louça, dobra a roupa. Eu disse: “a única coisa que tu não faz é lavar roupa né, podia ir lá na máquina”, ele disse “não, chega que eu limpo a casa” (risos), eu disse “não”. Mas assim ele me ajuda bastante né, não tenho o que me queixar dele, se precisar ele faz, se não tem o que comer ele se vira, ele se faz. (ENTREVISTA COM CECÍLIA, 2019)

Chama atenção na entrevista a ressalva “se precisar”, pois sinaliza que cabe a ela fazer essas atividades (responsabilização), mas, “se precisar” ele faz. Isto vai ao encontro do que outras mulheres também relataram com relação a ter que pedir para os maridos ou companheiros fazer determinada atividade ou ainda avisar sobre a necessidade de fazê-la. Além disso, volto a noção de “ver o serviço” e de “aprender fazendo”, pois se relacionam com essa discussão que, ao fim e ao cabo, inicia (e termina?!) na construção social do gênero (Figura 6).

Ainda com relação a este fluxo de responsabilização pelo trabalho, sobretudo o trabalho doméstico e de cuidado, durante a pesquisa de campo, nas entrevistas, muitas mulheres afirmaram não haver muito planejamento para o preparo das refeições, contudo, elas costumam deixar um pedaço de carne descongelando desde cedo ou da noite anterior, com o intuito de cozinhar para o almoço. A respeito disso, os dados indicam que o trabalho que realizam ao cozinhar está incorporado na rotina laboral delas de tal maneira que é uma atividade normalizada, basta “apenas” executá-la.



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Em muitas situações, a divisão de tarefas se dá com base em critérios tradicionais de divisão sexual do trabalho, em que homens realizam o trabalho produtivo e mulheres realizam o trabalho reprodutivo e de cuidado, além do trabalho produtivo, que será apresentado a seguir, no Quadro 8. Isto fica bastante evidente na rotina laboral de Matilde e Lurdes, por exemplo. Ambas não vão para o morro trabalhar nos bananais, argumentando que “é mais longe”, “é pesado”, “eu tenho problema de joelho”. São argumentos válidos, mas passíveis de problematização com relação à divisão sexual do trabalho e ao lugar das mulheres na propriedade rural, entendida como unidade de produção e de consumo. Nesse sentido, no trecho de entrevista a seguir, Lurdes comenta sobre a divisão sexual do trabalho:

Cenoura, alface, rúcula, aipim a gente planta, aipim os homens que trabalharam esse ano, nem fui lá capinar, eles que capinaram, milho também eles que plantam, não é nós, nós é mais nas verduras. [Aham. E por que é mais vocês nas verduras?] Não sei porque, acho que é planta mais pequena, não sei, eles vão fazer outras coisas mais pesada, ou sei lá, o serviço que tem daí a gente fazer né, porque é mais fácil eu acho, porque daí eles vão roçar ou vão pro bananal, que daí fica mais longe né, e a gente fica fazendo ali, que ali é fácil da gente fazer, porque é leve né. Eu acho que é nesse sentido, não que quer dizer que eles não podem, eu acho que é nesse sentido. (ENTREVISTA COM LURDES, 2020)

Fica claro neste trecho de entrevista que, no contexto em questão, o trabalho dos homens é pesado e o das mulheres é leve (BRUMER, 2004; PAULILO, 1987; 2004), além de que as atividades por elas realizadas são próximas a casa. Ainda que o marido de Lurdes entre para a divisão de parte do trabalho doméstico, uma vez que “de noite é sempre ele que faz [a

janta]”, trata-se de apenas uma atividade. Contudo, convém ressaltar que, ao tratar de trabalho leve e pesado, algumas mulheres interlocutoras da pesquisa trazem relatos e experiências distintas das de Lurdes e a irmã Matilde. É o caso, por exemplo, de Amélia, Sofia, Olívia, Cecília e Joana que carregam caixas cheias de frutas, pesando cerca de 20kg cada uma, o que exige bastante força delas.

Quadro 8 - Principais atividades produtivas executadas, por turno e pela(o) principal responsável por sua realização

Atividades produtivas	Turno	Com quem realiza?
Processar o queijo	Manhã/noite	Sozinha/Filhas
Limpar a sala de ordenha	Manhã/tarde	Sozinha/Filhas
Lavar louças dos queijos	Manhã/noite	Sozinha/Filhas
Lavar os paninhos dos queijos	Tarde	Sozinha
Plantar, limpar, colher na horta e estufa	Manhã/Tarde	Sozinha/Irmã
Ordenhar as vacas	Manhã/tarde	Marido/ Filhas(os)
Manejar pomares	Manhã/Tarde	Irmãs/Pai/Marido
Plantar e colher milho	Manhã/Tarde	Irmãs/Pai/Irmão/Marido
Colher frutas	Manhã/Tarde	Irmãs/Pai/Marido
Buscar frutas em agricultores fornecedores	Tarde/Noite	Irmã/Funcionário
Preparar/organizar os produtos para a feira	Tarde/Noite	Irmã(s)/Filha/Marido/Genro
Comercializar na feira	Manhã/Tarde	Irmãs/Marido/ Filhas(os)
Alimentar animais (vacas)	Manhã/tarde	Sozinha/ Filhas(os)/Marido
Levar e buscar vacas na pastagem	Tarde	Sozinha/Marido
Processar alimentos na agroindústria	Manhã/Tarde	Sozinha/Irmãs/Marido/ Cunhado/Diaristas
Comercializar frutas <i>in natura</i>	Tarde	Sozinha/Marido
Limpeza da agroindústria	Tarde	Sozinha/Filhas/Irmãs/ Marido/Diarista
Estudar	Tarde/Noite	Sozinha/Marido

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados de campo.

Notas: Cor laranja: atividades realizadas sozinha ou com outras mulheres

Cor azul: atividades que sempre são realizadas com outra(s) pessoa(s)

Cor verde: atividades realizadas sozinha, ou com marido, ou com avó, ou com filhas

Em comparação ao Quadro 7, nota-se no Quadro 8 que as atividades realizadas exclusivamente por mulheres aparecem em menor número e que estão centralizadas na produção de queijos e no trabalho na horta, isto é, na agroindústria de Adelaide, nas qual se envolvem ela e as filhas, e na agroindústria de Matilde e Lurdes. Nesta última, como apontado na seção 4.1.7, os maridos e filhos preparam a terra na horta, com auxílio do trator, mas quem

planta, irriga, capina e colhe são elas, ou seja, a maior parte do trabalho na horta é realizado por elas. Além disso, a horta aparece também no Quadro 7, pois a produção na horta de Matilde e Lurdes é destinada também ao autoconsumo, ainda que em menor quantidade, configurando trabalho produtivo, mas, também, reprodutivo e de cuidado.

Os dados da pesquisa de campo evidenciam também que, dentre as principais atividades produtivas que as mulheres realizam, a maioria está vinculada ao trabalho nas agroindústrias familiares – as exceções são estudar e plantar e colher milho. Nesse sentido, chama atenção a centralidade das mulheres no trabalho desempenhado na e para a agroindústria, uma vez que muitas delas estão envolvidas desde a produção da matéria prima até a comercialização do produto final. Porém, como exposto, elas também são centrais no trabalho reprodutivo e de cuidado, o qual tem sua realização favorecida e/ou propiciada pela proximidade entre agroindústria e casa, conferindo o ir e vir entre trabalho produtivo, reprodutivo e de cuidado, bem como o desenvolvimento simultâneo de distintas atividades.

Por fim, essa conciliação de atividades faz com que as mulheres estejam, constantemente, executando distintas atividades ao mesmo tempo, como, por exemplo, o feijão que Lurdes cozinha enquanto embala farinha de mandioca na agroindústria, ou as roupas que Aurora estende enquanto as bananas estão no forno desidratador, ou o suco processado enquanto Sofia corta a carne para o preparo do almoço. Para que haja essa conciliação, as mulheres estão sempre atentas, em alerta, pensando em um trabalho enquanto realizam outro, de modo que têm se gerado uma sobrecarga que não é somente física, mas também mental⁴⁹.

O próximo capítulo apresenta os reflexos das rotinas laborais e da inserção das agroindústrias familiares na vida das mulheres.

⁴⁹ As implicações dessa conciliação de atividades e do trabalho nas agroindústrias familiares serão abordadas no Capítulo 5.

5 REFLEXOS DO PROCESSO DE AGROINDUSTRIALIZAÇÃO NA VIDA DAS MULHERES RURAIS

Esse capítulo tem como objetivo analisar os sentidos do trabalho em agroindústrias familiares na vida e no cotidiano das mulheres rurais interlocutoras da pesquisa. Em boa medida, esse capítulo retoma dados e discussões dos capítulos anteriores, procurando dar ênfase aos aspectos que mais se destacaram a partir da análise dos dados da pesquisa. Além disso, o intuito é traçar um paralelo com o período anterior ao trabalho na agroindústria familiar, a partir da perspectiva das mulheres.

Há na literatura recente sobre o tema alguns poucos trabalhos⁵⁰ que analisam a participação das mulheres nas agroindústrias familiares. Contudo, esses trabalhos voltam seu olhar para a geração de renda e reprodução socioeconômica, bem como geração de trabalho/ocupação e emancipação feminina. Já com relação às agroindústrias familiares de modo geral, sem especificar suas implicações para as mulheres, há diversos estudos que enfatizam as suas contribuições para a geração de renda e postos de trabalho, revalorização de recursos rurais, uso da mão de obra familiar, agregação de valor às matérias primas produzidas na propriedade rural e/ou nos vizinhos, fortalecimento de relações de confiança e proximidade (WESZ JUNIOR, 2006; PELEGRINI; GAZOLLA, 2008; MIOR, 2005; SGARBI, 2006 e WILKINSON, 2008, para citar alguns).

São inegáveis as contribuições que as agroindústrias familiares têm trazido aos contextos rurais, sobretudo em termos de produção de alimentos e reprodução socioeconômica para as famílias envolvidas. Entretanto, é igualmente importante investigar os efeitos do processo de agroindustrialização pautando também as mudanças que podem gerar do ponto de vista social, em suas várias dimensões e, de modo especial, no modo de vida das famílias rurais visto que, não raro, essa atividade afeta sobremaneira o trabalho realizado pelas mulheres. É nessa direção que o presente capítulo é construído.

Nesse sentido, cabe dialogar com o trabalho de Sulzbacher e Neumann (2014) que discute sobre a dimensão social das agroindústrias na propriedade familiar. Dentre as diversas variáveis⁵¹ que os autores analisaram, estão trabalho e gênero. Porém, ainda que tratem destes temas que são caros a presente tese, os autores sinalizam que “a proposta da pesquisa e o

⁵⁰ Citam-se os trabalhos de Fantineli (2021) e Silva; Santos; Ponciano (2018).

⁵¹ Neste estudo, os autores partem de uma proposta de avaliação de impacto social que contempla 25 variáveis com 56 indicadores, envolvendo escalas da unidade de produção e do entorno comunitário. Dentre as 25 variáveis, portanto, estão trabalho e gênero.

método de trabalho de campo não permitiram aprofundar e adentrar outras questões, tal qual o processo de tomada de decisão, gestão, comercialização, entre outras atividades geralmente vinculadas à figura masculina.” (SULZBACHER; NEUMANN, 2014, p. 113). Desse modo, os autores não abordam, em profundidade, as mudanças sociais no caso das mulheres, mas trazem importantes contribuições para pensar os impactos sociais das agroindústrias, sobretudo por sinalizarem a necessidade de discussão sobre a dimensão social, visto que, segundo as análises que realizaram, as agroindústrias implicam em mudanças substanciais no modo de vida das famílias.

A inserção de agroindústrias familiares nas propriedades rurais das mulheres interlocutoras da presente tese, trouxe mudanças tanto para as mulheres e suas famílias, quanto para as próprias unidades produtivas. Por um lado, a partir da análise da produção de sentidos do trabalho, as mulheres apresentam consequências positivas, como, por exemplo, os incrementos na renda e a menor penosidade do trabalho, mas, por outro lado, indicam que as atividades relativas às agroindústrias refletem negativamente, por exemplo, ao aumentar a carga de trabalho e ao gerar ou agravar problemas de saúde.

Para discutir estes e outros aspectos, o capítulo encontra-se dividido em três seções. A primeira procura apresentar e analisar dados relativos às percepções das mudanças no trabalho a partir da inserção nas agroindústrias. Na segunda seção, discuto os efeitos do trabalho na saúde física e mental das mulheres. O intuito é apresentar e discutir as percepções das mulheres em relação às dores advindas das atividades laborais que realizam em seu cotidiano, dando ênfase ao trabalho nas agroindústrias. Por fim, a terceira seção aponta a realização profissional das mulheres a partir do trabalho nas agroindústrias, evidenciando a relação paradoxal entre cansaço e satisfação.

5.1 A PERCEPÇÃO DAS MUDANÇAS NO TRABALHO A PARTIR DA INSERÇÃO NAS AGROINDÚSTRIAS

Em contextos rurais, o trabalho costuma ser central. Como já abordado no Capítulo 3, o trabalho está presente na vida das mulheres desde a mais tenra idade e, atualmente, na vida adulta, ocupa a maior parte do dia delas. Nesse sentido, a partir dos dados gerados em campo, pode ser observado que as mulheres consideram que o trabalho na agroindústria é menos penoso que o trabalho que realizavam antes. O trabalho penoso relaciona-se a situações de trabalho que causem esforço, incômodo, bem como desgaste físico e mental (SATO, 1993). Nessa direção, Raimundo Simão de Melo (2013, p. 226-227), afirma que:

Trabalho penoso é o trabalho desgastante para a pessoa humana; é o tipo de trabalho que, por si ou pelas condições em que exercido, expõe o trabalhador a um esforço além do normal para as demais atividades e provoca desgaste acentuado no organismo humano. É o trabalho que, pela natureza das funções ou em razão de fatores ambientais, provoca uma sobrecarga física e/ ou psíquica para o trabalhador. É próprio de algumas das atividades do trabalhador rural e também na área urbana. (MELO, 2013, p. 226-227)

Sob o ponto de vista jurídico, a penosidade do trabalho não se confunde com periculosidade ou insalubridade, sendo essa diferenciação colocada na própria Constituição Federal de 1988, em seu artigo 7º, caput e inciso XXIII:

Art. 7º. São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social:
[...]
XXIII - adicional de remuneração para as atividades penosas, insalubres ou perigosas, na forma da lei. (BRASIL, 1988)

Contudo, ainda que prevista na Constituição, não existe lei regulamentando a penosidade, ao contrário do que ocorre com a insalubridade e periculosidade. Assim, como esse direito constitucional não está regulamentado, encontra maiores dificuldades para ser garantido (MELO, 2016).

Nos contextos rurais, a penosidade do trabalho está relacionada ao trabalho “pesado” mencionado pelas mulheres. Isto é evidenciado a partir das falas de várias mulheres, como Lídia, que afirma: “Eu prefiro agora [...], agora tá melhor. Só que a gente tá ficando velho já né, mas agora é melhor. Aquela vida de tá acrocado na enxada na mão lá no sol né, agora é melhor.”. Na mesma direção, Adelaide pondera: “Se judia menos! Trabalhar pode ser que trabalha igual, só que não é mais assim judiado, no pesado como uma vez né, era tudo no braço né.”. Amélia também explica como era o trabalho antes da constituição da agroindústria e da dedicação às videiras:

Era tudo na mangueira, hoje já tem o trator, turbinas né. É, era tudo na mangueira, nós passava o tratamento e largava a mangueira, daí ele [marido] ia tratando as fruteiras, que como eu te disse nós lidava com outro tipo de fruta, daí ele ficava na ponta e daí tinha que puxar tudo de volta, a mangueira era pesada. Hoje já tá mais tranquilo né. (ENTREVISTA COM AMÉLIA, 2019)

Concordando com o depoimento de Amélia (mãe), Sofia complementa: “É que a agroindústria tem mais facilidade pra gente trabalhar lá né, antes a gente não tinha tanta [facilidade], era mais assim manual”. No Capítulo 4, ao descrever a rotina laboral de Amélia e

Sofia, comento sobre algumas máquinas e equipamentos utilizados para o trabalho na agroindústria, como a desengaçadeira-esmagadeira (Figura 66) e o trator, por exemplo. Já no caso de Adelaide, a ordenhadeira facilita o trabalho de tirar o leite e, a propósito, em uma das minhas incursões em campo, estava sendo iniciada a construção de uma sala de ordenha nova, em que seria possível realizar a ordenha em pé. Segundo Adelaide e as filhas, isto facilita o trabalho, tornando-o menos pesado.

Figura 66 - Máquina utilizada para separar a ráquis do grão de uva



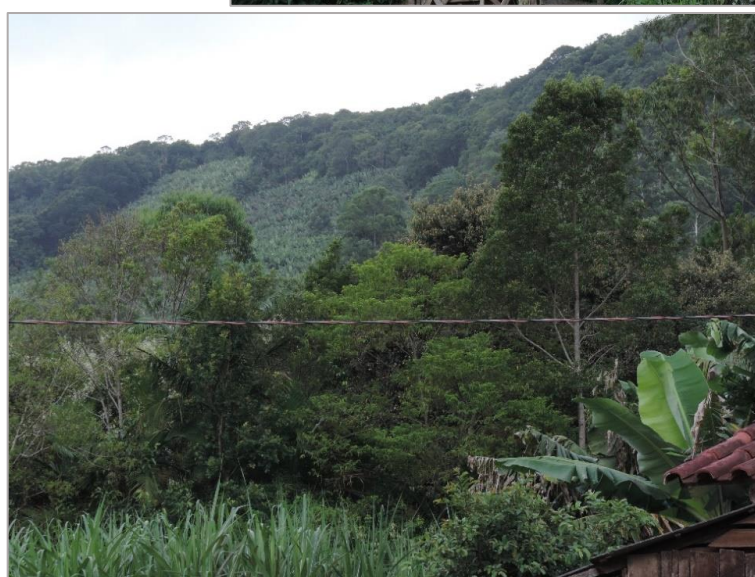
Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Ainda com relação a esse aspecto, no que diz respeito a trabalhar no processamento de alimentos na agroindústria familiar, Irene aponta:

É uma coisa assim que eu vejo que é um trabalho bom pra nós, **não é tão penoso como, digamos assim, se fosse só na roça né, é bom de trabalhar.** [...] Eu acho que nessa questão da mulher né, elas [as agroindústrias familiares] possibilitam também o trabalho né, da mulher né, porque isso... embora na roça também é tranquilo, mas aí tu consegue as vezes... depende o serviço na roça ele é mais complicado né, aqui pra nós os bananais né, tudo morro, é mais difícil né, e, às vezes, as mulheres, a gente nota assim alguns outros casais que é só o casal, a mulher acaba trabalhando fora em outra coisa, porque na roça é mais complicado né. (ENTREVISTA COM IRENE, 2020)

Frente a uma agricultura baseada na cultura da banana, a agroindústria familiar surge como uma ocupação para as mulheres agricultoras, de modo a evitar o trabalho fora da propriedade rural, em empregos possivelmente precários na cidade. Irene fala por experiência própria, haja visto que ela trabalhou por certo período como funcionária pública municipal, tendo que se deslocar, diariamente, da propriedade rural para a cidade. As imagens (Figura 67) mostram um dos morros a que se refere Irene em seu depoimento.

Figura 67 - Lá no morro, ali no morro, aqui no morro



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Nesta direção, Matilde, que também relatou as dificuldades do trabalho no morro, pondera, no trecho de entrevista a seguir, sobre as diferenças entre trabalhar na roça e trabalhar na agroindústria:

Ah, claro, se trabalha mais, mas só que se trabalha mais em casa, assim tá cuidando da casa e tá ali trabalhando, vai lá, volta, lálálá, e cozinha alguma coisa, tá lá fazendo, vai e volta né, e se é lá na roça é mais difícil, porque é mais quente e mais pesado e com o industrializado é mais tranquilo, bem mais tranquilo. (ENTREVISTA COM MATILDE, 2020)

Matilde traz, neste depoimento, o que ela considera como aspectos prós e contras da atividade, enfatizando que o trabalho na agroindústria é mais tranquilo e propicia a conciliação de atividades, ao contrário do trabalho na roça que é pesado e realizado sob o sol, indicando a penosidade. Isto é apontado por muitas interlocutoras da pesquisa.

Ainda que seja menos penoso, todas as mulheres consideram que trabalham mais atualmente, quando comparado ao período anterior ao surgimento da agroindústria familiar em suas vidas. As únicas interlocutoras que disseram trabalhar menos, Olívia, Cecília e Joana, o fizeram comparando ao período em que comercializavam seus produtos em grandes redes de supermercados, como Zaffari e Walmart, o que demandava muito esforço delas. Neste caso, há que se considerar, também, que ingressaram na agroindústria quando ainda eram adolescentes. As demais mulheres afirmam que trabalham mais e apontam as mudanças.

Sofia avalia que “mudou bastante coisa, aumentou o serviço, ã, responsabilidade, ã, também tive um crescimento pessoal bom e eu acho que tem tudo pra melhorar”. Na mesma direção, Clarice diz: “[trabalho] mais, mais! Mas talvez assim mais feliz né, porque é pra gente também né. [...] Bem mais trabalho, menos tempo, mas pelo menos tem uma renda né.”. É interessante observar que ambas sublinham o aumento das suas atividades laborais em sentido de sopesamento entre maior empenho e maior realização⁵². Esta relação paradoxal é frequente nos relatos das mulheres. Vejamos:

[Trabalho] muito mais. Mas eu assim é, é o cansaço, mas a gente sabe que a gente tem que fazer aquela quantidade, a gente tem uma produção limitada pelo... [...] mas, ã, trabalhar a mais sim, bem mais agora do que antes assim. Mas é um trabalho bom, porque é uma coisa que tu tá te sentindo bem né, é, tu cansa, mas é, é um trabalho cansativo, mas é que nem eu disse, gratificante, tu te sente bem (risos). (ENTREVISTA COM MADALENA, 2020)

⁵² Na seção 5.3 retomo esta discussão.

Lídia também equipondera afirmando que “é pesado, eu acho pesado ainda. Hoje eu trabalho mais, só que é só um serviço né, [mas] a gente trabalha mais hoje. Lá fora [na roça] antes tu tinha que fazer uma coisa, era outra, era outra, aqui [na agroindústria] é uma coisa só né, hoje é melhor, é mais pesado, usa mais a cabeça.”. O depoimento de Lídia chama a atenção para os diferentes entendimentos e usos da palavra “pesado”. Para ela, “pesado” é estar “acrocado na enxada na mão lá no sol”, mas também é “usar a cabeça”, isto é, enquanto na roça é o esforço físico que torna o trabalho pesado, na agroindústria é a quantidade superior de tempo despendido (“trabalho mais”) e a atividade mental empregada. Nesse sentido, a reflexão proposta a partir do depoimento de Lídia convida a pensar que penosidade pode ser um conceito relativo para cada pessoa, a partir dos sentidos que atribui ao trabalho.

A intrínseca relação entre “trabalhar mais” e “quantidade de tempo despendida nas atividades da agroindústria” parece ser confirmada por Lurdes, quando ela afirma que:

Agora parece que tem mais coisa, claro, é porque a gente vai aumentando a produção eu acho né, daí tem mais coisa, daí antes não plantava tanta coisa, acho que era menos as coisas da feira né, eu fiz tudo isso aí ó [apontando para os crochês], agora já não sobra mais tempo, não sei, faço outras coisas né. Mas foi eu que fiz, tudo eu que fiz esses crochês, tudo depois que casei, a cortina ali toda. [...] agora tem outras [atividades] que a gente faz e não fazia tanta coisa [para a feira], fazia outras, menos coisa assim, não plantava tanto né, mas agora não precisa mais fazer, já tá feito né [se referindo aos crochês]. (ENTREVISTA COM LURDES, 2020)

Nesse sentido, muitas mulheres relataram não ter tempo para fazer coisas que antes faziam, como, por exemplo, costurar, fazer crochê, passear e ir em festas. Isto está vinculado ao fato de que, como apresentado no Capítulo 4, a rotina laboral das mulheres envolve não só as atividades da agroindústria familiar, como também as tarefas domésticas e de cuidado e, em alguns casos, o trabalho em outros locais, como a Associação de Fornos, a Sociedade/Comunidade, a Igreja, entre outros. Neste aspecto, os dados da pesquisa indicam que quando elas ocupam espaço público para além do ambiente privado da propriedade rural, elas o fazem, em boa medida, para trabalhar. De modo geral, elas apontam estes momentos como prazerosos, pois integram trabalho e lazer e possibilitam encontros e trocas com outras pessoas, porém, há que se pensar que, com isso, elas podem ter perdido a dimensão do lazer pelo lazer.

Cabe destacar, contudo, que o tempo das mulheres é dividido entre diversas atividades, visto que o trabalho na agroindústria familiar se soma às demais atividades que elas já realizavam antes. Essa questão torna-se especialmente visível a partir da quantidade de atividades que elas fazem desde o horário em que acordam até o momento em que vão dormir,

conforme apresentado no Capítulo 4. Mas, para além disso, aqui quero enfatizar narrativas como a de Cecília:

Tipo assim, principalmente no tempo da safra que nos exige assim, que a gente tem produção própria né, do figo, então a gente tá lá na fábrica [agroindústria] e pensa: “meu Deus, amanhã tem que ir lá colher figo. Meu Deus, a minha casa tá virada né. Meu Deus, tenho uma montanha de roupa pra lavar! (risos)”. Porque são questões que todo dia a gente precisa trocar de roupa, então, né?! a gente... ã e questões assim... até assim da parte dos animais então a gente não se preocupa né, mas [porque] sabe que o pai e a mãe tão na frente, então eles tomam e sabem melhor do que a gente fazer isso né. Mas assim questões de comercializar a fruta e saber que no outro dia, ã, da colheita, alguém tem que subir [para a cidade], alguém precisa ir, alguém tem que ficar na fábrica, alguém... Aí nos dias que a mãe vai no forno [Associação de Fornos], meu Deus, alguém tem que ficar em casa, alguém precisa subir, alguém precisa... É, é bem complicado né, mas assim a gente se reveza e consegue né. (ENTREVISTA COM CECÍLIA, 2019)

O relato de Cecília, comum as demais interlocutoras, leva à reflexão sobre a sobrecarga de trabalho destas mulheres. Além disso, indica que muito desta sobrecarga vem do trabalho doméstico conciliado com o trabalho produtivo. Ao refletir sobre o seu trabalho, Aurora identifica a sobrecarga e o acúmulo de trabalho:

O negativo acho que é o acúmulo né, do trabalho. A gente vai pegando muito né, vai pegando né e a gente vai acumulando né, vai indo, vai indo e quando vê dá bastante coisa pra fazer né. [...] acho que é, é isso né, pega demais, teria que fazer uma... como é que eu vou dizer?! Dividir mais ou... não sei como explicar (risos). Só sei que teria que diminuir assim, é que a gente pega muito né as tarefas, aumenta muito as tarefas da mulher né, a gente vai aumentando, vai pegando e quando tu vê né é demais, é muito, teria que diminuir (risos). Mas, por outro lado, tem serviço, tá bom, tem né, tá produzindo né, é uma coisa que é um desejo que a gente tinha é de produzir né, porque a gente fez a agroindústria e o desejo é de produzir né, de avançar né e de tu poder também oferecer né esse produto assim. (ENTREVISTA COM AURORA, 2020)

Além do já referido sopesamento entre sobrecarga e realização, igualmente identificado no depoimento de Aurora, destaca-se que ela toma para si a responsabilidade pelo acúmulo de trabalho ao repetir por várias vezes que “a gente vai pegando”. Essa situação acontece com várias interlocutoras da pesquisa. Trago apenas mais dois exemplos: Olívia e Madalena. Olívia afirma assumir diversas atividades que poderiam ser realizadas por outras pessoas. Com relação a isso, ela avalia que:

Não é pra me sobrepor a ninguém, mas é pra poupar, eu faço, eu assumo ou até, tipo assim, porque aquilo não tá feito agora, exatamente como eu quero, porque outra pessoa ia fazer, eu pego e faço sabe, então, é muita ansiedade sabe, eu acho, envolvida, em ver as coisas prontas e rápidas e tomadas as atitudes e feitas, que daí isso que faz que eu vou lá e faço, e deu (risos). (ENTREVISTA COM OLÍVIA, 2019)

Como indica o depoimento, Olívia realiza atividades que poderiam ser (ou que seriam) executadas por outras pessoas, porém se ela mesma as fizer, considera que será feito rapidamente e da forma que considera ser adequada. Com Madalena acontece algo semelhante. Ela assume a frente de vários processos relativos à agroindústria e afirma que: “Tem dias assim que é um peso né (risos). Mas, ã, talvez tu deixando... [me] sobrecarrega, mas tu deixando talvez eu fico preocupada que eles não saibam fazer tão bem feito sabe [...]”. Por um lado, atitudes como estas podem indicar que há dificuldades em delegar e confiar no trabalho de outrem. Por outro lado, também podem sinalizar uma série de receios relativos tanto a prejuízos na produção como ao medo de perder o seu lugar naquele espaço. Mas, ao fim e ao cabo, dizem de um processo de construção social, como abordarei mais à frente.

Nesse contexto, algumas mulheres têm feito movimentos no sentido de reduzir as suas cargas de trabalho. Tomo a situação de Aurora como exemplo: ela conta com a ajuda da faxineira para limpeza da agroindústria e outorga o corte de grama/jardim para o marido. Aurora também não vai mais à feira, como apontado na seção 4.1.8, porque, como ela avalia: “então mais a feira ainda né? Eu disse não, então deixa.”. Porém, ela diz que gostava muito de participar da feira. Desta forma, outras questões se apresentam: quais as implicações de não assumir determinadas atividades? Na situação de Aurora, por um lado, não participar da feira implica deixar de fazer uma atividade que lhe trazia satisfação e, por outro, implica sua presença em casa, uma vez que para trabalhar na feira são necessárias mais de 24h fora de casa. Isto ajuda a explicar porque as mulheres entrevistadas assumem certas atividades. Ou seja, as tarefas produtivas somam-se às reprodutivas e de cuidado, pois estas últimas são mais difíceis de outras pessoas assumirem, sobretudo os maridos e/ou filhos, talvez porque não foram ensinados desde pequenos a realizá-las, como aconteceu com as mulheres. Por isso, elas se adiantam e fazem, conforme disse Olívia, pois se esperar que outro faça, pode ficar mal feito ou tardar. São detalhes muito sutis.

Diante disso, recorro as proposições de Joan Scott (1995) sobre o gênero como uma categoria potente para análise da organização social e das estruturas hierárquicas. A partir disto, é possível olhar as relações sociais e considerar que estas estão permeadas por relações de poder, por formas de comportamento e por discursos (ainda) baseados na diferença sexual, por símbolos culturais, por estereótipos do que é ser mulher e ser homem e do que se espera de mulheres e de homens. A compreensão de que o gênero é construído a todo instante, por meio das interações sociais, e de que sofre influências de uma série de fatores, contribui para entender porque as mulheres pesquisadas consideram trabalhar mais atualmente do que antes

da agroindústria, pois permite somar à compreensão aspectos como a história de vida destas mulheres e o meio no qual se desenvolveram e estão inseridas, abordados no Capítulo 3. Soma-se ainda a divisão sexual do trabalho, abordada no Capítulo 4, dado que “a divisão sexual do trabalho é um locus importante da produção do gênero” (BIROLI, 2018, p. 23).

Adotar essa perspectiva de construção social do gênero implica análises nas quais “a pessoa fica como que ‘encaixada’ num sistema histórico, social e político do qual não pode ser retirada e estudada de forma independente” (NOGUEIRA, 2001, p. 146). Nesse sentido, é possível analisar que Adelaide, por exemplo, tem uma rotina laboral intensa, pois, dentre outros aspectos que esta pesquisa não alcança, ela cresceu trabalhando e entendendo que determinadas atividades são realizadas pelas mulheres, fato que fica evidenciado quando ela explica que aprendeu a fazer pão com a avó, pois “a mãe assim não tinha tanto tempo, era só ela que fazia, que nem aqui em casa agora, só eu faço (risos), mas um dia vai chegar o dia que eles vão ter que aprender”. Desse modo, Adelaide é produto de um processo social (NOGUEIRA, 2001), assim como as demais interlocutoras.

Além disso, é interessante observar que as mulheres reconhecem a sobrecarga e apontam, além do acúmulo de atividades produtivas e reprodutivas, outras razões para que a sobrecarga de trabalho aconteça. No caso do trabalho doméstico, algumas mulheres afirmam ser culpadas pelo pouco compartilhamento das tarefas dentro de casa. Vejamos:

Eu sei que eu que fui a culpada, porque desde o começo [dizia] “deixa, eu faço, deixa, eu faço” e acabo fazendo, sabe?! Às vezes diz “ai mas podia lavar a louça, podia fazer tal coisa”, ele [o marido], o filho, mas a gente é culpada, nós mulheres somos culpadas, porque tu acaba fazendo, sabe?! Não fica assim “ah, vai deixando eles lavar, ah deixa, lava, não sei o que”, a gente é culpada. [...] Mas eu sei que se eu começar exigir eles fazem né. [J: sim, e por quê será? como que a senhora analisa isso de “não, deixa que eu faço”? é pra poupar as pessoas, é... por quê?] Não, eu acho que não é questão de poupar, é hábito da gente de fazer bem feito, fazer mais rápido e... mais ou menos isso assim. (ENTREVISTA COM MATILDE, 2020)

Na mesma perspectiva, Amélia, com relação ao filho, diz: “Dentro de casa o meu filho não [trabalha]. Aí eu errei né, tinha que ter ensinado ele fazer o serviço da casa.”. E Sofia complementa a mãe: “Mas assim, se precisar fazer acredito que ele vai fazer, mas assim ele não faz e não teve aquela... não teve aquela coisa de ter que fazer, porque ele tinha as irmãs dele que faziam”.

A respeito disso, parece fundamental a reflexão proposta por Nogueira (2001, p. 147-148), em que ela afirma que:

o gênero não é apenas algo que a sociedade impõe aos indivíduos; mulheres e homens, eles próprios fazem o gênero e, ao fazê-lo, eles escolhem certas opções comportamentais e ignoram outras. Essa perspectiva desafia o caráter “natural” da diferença de gênero, sustentando que todas as características sociais significativas são ativamente criadas, e não biologicamente inerentes, permanentemente socializadas ou estruturalmente predeterminadas. Em outras palavras, como dizem Howard e Hollander, o gênero é relativo à *performance*, pode-se dizer “fazer o gênero”. Isto é, comportar-se de maneira que seja qual for a situação, sejam quais forem os atores, o nosso comportamento é visto no contexto como apropriado ao gênero. (NOGUEIRA, 2001, p. 147-148)

Assim, considerando que o gênero é constantemente criado e recriado pelos homens e mulheres, poderíamos dizer que qualquer alteração nesse processo de criação, ou de “fazer o gênero”, poderia trazer mudanças significativas (NOGUEIRA, 2001). Porém, nesse contexto, Paulilo (2004, p. 248) ao abordar o trabalho familiar, faz uma ressalva importante: “Dizem que as mulheres têm ‘seu próprio jeito de lutar’. Esse jeito é considerado menos competitivo, mais coletivo e mais ligado ao cotidiano. Para quem critica o ‘jeito feminino’, esse é o jeito que a mulher ‘aprendeu a ser’”. Assim, é preciso considerar que, conforme esclarece Nogueira (2001), existe uma série de constrangimentos institucionais, hierarquias sociais e relações de poder que restringem a tomada de decisão e a ação dos indivíduos. Por isso, o sentimento de culpa destacado por algumas mulheres deve ser entendido não como culpa delas, mas sim da construção social que são submetidas.

Na próxima seção, procuro discutir alguns reflexos da sobrecarga de trabalho das mulheres participantes da pesquisa.

5.2 EFEITOS DA SOBRECARGA LABORAL NA SAÚDE DAS MULHERES

Ao acompanhar as mulheres durante a pesquisa de campo, pude observar (e, em alguns casos, sentir, uma vez que as ajudei em algumas atividades da agroindústria) o esforço que elas fazem ao longo do dia, como, por exemplo, ao carregar caixas cheias de frutas, ficar em volta de panelas/tachos muito quentes, permanecer na mesma posição por longos períodos, como ocorre quando passam horas sentadas descascando banana ou embalando farinhas. Além disso, poucas interlocutoras têm algum momento de descanso ao longo do dia. A maioria delas só pausa a noite, quando está dormindo. Essa rotina laboral intensa, somada a poucos intervalos, leva a uma sobrecarga física e mental, que repercute negativamente na saúde destas mulheres. Analisando a relação trabalho-saúde, Dejours (1992, p. 164) afirma que “o trabalho nunca é neutro em relação à saúde e favorece, seja a doença, seja a saúde”.

Nesse sentido, destaco, inicialmente, os processos de adoecimento, tanto físicas quanto mentais.

Ao fazer referência à saúde, procuro considerar um conceito ampliado que diz de saúde enquanto processo, recorrendo a Gerhardt e Lopes (2015, p. 19-20):

[...] a definição científica do que é saúde (limitada a uma abordagem biomédica) é uma contribuição limitada para sua compreensão. Considerando sua complexidade, incluem-se, nessa compreensão, as concepções e percepções das próprias pessoas, de sua capacidade de influência na própria vida e nos processos de ser saudável e adoecer. Saúde, nesse sentido, não é um estado de estabilidade, mas, sim, algo em constante mudança, uma conquista da qual se depende. Portanto, a saúde das pessoas é um assunto delas próprias e motivo de busca constante e dinâmica. É, antes de tudo, uma sucessão de compromissos com a realidade em direção ao bem-estar físico, mental e social. Esses compromissos constituem-se na conquista dos meios capazes de proporcionar a regulação das variações do estado orgânico; as adaptações necessárias ao meio; a realização dos desejos; e a liberdade de ação individual e coletiva, potencialmente capazes de proporcionar bem-estar.

Considerando este conceito, foi possível identificar, a partir dos dados empíricos, diversos sintomas, tanto de adoecimento, quanto de que é unânime entre elas a queixa quanto a se sentirem cansadas. Esse cansaço se expressa de diferentes formas nas falas das mulheres. Muitas vezes, era na expressão facial e no tom de voz ao narrar determinada atividade, como quando Adelaide diz “Meu Deus, se eu tivesse num monte toda a comida que eu já fiz, era grande”. Em outras vezes, o cansaço surgiu de forma explícita nas entrevistas. Nessa perspectiva, Clarice afirma que: “Nossa, só por Deus assim (risos)! É, as vezes não é fácil, tô tão cansada assim que meu Deus, olha, bate um desânimo assim, né, a gente tem que trabalhar assim e é bem cansativo as vezes.”. Irene, por sua vez, destaca que “[...] as vezes a gente se sente cansada porque é muita coisa pra pensar, é a agroindústria, é a família, é a casa, é estudar, é a cooperativa”, sublinhando o cansaço mental advindo do trabalho em distintos espaços.

Nesse sentido, Haicault (1984) cria o conceito de “carga mental” ao discutir o trabalho doméstico realizado pelas mulheres, em que destaca as dimensões emocionais e intelectuais envolvidas. A carga mental se aplica ao contexto pesquisado, pois o trabalho doméstico é um componente importante na quantidade de horas de trabalho das mulheres, bem como na quantidade de atividades que realizam, além de refletir em disponibilidade permanente do tempo delas ao trabalho doméstico (BANDEIRA; PRETURLAN, 2016).

Algumas mulheres indicaram o cansaço e os problemas psicológicos decorrentes do trabalho. Lídia afirma se sentir “muitas vezes bastante nervosa né, fico estressada, a gente não dá conta”. Ela toma antidepressivo, me mostrou a caixa do remédio e comentou que teve

depressão três vezes e, por isso, terá de tomar esse tipo de medicação para o resto da vida⁵³. Ela não associa o trabalho como causa da doença, indicando que quando está envolvida no trabalho esquece os problemas. Dessa forma, é um pouco paradoxal a relação trabalho-saúde para ela, pois ao mesmo tempo em que as atividades da agroindústria a deixam “nervosa”, também a desestressam.

Olívia pondera sobre os seus cansaços: “Vou te dizer assim que na safra, ã, claro, tu tem o cansaço do corpo, do físico né, mas eu me sinto muito mais cansada psicologicamente né, por tu ter, assim, uma responsabilidade de tu ter que lidar com pessoas né e tal”. Além disso, durante a entrevista, Olívia relembra a depressão que teve alguns anos atrás (quando tinha em torno de 20 anos), a qual surgiu em um momento de crise financeira na agroindústria, como afirma: “não tinha dinheiro e daí isso me doía muito sabe, e daí começou entrar assim numa coisa muito amarga, muito escura da vida assim que eu tive que aprender lidar, de não ter dinheiro, dever pras pessoas e tu não ter dinheiro, então daí foi que me deu a depressão”. Ela ficou em tratamento com medicamentos por cerca de três anos e em terapia por algum tempo. Sobre a terapia, ela afirma que, durante várias sessões, enquanto ela falava e chorava, “o doutor dormia” e isso a levou a refletir sobre as razões para ele dormir, chegando à conclusão de que:

Ele queria dizer pra mim que nem tudo, sei lá, eu na minha concepção né, nem pedi nunca pra ele né, mas que nem tudo aquilo que eu tava me sofrendo, ali chorando, podia ser tão importante assim sabe, ou iria afetar tanto assim alguém ou... e daí eu fiquei pensando assim: “porque que eu fico me sofrendo tanto assim se até meu terapeuta dorme na minha sessão?”, sabe?! (risos) Sei lá e daí começou aliviar sabe, então assim daí eu deixei minhas preocupações de lado [...]. Eu entrei num momento que não era só mais me lamentar sabe, mas analisar tudo aquilo assim, ver de forma diferente, propor umas ideias [...]. (ENTREVISTA COM OLÍVIA, 2019)

Observa-se a produção de sentido que Olívia estabelece a partir do “doutor que dormia”, que diz de outro olhar para os problemas que estava passando em função do trabalho, que lhe causavam sofrimento e que, assim, puderam ser melhor enfrentados. Como afirma Spink (2010, p. 35) “Produzir sentido, portanto, é o que permite lidar com situações e fenômenos do dia-a-dia, do cotidiano.”. Nesta direção, as mulheres, cada uma a sua maneira, apontaram evidências que sugerem que, cada uma, ao seu modo, encontra formas de encarar as situações de adoecimento que se apresentam.

⁵³ Não é intuito discutir medicalização e acesso a serviços de saúde, inclusive porque este não é o objetivo da pesquisa e, portanto, não foram gerados dados sobre esse tema.

Na mesma perspectiva, Sofia relata que a agroindústria trouxe uma carga extra de responsabilidades que, somadas aos estudos na faculdade e ao seu trabalho na Associação de Fornos, tem impactado na sua qualidade de vida:

Eu tenho transtorno de ansiedade, então pra mim agravou, eu acho assim que a questão de ter mais responsabilidade, mais coisas, mas eu consigo controlar bem isso, tenho algumas crises de vez em quando, mas eu consigo controlar bem sem o uso de medicação assim continua né, eu que quis fazer isso, por minha vontade, então eu tento levar assim e tô agora em busca de tentar fazer terapia, pra me ajudar nisso. [...] Mas eu sempre tive isso [se referindo ao transtorno de ansiedade], mas acredito que agora tenha aumentado um pouquinho em função disso. É muita coisa, então tudo vai juntando e daqui a pouco não aguenta e estoura mesmo né. (ENTREVISTA COM SOFIA, 2019)

A respeito disso, Costa, Dimenstein e Leite (2014), a partir de estudo sobre saúde mental realizado com agricultoras assentadas, afirmam que a sobrecarga laboral das trabalhadoras é uma das variáveis geradoras de sofrimento psíquico para elas. Os autores apontam também que estudos transversais têm indicado que o surgimento de problemas relativos à saúde mental tende a ser mais frequentes entre as mulheres. Além disso, convém sublinhar que o Brasil é o país da América Latina com maior prevalência de indivíduos com depressão e, em nível mundial, é o país com maior prevalência de ansiedade (OMS, 2017).

Além do cansaço físico e mental e dos Transtornos Mentais Comuns⁵⁴, as mulheres estudadas também relataram dores físicas decorrentes do trabalho nas agroindústrias, tais como dores nas costas, nas pernas e nos braços, problemas de coluna e surgimento de varizes. Nesse sentido, quando perguntei para Joana sobre alguma possível alteração nas condições de saúde após sua inserção na agroindústria, a resposta foi bastante enfática:

Saúde?! Vish, se mudou (risos). Ah, tá loco, dor nas costas, tenho um problema muscular que tenho que tomar remédio também. Ixi, mudou muito, antes não sentia dor, não sabia o que que era [dor]. [J: e tu acha que é o trabalho da agroindústria mesmo?] Sim, sim, a última vez que eu fui no médico ele disse [que] se eu não parasse né, se eu não tirasse um dia de folga né, pelo menos [um dia] pela semana, eu daqui 10 anos tô atrofiada numa cama, não mexo mais o músculo aqui [se referindo a um local nas costas], mas, não tem como parar (risos). [J: mas é do que?] É de peso [carregar peso]. (ENTREVISTA COM JOANA, 2019)

Clarice também relata as dores que o trabalho na produção de biscoitos trouxe, afirmando que “[...] incomoda bastante o meu braço assim, de tanto amassar mesmo o

⁵⁴ “Os Transtornos Mentais Comuns (TMC) incluem ansiedade, depressão e ideação suicida como principais sintomas de sofrimento psíquico, além de sintomas não psicóticos, como irritabilidade, insônia, fadiga e problemas de memória” (BEZERRA *et al.*, 2021, p. 1, tradução nossa).

biscoito e limpar e tanta coisa que, às vezes, assim eu tenho que, nossa, deixar a bolsa [de água quente] ali, tipo uma hora antes pra depois fazer alguma coisa assim”. Ela menciona já ter sido constatado pelo médico que é uma dor crônica e que a compressa quente não resolve, mas alivia e a permite continuar fazendo suas atividades.

Desse modo, elas próprias se encarregam de seu cuidado, tratando as dores com remédios naturais, procurando atendimento e tratamento médico e evitando alguns movimentos que sabem que comprometem sua saúde. Um exemplo disso vem na fala de Lurdes:

Eu tenho problema de coluna assim, não posso com muita coisa pesada, me dói muito a coluna né, mas eu acho que é normal, não sei porque eu acho que aquilo é normal de certo (risos). Mas daí a gente procura não fazer coisa pesada né, que nem daí eu roçava a grama, não roço mais porque daí dói a coluna, então a gente tem que se cuidar, saber se cuidar né. (ENTREVISTA COM LURDES, 2020)

Além de explicitar a maneira que Lurdes encontrou para evitar a dor na coluna, seu relato parece indicar a associação do problema na coluna como algo que, normalmente, acomete as pessoas com o passar dos anos. Amélia também sublinha isso quando, ao se levantar da cadeira, coloca as mãos nos joelhos e diz “me endurece as pernas, eu tô ficando velha”. Nesse contexto, a dor é a atribuída mais ao envelhecimento do que ao trabalho.

Muitos destes problemas de saúde das mulheres estão diretamente ligados às atividades que realizam nas agroindústrias familiares. Entretanto, como já apontado, a jornada laboral delas não se restringe somente à agroindústria. Nesse sentido, Thébaud-Mony (2009, p. 218) esclarece que “Questionar a saúde no trabalho a partir da problemática das relações sociais de sexo nos permite estudar qual o papel que a divisão social do trabalho entre homens e mulheres tem na construção diferencial de sua saúde, na articulação da vida produtiva e da vida reprodutiva.”. Desse modo, a divisão sexual do trabalho entre as mulheres e seus maridos, pais ou filhos, influencia o surgimento destas dores na vida delas, uma vez que a sobrecarga de trabalho advém, em grande parte, do acúmulo de atividades produtivas, reprodutivas e de cuidado que reflete em uma jornada laboral intensa e extensa.

Contudo, como disse Lurdes na passagem “a gente tem que saber se cuidar”, elas próprias vão encontrando maneiras de lidar com sua saúde, tanto por meio do autocuidado que vem a partir do autoconhecimento dos limites e fragilidades do próprio corpo – evitando certas atividades que sabem que vai causar dor, descobrindo como controlar as crises de ansiedade, por exemplo –, quanto por meio de tratamentos medicamentosos, naturais e/ou outras atividades que promovam saúde integral e melhorias na sua qualidade de vida.

As mulheres residentes em Três Cachoeiras (Aurora, Irene, Lurdes e Matilde) participam de Farmacinhas Comunitárias, juntamente com outras mulheres da comunidade, ligadas ao Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) (Figura 68). As Farmacinhas se constituem em espaços de trabalho coletivo em torno da produção de remédios (SAMPER-ERICE; CHARÃO-MARQUES, 2017), os quais compreendem vários tipos de preparos para uso terapêutico que têm por base o conhecimento popular e o uso de plantas medicinais (HERRERA-ORTUÑO, 2016). Nesses espaços, as mulheres se reúnem, periodicamente, para produzir os remédios e atender quem as procura, além de se encontrarem para outras atividades coletivas, como festas e rituais em datas específicas (BENVEGNÚ, 2014; CHARÃO-MARQUES, 2018).

Figura 68 - Remédios da Farmacinha que Aurora e Irene participam



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

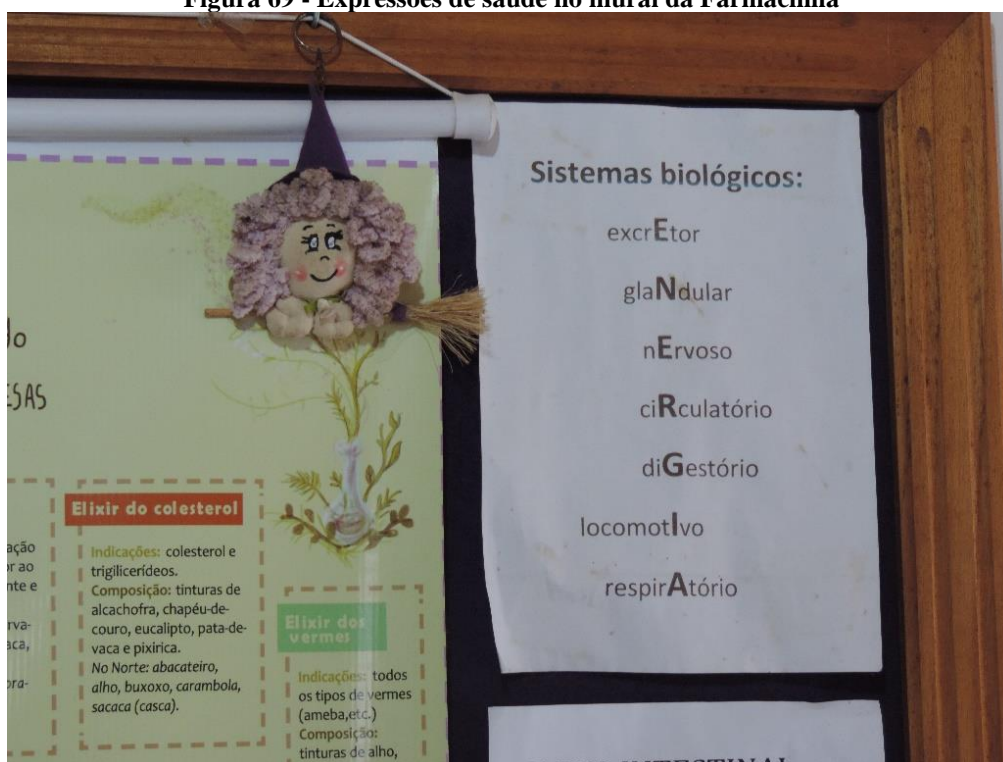
Nesse sentido, ao comentar sobre a sua participação na Farmacinha, Aurora afirma:

Sabe que assim depois que iniciou a farmacinha, que eu iniciei né no Movimento de Mulheres, que começamos a trabalhar com as ervas medicinais e o conhecimento e conhecer o nosso corpo também, eu não tenho medo assim quando uma pessoa fica doente, ou um filho, ou um netinho né, a gente já sabe o que que tem que fazer. [...] A gente vai conhecendo o nosso corpo também né, por isso que é importante assim que o trabalho ele é né, ele é completo, desde a nossa alimentação, da saúde e o nosso conhecimento também né. [...] O importante é tu acreditar que aquilo vai dar certo né, que tem a cura né, e que a gente acredita né que a cura ela tá no alimento,

ela tá ali na natureza, então é a gente saber usar né. (ENTREVISTA COM AURORA, 2020)

Este depoimento de Aurora é comum as demais mulheres (Irene, Lurdes e Matilde). Nesse aspecto, a atuação delas na agroecologia, no MMC e nas Farmacinhas⁵⁵ é ressaltada como mola propulsora de conhecimentos acerca do próprio corpo, o que reflete na saúde e no entendimento de saúde a partir de uma perspectiva ampliada, de saúde integral, conforme o conceito de Gerhardt e Lopes (2015) apresentado no início desta seção (Figura 69).

Figura 69 - Expressões de saúde no mural da Farmacinha



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Já no que se refere às demais participantes da pesquisa, não foram identificadas iniciativas como a das Farmacinhas, porém, as mulheres mencionaram os chás como aliados nos seus cuidados em saúde, os medicamentos, a terapia (realizada por Olívia e aventada por Sofia), bem como outras práticas, como pomadas e compressas. Adelaide, por exemplo, comenta durante a entrevista que comprou um colchão massageador e que isso tem auxiliado no alívio de suas dores nas costas e pescoço. Joana afirma que “geralmente a mãe que indica

⁵⁵ Cumpre ressaltar também que a região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul é protagonista quando o assunto é agroecologia e precursora no tocante às Farmacinhas Comunitárias. O trabalho de Souza, *et al.*, (2004), assim como as referências citadas no texto, podem ser consultadas para mais informações sobre as Farmacinhas.

‘ah, toma aquele chá, faz aquela coisa’”.

Retomando a relação trabalho-saúde nos termos de Dejours (1992), a próxima seção procura discutir o trabalho enquanto componente importante para promover saúde e bem estar. Além disso, abordam-se aspectos que contribuem para a realização profissional das mulheres, a partir da relação paradoxal entre maior esforço e maior realização.

5.3 “EU ME SINTO TÃO GRANDE ASSIM, TÃO MULHER”: REALIZAÇÃO PELO TRABALHO DESENVOLVIDO NAS AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES

Bah, quando tu fala sobre alguma coisa realmente que tu gosta né, o trabalho que tu faz, e tu tem que trabalhar naquilo, tem pessoas que não né, mas a gente tem a oportunidade de trabalhar naquilo que gosta, então tu trabalhar naquilo que tu gosta com certeza envolve alguma coisa da tua psique, da tua aura, sei lá eu né, mas acho que envolve muito sentimento, a parte neural ali que te movimenta, felicidade, [bem?] estar, fazer, acho que isso aí. (ENTREVISTA COM OLÍVIA, 2019)

Este depoimento é uma das últimas falas de Olívia antes de encerrarmos a entrevista. Olívia me disse ter associado a nossa entrevista com as conversas que tinha com o seu terapeuta e, a partir disso, produz esta reflexão. O depoimento de Olívia diz muito sobre essa seção que, sucintamente, retoma e discute o sentido que as mulheres atribuem ao trabalho nas agroindústrias, tendo como narrativa a relação paradoxal entre mais trabalho, mais satisfação. Os dados da pesquisa evidenciam que, com a construção das agroindústrias, as mulheres podem realizar maior número de atividades laborais, dedicar mais horas do seu dia ao trabalho, ter maiores compromissos e responsabilidades, mas quando olham para suas trajetórias de vida, elas gostam de como estão atualmente.

Em um momento da entrevista, Cecília afirmou que: “Tipo assim, o serviço da agroindústria eu gosto assim sabe, é cansado, é puxado, a gente diz assim: ‘ai, que cansa que estressa’, mas a gente gosta!”. Além disso, ela avalia que os desafios que a agroindústria trouxe para sua vida foram “[...] uma forma de amadurecer e entender melhor né, que a vida não é fácil, mas que dá pra se viver, muito bem.”. Estes depoimentos, somados ao que já foi apresentado nas seções anteriores, contribuem para o entendimento do trabalho como um paradoxo (SCOTT, 2005) que, ao mesmo tempo, produz cansaço, estresse e sobrecarga para as mulheres, também evoca sentimentos positivos, tanto pela valorização que os(as) clientes conferem aos produtos por elas processados, os quais materializam o seu trabalho, quanto pelo retorno financeiro gerado pelo trabalho na agroindústria.

Muitas entrevistadas ressaltaram o reconhecimento dos(as) consumidores(as) aos seus produtos e ao seu trabalho. Irene, por exemplo, inclusive destaca a importância disso para que permanecesse no campo: “acho que uma das coisas também quando... de[sobre] ficar na roça, quando eu era mais nova, era a feira né, porque tu sente orgulho né de dizer [que é agricultora] e o cliente do [produto] agroecológico valoriza muito quem planta né, então isso é muito legal”. Nessa perspectiva, Joana também comenta que os(as) clientes tem interesse em conhecer a história dela e das irmãs, “porque é difícil realmente encontrar meninas jovens que nem nós no interior né” e pontua que “é bem bom assim saber que alguém tá reconhecendo né, o teu trabalho [...]”. Estes sentimentos de satisfação que o trabalho proporciona são destacados de forma muito perspicaz por Amélia, quando ela diz que:

Dá um orgulho quando tu vê a pessoa dizer, passar lá na feira né, na Festa da Colônia, e eles te dizer “ah, eu conheço o teu produto, sou teu freguês!”. Então isso dá uma alegria pra gente que trabalha né, tu te dedica tanto, desde a uva na parreira, desde a poda quando vem a uva, até a fabricação do vinagre, até ele tá pronto, sabe?! Exige muito da pessoa né, então dá um orgulho muito grande. (ENTREVISTA COM AMÉLIA, 2019)

Esses elogios que recebem ajudam-nas a ver (e colher) os resultados do esforço laboral despendido nas atividades da agroindústria, diferentemente do trabalho reprodutivo que é pouco ou nada visto ou reconhecido, bem como do trabalho produtivo que, na grande maioria das vezes, não ultrapassa as cercas da propriedade rural. Cumpre mencionar que a invisibilidade do trabalho realizado pelas mulheres rurais é produto da forma como ocorre da divisão do trabalho na agricultura (BRUMER, 2004; MELO; DI SABBATO, 2009), tendo em vista a proximidade entre produção e consumo no interior das propriedades rurais.

Nesse aspecto, os resultados da pesquisa indicam que o trabalho nas agroindústrias se mostrou importante para trazer visibilidade e valorização para as mulheres. As agroindústrias familiares aumentam o trabalho das mulheres, as adoecem, lhes tiram o pouco tempo de lazer, mas, dentre o trabalho produtivo, reprodutivo e de cuidado que realizam, é o único que lhes confere visibilidade e reconhecimento. A fala de Madalena, que inspira o título desta seção, ilustra bem essa questão:

Ai, eu acho que eu era uma pessoa sem... como é que eu posso dizer? ã, sem importância. Nossa, eu me sinto tão grande assim, tão mulher sabe com a agroindústria e saber que tu sabe fazer lá dentro [da agroindústria], e saber que tu vende e cada vez vende melhor e mais por o produto ser bom, sabe? Nossa, eu me... é uma realização (risos e lágrimas). (ENTREVISTA COM MADALENA, 2020)

Desse modo, se pode acompanhar a produção social de outros sentidos do que venha ser mulher, para além desta atrelada a casa, a família e ao espaço privado. Além disso, evidencia-se que, assim como o trabalho nas agroindústrias familiares gera, por um lado, sobrecarga física e mental para as mulheres, também produz, por outro lado, transformações de si. O estudo de Maciazeki-Gomes *et al.* (2021, p. 7) sobre o trabalho de mulheres rurais também chama a atenção para esses paradoxos do trabalho e para o quanto este “vem acionar deslocamentos da ‘manutenção’ para a ‘produção da vida’”. As autoras destacam que o trabalho como produção possibilita movimentos de mudança com relação às expectativas de futuro das mulheres.

Além disso, o trabalho em família aparece como algo positivo para as mulheres, sobretudo para aquelas em que os filhos jovens se envolvem na atividade de agroindústria, como é o caso de Aurora, Matilde, Lurdes, Amélia e Adelaide. Elas destacam a agroindústria como possibilidade de uma ocupação mais interessante para os filhos e para as filhas, pois é menos penosa e aciona outros fatores, como a possibilidade maior reconhecimento, de valorização, de geração de renda e de uma dinâmica que ultrapassa as cercas da propriedade rural por meio da comercialização, sobretudo em feiras. Esses aspectos contribuem para que, especialmente no contexto dessas mulheres, haja sucessoras(es) para as atividades e não apenas herdeiros da propriedade rural, como identificaram Boscardin e Conterato (2017) em estudo sobre os novos padrões sucessórios.

A narrativa de Aurora mobiliza estes e outros sentidos do trabalho na agroindústria familiar:

Até hoje a gente conseguiu né trabalhar junto e eu acho que é por aí que a gente tem que ir, se dar as mãos né, a gente que é da agricultura familiar, a gente tem que se unir né, se unir pra dar continuidade, e também pra ter essa sucessão né que a gente construiu a agroindústria, também nesse pensamento né dos filhos poder ficar aqui e ter alguma coisa pra eles também tocar em frente né, ter também a tua vida e uma vida com dignidade né, com estudo né, com trabalho, com casa né, a família, e isso aconteceu né, tá aí (risos)! [...] muitos dizem “ah vocês têm muita sorte né de tá com as filhas pertinho”, daí eu disse “é, mas é que a gente também lutou né!”. (ENTREVISTA COM AURORA, 2020)

Desse modo, os sentidos do trabalho das mulheres nas agroindústrias e no seu cotidiano indicam, como evidenciado nos dados empíricos explorados ao longo deste capítulo, para uma relação paradoxal, uma via de mão dupla entre sobrecarga, dor, cansaço e prazer, reconhecimento, satisfação. Os extremos não cabem nessa conta.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese teve como intuito analisar os sentidos do trabalho realizado por mulheres em propriedades rurais dedicadas ao processamento de alimentos em agroindústrias familiares. Para tanto, a compreensão dos sentidos que as mulheres atribuem ao seu trabalho demandou uma pesquisa de campo com olhar atento e escuta ativa, partindo de metodologias qualitativas e uso de técnicas como observação, entrevista em profundidade e diário de campo. Este último abrangeu, também, o registro de imagens acerca do cotidiano de trabalho das mulheres interlocutoras da pesquisa, as quais compõem o conjunto de dados gerados em campo que, em boa medida, estão apresentados ao longo da presente tese.

Ao (re)conhecer as histórias de vida e de trabalho das mulheres, foi possível compreender que o trabalho, tanto produtivo, quanto reprodutivo e de cuidado, está presente no cotidiano delas desde a mais tenra idade. Essa inserção desde cedo no trabalho reflete no modo como o concebem na fase adulta. Nesse sentido, o trabalho que realizam atualmente envolve as atividades produtivas na agroindústria familiar e na roça e o trabalho reprodutivo e de cuidado realizado, sobretudo, no ambiente doméstico e familiar. A partir da identificação das situações atuais de trabalho das mulheres, no que se refere a contar ou não com a contribuição de alguém, seja integrante da família ou não, constatei que existem distinções entre as contribuições recebidas pelas mulheres. Há quem contribua participando das atividades que elas assumem como protagonistas e há quem contribua as ajudando a realizar essas atividades.

Os dados da pesquisa indicam que a ajuda caracteriza-se como uma contribuição de caráter auxiliar, em que a(o) ajudante não é protagonista na atividade realizada, constituindo-se, não raro, em uma contribuição eventual e com frequência espaçada. Já a participação se refere a uma contribuição frequente que envolve, além do conhecimento das etapas de trabalho, um grau de comprometimento maior, tanto com a pessoa responsável pela atividade, como pela tarefa em si. Desse modo, o comprometimento é a característica chave encontrada para distinguir ajuda e participação, no contexto dessa pesquisa.

As rotinas laborais descritas na tese evidenciam o ir e vir entre as atividades que compõem o trabalho produtivo, reprodutivo e de cuidado realizadas pelas mulheres interlocutoras da pesquisa. Nesse sentido, destaca-se que o processamento de alimentos nas agroindústrias familiares favorece os deslocamentos das mulheres, visto que, na maior parte dos casos, a agroindústria situa-se próximo à residência, facilitando o ir e vir e a conciliação de distintas atividades em diferentes espaços. Ao analisar as tarefas desempenhadas pelas

mulheres, identifiquei que aquelas que são parte do trabalho produtivo, em sua maioria, realizam-se em conjunto com outros integrantes da família, enquanto as atividades reprodutivas e de cuidado são, na maioria dos casos, exercidas somente pelas mulheres, sejam sozinhas ou com ajuda ou participação de outras mulheres.

Nesse ínterim, os resultados indicam que a configuração de divisão sexual do trabalho na família segue em acordo com os achados de outras pesquisas, mencionadas ao longo da tese. Além disso, ao analisar essa informação considerando a história de vida e de trabalho das mulheres, lembro que elas cresceram aprendendo e sendo estimuladas a fazer as atividades reprodutivas. Isso leva a refletir sobre o processo de construção social do gênero que, no caso das interlocutoras da pesquisa, faz com que elas “vejam o serviço”, sobretudo doméstico, e se responsabilizem por ele, diferentemente dos seus companheiros que, ainda que em alguns casos ajudem em determinadas atividades, não assumem a tarefa como sua, cabendo às mulheres pedir ou sinalizar quando elas precisam ser feitas. Ademais, os resultados indicam, sobretudo no caso das mulheres mais jovens, um incipiente movimento no sentido de repensar o trabalho reprodutivo em relação ao modo que suas mães e avós vivem ou viviam a divisão de tarefas, bem como o casamento e a maternidade.

Com relação ao trabalho produtivo, os resultados da pesquisa evidenciam que a maior parte das atividades produtivas que as mulheres realizam estão atreladas às agroindústrias familiares. Destaca-se, com isso, o protagonismo das mulheres no trabalho nas agroindústrias, visto que muitas interlocutoras da pesquisa são centrais desde a produção da matéria prima até a comercialização dos produtos, bem como na organização e gestão das atividades e dos resultados financeiros gerados pelas agroindústrias.

Desse modo, ressalta-se a importância de estudar os efeitos do processo de agroindustrialização procurando ir além das questões de produção e mercado ao discutir também as mudanças que a inserção em agroindústrias familiares podem gerar no modo de vida das famílias rurais, uma vez que, dentre outros aspectos, essa atividade afeta sobremaneira o trabalho realizado pelas mulheres. Nessa direção, a presente tese apresenta contribuições ao analisar os sentidos do trabalho atribuídos pelas mulheres, pautando os efeitos das atividades na agroindústria em suas vidas.

Na perspectiva da produção de sentidos do trabalho, as mulheres rurais interlocutoras da pesquisa apontam para uma relação de sopesamento entre maior esforço, maior satisfação. No que se refere às mudanças no trabalho a partir do envolvimento nas agroindústrias, os resultados evidenciam que as atividades na agroindústria são menos penosas do que aquelas que realizavam antes. Contudo, ainda que as atividades sejam desempenhadas em condições

melhores, como, por exemplo, na sombra e com uso de máquinas e equipamentos, as mulheres trabalham mais, tanto em termos de intensidade quanto no que se refere à quantidade de horas, o que tem gerado sobrecarga de trabalho para elas.

Esta sobrecarga vem do ir e vir entre o trabalho produtivo, reprodutivo e de cuidado, muito intensificado em função do protagonismo das mulheres nas agroindústrias familiares. Assim, chama-se atenção para o fato que, no contexto analisado, ao passo que as mulheres assumem o trabalho nas agroindústrias, seguem realizando as demais atividades no ambiente doméstico e familiar, de modo a gerar sobrecarga de trabalho para elas. Nessa direção, a sobrecarga é física e mental pois, como indicaram os resultados da pesquisa, ainda que não realizem todas as atividades sozinhas, a gestão do todo e a atuação em distintos espaços leva a uma carga mental que, não raro, tem refletido negativamente na saúde das mulheres. Nesse sentido, no contexto pesquisado, identifiquei situações de adoecimento evidenciadas a partir de relatos de depressão, ansiedade, dores nas costas, nos braços e nas pernas. Na presença disso, contudo, as mulheres encontram maneiras de dar sentido e de lidar com essas dores e seus desdobramentos, seja pelo reconhecimento dos limites do próprio corpo ou por meio de tratamentos que incluem desde o uso de medicamentos alopáticos, remédios naturais e/ou outras iniciativas promotoras de saúde e de melhorias no bem estar.

O trabalho é, a todo momento, explicado de forma paradoxal pelas mulheres interlocutoras da pesquisa. Isto porquê ao mesmo tempo em que gera cansaço, sobrecarga e dores, também contribui produzindo sentimentos positivos, relacionados à valorização que os(as) clientes dão aos produtos que processam, o que se traduz em valorização do seu trabalho e, também, vinculados a capacidade de gerar renda por meio do seu trabalho nas agroindústrias. Assim, os resultados da pesquisa apontam para maior reconhecimento e valorização do trabalho das mulheres a partir de sua atuação nas agroindústrias.

Ressalto, a partir do exposto, que o trabalho das mulheres rurais interlocutoras da pesquisa, sobretudo aquele relativo às agroindústrias familiares, evoca, de um lado, sobrecarga física e mental, mas também produz, de outro lado, outros modos de se ver, se relacionar e trabalhar. Mesmo que ainda se coloquem como responsáveis na realização do trabalho reprodutivo e de cuidado, se percebem movimentos que acionam o reconhecimento da atuação das mulheres junto à organização, coordenação e gestão das atividades ligadas às agroindústrias familiares.

Convém salientar que os resultados apresentados nesta tese não podem ser generalizados, tendo em vista que foram produzidos a partir de um contexto de pesquisa específico. Ainda assim, trazem pistas importantes para pensar a política de

agroindustrialização em todo o país. Destaco, também, que os dados gerados em campo e, em parte, apresentados na tese, suscitam múltiplas camadas passíveis de discussão e análise, as quais poderão ser contempladas em produções acadêmicas futuras. Nesse interim, cabe dizer das limitações em se debruçar sobre análises a partir das perspectivas da interseccionalidade e da consubstancialidade. Estudos futuros nessa direção podem enriquecer os diálogos acerca do tema. Pesquisas sobre a especialização produtiva que as agroindústrias familiares podem gerar nas propriedades rurais, que contemplem, em sua análise, agroindústrias que processam e produzam alimentos distintos, são igualmente espaços interessantes para discussões futuras. Além disso, as categorias “ajuda” e “participação”, suscitadas a partir dos dados empíricos da presente tese, trazem pistas relevantes e devem ser aprofundadas em outros estudos, sobretudo por meio de abordagens que permitam observar essas e outras sutilezas do trabalho familiar.

Estudos sobre o trabalho de mulheres rurais, bem como sobre o processamento de alimentos em agroindústrias familiares, carecem de olhares interdisciplinares. Estes permitem analisar sob diferentes ângulos a complexidade das questões que permeiam essas temáticas. Nesse sentido, considerando o PGDR enquanto espaço de diálogos multi e interdisciplinares, estimo que esta tese possa contribuir com as discussões ora desenvolvidas, as quais ainda carecem de se atentar mais para a temática das mulheres rurais, sobretudo a partir de perspectivas sensíveis e, em alguma medida, subjetivas.

Por fim, cabe aos gestores e formuladores de políticas públicas e atores mobilizados em torno do tema, pensarem em termos de perfis de agroindústria que se deseja, considerando as mudanças que esse tipo de investimento traz nas propriedades rurais onde esses empreendimentos são instalados, assim como ao modo de vida das famílias envolvidas, sobretudo no que diz respeito às implicações para as mulheres. Essa análise acerca da dimensão social das agroindústrias familiares, a partir de uma perspectiva crítica, tem sido negligenciada, inclusive por pesquisadores(as) da área que, grosso modo, analisam o tema a partir de abordagens que priorizam aspectos econômicos.

Espero que a discussão proposta no presente trabalho, ainda que tenha se produzido em contexto de COVID-19, com limitações que a pandemia impôs, possa contribuir, cumulativamente, aos estudos sobre mulheres rurais e agroindústrias familiares.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/Tomo Editorial, 2004.

AGNE, Chaiane L. **Agroindústrias rurais familiares e a rede de relações sociais nos mercados de proximidade na região Corede Jacuí Centro/RS**. 2010. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/22721>. Acesso em: 02 set. 2018.

AGNE, Chaiane L.; WAQUIL, Paulo Dabdab. As mulheres nas agroindústrias familiares: a construção de mercados e a especificidade da produção na Região Central do Rio Grande do Sul. *In*: STADUTO, Jefferson A. R.; SOUZA, Marcelino de; NASCIMENTO, Carlos A. **Desenvolvimento rural e gênero: abordagens analíticas, estratégias e políticas públicas**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2015. p. 221-243.

ARANTES, Paulo Côrrea. Kairós e Chronos: origem, significado e uso. **Revista Pandora Brasil**, Brasil, n. 69, p. 1-9, dez. 2015. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/kronos_kairos_69/paulo.pdf. Acesso em: 17 nov. 2021.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BANDEIRA, Lourdes Maria; PRETURLAN, Renata B. As pesquisas sobre uso do tempo e a promoção da igualdade de gênero no Brasil. *In*: FONTOURA, Natália; ARAÚJO, Clara (org.). **Uso do tempo e gênero**. Rio de Janeiro: UERJ, 2016. p. 43-61.

BARBOSA, Ana A. N. **Mulheres na agricultura familiar do semiárido norte-mineiro: divisão social do trabalho e gênero no Projeto Jaíba**. 2013. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/79131>. Acesso em: 02 dez. 2018.

BARBOSA, Ana A. N.; LOPES, Marta Júlia M. Mulheres na agricultura familiar do Semiárido Norte Mineiro: exclusão, inclusão e desenvolvimento rural do feminino. *In*: STADUTO, Jefferson A. R.; SOUZA, Marcelino de; NASCIMENTO, Carlos A. **Desenvolvimento rural e gênero: abordagens analíticas, estratégias e políticas públicas**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2015. p. 293-319.

BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 163-185, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/X3dyWtRFFFfy8wnyZMgzgYd/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 10 out. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Porto: Edições 70, 2002.

BASTIAN, Lilian *et al.* Perfil produtivo da agroindústria rural nas regiões brasileiras: uma análise a partir dos dados do Censo Agropecuário de 2006. *In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL*, 49., 2011, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: SOBER, 2011. p. 1-21.

BAUER, Martin. W.; GASKELL, George.; ALLUM, Nicholas. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – evitando confusões. *In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.* Petrópolis: Vozes, 2002. p. 17-36.

BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo: Hucitec, 1994.

BELLATO, Rosenei *et al.* A história de vida focal e suas potencialidades na pesquisa em saúde e em enfermagem. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 10, n. 3, p. 849-856, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ree.v10.46717>. Acesso em: 20 jun. 2019.

BENVEGNÚ, Vinícius Cosmos. **Entre dádivas e resistências: o primado da relação entre mulheres camponesas no litoral norte do Rio Grande do Sul.** 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Curso de Ciências Sociais: Bacharelado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/132383>. Acesso em: 15 nov. 2021.

BEZERRA, Hélyda de Souza *et al.* Prevalence and associated factors of common mental disorders in women: a systematic review. **Public Health Rev.**, Zurich, n. 42, p. 1-12, Aug. 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34692182/>. Acesso em: 21 dez. 2022.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil.** São Paulo: Boi Tempo, 2018.

BONI, Valdete. **Produtivo ou reprodutivo: o trabalho das mulheres nas agroindústrias familiares.** 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102731>. Acesso em: 02 jul. 2017.

BOSCARDIN, Mariele; CONTERATO, Marcelo Antonio. As mudanças nos padrões sucessórios e suas implicações no destino das propriedades entre agricultores familiares no norte do Rio Grande do Sul. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 671-695, out. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.36920/esa-v25n3-9>. Acesso em: 16 set. 2021.

BRASIL. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 11 jan. 2002. Seção 1, p. 1-74. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406compilada.htm. Acesso em: 24 ago. 2021.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 06 ago. 2013. Seção 1, p. 1. Disponível em:

<https://www.in.gov.br/web/dou/-/lei-n-12-852-de-5-de-agosto-de-2013-30042815>. Acesso em: 02 abr. 2021.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, Philadelphia, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <https://uwe-repository.worktribe.com/output/1043060/using-thematic-analysis-in-psychology>. Acesso em: 23 fev. 2020.

BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205-227, jan./abril 2004.

BRUMER, Anita. Gênero, família e globalização. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 14-23, jan./jun. 2009.

BUBANZ-SILVA, Tamara R. **Plantas medicinais no Noroeste do Rio Grande do Sul: desdobramentos das práticas e da ação social**. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/178596>. Acesso em: 27 abr. 2019.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Uma incursão pelo lado “não-respeitável” da pesquisa de campo. **Ciências Sociais Hoje**, Recife; Brasília: CNPq/Anpocs, n. 1, p. 333-354, 1981.

CARNEIRO, Maria José. Herança e gênero entre agricultores familiares. **Estudo Feministas**, Florianópolis, ano 9, p. 22-55, jul./dez. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000100003>. Acesso em: 13 jul. 2018.

CAVINATTO, Joélen Assmann; SILVEIRA, Jaqueline Patrícia; CRUZ, Fabiana Thomé da. Condição social e reconhecimento do trabalho das mulheres no meio rural: o caso da produção de queijo colonial no noroeste do Rio Grande do Sul. **Revista GeoNordeste**, São Cristóvão, v. 30, n. 2, Edição Especial, p. 41-58, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.33360/RGN.2318-2695.2019.i2especial.p41-58>. Acesso em: 19 dez. 2019.

CÉSAR, Ruane C. B.; LOURES, Amanda F.; ANDRADE, Bárbara B. S. A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher. **Revista Mosaico**, Vassouras, v. 10, n. 2, p. 68-75, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21727/rm.v10i2Sup.1956>. Acesso em: 23 ago. 2021.

CHARÃO-MARQUES, Flávia. Mulheres rurais e plantas medicinais: das práticas às existências coletivas. In: MESQUITA, Marilise Oliveira; *et al.* (org.). **Saúde coletiva, desenvolvimento e (in)sustentabilidades no rural**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018. p. 129-142.

COLLING, Ana M. Gênero e história: um diálogo possível? **Contexto e Educação**, Ijuí, v. 19, n. 71/72, p. 29-43, jan./dez. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2004.71-72.29-43>. Acesso em: 04 jun. 2021.

COSTA, Maria da Graça Silveira Gomes da; DIMENSTEIN, Magda Diniz Bezerra; LEITE, Jáder Ferreira. Condições de vida, gênero e saúde mental entre trabalhadoras rurais

assentadas. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 19, n. 2, p. 145-154, abr./jun. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2014000200007>. Acesso em: 16 jul. 2021.

CRUZ, Fabiana Thomé da. Agricultura familiar, processamento de alimentos e avanços e retrocessos na regulamentação de alimentos tradicionais e artesanais. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 58, n. 2, p. 1-21, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2020.190965>. Acesso em: 12 mar. 2021.

CRUZ, Fabiana Thomé da. **Produtores, consumidores e valorização de produtos tradicionais**: um estudo sobre qualidade de alimentos a partir do caso do queijo serrano dos Campos de Cima da Serra – RS. 2012. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/61937>. Acesso em: 26 jun. 2017.

DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues. **Boletim do Museu Nacional: Antropologia**, n. 27, p. 1-12, maio 1978. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/bmna/article/view/49240/26886>. Acesso em: 21. set. 2020.

DAROS, Marília. **Um pouco da história de Gramado**. Gramado, 2021. Disponível em: <https://gramado.rs.leg.br/pagina/id/3/?historia-de-gramado.html>. Acesso em: 27 jan. 2021.

DEERE, Carmen Diana. Os direitos da mulher à terra e os movimentos sociais rurais na reforma agrária brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 175-204, jan./abr. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000100010>. Acesso em: 22 maio 2020.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

DESLAURIERS, Jean Pierre; KÉRISIT, Michele. O delineamento da pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean *et al.* (org.). **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 127-154.

FANTINELLI, Dreisse Gabbi. **O papel da mulher no contexto das agroindústrias rurais e do artesanato de Faxinal do Soturno/ RS –Brasil**: trabalho, renda e autonomia. 2021. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/23348/TES_PPGGEOGRAFIA_2021_FANTINELLI_DREISSE.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 02 jan. 2022.

FARIA, Nalu. Economia feminista e agenda de luta das mulheres no meio rural. In: BUTTO, Andrea (org.). **Estatísticas rurais e a economia feminista**: um olhar sobre o trabalho das mulheres. Brasília: MDA, 2009. Disponível em: <https://repositorio.iica.int/handle/11324/19444>. Acesso em 12 fev. 2017.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2005.

FROELICH, Patrícia Rejane. "**Vivemos desta renda**": a agricultura familiar de Santo Cristo-RS e as complexidades da intensificação produtiva do leite. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/tede/1793>. Acesso em: 13 abr. 2020.

FROSSARD, Antonio Carlos. **Identidade do jovem rural confrontando com estereótipo de Jeca Tatu**: Um estudo qualitativo com os jovens da EFA Rei Alberto I. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 2003. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/303708736.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2021.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. *In*: BAUER, Martin. W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GAZOLLA, Márcio. **Conhecimentos, produção de novidades e ações institucionais: cadeias curtas das agroindústrias familiares**. 2012. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/72252>. Acesso em: 21 fev. 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel; LOPES, Marta Júlia Marques. Pensar o rural e a saúde: elementos teóricos e metodológicos. *In*: GERHARDT, Tatiana Engel; LOPES, Marta Júlia Marques (org.). **O rural e a saúde: compartilhando teoria e método**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. p. 15-28.

GILLIGAN, Carol. **In a different voice: psychological theory and women's development**. Cambridge: Harvard University, 1982. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/275714106_In_A_Different_Voice_Psychological_Theory_and_Women's_Development. Acesso em: 27 jun. 2019.

GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995. Disponível em: <https://renatoathias.files.wordpress.com/2008/03/havisual.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2021.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4216053/mod_resource/content/0/AULA%202012_Goffman%20-%20Estigma.pdf. Acesso em: 19 ago. 2020.

GUIMARÃES, Gisele M.; SILVEIRA, Paulo R. C. da. Por trás da falsa homogeneidade do termo agroindústria familiar rural: indefinição conceitual e incoerências das políticas públicas. *In*: VI ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO, 6., 2007. **Anais [...]**. Fortaleza, 2007.

GUIVANT, Júlia S. Agrarian change, gender and land rights: a Brazilian case study. **Social Policy and Development Programme Paper**, Geneva, n.14, p. 1-51, 2003. Disponível em:

<https://repositorio.unal.edu.co/bitstream/handle/unal/31090/1020-8208.2003.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 out. 2020.

HAICAULT, Monique. La gestion ordinaire de la vie en deux. **Sociologie du travail**, Paris, n. 3, p. 268-277, 1984. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01503920/file/LaGestionOrdinairedeLaVieenDeux.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2022.

HENN, Iara Aquino. Processos sociais e educativos: a experiência dos agricultores e agricultoras agroecológicos(as). **Contexto & Educação**, Ijuí, v. 25, n. 83, p. 109-132, jan./jun. 2010.

HERRERA-ORTUÑO, Judit. **Mulheres rurais e a construção da autonomia**: as práticas e a ação coletiva das Bruxinhas de Deus em Cristal do Sul, RS. 2016. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível: <http://hdl.handle.net/10183/182249>. Acesso em: 19 mar. 2019.

HERRERA, Karolyna M. **A jornada interminável**: a experiência no trabalho reprodutivo no cotidiano das mulheres rurais. 2019. Tese (Doutorado em Sociologia Política) - Programa de Pós Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204552>. Acesso em: 22 maio 2020.

HERRERA, Karolyna M. Da invisibilidade ao reconhecimento: mulheres rurais, trabalho produtivo, doméstico e de *care*. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 15, ed. esp., p. 208-233, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2016v15nesp1p208>. Acesso em: 12 nov. 2018.

HILLESHEIM, Luis Pedro; PELEGRINI, Gelson. A formação por alternância no ensino superior. In: HILLESHEIM, Luis Pedro; PELEGRINI, Gelson; BOSCARDIN, Mariele (org.). **A alternância no ensino superior e a formação de agricultores**. Frederico Westphalen: Editora da URI, 2020. p. 33-40.

HIRATA, Helena. Entrevista: Helena Hirata. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 1-11, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00211>. Acesso em: 19 jun. 2020.

HIRATA, Helena. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, 2. ed., v. 6, n. 11, p. 1-7, jul./dez. 2010.

HIRATA, Helena. O trabalho de cuidado. In: OLIVEIRA, Juliana Andrade; MATSUO, Myrian (org.). **O trabalho emocional e o trabalho de cuidado**. I Seminário de Sociologia da Fundacentro. São Paulo: Fundacentro, 2014. p. 27-36.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho profissional e doméstico: Brasil, França, Japão. In: COSTA, Albertina de O. *et al.* (org.). **Mercado de trabalho e gênero**: comparações internacionais. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. p. 263-278.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo agropecuário 2017**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017>. Acesso em 27 jan. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em 27 jan. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação com data de referência em 1º de julho de 2020**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2020/estimativa_dou_2020.pdf. Acesso em: 22 mar. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **IBGE cidades: Gramado**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/gramado/historico>. Acesso em 28 jan. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro, 2018a. (Série Estudos & Pesquisas, n. 38). Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf. Acesso em: 30 jan. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Produção da extração vegetal e silvicultura 2017**. Rio de Janeiro, 2018b. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_2017_v32_informativo.pdf. Acesso em: 20 jan. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro, 2018c. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Estatísticas de gênero: uma análise dos resultados do Censo Demográfico de 2010**. Rio de Janeiro, 2014. (Série Estudos & Pesquisas, n. 33). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?%20id=288941&%20view=detalhes>. Acesso em: 30 jan. 2019.

KEMPF, Renata Borges. **A fábrica das sete mulheres: gênero e diversificação dos meios de vida na agricultura familiar**. 2017. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2017. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/2371>. Acesso em: 12 out. 2020.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. *In*: HIRATA, Helena *et al.* (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 67-75.

KERGOAT, Danièle. O cuidado e a imbricação das relações sociais. *In*: ABREU, Alice Rangel; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa (org.). **Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais**. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 17-26.

KERGOAT, Danièle. O trabalho, um conceito central para os estudos de gênero? *In*: MARUANI, Margaret (org.). **Trabalho, logo existo: perspectivas feministas**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p. 287-294.

LAZZARIN, Helena Kugel; HERNANDES, Vinícius. Turnos ininterruptos de revezamento. **Direito & Justiça**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 34-40, jan./jun. 2015. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_informativo/2015_I/IJC12_05.pdf. Acesso em: 15 ago. 2021.

MACIAZEKI-GOMES, Rita de Cássia *et al.* Ação política e produção de subjetividade: a herança de terra, trabalho e participação política na produção de um éthos agricultora. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 24, n. 3, p. 305-316, jul./set. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20190031>. Acesso em: 13 maio 2021.

MACIAZEKI-GOMES, Rita de Cássia *et al.* Participação política e subjetividade: narrativas de vida de trabalhadoras rurais do sul do Brasil. **Psico**, Porto Alegre, v.47, n. 2, p. 148-158, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/303847737_Participacao_politica_e_subjetividade_-_Narrativas_de_vida_de_trabalhadoras_rurais_do_sul_do_Brasil. Acesso em: 27 jun. 2018.

MACIAZEKI-GOMES, Rita de Cássia *et al.* Modos de trabalhar e modos de subjetivar na agricultura familiar no sul do Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 1, p. 1-14, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n165762>. Acesso em: 16 jul. 2021.

MATEI, Ana P. **Os processos de inovação e as interações nas agroindústrias familiares em regiões do Brasil e da Itália**. 2015. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/132924>. Acesso em: 19 fev. 2017.

MELO, Hildete Pereira de; DI SABBATO, Alberto. Gênero e trabalho rural 1993/2006. *In*: BUTTO, Andrea. **Estatísticas rurais e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres**. Brasília: MDA, 2009.

MELO, Raimundo Simão de. **Direito ambiental do trabalho e a saúde do trabalhador: responsabilidades legais, dano material, dano moral, dano estético, indenização pela perda de uma chance, prescrição**. 5. ed. São Paulo: LTR, 2013.

MELO, Raimundo Simão. Mesmo sem lei, Judiciário pode reconhecer direito ao adicional de penosidade. **Consultor Jurídico**, São Paulo, 15 abr. 2016. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2016-abr-15/reflexoes-trabalhistas-possivel-cobrar-adicional-penosidade-mandado-injuncao>. Acesso em: 05 jan. 2022.

MENASCHE, Renata. Campo e cidade, comida e imaginário: percepções do rural à mesa. **Ruris**, Campinas, v. 3, n. 2, p. 195-218, ago. 2009/fev. 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>. Acesso em: 06 fev. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otavio; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MIOR, Luis Carlos. **Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural**. Chapecó: Argos, 2005.

NIEDERLE, Paulo A.; WESZ JUNIOR, Valdemar J. A agroindústria familiar na região Missões: construção de autonomia e diversificação dos meios de vida. **REDES**, Santa Cruz do Sul, v. 14, n. 3, p. 75-102, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5520/552056848004.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2018.

NOGUEIRA, Conceição. Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 112, p. 137-153, mar. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/PqNQHKBGR6f4HDfHJhkGqGt/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 23 abr. 2020.

OLIVEIRA, João A. V. *et al.* **Avaliação do potencial da indústria rural de pequeno porte (IRPP) em Santa Catarina**. Florianópolis: Cepagro, 1999.

OLIVEIRA, João A. V. *et al.* **Diagnóstico e potencial das agroindústrias familiares do estado do Rio Grande do Sul**. Florianópolis, 2002. Relatório de estudo especial.

OSORIO HERNÁNDEZ, Carmen. **Política de crédito rural com perspectiva de gênero: um meio de “empoderamento” para as mulheres rurais?** 2009. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/16405>. Acesso em: 22 nov. 2017.

PAULILO, Maria Ignez S. O peso do trabalho leve. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 28, p. 64-70, jan./fev. 1987.

PAULILO, Maria Ignez S. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 229-252, jan./abr. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000100012>. Acesso em: 14 mar. 2018.

PEDRONI, Fabiana. Chronos e Kairós: determinações poéticas para o tempo vivido. **Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES**, Vitória, ano 4, v. 3, n. 6, p. 245-254, jun.

2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/colartes/article/view/7724>. Acesso em: 25 nov. 2021.

PELEGRINI, Gelson; GAZOLLA, Marcio. **A agroindústria familiar no Rio Grande do Sul: limites e potencialidades a sua reprodução social**. Frederico Westphalen: Editora da URI, 2008.

PEREIRA, Cristiano da Silveira; FRITSCH, Camila Elis. O R-TEPE /r/ na fala de usuários descendentes de falantes de *hunsrückisch*: um preconceito linguístico com essa variante fonológica na língua portuguesa brasileira na comunidade escolar de Feliz. **Web Revista SOCIODIALETO**, [S.l.], v. 9, n. 26, p. 324-353, abr. 2019. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/153>. Acesso em: 19 ago. 2021.

POZENATO, José Clemente. **O recado histórico das taipas de pedra: um patrimônio cultural mais que centenário e quase esquecido no Rio Grande do Sul**. [S.l.], 2021. Disponível em: <https://www.silvanatoazza.com.br/opiniaio/detalhe/o-recado-historico-das-taipas-de-pedra>. Acesso em: 25 out. 2021.

PRATES, Lisie Alende; SCHMALFUSS, Joice Moreira; LIPINSKI, Jussara Mendes. Rede de apoio social de puérperas na prática da amamentação. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 310-315, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/mK9rgcTD9PbtsDWHNqVTJJC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 13 ago. 2021.

PREZOTTO, Leomar Luiz. **Procedimentos para a regularização de empreendimentos comunitários, familiares e artesanais**. Brasília: Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN), 2020.

PREZOTTO, Leomar Luiz. **Sustentabilidade da agricultura familiar: implicações da legislação sanitária**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, Instituto de Assessoria para o Desenvolvimento Humano, 2005.

PREZOTTO, Leomar Luiz. Uma concepção de agroindústria rural de pequeno porte. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 31, p. 133-154, abr. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/25195>. Acesso em: 24 set. 2017.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cesar Augusto. Apoio social e experiência da maternidade. **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**, Marília, v. 16, n. 1, p. 85-96, abr. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000100009. Acesso em: 21 out. 2021.

RAUPP, André K. **Políticas públicas e agroindústria de pequeno porte da agricultura familiar: considerações de experiências do Rio Grande do Sul**. 2005. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

RIO GRANDE DO SUL. Lei Estadual nº 2.522, de 15 de dezembro de 1954. Cria o Município de Gramado. **Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul**, Poder Executivo, Porto Alegre, RS, 15 dezembro 1954. Seção 1, p. 2283.

RIO GRANDE DO SUL. Lei Estadual nº 8.578, de 29 de abril de 1988. Cria o Município de Três Cachoeiras. **Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul**, Poder Executivo, Porto Alegre, RS, 29 abril 1988. Seção 1, p. 4.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Desenvolvimento Rural e Cooperativismo. Programa de Agroindústria Familiar. **Manual operativo**. Porto Alegre, maio 2013.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Desenvolvimento Rural e Cooperativismo. Programa de Agroindústria Familiar. **Manual operativo**. Porto Alegre, maio 2017.

RUIZ, Eliziane Nicolodi Francescato; GERHARDT, Tatiana Engel. Dádivas do aparecer e a (Re) ação ao estigma: marcas de uma identidade coletiva, modo de viver e adoecer em um lugar-rural. *In*: VERDUM, Roberto *et al.* (org.). **Processos sociais rurais: múltiplos olhares sobre desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 127-147.

SALVAGNI, Julice. **As caminhoneiras: uma carona nas discussões de gênero, trabalho e identidade**. 2016. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/144104>. Acesso em: 19 jan. 2020.

SAMPER-ERICE, Adriana; CHARÃO-MARQUES, Flávia. Mulheres camponesas, discursos e práticas para outro desenvolvimento. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 683-705, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/39462>. Acesso em: 28 out. 2021.

SATO, Leny. A representação social do trabalho penoso. *In*: SPINK, Mary Jane P. (org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 188-211.

SCAVONE, Lucila. Motherhood: transformation in the family and in gender relations. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 5, n. 8, p. 47-60, fev. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/NzTkJJrXYGPHDZ3sQRbR9tc/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 16 set. 2021.

SCHÜTZ, Rosvita. **Aplicação do sensoriamento remoto na roteirização turística na encosta nordeste do planalto meridional do Rio Grande do Sul – RS: estudo de caso: município de Três Cachoeiras**. 2009. Dissertação (Mestrado em Sensoriamento Remoto) – Programa de Pós-Graduação em Sensoriamento Remoto, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/17896>. Acesso em: 17 jun. 2018.

SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, São Paulo, v. 16, p. 297-325, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11183>. Acesso em: 27 maio 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 13 set. 2018.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/H5rJm7gXQR9zdTJPBf4qRTy/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01 jul. 2019.

SGARBI, Jaqueline. **Agroindústria familiar no Alto Uruguai do Rio Grande do Sul: uma análise do processo de comercialização**. 2006. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) - Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/89160>. Acesso em: 20 mar. 2019.

SILVA, Alessandra M. da; SANTOS, Erika V. M.; PONCIANO, Niraldo J. A agroindústria familiar como estratégia de reprodução socioeconômica e de emancipação feminina em Linhares, Espírito Santo. **Extensão Rural**, Santa Maria, v. 25, n. 1, p. 22-40, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://oaji.net/articles/2019/1572-1551475599.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2019.

SILVA, Gabriele. Existe diferença entre EJA e Supletivo? Entenda como a modalidade pode auxiliar na retomada da sua formação. *In: Educa Mais Brasil. E+B Educação*. Lauro de Freitas, 05 mar. 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/existe-diferenca-entre-eja-e-supletivo>. Acesso em: 15 set. 2021.

SILVEIRA, Jaqueline Patricia. **Estruturas de governança e mecanismos de coordenação em agroindústrias familiares no Corede Médio Alto Uruguai, RS**. 2017. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/168640>. Acesso em: 02 jan. 2022.

SILVESTRO, Milton Luiz; *et al.* **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri; Brasília: NEAD/MDA, 2001.

SORJ, Bila. Os cuidados com a família e as desigualdades de gênero e classe. *In: COSTA, Albertina et al. (org.). Divisão do trabalho, estado e crise do capitalismo*. Recife: Edições SOS Corpo, 2010. p. 57-66.

SORJ, Bila. Socialização do cuidado e desigualdades sociais. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 123-128, jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/x3QD6kvvmf3thbpsPBCBrh8C/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 28 set. 2021.

SOUZA, Gabriela Coelho *et al.* Farmácias caseiras comunitárias no município de Maquiné (RS): uma avaliação etnofarmacológica. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v. 6, n. 2, p. 83-91, 2004. Disponível em: http://www.onganama.org.br/dilton_imagens/artigos/farma%B4cias%20caseiras.pdf. Acesso em: 17 jan. 2022.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a análise temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.51-67>. Acesso em: 21 abr. 2019.

SPANEVERELLO, Rosane M. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar**. 2008. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/16024>. Acesso em 10 ago. 2020.

SPANEVERELLO, Rosane M.; MATTE, Alessandra; BOSCARDIN, Mariele. Crédito rural na perspectiva das mulheres trabalhadoras rurais da agricultura familiar: uma análise do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). **Polis**, Santiago, v. 44, ago. 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/polis/11963>. Acesso em: 03 jan. 2019.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 37, n. 2, 119-126, 2003. Disponível em: <http://www.ee.usp.br/reeusp/upload/pdf/207.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2019.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de sentido no cotidiano. *In*: SPINK, Mary Jane. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. p. 22-41.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

STADUTO, Jefferson Andronio. Desenvolvimento e gênero: um olhar sobre o rural a partir da perspectiva de Amartya Sen. *In*: STADUTO, Jefferson. Aandronio; SOUZA, Marcelino de; NASCIMENTO, Carlos Alves. **Desenvolvimento rural e gênero: abordagens analíticas, estratégias e políticas públicas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. p. 69-95.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. O valor (do) casamento na agricultura familiar. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 253-267, jan./abr. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/CsLPVp8QgSntXCXjZMsCmBz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2021.

SULZBACHER, Aline Weber; NEUMANN, Pedro Selvino. O social e suas dimensões em agroindústrias familiares rurais. **Revista Extensão Rural**, Santa Maria, v. 21, n. 3, p. 93-120, jul./set. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2318179610264>. Acesso em: 23 fev. 2019.

THÉBAUD-MONY, Annie. Saúde no Trabalho. *In*: HIRATA, Helena *et al.* (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 217-222.

TRAVASSOS-RODRIGUEZ, Fernanda; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Maternidade tardia e ambivalência: algumas reflexões. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 45.1, p. 111-121,

2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v45n1/v45n1a08.pdf>. Acesso em: 11 out. 2021.

TRÊS CACHOEIRAS. **História**. Três Cachoeiras, 2021. Disponível em: <https://www.trescachoeiras.rs.gov.br/historia/>. Acesso em: 28 jan. 2021.

TRINDADE, Zeidi Araujo; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Triste e incompleta: uma visão feminina da mulher infértil. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 151-182, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642002000200010>. Acesso em: 12 jun. 2021.

TRONTO, Joan C. Assistência democrática e democracias assistenciais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 285-308, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v22n2/03.pdf>. Acesso em: 09 set. 2021.

TRONTO, Joan C. **Un monde vulnérable**: pour une politique du care. Paris: La Découverte, 1993. (Textes à l'appui. Philosophie pratique).

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 121-132.

VINUTO, Juliano. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 16 fev. 2021.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O mundo rural como um espaço de vida**: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WAQUIL, Paulo Dabdab *et al.* **O perfil da agroindústria rural no Brasil**: uma análise com base nos dados do Censo Agropecuário 2006. Brasília: IPEA, 2013. Relatório de pesquisa.

WAQUIL, Paulo Dabdab *et al.* O perfil da agroindústria rural no Brasil: uma análise com base no Censo Agropecuário 2006. In: SCHNEIDER, Sergio; FERREIRA, Brancolina; ALVES, Fabio (org). **Aspectos multidimensionais da agricultura brasileira**: diferentes visões do Censo Agropecuário 2006. Brasília: IPEA, 2014. p. 187-214.

WEDIG, Josiane Carine *et al.* Sociabilidade e lazer entre mulheres camponesas: vivências no clube de mães. **LICERE**: Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 58–81, jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2020.21784>. Acesso em: 28 jul. 2021.

WESZ JUNIOR, Valdemar João. Agroindústria familiar: um mecanismo de estímulo à especialização das atividades na propriedade rural?. **Mundo Agrario**, La Plata, v. 9, n. 18, p. 1-26, jan./jun. 2009. Disponível em: https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.3776/pr.3776.pdf. Acesso em: 04 jan. 2022.

WESZ JUNIOR, Valdemar João. **O perfil e a configuração estrutural das propriedades com agroindústrias familiares em nove municípios no noroeste gaúcho.** 2006. Monografia (Curso de Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial) – Curso de Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, São Luiz Gonzaga, 2006.

WESZ JUNIOR, Valdemar João. Política pública de agroindustrialização na agricultura familiar: uma análise do Pronaf-Agroindústria. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Piracicaba, v. 48, n. 4, p. 567-596, out./dez. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20032010000400004>. Acesso em: 10 fev. 2018.

WILKINSON, John. **Mercados, redes e valores: o novo mundo da agricultura familiar.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

WILKINSON, John; MIOR, Luis Carlos. Setor informal, produção familiar e pequena agroindústria: interfaces. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 29-45, out. 1999. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/159>. Acesso em: 19 mar. 2017.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In:* SILVA, Tomaz T.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

WOORTMANN, Ellen; WOORTMANN, Klaas. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa.** Brasília: Editora da UnB, 1997.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Depression and other common mental disorders: global health estimates.** Geneva, 2017.

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E
ESCLARECIDO**

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Tese de Doutorado em Desenvolvimento Rural

INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS

NOME: _____

RG/CPF: _____

Este **Termo de Consentimento Informado, Livre e Esclarecido** explica Tese de Doutorado – “TÍTULO” para o qual você está sendo convidada a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar da tese de doutorado “TÍTULO” – *do Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural – PGDR/UFRGS*, que tem como objetivo gerar informações que podem contribuir para elaboração do estudo. A minha participação consiste na recepção da aluna “Jaqueline Patricia Silveira” para a realização de entrevista e observação. Para tanto () **AUTORIZO** () **NÃO AUTORIZO** a gravação de áudio e imagens. Fui orientada de que as informações obtidas serão utilizadas na pesquisa que resultará em uma *Tese de Doutorado* escrita pela aluna. Para isso () **AUTORIZO** () **NÃO AUTORIZO**.

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização da Tese de Doutorado, estando de acordo.

Assinatura: _____

_____, _____ de _____

APÊNDICE B – TÓPICO GUIA PARA ENTREVISTAS

Nome e idade:
1. Se pudesse me contar tua história de vida e de trabalho, como começaria?
<p>Infância: como foi? Onde? Tem irmãos? Você cuidava dos irmãos?</p> <p>Trabalho na infância/juventude: No que os pais trabalhavam? O que produziam? Tinha horta? Quem cuidava dela? Você ajudava no serviço da casa e da roça? Desde que idade? Que tarefas fazia? Alguém a ajudava? Saiu para trabalhar fora alguma vez? Como foi (quanto tempo, onde morava, destino do dinheiro)?</p> <p>Estudos: quando começou a estudar? Como era? A escola era perto? Grau de escolaridade</p> <p>Estado civil: é casada? Quando casou? Antes de casar morava com os pais? E depois?</p> <p>Filhos: tem filhos? Quantos? O que mudou na tua vida após (a chegada dos filhos/crescimento dos filhos/saída dos filhos da propriedade)? Os filhos estudam? Quem ajuda(va) nos temas? Quem leva(va) os filhos pra escola/reunião de pais? O que deseja para os filhos?</p> <p>Produção e processamento de alimentos: Quem ensinou cozinhar? O que cozinava em casa, quais as lembranças? Gosta de cozinhar? Atualmente, é você que faz a comida? Alguém contribui?</p> <p>Agroindústria: como surge? Quando iniciou? Quem? Por que investir na agroindústria? Você gosta do trabalho na agroindústria? O que produzem? Sempre foi isso? Já mudaram alguma coisa na agroindústria?</p>
2. Gostaria de conhecer a tua rotina de trabalho diária, as atividades que você faz desde que acorda até a hora que vai dormir...
<p>Horários (que acorda e vai dormir);</p> <p>Manhã: o que faz? Quem prepara o café? Quem lava as louças? Cuida de algum animal/horta/lavoura/jardim? Quem planeja o que fazer de almoço? Quem prepara o almoço e organiza a cozinha? Alguém contribui? Há algum momento de descanso?</p> <p>Trabalha na agroindústria de manhã, o que faz geralmente? Alguém contribui? Concilia atividades?</p> <p>Tarde: descansa depois do almoço? O que faz? Trabalha na agroindústria? Cuida de algum animal/horta/lavoura/jardim?</p> <p>Noite: o que faz? quem faz a janta? Quem organiza cozinha? Você assiste TV? Sentada no sofá?</p>

Dá tempo de fazer tudo durante o dia?

Agroindústria: tem uma rotina diária ou varia de um dia para o outro? Que horas considera encerrado o trabalho na agroindústria? O que você faz na agroindústria? Quando está trabalhando na agroindústria, fica pensando nos trabalhos da casa? Concilia alguma atividade?

Gestão agroindústria: quem decide o que produzir? Como é decidido o preço dos produtos? E sobre dar algum desconto para clientes? Quem faz as compras da agroindústria? Quem faz a comercialização? Sempre foi assim? Como é decidido quem vai fazer o que? Quem vai ao banco/lotérica fazer negociações/pagamento de contas?

Organização agroindústria: quem limpa e organiza a agroindústria? Se quebra alguma coisa, quem conserta?

Você dirige? Há quanto tempo?

O trabalho de casa já foi mais pesado?

Quando alguém fica doente, quem cuida? Quem faz um chá?

Quem cuida de você quando você precisa?

Como você faz para cuidar de tudo?

3. Pensando em todas as atividades que você realiza no dia a dia, como se sente?

Gosta do trabalho que faz em casa?

Sente orgulho do teu trabalho na agroindústria?

Por que você faz essas atividades e não outra pessoa (marido, filhos)? Já se questionou sobre isso?

Gostaria que o marido contribuisse em alguma tarefa?

Você acha que trabalha a mais para poupar filhos e/ou marido? Por quê?

Você acha que o teu trabalho enquanto agricultora é valorizado na sociedade?

Sente-se valorizada pelo que faz?

As pessoas costumam notar teu trabalho? (casa arrumada, limpeza, jardim)

As pessoas costumam elogiar teus produtos? Como você se sente quando isso acontece?

Você já teve que dar alguma entrevista como essa antes? Já recebeu outras pessoas de fora aqui na agroindústria?

4. Se você pudesse fazer uma análise da sua vida, antes e depois da agroindústria, o que você me diria?

Considera que trabalha mais hoje? Quais as diferenças?

Com relação aos seus afazeres da casa e família, algo a comentar?

Tem algo que você fazia antes e agora não faz mais? E algo que você faz hoje e antes não podia fazer? Como é isso pra você?

Como você se sente quando está na feira vendendo seus produtos? Gosta do contato com as pessoas?

Com relação ao seu casamento, algo mudou depois da agroindústria? E com relação aos filhos e familiares? E as amigas/vizinhas?

E a sua saúde, mudou algo com a agroindústria?

Em termos de conhecimento, como avalia?